



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

Dissertação de Mestrado

**AVALIAÇÃO DE PRACINHAS INFANTIS
EM CONJUNTOS HABITACIONAIS**

CLAUDIA ADRIANA NICHETTI MARQUES

Porto Alegre
2016

CLAUDIA ADRIANA NICHETTI MARQUES

**AVALIAÇÃO DE PRACINHAS INFANTIS
EM CONJUNTOS HABITACIONAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Planejamento Urbano e Regional.

Orientador

Antônio Tarcísio da Luz Reis, PhD.

Porto Alegre

2016

CIP - Catalogação na Publicação

Marques, Claudia Adriana Nichetti
Avaliação de pracinhas infantis em conjuntos
habitacionais / Claudia Adriana Nichetti Marques. --
2016.
233 f.

Orientador: Antônio Tarcísio da Luz Reis.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura,
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e
Regional, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Conservação das pracinhas infantis. 2. Percepção
de segurança. 3. Uso de pracinhas infantis. 4.
Adequação das pracinhas infantis. 5. Habitação de
interesse social. I. Reis, Antônio Tarcísio da Luz,
orient. II. Título.

AVALIAÇÃO DE PRACINHAS INFANTIS EM CONJUNTOS HABITACIONAIS

CLAUDIA ADRIANA NICHETTI MARQUES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Planejamento Urbano e Regional.

Banca examinadora

Profª Drª Beatriz Maria Fedrizzi
(Examinador externo - NORIE/UFRGS)

Profª Drª Lívia Teresinha Salomão Piccinini
(Examinador interno - PROPUR/UFRGS)

Profª. Drª. Maria Cristina Dias Lay
(Examinador interno - PROPUR/UFRGS)

Orientador e presidente da banca:

Prof. Dr. Antônio Tarcísio da Luz Reis

Porto Alegre, 21 de outubro de 2016

(Data da defesa)

*Agradeço ao meu orientador, Tarcísio Reis, pelas dedicação,
orientação criteriosa e apoio.*

*O meu filho, Theo, pela paciência
e por compreender meus momentos de ausência.*

A minha família pelo apoio e incentivo.

*A minha amiga Janaina pelas palavras de incentivo e
por ouvir os meus desabaços nos momentos difíceis.*

*Aos colegas do PROPUR, especialmente Cássia e Amanda, pelos
momentos de troca de ideias e descontração.*

Aos moradores dos conjuntos habitacionais pela colaboração.

Muito obrigada.

RESUMO

Esta pesquisa investiga como aspectos locacionais e aspectos físico-espaciais das pracinhas infantis podem influenciar, de forma positiva ou negativa, no estado de conservação destas pracinhas, na percepção de segurança e, conseqüentemente, na sua frequência e intensidade de uso por crianças e acompanhantes. Dentre os aspectos locacionais estão, o controle de acesso aos conjuntos habitacionais e as pracinhas infantis, os caminhos de acesso às pracinhas infantis a partir das moradias, a localização das pracinhas nos conjuntos habitacionais, as conexões visuais entre as moradias e as pracinhas infantis e o entorno imediato às pracinhas infantis. Em relação aos aspectos físicos das pracinhas são tratados, o dimensionamento físico das pracinhas infantis, a adequação dos equipamentos de brincar e do mobiliário e a adequação da vegetação. Assim, o objetivo é investigar a relação entre os aspectos locacionais das pracinhas infantis e a adequação no uso por criança e acompanhantes, e a relação entre os aspectos físicos das pracinhas infantis e as suas avaliações pelas crianças e acompanhantes. Para tanto, são selecionadas oito pracinhas infantis em seis conjuntos habitacionais localizados em Porto Alegre. Os métodos de coletas de dados fazem parte dos utilizados na área de estudo Ambiente e Comportamento, sistematizados por meio de levantamento de arquivo, levantamento físico, observações de comportamento, questionários e entrevistas. Os dados coletados foram analisados de forma qualitativa e quantitativa, através de testes estatísticos não-paramétricos. Os resultados desta investigação demonstram que, a falta de controle de acesso aos conjuntos afeta negativamente o estado de conservação das pracinhas infantis, bem como a percepção de segurança das crianças e dos acompanhantes. A intensidade de uso tende a ser pior nas pracinhas mal localizadas e com menor controle visual. A conservação dos equipamentos tendem a ser pior nas pracinhas com dimensionamento físico e equipamentos inadequados à intensidade de uso. Por fim, espera-se que os dados obtidos possam contribuir para qualificar projetos de pracinhas infantis em conjuntos habitacionais, a fim de responder melhor às necessidades das crianças e dos acompanhantes.

Palavras-chave: Conservação das pracinhas infantis. Percepção de segurança. Uso de pracinhas infantis. Adequação das pracinhas infantis.

ABSTRACT

This research investigates how locational and physical aspects of playground can influence, positively or negatively, in the state of conservation of these small squares, the perception of safety and consequently the intensity of use by children and companions. Among the locational aspects are, the control of access to housing and children's small squares, access roads to playground from the villas, the location of playground in the projects, the visual connections between housing and children's small squares and immediate surroundings to playground. Regarding the physical aspects of playground are treated, the physical design of children's small squares, the adequacy of equipment to play and the furniture and the adequacy of vegetation. The objective is to investigate the relationship between the locational aspects of children's grunts and adapt them to the children and their companions, and the relationship between the physical aspects of playground and their assessments by the children and their companions. Therefore, eight playground are selected in six housing estates located in Porto Alegre. The methods of data collection are part of the area used in environment studies and behavior, systematized through archival survey, physical survey, behavioral observations, questionnaires and interviews. The collected data were analyzed qualitatively and quantitatively, using non-parametric statistical tests. The results of this research show that the lack of control of access to sets negatively affect the conservation status of playground and the perception of safety of children and companions. The intensity of use tends to be worse in poorly located playground and less visual control. The conservation tend to be worse in small squares with physical design and equipment unsuited to the intensity of use. Finally, it is expected that the data obtained can help to qualify playground projects in housing, in order to better meet the needs of children and their carers.

Keywords: Conservation playground. security awareness. Use of playground. Adequacy of playground.

LISTA DE ABREVIATURAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

DMAE – Departamento Municipal de Água e Esgoto

DEMHAB – Departamento Municipal de Habitação

COHAB - Companhia Habitação Estado Rio Grande Sul

RS – Rio Grande do Sul

SMAM – Secretaria Municipal do Meio Ambiente

SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences*

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

USP – Universidade de São Paulo

LISTA DE FIGURAS

Figura 2.1:	Equipamentos tradicionais.....	32
Figura 2.2:	Equipamento multifuncional.....	32
Figura 2.3:	Peças soltas	33
Figura 2.4:	Cabana	33
Figura 2.5:	Equipamento com água.....	33
Figura 2.6:	Elementos naturais: tronco, árvores e areia	34
Figura 2.7:	Pracinha infantil tipo tradicional	35
Figura 2.8:	Pracinha infantil tipo projetado	35
Figura 2.9:	Pracinha infantil tipo aventura	36
Figura 2.10:	Pracinha infantil tipo criativo	36
Figura 2.11:	Campo social de visão.....	44
Figura 3.1:	Localização dos 36 conjuntos habitacionais em Porto Alegre.....	59
Figura 3.2:	Pracinhas infantis selecionadas para a amostra final.....	61
Figura 3.3:	Localização da pracinha infantil Vila Tecnológica	62
Figura 3.4:	Casa térrea na Vila Tecnológica.....	62
Figura 3.5:	Sobrado na Vila Tecnológica.....	62
Figura 3.6:	Quadra esportiva na Vila Tecnológica.....	62
Figura 3.7:	Equipamentos da pracinha infantil Vila Tecnológica	63
Figura 3.8:	Localização da pracinha infantil Loteamento Pampa	64
Figura 3.9:	Moradia no Loteamento Pampa	64
Figura 3.10:	Quadra esportiva do Loteamento Pampa.....	64
Figura 3.11:	Creche comunitária 0 a 12 anos do Loteamento Pampa	64
Figura 3.12:	Cooperativa dos moradores do Loteamento Pampa.....	64
Figura 3.13:	Equipamentos da pracinha infantil Loteamento Pampa	65
Figura 3.14:	Localização da pracinha infantil Loteamento Santa Terezinha	66
Figura 3.15:	Moradia no Loteamento Santa Terezinha	66
Figura 3.16:	Quadra esportiva do Loteamento Santa Terezinha.....	66
Figura 3.17:	Creche comunitária de 0 a 5 anos do Loteamento Santa Terezinha	67
Figura 3.18:	Creche comunitária de 6 a 15 anos do Loteamento Santa Terezinha	67
Figura 3.19:	Equipamentos da pracinha infantil Loteamento Santa Terezinha	67
Figura 3.20:	Localização da pracinha infantil Oásis	68
Figura 3.21:	Blocos de apartamento Oásis.....	68
Figura 3.22:	Equipamentos da pracinha infantil Oásis	69
Figura 3.23:	Localização das pracinhas São Francisco frente e fundos	70
Figura 3.24:	Blocos de apartamento São Francisco.....	70
Figura 3.25:	Salão de festas	70
Figura 3.26:	Muro junto a Escola Eng. Rodolfo Ahrons.....	71
Figura 3.27:	Praça pública	71
Figura 3.28:	Equipamentos da pracinha infantil São Francisco frente	71
Figura 3.29:	Equipamentos da pracinha infantil São Francisco fundos.....	71
Figura 3.30:	Localização das pracinhas infantis Fernando Ferrari Bloco T e Bloco Q.....	72
Figura 3.31:	Blocos de apartamento Fernando Ferrari.....	73
Figura 3.32:	Quadras esportivas próximas à pracinha Bloco T	73
Figura 3.33:	Quadra esportiva próxima à pracinha Bloco Q.....	73
Figura 3.34:	Área de convivência com gramado e piso de concreto	73
Figura 3.35:	Equipamentos da pracinha infantil Fernando Ferrari Bloco Q.....	73
Figura 3.36:	Equipamentos da pracinha infantil Fernando Ferrari Bloco Q.....	74

Figura 4.1:	Cercamento do conjunto São Francisco.....	92
Figura 4.2:	Cercamento do conjunto Oásis	92
Figura 4.3:	Cercamento do conjunto Fernando Ferrari.....	93
Figura 4.4:	Cercamento da pracinha Oásis	94
Figura 4.5:	Placa informativa da pracinha Oásis	94
Figura 4.6:	Cercamento da pracinha Fernando Ferrari Bloco T	95
Figura 4.7:	Cercamento da pracinha Fernando Ferrari Bloco Q.....	95
Figura 4.8.	Equipamento com pintura precária e ferrugem – Loteamento Santa Terezinha	98
Figura 4.9.	Lixeira removida – Loteamento Pampa	98
Figura 4.10.	Equipamento faltando partes – Vila Tecnológica	98
Figura 4.11:	Descarte de lixo doméstico – Loteamento Santa Terezinha	98
Figura 4.12:	Presença de cães na pracinha – Loteamento Santa Terezinha.....	98
Figura 4.13.	Equipamentos totalmente removidos – Oásis	99
Figura 4.14:	Mapa comportamental Vila Tecnológica – Somatório manhãs	119
Figura 4.15:	Mapa comportamental Vila Tecnológica – Somatório tardes	120
Figura 4.16:	Crianças usando o trepa-trepa. Loteamento Santa Terezinha.....	122
Figura 4.17:	Três meninos usando ao mesmo tempo um único balanço. Loteamento Santa Terezinha	122
Figura 4.18:	Crianças brincando de pega-pega. Loteamento Santa Terezinha	123
Figura 4.19:	Crianças jogando taco. Loteamento Santa Terezinha.....	123
Figura 4.20:	Mapa comportamental Loteamento Santa Terezinha – Somatório manhãs	124
Figura 4.21:	Mapa comportamental Loteamento Santa Terezinha – Somatório tardes	125
Figura 4.22:	Crianças brincando na gangorra. Loteamento Pampa	126
Figura 4.23:	Crianças jogando futebol. Loteamento Pampa.....	126
Figura 4.24:	Mapa comportamental Loteamento Pampa – Somatório manhãs	128
Figura 4.25:	Mapa comportamental Loteamento Pampa – Somatório tardes	129
Figura 4.26:	Acompanhante e criança brincando com areia. Fernando Ferrari Bloco T.....	130
Figura 4.27:	Mapa comportamental Fernando Ferrari Bloco T e Bloco Q – Somatório manhãs ...	132
Figura 4.28:	Mapa comportamental Fernando Ferrari Bloco T e Bloco Q – Somatório tardes	133
Figura 4.29:	Menino usando a gangorra de pé ao invés de usar sentando. São Francisco frente	134
Figura 4.30:	Crianças sendo auxiliadas pela acompanhante. São Francisco frente	134
Figura 4.31:	Mapa comportamental São Francisco frente – Somatório manhãs	136
Figura 4.32:	Mapa comportamental São Francisco frente – Somatório manhãs	136
Figura 4.33:	Mapa comportamental São Francisco fundos – Somatório tardes	137
Figura 4.34:	Mapa comportamental São Francisco fundos – Somatório tardes	137
Figura 4.35:	Mapa comportamental Oásis – Somatório manhãs	139
Figura 4.36:	Mapa comportamental Oásis – Somatório tardes	140
Figura 4.37:	Passagem parcialmente interrompida – Loteamento Pampa.....	145
Figura 4.38:	Passagem totalmente interrompida – Loteamento Pampa.....	145
Figura 4.39:	Rampa como obstáculo – Vila Tecnológica.....	146
Figura 4.40:	Degraus como obstáculo – Loteamento Pampa.....	146
Figura 4.41:	Pessoas caminhando – Vila Tecnológica	147
Figura 4.42:	Pessoas caminhando – Loteamento Pampa	147
Figura 4.43:	Passagem totalmente interrompida – Loteamento Santa Terezinha.....	147
Figura 4.44:	Caminhos de acesso das moradias à pracinha do Loteamento Pampa	148
Figura 4.45:	Caminhos de acesso das moradias à pracinha da Vila Tecnológica	149
Figura 4.46:	Caminhos de acesso das moradias à pracinha do Lot. Santa Terezinha	150
Figura 4.47:	Caminhos de acesso das moradias às pracinhas do conjunto Fernando Ferrari.....	151
Figura 4.48:	Caminhos de acesso das moradias à pracinha do conjunto Oásis	152

Figura 4.49: Caminhos de acesso das moradias às pracinhas do conjunto São Francisco.....	153
Figura 4.50: Janela vedada com chapa de ferro	162
Figura 4.51: Edificação sem janelas	162
Figura 4.52: Exemplos de barreiras visuais que impedem a visualização das pracinhas	163
Figura 4.53: Placa proibindo atividades das crianças.....	168
Figura 4.54: Cartaz produzido e fixado pelas crianças. Loteamento Vila Pampa	173
Figura 4.55: Acompanhantes usando equipamento com bebê no colo	181
Figura 4.56: Comparativo de uso dos equipamentos entre crianças de faixas etárias diferentes.	183
Figura 4.57: Crianças da faixa de 2 a 5 anos usando o balanço do multifunção	184
Figura 4.58: Desenho representando a pracinha com os equipamentos consertados – Menino 9 anos, Fernando Ferrari Bloco T	193
Figura 4.59: Desenho representando a pracinha com os equipamentos consertados – Menina 8 anos, Loteamento Pampa	193
Figura 4.60: Desenho representando a pracinha com os equipamentos consertados – Menino 9 anos, Loteamento Pampa	193
Figura 4.61: Desenho representando a pracinha com os equipamentos consertados – Menina 10 anos, Vila Tecnológica	193
Figura 4.62: Desenho representando uma pista de skate – Menina 10 anos, São Francisco	193
Figura 4.63: Desenho representando uma pista de skate – Menino 9 anos, Loteamento Santa Terezinha	193
Figura 4.64: Tipos de bancos existentes nas pracinhas infantis	195
Figura 4.65: Vegetação da pracinha Fernando Ferrari Bloco T.....	198
Figura 4.66: Vegetação da pracinha Fernando Ferrari Bloco Q	199
Figura 4.67: Vegetação da pracinha Loteamento Pampa	199
Figura 4.68: Vegetação da pracinha Vila Tecnológica	200
Figura 4.69: Vegetação da pracinha Loteamento Santa Terezinha	200
Figura 4.70: Vegetação da pracinha São Francisco frente.....	201
Figura 4.71: Vegetação da pracinha São Francisco fundos	201
Figura 4.72: Vegetação da pracinha Oásis.....	201
Figura 4.73: Cães na pracinha Fernando Ferrari bloco T.....	203

LISTA DE TABELAS

Tabela 2.1:	Comportamento intelectual e social das crianças nas pracinhas infantis	31
Tabela 2.2:	Classificação das pracinhas infantis	34
Tabela 2.3:	Distâncias adequadas para as crianças caminharem, conforme a faixa etária	42
Tabela 2.4:	Relação das faixas etárias com as atividades e as principais características das pracinhas infantis	54
Tabela 3.1:	Características do conjunto e da pracinha infantil Vila Tecnológica	61
Tabela 3.2:	Características do conjunto e da pracinha infantil Loteamento Pampa	64
Tabela 3.3:	Características do conjunto e da pracinha Loteamento Santa Terezinha	66
Tabela 3.4:	Características do conjunto e da pracinha infantil Oásis	68
Tabela 3.5:	Características do conjunto e das pracinhas infantis São Francisco frente e fundos.	71
Tabela 3.6:	Características do conjunto e das pracinhas infantis Fernando Ferrari Bloco T e Bloco Q	73
Tabela 3.7:	Estudos que investigam o comportamento de crianças em áreas de lazer	75
Tabela 3.8:	Tamanho da amostra de crianças e acompanhantes entrevistados.....	77
Tabela 3.9:	Gênero das crianças entrevistadas.....	77
Tabela 3.10:	Altura das crianças por idade.....	78
Tabela 3.11:	Tamanho da amostra dos respondentes	81
Tabela 3.12:	Relação dos grupos de usuários e atividades correspondentes.....	82
Tabela 3.13:	Níveis de clareza visual entre as moradias e as pracinhas infantis	84
Tabela 3.14:	Intervalos de correlação.....	87
Tabela 4.1:	Controle de acesso aos conjuntos habitacionais	91
Tabela 4.2:	Controle de acesso às pracinhas infantis	95
Tabela 4.3:	Avaliação do estado de conservação das pracinhas infantis.....	96
Tabela 4.4:	Principais justificativas quanto à avaliação do estado de conservação das pracinhas infantis	97
Tabela 4.5:	Levantamento das condições de uso dos equipamentos de brincar e mobiliário.....	101
Tabela 4.6:	Estado de conservação das pracinhas e o controle de acessos aos conjuntos	105
Tabela 4.7:	Estado de conservação das pracinhas e o controle de acessos das mesmas.....	106
Tabela 4.8:	Percepção de segurança das crianças da faixa etária de 6 a 12 anos.....	107
Tabela 4.9:	Percepção de segurança quanto ao gênero das crianças.....	108
Tabela 4.10:	Percepção de segurança dos acompanhantes.....	109
Tabela 4.11:	Principais justificativas quanto à percepção de segurança das crianças	110
Tabela 4.12:	Principais justificativas quanto à percepção de segurança dos acompanhantes	111
Tabela 4.13:	Percepção de segurança e o controle de acessos aos conjuntos habitacionais.....	113
Tabela 4.14:	Percepção de segurança e o controle de acessos às pracinhas.....	113
Tabela 4.15:	Frequência de uso da(s) pracinha(s) pelas crianças	115
Tabela 4.16:	Frequência de uso da(s) pracinha(s) por faixa etária das crianças	116
Tabela 4.17:	Frequência de uso da(s) pracinha(s) por gêneros das crianças.....	116
Tabela 4.18:	Faixas etárias e gêneros das crianças registrados nos mapas comportamentais....	117
Tabela 4.19:	Estimativa da população de crianças nos conjuntos habitacionais	118
Tabela 4.20:	Atividades registradas nos mapas comportamentais da Vila Tecnológica	119
Tabela 4.21:	Atividades registradas nos mapas comportamentais da Loteamento Santa Terezinha.....	123
Tabela 4.22:	Atividades registradas nos mapas comportamentais da Loteamento Pampa	127
Tabela 4.23:	Atividades registradas nos mapas comportamentais da Fernando Ferrari Bloco T .	130
Tabela 4.24:	Atividades registradas nos mapas comportamentais da Fernando Ferrari Bloco Q.	131
Tabela 4.25:	Atividades registradas nos mapas comportamentais da São Francisco frente	134

Tabela 4.26:	Atividades registradas nos mapas comportamentais na São Francisco fundos.....	135
Tabela 4.27:	Atividades registradas nos mapas comportamentais na Oásis	138
Tabela 4.28:	Comparação entre frequência, intensidade de uso e percepção de segurança.....	142
Tabela 4.29:	Avaliação das crianças quanto à adequação dos caminhos de acesso	142
Tabela 4.30:	Avaliação dos acompanhantes quanto à adequação dos caminhos de acesso.....	143
Tabela 4.31:	Principais justificativas das crianças quanto à adequação dos caminhos de acesso	144
Tabela 4.32:	Principais justificativas dos acompanhantes quanto à adequação dos caminhos de acesso.....	144
Tabela 4.33:	Características físicas dos caminhos de acesso às pracinhas	145
Tabela 4.34:	Condições de passagem nas calçadas.....	146
Tabela 4.35:	Comparação entre frequência, intensidade de uso e a adequação dos caminhos de acesso às pracinhas	154
Tabela 4.36:	Avaliação das crianças quanto à localização das pracinhas infantis.....	155
Tabela 4.37:	Avaliação das crianças quanto à localização das pracinhas infantis por gênero	155
Tabela 4.38:	Avaliação dos acompanhantes quanto à localização das pracinhas infantis.....	156
Tabela 4.39:	Principais justificativas para a avaliação das crianças quanto à localização das pracinhas infantis	157
Tabela 4.40:	Principais justificativas para a avaliação da localização das pracinhas infantis pelos acompanhantes	158
Tabela 4.41:	Avaliação das crianças em relação ao trajeto desde a moradia até as pracinhas ...	159
Tabela 4.42:	Avaliação dos acompanhantes em relação ao trajeto desde a moradia até as pracinhas.....	160
Tabela 4.43:	Levantamento das conexões visuais das pracinhas infantis	163
Tabela 4.44:	Comparação entre os níveis de conexão visual das pracinhas infantis e o seu estado de conservação.....	165
Tabela 4.45:	Comparação entre frequência, intensidade de uso e nível de conexão visual das pracinhas infantis	166
Tabela 4.46:	Correlações decorrentes da avaliação da adequação dos usos do entorno imediato à pracinha e a frequência de uso.....	167
Tabela 4.47:	Nível geral de satisfação das crianças com as pracinhas infantis	169
Tabela 4.48:	Nível geral de satisfação das crianças com as pracinhas infantis quanto ao gênero	170
Tabela 4.49:	Níveis gerais de satisfação dos acompanhantes.....	171
Tabela 4.50:	Principais justificativas das crianças quanto aos níveis de satisfação com as pracinhas.....	172
Tabela 4.51:	Principais justificativas dos acompanhantes quanto aos níveis de satisfação com as pracinhas.....	173
Tabela 4.52:	Avaliação das crianças quanto à adequação do tamanho das pracinhas	175
Tabela 4.53:	Avaliação das crianças quanto à adequação do tamanho das pracinhas em relação ao gênero	175
Tabela 4.54:	Identificação das medidas das pracinhas infantis e densidade média de crianças ..	176
Tabela 4.55:	Avaliação dos acompanhantes quanto à adequação do tamanho das pracinhas....	177
Tabela 4.56:	Principais justificativas das crianças quanto à adequação do tamanho das pracinhas.....	178
Tabela 4.57:	Principais justificativas dos acompanhantes quanto à adequação do tamanho das pracinhas.....	179
Tabela 4.58:	Comparação entre frequência, intensidade de uso e o estado de conservação das pracinhas.....	181
Tabela 4.59:	Comparação entre frequência, intensidade de uso e a adequação do tamanho	182
Tabela 4.60:	Percepção das crianças quanto à adequação dos equipamentos de brincar.....	183

Tabela 4.61: Percepção dos acompanhantes quanto à adequação dos equipamentos de brincar	185
Tabela 4.62: Equipamentos de brincar em condições de uso	186
Tabela 4.63: Principais justificativas das avaliações das crianças quanto à adequação dos equipamentos.....	186
Tabela 4.64: Principais justificativas das avaliações dos acompanhantes quanto à adequação dos equipamentos.....	187
Tabela 4.65: Preferências das crianças de 6 a 12 anos da Vila Tecnológica.....	188
Tabela 4.66: Preferências das crianças de 6 a 12 anos da Loteamento Santa Terezinha.....	189
Tabela 4.67: Preferências das crianças de 6 a 12 anos da Loteamento Pampa.....	189
Tabela 4.68: Preferências das crianças de 6 a 12 anos da Fernando Ferrari Bloco T.....	190
Tabela 4.69: Preferências das crianças de 6 a 12 anos da Fernando Ferrari Bloco Q.....	190
Tabela 4.70: Preferências das crianças de 6 a 12 anos da São Francisco frente.....	191
Tabela 4.71: Preferências das crianças de 6 a 12 anos da Oásis.....	191
Tabela 4.72: Sugestões das crianças de melhorias nas pracinhas infantis.....	192
Tabela 4.73: Adequação dos bancos existentes nas pracinhas infantis.....	194
Tabela 4.74: Principais justificativas quanto à adequação dos bancos das pracinhas.....	195
Tabela 4.75: Identificação da quantidade, tipos e localização dos bancos	196
Tabela 4.76: Avaliação pelas crianças da adequação da vegetação	197
Tabela 4.77: Avaliação pelos acompanhantes da adequação da vegetação	198
Tabela 4.78: Principais justificativas das crianças quanto à adequação da vegetação.....	199
Tabela 4.79: Principais justificativas dos acompanhantes quanto à adequação da vegetação ...	200

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: INFLUÊNCIA DOS ASPECTOS LOCACIONAIS E FÍSICO-ESPACIAIS DAS PRACINHAS INFANTIS NO USO POR CRIANÇAS E ACOMPANHANTES	18
1.1 INTRODUÇÃO	18
1.2 SURGIMENTO E EVOLUÇÃO DAS PRACINHAS INFANTIS	18
1.3 A CRIANÇA NO CENÁRIO DA HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL	20
1.4 IDENTIFICAÇÃO E IMPORTÂNCIA DO PROBLEMA DE PESQUISA	22
1.5 VARIÁVEIS ASSOCIADAS AO PROBLEMA DE PESQUISA	24
1.5.1 Variáveis contextuais	24
1.5.2 Variáveis composicionais	25
1.6 PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO	25
1.6.1 Objetivos	25
1.7 ESTRUTURA DO TRABALHO	26
CAPÍTULO 2: ADEQUAÇÃO DOS ASPECTOS LOCACIONAIS E FÍSICO-ESPACIAIS DAS PRACINHAS INFANTIS NO USO POR CRIANÇAS E ACOMPANHANTES	27
2.1 AVALIAÇÃO DO AMBIENTE CONSTRUÍDO	27
2.2 CONCEITOS DA ÁREA DE ESTUDO AMBIENTE E COMPORTAMENTO	28
2.2.1 Conceito de percepção e cognição	28
2.2.2 Conceito de atitude, satisfação e comportamento	28
2.3 COMPORTAMENTO DA CRIANÇA DURANTE AS BRINCADEIRAS	29
2.4 TIPOS DE EQUIPAMENTOS DE BRINCAR	31
2.5 ASPECTOS LOCACIONAIS DAS PRACINHAS INFANTIS	37
2.5.1 Controle de acesso ao conjunto habitacional e às pracinhas infantis	37
2.5.1.2 Frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis	39
2.5.2 Caminhos de acesso às pracinhas infantis a partir das moradias e a sua influência na frequência e intensidade de uso	40
2.5.3 Localização das pracinhas infantis no contexto do conjunto habitacional e a intensidade de uso das pracinhas infantis	41
2.5.4 Conexões visuais entre as moradias e as pracinhas infantis	43
2.5.5 Características do entorno imediato às pracinhas infantis e a frequência de uso das pracinhas infantis	46
2.6 ASPECTOS FÍSICO-ESPACIAIS DAS PRACINHAS INFANTIS	47
2.6.1 Adequação das dimensões das pracinhas infantis	47
2.6.2 Adequação dos equipamentos de brincar, a adequação do mobiliário e a distribuição de ambos no espaço físico	49

2.6.3 Adequação da vegetação (tipos e distribuição) nas pracinhas infantis.....	50
2.6.4 Adequação de cercamento que impeça a presença de animais domésticos nas pracinhas infantis	52
2.7 DIFERENÇAS ENTRE FAIXAS ETÁRIAS E GÊNERO DAS CRIANÇAS.....	52
2.8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
CAPÍTULO 3: METODOLOGIA	58
3.1 INTRODUÇÃO.....	58
3.2 SELEÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	58
3.2.1 Critérios para seleção das pracinhas infantis.....	58
3.3 MÉTODOS DE COLETA DE DADOS	74
3.3.1. Levantamento de arquivo.....	75
3.3.2. Levantamento de campo.....	75
3.4 MÉTODOS DE ANÁLISE DE DADOS	86
3.5 TRABALHO DE CAMPO	87
3.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
CAPÍTULO 4: ANÁLISE DE RESULTADOS	90
4.1 INTRODUÇÃO.....	90
4.2 RELAÇÃO ENTRE OS ASPECTOS LOCACIONAIS DAS PRACINHAS INFANTIS E A ADEQUAÇÃO NO USO POR CRIANÇAS E ACOMPANHANTES	90
4.2.1 Relação entre o controle de acesso ao conjunto habitacional e às pracinhas e o estado de conservação das pracinhas infantis	90
4.2.2 Relação entre o controle de acesso ao conjunto habitacional e às pracinhas e a percepção de segurança quanto a crimes nas pracinhas infantis	106
4.2.3 Relação entre a percepção de segurança e a frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis	114
4.2.4 Relação entre adequação dos caminhos de acesso às pracinhas a partir das moradias e a frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis	142
4.2.5 Relação entre a localização das pracinhas nos conjuntos habitacionais e a frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis.....	154
4.2.6 Relação entre os níveis de conexão visual entre as moradias e as pracinhas e o estado de conservação e a frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis ...	162
4.2.7 Relação entre o entorno imediato à pracinha e a frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis.....	166
4.3 ADEQUAÇÃO DOS ASPECTOS FÍSICO-ESPACIAIS DAS PRACINHAS INFANTIS NO USO POR CRIANÇAS E ACOMPANHANTES	169

4.3.1 Nível geral de satisfação das crianças e dos acompanhantes com as pracinhas infantis	169
4.3.2 Adequação do tamanho das pracinhas infantis em relação à quantidade de crianças usuárias	174
4.3.3 Adequação dos equipamentos de brincar	182
4.3.4 Adequação dos bancos existentes nas pracinhas infantis	194
4.3.5 Adequação da vegetação existente nas pracinhas infantis	196
4.3.6 Adequação de cercamento adequado que impeça a entrada de animais domésticos nas pracinhas infantis.	202
4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	203
CAPÍTULO 5: CONCLUSÕES.....	206
5.1 PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS	206
5.2 PRINCIPAIS RESULTADOS OBTIDOS	207
5.2.1 Objetivo (i): Relação entre os aspectos locacionais das pracinhas infantis e a adequação no uso por crianças e acompanhantes.....	209
5.2.2 Objetivo (ii): Adequação dos aspectos físico-espaciais das pracinhas infantis no uso por crianças e acompanhantes	214
5.3 LIMITAÇÕES DO ESTUDO	219
5.4 IMPORTÂNCIA DOS RESULTADOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES.	219
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	220
APÊNDICE A	227
APÊNDICE B	228
APÊNDICE C	230
APÊNDICE D	231

CAPÍTULO 1: INFLUÊNCIA DOS ASPECTOS LOCACIONAIS E FÍSICO-ESPACIAIS DAS PRACINHAS INFANTIS NO USO POR CRIANÇAS E ACOMPANHANTES

1.1 INTRODUÇÃO

O tema deste estudo é a avaliação de pracinhas infantis em conjuntos habitacionais, por meio das abordagens da área de estudo Ambiente e Comportamento. Seu objetivo é identificar como diferentes aspectos locacionais e físico-espaciais das pracinhas podem influenciar, de forma positiva ou negativa, na adequação destas pracinhas no uso por crianças e acompanhantes. Assim, este capítulo apresenta o contexto no qual o problema de pesquisa está inserido, identifica na literatura o problema de pesquisa, ou seja, a falta de conhecimento conclusivo sobre os efeitos dos aspectos locacionais e físico-espaciais das pracinhas infantis sobre as atitudes e o comportamento das crianças e acompanhantes, considerando a realidade das pracinhas infantis nos conjuntos habitacionais de Porto Alegre. Esse capítulo também apresenta as variáveis associadas ao problema de pesquisa, os objetivos do estudo e, por fim, a estrutura do trabalho.

1.2. SURGIMENTO E EVOLUÇÃO DAS PRACINHAS INFANTIS

O conceito de um espaço projetado especificamente para brincar ao ar livre é um fenômeno do século XIX que se desenvolveu a partir de dois caminhos distintos, sendo um deles com ênfase no desenvolvimento e aprendizagem e o outro enfatizando a recreação e aptidão física (FROST, 2008). Com o tempo, tais espaços passaram por uma evolução em relação às suas características físicas, influenciando as atitudes e comportamentos das crianças (FROST; KLEIN, 1979; CAMPBELL; FROST, 1985).

Os primeiros espaços de lazer infantil surgiram na Alemanha, no século XIX, com aparelhos de ginástica de uso interno adaptados para áreas externas (FROST, 1985). Posteriormente, nos Estados Unidos, em 1821, foram reservadas áreas livres próximas a conjuntos habitacionais para estimular a recreação infantil e interação social dos bairros residenciais (FROST, 2008). Influenciadas pela cultura *fitness* alemã, estas áreas eram equipadas com aparelhos que configuravam verdadeiros "ginásios ao ar livre" (FROST, 2008). No entanto, devido as características físicas, o espaço atraía apenas meninos mais velhos, pois meninas

e crianças pequenas consideravam o lugar perigoso. Então, surge a necessidade de repensar estes espaços, para contemplar meninos e meninas de todas as idades (FROST, 2008).

Pensando na necessidade de atrair crianças pequenas, que meio século mais tarde, Marie Zakerzewska, fundador do Hospital para Mulheres e Crianças - *New England*, observou crianças brincando na rua com montes de areia. Ele então, iniciou um movimento que incentivava o uso de areia em áreas de lazer (FROST, 2008). Assim, a partir deste momento, toda cidade americana com mais de 10.000 habitantes passa a construir áreas específicas para o lazer infantil e as principais motivações são por causa da preocupação com a criminalidade e com as crianças brincando em locais perigosos, como terrenos baldios (FROST, 2008). No decorrer do tempo, os aparelhos instalados nestas áreas de lazer, que até então era concebidos em madeira, passam a ser substituídos por modelos em ferro, desenvolvidos de forma industrial e com maior durabilidade, predominando até os dias atuais (FROST; SUNDERLIN, 1985). No entanto, foi após a Segunda Guerra Mundial que surge uma série de inovações (FROST, 2008) para os ambientes de brincar, tanto na forma de concepção quanto de implantação dos espaços de lazer infantil (BRETT; MOORE; PROVENZO, 1993). Nessa época, arquitetos, artistas e fabricantes se uniram para criar e instalar grandes estruturas de concreto, muitas vezes perigosas, que se destinavam a melhorar os jogos imaginativos e promover a aprendizagem através de representações de eventos históricos e culturais. Entre as representações, havia foguetes espaciais, pirâmides, animais, formas geométricas, entre outras. No entanto, estas representações não pareceu despertar a imaginação e o interesse das crianças da mesma forma que despertava com materiais naturais e resíduos que as crianças descobriam por si só no ambiente (FROST, 2008).

O fracasso desse modelo, criado pelos arquitetos, se deve ao fato de serem criações fixas, sem vida, sem movimento ou ação. Adultos os enxergavam como obras de arte, e em geral gostavam mais deles do que as crianças (FROST, 2008). Logo, ao longo do tempo, novas tentativas de ter locais mais atraentes para as crianças surgem na Europa. Cabanas, ferramentas e materiais de sucata, animais para tratar, fogueiras a céu aberto, jardins, água, areia e sujeira foram inseridos para promover uma variedade de outras atividades lúdicas, criativas e desafiadoras (FROST, 2008).

No Brasil, uma das cidades pioneiras na implantação das pracinhas infantis foi Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. A partir da década de 20, influenciado por modelos alemães, americanos e uruguaios, a cidade já investia em programas, institucionalizando o Serviço de

Recreação Pública. A primeira pracinha infantil pública equipada foi inaugurada no ano de 1926 na Praça Jardim de Recreio de Porto Alegre, antiga Alto da Bronze, atual Praça General Osório (FEIX, 2003). A partir de 1950, a habitação social surge no Brasil (REIS, 1992) para suprir a falta de moradias da população de mais baixa renda moradora em sub-habitações (LAY; OLIVEIRA, 2007). Para atender a necessidades dos moradores, diversos empreendimentos possuem na sua estrutura pracinhas infantis para os lazer das crianças.

Finalizando, a revisão da literatura permite entender a dinâmica e a constante evolução dos espaços e equipamentos das pracinhas infantis ao longo da história.

1.3. A CRIANÇA NO CENÁRIO DA HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL

As características da habitação de caráter social são amplamente tratadas por diversos autores, tanto na literatura internacional (por exemplo COOPER MARCUS; SARKISSIAN 1986; COOPER MARCUS; FRANCIS, 1990), como nacional (por exemplo, LAY, 1992; REIS, 1992; LAY; OLIVEIRA, 2007). No Brasil, até os dias de hoje, os conjuntos habitacionais são caracterizados por diferentes tipos arquitetônicos: blocos de apartamentos, normalmente sem elevador, não ultrapassando quatro pavimentos, casas isoladas em lotes individuais e sobrados (REIS, 1992). Tais conjuntos habitacionais, na sua maioria, estão situados nas periferias, em zonas mais afastadas das áreas centrais e dos espaços públicos, como praças e parques (ALMEIDA, 1985). Soma-se ainda, o fato de que as opções de lazer ao ar livre nessas regiões são inexistentes ou, quando existem, muitas vezes encontram-se em estado de total abandono (LAY; OLIVEIRA, 2007). As comunidades que habitam tais conjuntos habitacionais são constituídas por trabalhadores de baixa renda, que enfrentam, por sua condição social, dificuldade de deslocar-se para outras áreas da cidade em busca de atividades recreativas (SCHMIDT; LAY; OLIVEIRA; HORTA, 2007). Nesse sentido, as pracinhas infantis, e por vezes o próprio espaço público dos conjuntos habitacionais, tornam-se os únicos locais disponíveis na comunidade para o lazer das crianças.

Nesse âmbito, vários autores mencionam a relação entre a ausência de recursos e o desenvolvimento cognitivo, social e emocional de crianças residentes em habitações de interesse social (por exemplo, EVANS; KIM, 2013; EVANS; BROOKS-GUNN; KLEBANOV, 2011; EVANS, 2004; VALENTINE; MCKENDRICK, 1997). Estudos realizados em Detroit e Toronto indicaram que crianças de comunidades de baixa renda tendem a ser prejudicadas pelo ambiente construído (BUNGE, 1973; 1975 apud VALENTINE; MCKENDRICK, 1997).

De acordo com outro estudo, realizado por Gary Evans e Pilyoung Kim (2013), crianças de comunidades de menor poder aquisitivo são mais propensas a enfrentar uma ampla quantidade de estressores, classificados em: (i) físicos, como moradias precárias e ambientes caóticos; e (ii) psicossociais, como dissolução familiar, depressão materna e exposição à violência (EVANS, 2004). Tais estudos revelam que as crianças em situação de pobreza têm menores condições de acesso a ambientes estimulantes, possuem brinquedos inapropriados à idade, têm à disposição poucos locais de aprendizagem informal, acesso restrito a mídias digitais com o uso da internet e maior tempo de exposição à televisão (BRADLEY; CORWYN, 2002; DUNCAN; BROOKS-GUNN, 1997; EVANS, 2004; EVANS; KIM, 2013).

As áreas residenciais onde vivem as crianças de baixa renda também tendem a ser mais perigosas, com maior ocorrência de crimes (VALENTINE; McKENDRICK, 1997). Praças infantis mais inseguras para as crianças tendem a ser áreas mais deterioradas, com ambientes sujeitos, inclusive, à infestação por roedores (3,6 vezes mais propensas que áreas residenciais de classe média) (EVANS, 2004). Ainda, praças infantis localizadas nas áreas mais pobres de Nova York oferecem 50% mais riscos de acidentes para as crianças, devido à má conservação dos equipamentos, do que as localizadas em bairros de classe média (EVANS, 2004).

Adicionalmente, um estudo realizado no norte da Inglaterra (VALENTINE; McKENDRICK, 1997) revela que a percepção de que as crianças moradoras de áreas populares estão gastando muito tempo brincando em ambientes fechados por opção da própria criança, é enganosa; ao contrário, elas estão gastando mais tempo sob supervisão de um adulto, ou seja, as crianças só têm permissão para brincar nas praças quando um dos pais puder acompanhar. Com base nesses resultados, Valentine e Mc Kendrick (1997) concluíram que a lógica por trás de muitas campanhas para melhorar as instalações físicas para as crianças brincarem não basta, pois está em desacordo com a experiência real das comunidades de baixa renda. Em vez disso, preocupações com a segurança, principalmente quanto à presença de estranhos, parecem desempenhar um papel importante em limitar ou determinar brincadeiras infantis nos espaços abertos, em especial nas áreas mais carentes e/ou vulneráveis.

1.4 IDENTIFICAÇÃO E IMPORTÂNCIA DO PROBLEMA DE PESQUISA

Pracinha infantil é um lugar de brincar que contém equipamentos para o entretenimento das crianças (FJØRTOFT, 2004; FROST, 1985; MITCHELL, 2003; MOORE, 1974). Embora a expressão inglesa *playground* seja frequentemente usada em estudos no Brasil (FERNANDES; ELALI, 2008), inclusive na própria ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), o termo “pracinha infantil” será utilizado nesta pesquisa por ser uma designação popularmente conhecida entre as crianças e acompanhantes (LIMBERGER; REIS, 2013). A pracinha infantil exerce um importante papel no dia a dia das crianças, pois constitui um espaço que auxilia no desenvolvimento de habilidades motoras, na linguagem e na capacidade do raciocínio infantil (FJØRTOFT, 2004; MITCHELL, 2003). Ainda, a pracinha infantil deve ser um lugar que permite às crianças brincarem livremente, explorando suas habilidades e competências, bem como sua independência em relação ao adulto (HART, 1993; MITCHELL, 2003; PELLEGRINI; SMITH, 1998).

As pracinhas infantis existentes em conjuntos habitacionais de baixa renda têm um papel extremamente importante para as crianças que vivem nestas comunidades, pois em geral, estas habitações estão localizados em áreas afastadas, nas regiões periféricas da cidade, sem opções de lazer, como parques ou praças (LAY; OLIVEIRA, 2007). Além da localização geográfica de tais conjuntos habitacionais não ser privilegiada, o que dificulta o deslocamento até os parques e praças da cidade, a falta de recursos financeiros para o lazer das crianças em casa também é escasso. Em geral, crianças de baixa renda tem menos acesso a um computador doméstico ou à Internet, e ainda, a maior parte das crianças que têm computador em casa, os mesmos possuem baixa qualidade, o que dificulta, por exemplo, o uso para jogos (EVANS, 2004). Além disso, também existe a falta de recursos financeiros para adquirir brinquedos e artigos para a prática de esportes, como bolas e bicicletas, o que também limita as possibilidades de brincadeiras das crianças, tornando a pracinha infantil, muitas vezes no único recurso para o lazer. Adicionalmente, a falta de espaço para brincar nas residências e o medo da violência, nas imediações e no próprio conjunto habitacional, faz com que a pracinha infantil seja o único lugar que as crianças têm para brincar (VALENTINE; McKENDRICK, 1997), ou o local menos pior.

Diversos estudos têm avaliado a adequação das pracinhas infantis às crianças e aos acompanhantes em conjuntos habitacionais (COOPER MARCUS; SARKISSIAN, 1986; COOPER MARCUS; FRANCIS, 1990). Apesar desses estudos se referirem às características locais e físico-espaciais das pracinhas infantis, a literatura que trata

da relação entre o ambiente construído e o comportamento das crianças ser extensa (HAYWARD; ROTHENBERG; BEASLEY, 1974; COOPER MARCUS; MOORE, 1976; GRABOW; SALKIND, 1976; KORPELA, 2002; MITCHELL, 2003; MAXWELL; MITCHELL; EVANS, 2008), os estudos realizados até o momento tem privilegiado a realidade dos países da América do Norte e Europa, que possuem características sociais e econômicas diferentes da realidade brasileira.

Embora vários estudos tenham investigado os espaços abertos em conjuntos habitacionais em áreas de interesse social (LAY, 1992; MORAES, 1996; LAY; REIS, 2002; REIS; LAY, 2010; ROESLER, 2011), tais estudos não tem tido como foco a relação entre os aspectos locacionais e físico-espaciais das pracinhas infantis e a adequação no uso por crianças e acompanhantes. Dentre os aspectos locacionais estão: o controle de acesso aos conjuntos habitacionais e às pracinhas infantis; os caminhos de acesso às pracinhas a partir das moradias; a localização das pracinhas no conjunto; as conexões visuais entre as moradias e a pracinha; e as características do entorno imediato à pracinha (COOPER MARCUS; SARKISSIAN, 1986; COOPER MARCUS; FRANCIS, 1990). Esses aspectos podem influenciar, de forma positiva ou negativa, no estado de conservação destas pracinhas, na percepção de segurança e, conseqüentemente, impactar na frequência e intensidade de uso por parte das crianças (FRANCIS, 1987; VALENTINE; McKENDRICK, 1997; COOPER MARCUS, 1975; COOPER MARCUS; SARKISSIAN, 1986). Existem evidências de que o controle efetivo do espaço impede o acesso de pessoas estranhas e pode tornar o espaço menos impessoal e vulnerável (NEWMAN, 1972). Por outro lado, problemas com o estado de conservação e segurança podem estar relacionados ao fato das pracinhas infantis estarem localizadas em ambientes com pouca conexão visual ou isoladas fisicamente das áreas mais movimentadas do conjunto (JACOBS, 2000; VOORDT; WEGEN, 1993; NEWMAN, 1996). Os aspectos físico-espaciais das pracinhas infantis, por sua vez, incluem a dimensão das pracinhas, a adequação dos equipamentos de brincar, a adequação do mobiliário e a adequação da vegetação para as crianças e acompanhantes.

Logo, não existem evidências conclusivas sobre como devem ser projetadas pracinhas infantis em áreas com habitações de interesse social no Brasil que venham atender adequadamente aos seus usuários. Não se tem também conhecimento sobre o nível de adequação das pracinhas em conjuntos habitacionais de baixa renda em Porto Alegre. Sendo assim, existe a necessidade de investigar a influência dos aspectos locacionais e físico-espaciais das pracinhas em conjuntos habitacionais nas cidades brasileiras em

relação às atitudes e comportamento das crianças e acompanhantes, e de se fazer um diagnóstico sobre o nível de adequação de tais pracinhas.

A influência desses aspectos têm se mostrado importante para a qualidade de pracinhas infantis em conjuntos habitacionais de baixa renda, pois, na maioria das vezes, a pracinha é o único local disponível para o lazer infantil (VALENTINE; McKENDRICK, 1997), portanto, é importante ter clareza sobre quais são os principais aspectos que influenciam no estado de conservação das pracinhas, na percepção de segurança e, conseqüentemente, na sua frequência e intensidade de uso, a fim de proporcionar pracinhas infantis com mais qualidade na habitação popular no Brasil.

1.5 VARIÁVEIS ASSOCIADAS AO PROBLEMA DE PESQUISA

As variáveis associadas à avaliação de pracinhas em conjuntos habitacionais envolvem características contextuais relativas às pracinhas infantis e composicionais relativas às crianças.

1.5.1 Variáveis contextuais

As variáveis contextuais nesta investigação são relativas às características locacionais das pracinhas nos conjuntos habitacionais e aos aspectos físico-espaciais das próprias pracinhas infantis e foram determinadas a partir de estudos que apresentaram recomendações para espaços de lazer infantil em áreas residenciais (BRETT; MOORE; PROVENZO, 1993; COOPER; FRANCIS, 1990; COOPER; SARKISSIAN, 1986; MOORE; GOLTSMAN; IACOFANO, 1997).

As variáveis relativas aos aspectos locacionais das pracinhas nos conjuntos habitacionais são: o controle de acesso aos conjuntos e as pracinhas infantis (FRANCIS, 1987); os caminhos de acesso às pracinhas infantis a partir das moradias (FRANCIS, 1987); a localização das pracinhas infantis nos conjuntos habitacionais (COOPER MARCUS; SARKISSIAN, 1986); as conexões visuais entre as moradias e as pracinhas infantis edificações (JACOBS, 2000; VOORDT; WEGEN, 1993; NEWMAN, 1996); e o entorno imediato às pracinhas infantis (COOPER MARCUS; FRANCIS, 1990). Por sua vez, as variáveis associadas às características físico-espaciais das pracinhas infantis: as dimensões das pracinhas infantis (COOPER MARCUS; SARKISSIAN, 1986; OLIVEIRA, 2004); os

equipamentos de brincar (FJØRTOFT, 2004; FROST, 1985; MOORE, 1990); o mobiliário (COOPER MARCUS; FRANCIS, 1990; FEDRIZZI, 1999); a vegetação (BEE; BOYD, 2011; COOPER MARCUS; FRANCIS, 1990; COOPER MARCUS; SARKISSIAN, 1986; FEDRIZZI, 1999); e o cercamento de proteção contra entrada de animais domésticos na pracinha (RIBEIRO, 2004; PEDROSA et al., 2014).

1.5.2 Variáveis composicionais

As variáveis composicionais neste estudo estão relacionadas às características e necessidades das crianças conforme a faixa etária e o gênero (MITCHELL, 2003; MOORE, 2006; MOORE, 1990; PIAGET, 1987).

A diversidade e diferenças de como as crianças usam e se comportam nos espaços abertos são abordadas em vários estudos (BOURKE; SARGISSON, 2014; MICHTELL, 2003; MOORE, 1990; FENSON; KAGAN; KEARSLEY; ZELAZO, 1976; LARGO; HOWARD, 1979). Constata-se na literatura que as distinções de gênero e faixas etárias podem influenciar o comportamento social e intelectual das crianças nas pracinhas infantis (MITCHELL, 2003; MAXWELL; MITCHELL; EVANS, 2008.), afetando as preferências e os padrões de lazer (HART; MOORE, 1973; PIAGET, 1987; KYTTÄ, 2004; KORPELA, 2002). Adicionalmente, estudos apontam que crianças e acompanhantes percebem os lugares para brincar de forma diferente (OLWIG, 1989). Sendo assim, as semelhanças e diferenças entre as percepções das crianças e acompanhantes são importantes para a compreensão e análise das variáveis contextuais, uma vez que, muitas crianças dependem da vontade dos acompanhantes para ir às pracinhas infantis dos conjuntos habitacionais, principalmente nos primeiros anos de vida (FRANCIS; LORENZO, 2002).

1.6 PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO

1.6.1 Objetivos

O presente estudo pretende contribuir para a qualidade de projetos de pracinhas infantis em conjuntos habitacionais. Esta pesquisa então apresenta como objetivos gerais:

- Investigar a relação entre os aspectos locacionais das pracinhas infantis e a adequação no uso por crianças e acompanhantes;
- Investigar a relação entre os aspectos físico-espaciais das pracinhas infantis e a adequação no uso por crianças e acompanhantes.

1.7 ESTRUTURA DO TRABALHO

O trabalho está estruturado em cinco capítulos. Neste capítulo foi abordado o surgimento e evolução das pracinhas infantis, a criança no cenário da habitação de interesse social, a identificação e importância do problema de pesquisa, as variáveis associadas ao problema de pesquisa e os objetivos.

O capítulo 2 apresenta os conceitos e as variáveis relacionados aos aspectos locacionais e os aspectos físico-espaciais das pracinhas infantis que afetam o uso pelas crianças e acompanhantes.

O capítulo 3 apresenta a metodologia adotada. Apresenta os critérios e a seleção das pracinhas infantis, os métodos de coleta e de aná

lise de dados e os principais aspectos ligados à realização do trabalho de campo. No capítulo 4 é apresentada a análise dos dados e os resultados obtidos, conforme os objetivos da investigação.

Por fim, no capítulo 5 são revistos os objetivos da dissertação, apresentados os principais resultados e conclusões do estudo, relacionando-os com aqueles obtidos em outros estudos, e são mencionados a importância deste estudo e as implicações e sugestões para futuras investigações.

CAPÍTULO 2: ADEQUAÇÃO DOS ASPECTOS LOCACIONAIS E FÍSICO-ESPACIAIS DAS PRACINHAS INFANTIS NO USO POR CRIANÇAS E ACOMPANHANTES

Neste capítulo são examinados os conceitos e as variáveis que interferem na relação entre os aspectos locacionais e os aspectos físico-espaciais das pracinhas infantis e a adequação no uso por crianças e acompanhantes. Primeiramente são apresentados os conceitos da área de estudo Ambiente e Comportamento e o comportamento da criança durante as brincadeiras. A seguir, são apresentadas as variáveis relacionadas aos aspectos locacionais e físico-espaciais das pracinhas e a adequação no uso por crianças e acompanhantes. Por fim, são apresentadas as diferenças de comportamento entre as faixas etárias e o gênero das crianças. As informações e os argumentos apresentados justificam a seleção das variáveis e a formulação dos objetivos a serem investigados nesta pesquisa.

2.1 AVALIAÇÃO DO AMBIENTE CONSTRUÍDO

O estudo da relação entre comportamento e as características físicas do espaço busca identificar como o ambiente construído afeta o comportamento dos indivíduos e vice-versa, de forma a produzir conhecimento que venha a auxiliar na compreensão das relações psicológicas e comportamentais das pessoas em relação ao espaço, gerando subsídios para ambientes mais adequados às necessidades dos usuários desses espaços (REIS; LAY, 1995).

Por sua vez, a área de estudo Ambiente e Comportamento investiga as relações existentes entre as características físico-espaciais do ambiente construído e o comportamento dos indivíduos de forma multidisciplinar. A avaliação do ambiente físico é realizada por meios de processos de percepção e cognição, a partir do conhecimento da imagem formada pelos usuários e utilizando a satisfação e o comportamento dos indivíduos como indicadores de desempenho dos espaços (LAY; REIS, 2005).

Nesta pesquisa, pretende-se avaliar o desempenho e a adequação das pracinhas infantis em conjuntos habitacionais com diferentes aspectos locacionais e físico-espaciais no uso por crianças e acompanhantes.

2.2 CONCEITOS DA ÁREA DE ESTUDO AMBIENTE E COMPORTAMENTO

Para entendermos a relação entre as crianças e as pracinhas infantis é necessário abordar alguns conceitos da área de estudo Ambiente e Comportamento, os quais permitem avaliar como os aspectos locacionais e físico-espaciais influenciam as atitudes e comportamentos das crianças em relação as pracinhas infantis (LANG, 1987; RAPOPORT, 1978).

2.2.1. Conceito de percepção e cognição

A percepção está relacionada com os estímulos sensoriais provocados diretamente pelo ambiente (GOLLEDGE; STIMSON, 1997; LANG, 1987) e consiste em um processo, no qual estímulos ambientais são organizados em formas específicas (WEBER, 1995).

A cognição refere-se à maneira como a informação, depois de recebida, é codificada, armazenada e organizada na mente, tornando-se uma imagem significativa, de acordo com o conhecimento e valores acumulados por cada indivíduo (GOLLEDGE; STIMSON, 1997) e caracteriza-se por atribuir valores e significados, relacionados ao reconhecimento, memória, imaginação e pensamento próprio de cada indivíduo, aos objetos percebidos (WEBER, 1995).

Embora os processos de percepção e cognição ocorram de forma quase simultânea, funcionalmente a percepção acontece antes de o indivíduo tomar consciência do significado e valor de um objeto (WEBER, 1995). Weber (1995) argumenta que apesar da inter-relação, os processos podem ser avaliados separadamente, pois existe uma distinção entre forma (percepção) e significado (cognição).

2.2.2 Conceito de atitude, satisfação e comportamento

Atitude pode ser definida como um estado mental e neurológico de prontidão organizado através da experiência, que influencia de forma direta a resposta individual a todos objetos e situações com o qual está relacionado (ALLPORT, 1935). As atitudes determinam para cada indivíduo, o que ele irá ver e escutar, pensar e fazer (JAHODA; WARREN, 1966). Em outras palavras, as atitudes em relação ao ambiente construído traduzem-se em sentimentos favoráveis ou desfavoráveis em relação a algumas características ambientais percebidas e reconhecidas. Logo, as nossas ideias acerca de determinados espaços urbanos constituem nossas atitudes em relação a tais espaços.

A satisfação corresponde à reação afetiva do indivíduo a um determinado estímulo (REIS, 1992). Sendo assim, satisfação é a resposta emocional a um objeto ou lugar e é entendida como uma atitude, que é a inter-relação das respostas cognitivas, emocionais e simbólicas (ANDERSON; WEIDEMANN, 1997). Como essa resposta emocional revela sentimentos positivos ou negativos, ela é, também, uma medida valorativa (REIS, 1992). O conceito de “satisfação” tem sido muito utilizado em pesquisas como critério para examinar as relações entre o usuário e os vários aspectos de conjuntos habitacionais (MICHELSON, 1977; FRANCESCATO et al, 1979). Nesse sentido, o conceito de satisfação é usado como um indicador, ou critério de avaliação, do ambiente residencial por parte do usuário, que, por sua vez, percebe os atributos do ambiente físico e os avalia baseado em certos parâmetros de comparação, especialmente aqueles definidos pelo que acredita estar a seu alcance (REIS; LAY, 1995a).

Comportamento, por sua vez, é a resposta física a certos atributos ambientais percebidos pelo indivíduo (LYNCH, 1960). Embora a medição do nível geral de satisfação ambiental seja, sem dúvida, condição necessária para avaliar o desempenho do espaço, ela pode não ser uma medida suficiente para identificar quais os componentes que estariam mais fortemente afetando a percepção e avaliação de desempenho feita pelos usuários. Portanto, é importante não somente medir as atitudes dos usuários em relação a componentes ambientais específicos, como também identificar como o seu comportamento é influenciado pela sua percepção da presença, ausência ou grau de responsividade desses componentes (REIS, LAY, 2006).

Considerando que crianças e acompanhantes percebem os lugares para brincar de forma diferente (OLWIG, 1989), verifica-se, assim, a importância da identificação dos aspectos que geram satisfação e/ou insatisfação quanto a percepção e uso da pracinha infantil.

2.3 COMPORTAMENTO DA CRIANÇA DURANTE AS BRINCADEIRAS

As brincadeiras são manifestações comportamentais (CHILDREN’S PLAY COUNCIL, 2006) que fazem parte da natureza humana (HIUZINGA, 2010). Cabe destacar que é na infância que a brincadeira tem uma importante função, não apenas pela diversão, mas por constituir uma oportunidade de desenvolver habilidades, tais como: pensamento divergente; linguagem; pensamento abstrato; diálogo; e resolução de problemas (MAXWELL; MITCHELL; EVANS, 2008; MITCHELL, 2003). O comportamento da criança durante as brincadeiras depende tanto da faixa etária (HART; MOORE, 1973; PIAGET, 1987) quanto do gênero (KYTTÄ, 2004; KORPELA, 2002), que pode ser classificado como social e

intelectual. Os comportamentos sociais estão relacionados ao tipo de interação das crianças durante as brincadeiras (BOURKE; SARGISSON, 2014) e acontecem de várias maneiras: através de brincadeiras solitárias, ou seja, quando uma criança brinca sozinha em um ambiente coletivo; brincadeiras paralelas, quando a criança brinca sozinha, mas ao lado de uma outra criança; e brincadeiras em grupo, quando várias crianças interagem umas com as outras em forma de cooperação (MICHELL, 2003) (Tabela 2.1). O comportamento intelectual está relacionado aos tipos de brincadeira desenvolvidos pela criança, que também são influenciados tanto pela faixa etária quanto pelo gênero (MOORE, 1990). Os tipos de brincadeiras são categorizados em: simbólico (quando a criança usa objetos para representar algo ou assumir o papel no qual finge ser outra pessoa); construtivo (brincadeira com o objetivo específico, em mente, de construir algo); funcional (ações motoras simples e repetitivas, geralmente com manipulação de objetos); e jogos com regras (Tabela 2.1). Destaca-se que todos os tipos de brincadeiras são benéficos para o desenvolvimento físico, criativo, cognitivo e social de uma criança. Contudo, certos tipos são mais complexos e mais efetivos para o desenvolvimento cognitivo, sendo eles o simbólico e o construtivo (FENSON; KAGAN; KEARSLEY; ZELAZO, 1976; LARGO; HOWARD, 1979) (Tabela 2.1).

Tabela 2.1: Comportamento intelectual e social das crianças nas brincadeiras infantis

COMPORTAMENTO		DEFINIÇÃO
SOCIAL	Solitário	Criança que brinca isoladamente ou de forma independente, não faz referência aos outros e não faz nenhum esforço para incluir outras crianças.
	Paralelo	Criança brincando de forma independente, mas próxima a outras crianças. Nesse caso a criança procura apenas a proximidade sem interagir.
	Grupo	Quando a criança brinca com as outras crianças em reconhecimento mútuo. As brincadeiras são complementares ou envolvem atividade comum.
INTELLECTUAL	Simbólico	A criança cria um papel imaginário, usa objetos ou equipamentos para representar algo.
	Construtivo	A brincadeira segue uma orientação ou construção. As atividades incluem blocos de construção ou por exemplo subir no topo de uma estrutura, etc.
	Funcional	Atividades com movimentos musculares repetitivos, tais como corrida, escalada, salto, andar de bicicleta, etc.
	Jogos com regras	Jogos com regras universais, como futebol, vôlei, taco, esconde-esconde, etc.
	Sem brincar	Quando a criança não está envolvida em nenhuma brincadeiras, mas está no mesmo ambiente. Pode estar assistindo as outras crianças brincarem, apenas sentada ou conversando sobre assuntos não relacionados às brincadeiras

Fonte: MITCHELL, 2003; MAXWELL; MITCHELL; EVANS, 2008.

Os dados referentes aos tipos de brincadeiras e interação das crianças são necessários para a definição das faixas etárias que serão investigadas (Capítulo 3), para a identificação das atividades realizadas, assim como, para auxiliar nos registros e análise das observações de comportamento. Para fins desta pesquisa, os dados serão utilizados como parâmetros para a definição de praça infantil como o espaço que, obrigatoriamente, contenha equipamentos de brincar.

2.4. TIPOS DE EQUIPAMENTOS DE BRINCAR

A praça infantil pode conter diversos tipos de equipamentos de brincar, constituídos pelos mais variados tipos de materiais, como madeira, ferro, fibra de vidro, cimento, aço, entre outros (ABNT NBR 16071). Esses equipamentos de brincar têm uma função importante para o desenvolvimento das crianças, pois, são ferramentas importantes que incentivam as brincadeiras por meio do imaginário infantil, o que é muito importante para o desenvolvimento cognitivo da criança (MITCHELL, 2003).

Os equipamentos de brincar podem ser classificados em manufaturados ou naturais (MOORE, 1990). Entre os equipamentos de brincar manufaturados, existem: (i) os tradicionais, com funções definidas, como escorregador (Figura 2.1a), balanço (Figuras 2.1b e 2.1c) gangorra (Figura 2.1d), trepa-trepa (Figura 2.1e) ou gira-gira (Figura 2.1f); (ii) os multifuncionais ou polivalentes, com mais de uma função definida (Figura 2.2); (iii) e os criativos, sem função definida, que podem ser “construídos” ou utilizados conforme intenção e criatividade das crianças (Figuras 2.3, 2.4 e 2.5) (FROST; CAMPBELL, 1985; MOORE, 1990). Quanto à forma dos equipamentos de brincar, temos os equipamentos estáticos, que não contêm partes móveis (por exemplo, o escorregador, trepa-trepa); e equipamento móvel, que contém partes móveis (por exemplo, o balanço e a gangorra) (ABNT NBR 16071).



Escorregador (a)



Balanço tradicional (b)



Balanço cadeirinha (c)



Gangorra (d)



Trepa-trepa (e)



Gira-gira (f)

Figura 2.1: Equipamentos tradicionais
Fonte: autora, 2015**Figura 2.2:** Equipamento multifuncional
Fonte: autora, 2015



Figura 2.3: Peças soltas
Fonte: MITCHELL, 2003



Figura 2.4: Cabana
Fonte: PLAYGROUNDODOLOGY, 2015



Figura 2.5: Equipamento com água
Fonte: PLAYGROUNDODOLOGY, 2015

Já os equipamentos naturais (Figura 2.6) são todos aqueles provenientes da natureza e fazem parte do local onde foi instalada a pracinha infantil, como pedras, água, areia, árvores, galhos, flores, folhas, que podem ser manipulados ou utilizados pelas crianças durante as brincadeiras (FJØRTOFT; SAGEIE, 2000; FROST; KLEIN, 1979; MOORE; WONG, 1997).



Figura 2.6: Elementos naturais: tronco, árvores e areia

Fonte: TAYLOR et al, 2008

Algumas pracinhas infantis também disponibilizam mobiliário, como bancos, mesas, lixeiras e quiosques (FJØRTOFT, 2004).

Considerando os tipos de equipamentos de brincar disponíveis nas pracinhas infantis, pode-se classificá-las em cinco tipos: tradicional (Figura 2.7); projetado ou contemporâneo (Figura 2.8); aventura (Figura 2.9); criativo (Figura 2.10) e natural (Tabela 2.2).

Tabela 2.2 Classificação das pracinhas infantis

TIPOS DE PRACINHAS INFANTIS DE ACORDO COM OS EQUIPAMENTOS DISPONÍVEIS	EQUIPAMENTOS DE BRINCAR		
	LAYOUT	FUNÇÃO	MATERIAIS
TRADICIONAL	equipamentos tradicionais distribuídos de forma isolada, gerando movimentação entre os equipamentos	equipamentos tradicionais com função definida (balanço, escorregador, trepa-trepa, gangorra, gira-gira, escalada, barras, etc...)	metal e madeira
PROJETADO OU CONTEMPORÂNEO (designer)	equipamentos dispostos de forma interligada, com várias entradas e saídas, em um mesmo equipamento	multiuso	madeira, metal ou plástico
AVENTURA	equipamentos são estruturas inacabadas e "peças soltas"	sem função definida	sucata, madeira, pneus, ferramentas, etc.
CRIATIVO	combinação de equipamentos com elementos naturais como areia e água	mix de funções definidas e indefinidas	metais, sucatas, pneus, madeiras, correntes, rolos de cabos, água, areia, etc.
NATURAL	um jardim projetado especificamente com crianças em mente	sem função definida	flores, árvores, caminhos, florestas, animais, água, sujeira, etc.

Fonte: (FROST, 1985; DANNENMAIER, 1998; BARBOUR, 1999; MITCHELL, 2003)

Uma pesquisa realizada em áreas de lazer infantil não encontrou diferenças no comportamento de crianças em idade pré-escolar (até 6 anos) brincando com equipamentos tradicionais (BROWN; BURGER, 1984). No entanto, identificou-se uma diferença de comportamento entre distintos ambientes com equipamentos da mesma categoria, indicando que as características e elementos do ambiente (por exemplo, tipo de piso, existência de cercamento, vegetação, dentre outros) interferem na percepção das crianças acerca do espaço. De acordo com a pesquisa realizada por Brown e Burger (1984), o tipo de equipamento parece ter menor relação com o comportamento de brincar das crianças do que as características e variedade de outros elementos disponíveis no ambiente, tais como areia e vegetação.

O estudo realizado por Frost e Campbell (1985) identificou que o comportamento das crianças em pracinhas com equipamentos criativos foram mais variados do que em pracinhas com equipamentos tradicionais. As escolhas predominantes das crianças em ambas as pracinhas foram pelos equipamentos de brincar que produzem algum tipo de movimento. Os autores observaram que os equipamentos com movimento foram usados durante mais da metade do tempo de permanência das crianças, enquanto que os equipamentos estáticos foram usados durante menos de um quarto do tempo das crianças.

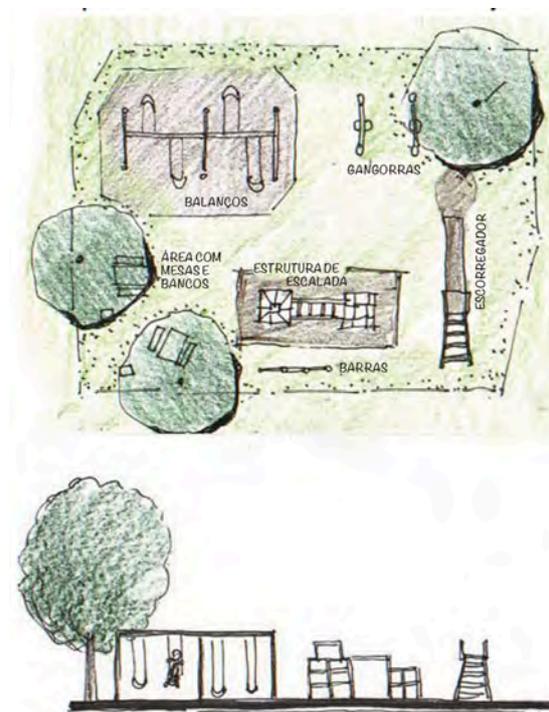


Figura 2.7: Pracinha infantil tipo tradicional
Fonte: MITCHELL, 2003

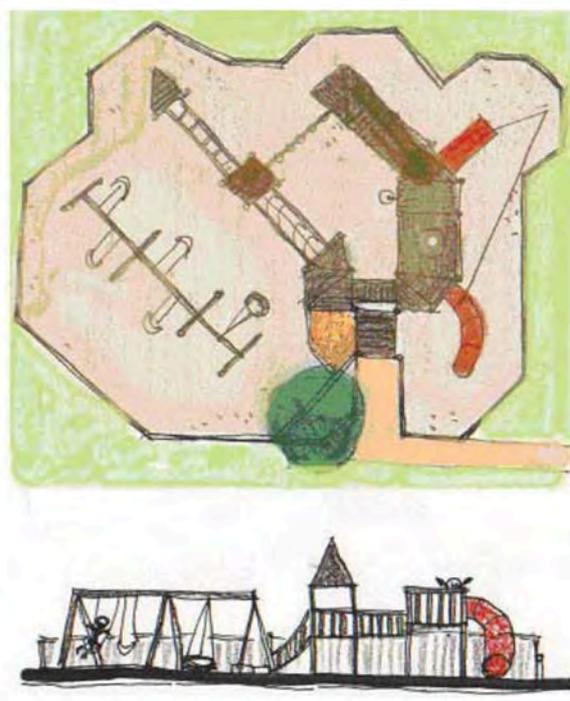


Figura 2.8: Pracinha infantil tipo projetado
Fonte: MITCHELL, 2003

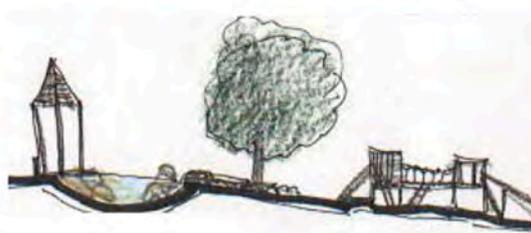
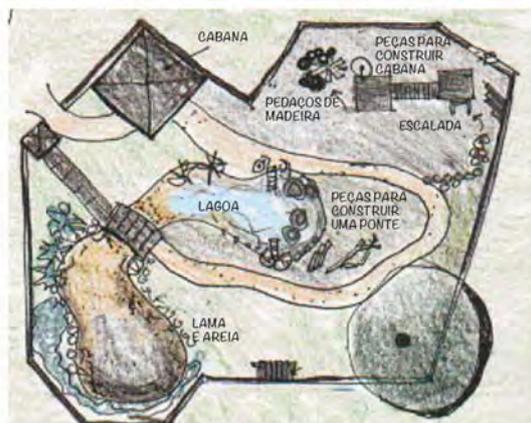


Figura 2.9: Pracinha infantil tipo aventura
Fonte: MITCHELL, 2003

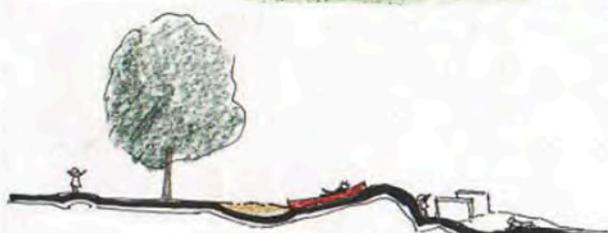
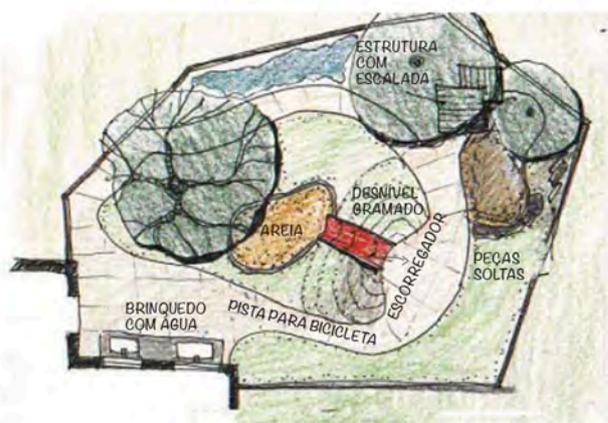


Figura 2.10: Pracinha infantil tipo criativo
Fonte: MITCHELL, 2003

Outro estudo, também com crianças em idade escolar, descobriu que o comportamento das crianças brincando em uma pracinha do tipo aventura foi mais variado do que em pracinhas do tipo tradicional (FROST; CAMPBELL; 1985). Da mesma forma, Zamani (2012), ao investigar diferenças no comportamento de crianças brincando em pracinhas tradicionais e naturais, identificou que um ambiente com potencialidade de recursos naturais proporciona mais oportunidades de brincadeiras do que os ambientes com equipamentos fabricados. Logo, as pracinhas tradicionais parecem ser limitadas no que diz respeito à potencialidade de recursos para as brincadeiras das crianças (MAXWELL; MITCHELL; EVANS, 2008).

Contudo, as pracinhas com equipamentos tradicionais e multifuncionais podem tornar as brincadeiras mais complexas com a adição de peças soltas (MITCHELL, 2003). Peças soltas (pá, baldinhos, pneus, etc) são materiais lúdicos e manipuláveis que as crianças podem usar de forma variada. Além disso, as peças soltas podem ser utilizadas para construir, inventar e modificar os espaços, tornando-se itens valiosos para a aprendizagem das crianças, como usar blocos, plástico ou outros materiais para criar lugares reservados, com parede, teto e chão (NICHOLSON, 1971) (Figuras 2.3 e 2.4). Isso sugere que os espaços deveriam oferecer oportunidades para a criança alterar alguns elementos e participar na cocriação. A oportunidade de moldar, reconfigurar para mudar o ambiente é um ingrediente importante no comportamento de brincar (MITCHELL, 2003).

Embora comparar o comportamento das crianças ao brincar, em diferentes tipos de pracinhas infantis seja importante, os conjuntos habitacionais de Porto Alegre, local de realização desta pesquisa, possuem apenas pracinhas do tipo tradicional, o que impediria a comparação com os demais tipos. Por isso, **esta pesquisa irá contemplar apenas pracinhas infantis do tipo tradicional.**

2.5. ASPECTOS LOCACIONAIS DAS PRACINHAS INFANTIS

As variáveis associadas aos aspectos locacionais das pracinhas infantis são apresentadas a seguir, conforme segue: controle de acesso ao conjunto habitacional e à pracinha infantil; caminhos de acesso às pracinhas infantis a partir das moradias; localização das pracinhas no contexto do conjunto habitacional; conexões visuais entre as moradias e as pracinhas infantis; e entorno imediato às pracinhas infantis.

2.5.1 Controle de acesso ao conjunto habitacional e às pracinhas infantis

Controle é a capacidade de influenciar, ou restringir, o acesso e a utilização de um espaço por indivíduos, ou grupo. O controle físico se dá através de barreiras físicas, tais como muros, grades ou cercas. O controle simbólico ocorre quando no espaço existem elementos que remetam a algum significado, indicando que a área pertence a alguém ou a algum grupo (FRANCIS, 1987). Nos conjuntos habitacionais fechados, o controle se dá através de barreiras físicas em seus limites e com acesso único e restrito aos moradores, geralmente controlado por vigias e, às vezes, por sistema de vigilância por câmeras. Considerando as características dos conjuntos fechados, podemos encontrar dois tipos: os conjuntos exclusivamente residenciais e os conjuntos de uso misto, com residências, comércio e serviços (MOURA, 2003; SANTOS, 2002; CARVALHO et al., 1997). Por outro lado, existem conjuntos habitacionais sem nenhuma barreira física que impeça a entrada de pessoas, sejam elas moradoras ou não, possibilitando que os espaços internos como a pracinha infantil sejam utilizados por qualquer indivíduo. Esses são denominados conjuntos abertos, e, a exemplo dos fechados, os conjuntos abertos podem ser exclusivamente residenciais ou de uso misto, com residências, comércio e serviços (SANTOS, 2002).

Sendo assim, é objetivo, neste estudo, identificar **a efetividade do controle de acesso aos conjuntos habitacionais e às pracinhas infantis.**

2.5.1.1 Estado de conservação das pracinhas infantis

O bom estado de conservação das pracinhas infantis depende da manutenção sistemática dos espaços e do controle do vandalismo. O vandalismo pode ser usado para ilustrar alguns dos piores problemas relacionados com a insatisfação do usuário em conjuntos habitacionais (REIS, 1992). Ainda, o vandalismo foi apontado por Cooper Marcus e Sarkissian como a causa do fracasso de muitas habitação pública dos EUA. (COOPER MARCUS; SARKISSIAN, 1986). A existência de vandalismo também pode estar relacionada à falta de equipamentos e programas para crianças (REIS, 1997).

Jacobs (2000), ao relatar sobre as gangues dos conjuntos habitacionais de Lower East Side em Nova York, em 1961, argumenta que atos de vandalismo que influenciam o estado de conservação das pracinhas infantis podem ser cometidos pelos próprios moradores delinquentes. Sendo assim, o fato de um conjunto ter um controle de acesso efetivo não impediria, obrigatoriamente, a depredação das pracinhas. Nesse caso, as próprias características internas do conjunto habitacional poderiam propiciar esse comportamento por parte de alguns moradores (LAY; REIS, 1993).

Por outro lado, Newman (1972) defende a importância de uma delimitação rígida para o controle do espaço, afirmando que a ausência de um limite torna o espaço impessoal e vulnerável. Quando se trata de espaços abertos em áreas residenciais, Carr et al. (1992) sugere que limitar o uso para o grupo da comunidade residente e só permitir o acesso a pessoas externas quando alguém da comunidade estiver presente, garante que os espaços de uso comunitário, como as pracinhas infantis, tenham um melhor estado de conservação. Isso indica que a forma de controle de acesso pode afetar o modo como o ambiente é usado, percebido e valorizado (CARR; LYNCH, 1981 apud FRANCIS, 1987).

Portanto, além da necessidade de ter um diagnóstico para examinar o estado de conservação das pracinhas infantis dos conjuntos habitacionais, não se tem clareza de até que ponto, na nossa realidade, tais diferenças entre a existência ou não de controle efetivo de acesso aos conjuntos habitacionais e às pracinhas infantis impacta no estado de conservação das pracinhas, impedindo certos comportamentos prejudiciais, como vandalismo, descarte de lixo doméstico, abandono de animais domésticos, entre outros. Logo, existe a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre o efeito do controle efetivo no acesso aos conjuntos habitacionais e às pracinhas infantis, por exemplo, quanto à relação entre o controle de acesso ao conjunto e às pracinhas e o seu estado de conservação.

Sendo assim, é objetivo, neste estudo, identificar **o estado de conservação das pracinhas infantis; e a relação entre o controle de acesso ao conjunto habitacional e às pracinhas e o seu estado de conservação.**

2.5.1.2 Frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis

A preocupação com a segurança é um dos principais fatores que faz com os pais limitem as brincadeiras das crianças nos ambientes ao ar livre de forma independente (BLAKELY, 1994). As maiores preocupações dos pais são, principalmente, em relação à circulação e à presença de pessoas estranhas, à ocupação da pracinha por adolescentes ociosos, bem como à exposição das crianças às influências negativas, especialmente dos meninos maiores (VALENTINE; McKENDRICK, 1997).

De acordo com uma pesquisa realizada em bairros residenciais do Reino Unido (VALENTINE; McKENDRICK, 1997) com pais de crianças com mais de 6 anos, foram apontadas evidências de que muitas dessas crianças deixaram de frequentar as áreas de lazer infantil onde moram por ansiedade dos pais em relação à exposição a crimes tais como: assédio, uso de drogas ou agressões físicas. Nesses casos, diante da falta de controle de acesso, a preocupação dos pais em relação à falta de segurança influenciou na restrição das crianças brincarem sozinhas nas pracinhas, fazendo com que as brincadeiras ficassem limitadas ao quintal de suas casas (KYTTÄ, 2004). Por outro lado, nos conjuntos habitacionais onde o acesso aos espaços abertos é desencorajado para as pessoas externas ao conjunto, a percepção de segurança, em especial para as crianças, é acentuada (COOPER MARCUS, 1975; COOPER; SARKISSIAN, 1986). Logo, a percepção de segurança quanto à vulnerabilidade ao crime parece estar relacionada com o controle de acesso aos espaços abertos.

Jacobs (2000) argumenta que quanto mais o espaço permitir o trânsito de pessoas, mesmo sendo elas desconhecidas, maior será a vigilância, inclusive no que diz respeito à percepção de segurança das crianças. A autora cita como exemplo Chatham Village, em Pittsburgh, e Baldwin Hills Village, em Los Angeles, onde as crianças sentiam-se mais seguras brincando nas ruas movimentadas, com fluxo de pessoas, do que nas pracinhas infantis dentro dos conjuntos habitacionais, onde circulavam apenas os moradores. Em um estudo realizado em habitações de interesse social, em Porto Alegre, moradores de um conjunto habitacional, sem controle de acesso, afirmam ser frequente o uso das praças comunais por não moradores. No mesmo estudo, moradores de outro conjunto (COHAB-Cavallhada) afirmam

que a praça do local onde residem é segura em decorrência da constante movimentação de pessoas, pois está localizada próxima a uma creche, escola e sede do centro comunitário (LAY; REIS, 2002).

Por isso, é necessário verificar se na nossa realidade tais diferenças confirmam-se, sendo relevante investigar até que ponto o controle efetivo de acesso ao conjunto habitacional e, conseqüentemente às pracinhas infantis contribui para a percepção de segurança das crianças de 6 a 12 anos e dos acompanhantes e na frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis. A percepção de segurança das crianças menores de 5 anos não será investigada, pois elas não possuem capacidade para discernir situações de perigo (VALENTINE; McKENDRICK, 1997), ficando condicionadas à percepção dos acompanhantes.

Portanto, busca-se investigar, neste estudo, a **percepção das crianças de 6 a 12 anos em relação à segurança quanto a crimes nas pracinhas infantis; a percepção dos acompanhantes em relação à segurança quanto a crimes nas pracinhas infantis; a comparação entre a percepção das crianças e dos acompanhantes em relação à segurança quanto a crimes nas pracinhas infantis; e a relação entre o controle de acesso ao conjunto habitacional e às pracinhas e a percepção de segurança quanto a crimes nas pracinhas infantis. Também é objetivo identificar a frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis; e a relação entre a percepção de segurança das pracinhas e a frequência e intensidade de uso das mesmas.**

2.5.2 Caminhos de acesso às pracinhas infantis a partir das moradias e a sua influência na frequência e intensidade de uso

Para ter acesso adequado a um determinado lugar é necessário que os caminhos, por sua vez, sejam adequados, tanto em relação às suas características físicas quanto na inexistência de obstáculos que possam dificultar o percurso dos usuários (COOPER MARCUS; SARKISSIAN, 1986). Por isso, a adequação dos caminhos de acesso é um requisito importante para dimensionar a qualidade do espaço público, favorecendo a intensidade de uso (FRANCIS, 1987). Ainda é importante destacar que, na habitação social no Brasil, não são raros os casos em que a configuração dos espaços abertos seja alterada por construções realizadas pelos próprios moradores (LAY; REIS, 2002). Adicionalmente, em conjuntos habitacionais formados por casas, é comum moradores reduzirem a largura das calçadas em função de intervenções arquitetônicas, tais como o avanço de garagens,

inclusão de degraus ou rampas ou, ainda, utilizando estes espaços como local de depósito de materiais, impossibilitando, em certos casos, a passagem de pedestres (BASSO, 2001).

Portanto, considerando a importância das características físicas dos caminhos de acesso às pracinhas infantis, recomenda-se que calçadas em áreas residenciais tenham no mínimo 1,5 metro de largura. Contudo, para que as calçadas sejam usadas confortavelmente por um adulto acompanhado de uma criança, o aconselhável é que elas tenham aproximadamente 2,2 metros de largura (PRINZ, 1980). Os caminhos de acesso que uma criança de 6 a 12 anos, que já tem autonomia para ir sozinha até a pracinha, usa não devem ter cruzamentos com vias de tráfego de veículos intenso e as calçadas devem ser adequadas com ligações contínuas (OLIVEIRA, 2004).

Contudo, a relação entre a adequação dos caminhos de acesso e a frequência e intensidade de uso das pracinhas precisa ser melhor examinada em distintos contextos socioculturais, incluindo o Brasil, já que os estudos realizados até o momento têm privilegiado a realidade da América do Norte e Europa (PRINZ, 1980; COOPER MARCUS; FRANCIS, 1990; COOPER MARCUS; SARKISSIAN, 1986). Por isso, é necessário, ter um diagnóstico dos caminhos de acesso às pracinhas infantis, considerando a realidade dos conjuntos habitacionais de Porto Alegre, e, a partir desse diagnóstico, examinar os efeitos da adequação dos caminhos de acesso na frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis.

Portanto, busca-se investigar, neste estudo, a **adequação dos caminhos de acesso às pracinhas infantis a partir das moradias e a sua influência na frequência e intensidade de uso das pracinhas.**

2.5.3 Localização das pracinhas infantis no contexto do conjunto habitacional e a intensidade de uso das pracinhas infantis

A localização refere-se à posição geográfica da pracinha, no caso estudado, no conjunto habitacional. Em conjuntos habitacionais, a localização dos espaços abertos de lazer tem um papel muito importante, principalmente para famílias com criança (DEE; LIEBMAN, 1970), pois um sistema de espaço compacto, com pequenas distâncias a percorrer, favorece o uso das pracinhas pelas crianças (DEE; LIEBMAN, 1970; GEHL, 2013). Além disso, quando a pracinha infantil fica longe da moradia, ou sua localização impede que o trajeto seja acompanhado visualmente, a partir da moradia, os pais tendem a não permitir que a criança vá sozinha até a pracinha (COOPER MARCUS; SARKISSIAN, 1986).

Dee e Liebman (1970) identificaram que a distância entre a moradia e a pracinha infantil é um dos fatores mais importantes para sua frequência e intensidade de uso, o que explica, muitas vezes, ruas e outros espaços perto de casa serem mais utilizados. Pracinhas mais distantes das moradias, mesmo sendo os locais favoritos mencionados pelas crianças, tendem a ser pouco utilizadas (cerca de 15% do tempo de lazer da criança) (CHAWLA, 1992). Nesse sentido, para crianças maiores (idade aproximada entre 6 e 12 anos), que já apresentam uma certa autonomia para irem sozinhas de suas casas até a pracinha infantil, não se recomenda fazer um percurso longo, que exija mais de cinco minutos de caminhada (COOPER MARCUS; SARKISSIAN, 1986). Em relação aos acompanhantes, a maior parte está disposta a caminhar por cinco minutos, o que equivale a 450 metros, isso, considerando uma área sem aglomerações, sem obstáculos ou interrupções (GEHL, 2013). Por outro lado, em situações onde não há clareza dos acessos às pracinhas, se houver obstáculos ou diferenças de níveis, a vontade de caminhar diminui significativamente. Nesse caso, uma distância a ser percorrida de 200 a 300 metros parecerá ser muito longa e cansativa, mesmo para um adulto (GEHL, 2013).

Para as crianças utilizarem a pracinha diariamente a mesma deve estar distante das moradias até um raio máximo de 500 metros, sem travessia de trânsito de veículos (BORGES, 2008). Contudo, Sarkissian et al. (2013) recomenda que a distância ideal, para ir caminhando com uma criança, da moradia até a pracinha infantil seja entre 100 e 400 metros. Gehl (2013) aponta que uma distância aceitável de caminhada é um conceito relativo. Para tal autor, algumas crianças podem considerar a caminhada uma tarefa difícil, mesmo em curtas distâncias. Outros autores, conforme explicitado na Tabela 2.3, são mais específicos e relacionam a idade da criança à distância recomendada para caminhada.

Tabela 2.3: Distâncias adequadas para as crianças caminharem, conforme a faixa etária

Autores	Idades	Distância máxima em metros
PRINZ, 1980	3 a 6 anos	50 a 100
	7 a 12 anos	300
Modelo adotado pela cidade de Estocolmo (STROPPA, 1996 apud OLIVEIRA, 2004)	0 a 4 anos	50
	Até 8 anos	200
	Até 14 anos	400
Modelo adotado pela cidade de Bolonha (STROPPA, 1996 apud OLIVEIRA, 2004)	0 a 3 anos	50 a 100
	3 a 11 anos	150 a 250
ROMITTI; PETRELLA, 1998 apud OLIVEIRA, 2004	0 a 4 anos	50
	Até 8 anos	150
	Até 15 anos	400

Fonte: Elaborada pela autora (OLIVEIRA, 2004)

Com base nos estudos realizados, observa-se que a adequação da localização das pracinhas em relação ao conjunto habitacional parece ser influenciada pela distância que as

crianças e os acompanhantes irão percorrer desde suas moradias até as pracinhas. Não existe um consenso entre os autores no que diz respeito à distância máxima recomendada para ir caminhando até a pracinha infantil. Logo, é necessário identificar, inicialmente, se as pracinhas infantis estão localizadas adequadamente nos conjuntos habitacionais de Porto Alegre, considerando a distância entre as pracinhas e as moradias. A partir desse diagnóstico, é preciso verificar as distâncias máximas percorridas e examinar os efeitos da localização na frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis por parte das crianças e dos acompanhantes. A avaliação das crianças menores de 5 anos ficará condicionada à avaliação dos acompanhantes, visto que ainda não tem autonomia para irem sozinhas até as pracinhas infantis.

Busca-se com esse objetivo investigar a adequação da localização das pracinhas nos conjuntos habitacionais e a avaliação das distâncias que as crianças e acompanhantes percorrem para chegar até as pracinhas. Por fim, será analisada a relação entre a adequação da localização das pracinhas e a frequência e intensidade de uso das mesmas.

2.5.4 Conexões visuais entre as moradias e as pracinhas infantis

As conexões visuais são constituídas pelas janelas e demais aberturas que permitem a visibilidade para o exterior, ou seja, quando através delas os moradores podem supervisionar e controlar os espaços abertos a partir do interior das edificações (JACOBS, 2000; VOORDT; WEGEN, 1993; NEWMAN, 1996). Sendo assim, o nível de conexão visual entre as moradias e o espaço aberto está relacionado com a quantidade e a posição das janelas das edificações (NEWMAN, 1972).

De acordo com Newman (1996), pessoas residentes em habitações térreas, com janelas conectadas visualmente com o espaço aberto, identificam esses espaços na frente das edificações como uma extensão clara das suas casas, promovendo, assim, atenção constante com o controle e a segurança do espaço aberto (NEWMAN, 1972; NEWMAN, 1996). Contudo, também é possível o controle do espaço aberto pelos moradores que habitam os andares acima do térreo, pois apesar das limitações impostas pelo afastamento frontal em relação à rua, os moradores ainda a consideram como parte de seu território, por isso, controlam o que acontece nas calçadas e ruas (NEWMAN, 1996).

No entanto, as conexões visuais podem ser afetadas pela existência de barreiras visuais. Entende-se por barreiras visuais a presença de cercas, muros ou outros obstáculos físicos

que impeçam ou dificultem a visibilidade do espaço aberto a partir do interior das residências (BASSO; LAY, 2002). A presença de muros altos na frente das residências, como forma de proteção aos crimes, é cada vez mais presente em todas as classes sociais (CALDEIRA, 2000) e o resultado implica, por vezes, na redução da vigilância e do controle dos espaços abertos por parte dos moradores. Além disso, para avaliação do nível de conexão visual é importante considerar a distância entre as janelas das moradias e a praçinha infantil, pois quanto mais próxima as janelas estiverem, melhor será a visão e o controle do que acontece na praçinha.

De acordo com Gehl (2013), o limite máximo que se pode ver as pessoas é de 100 metros de distância (Figura 2.11). Segundo o autor, nessa distância, o olho humano identifica movimento e linguagem corporal em linhas gerais. A uma distância de 50 a 70 metros é possível identificar o gênero e a faixa etária das pessoas. Até 25 metros podemos ver as expressões faciais e emoções dominantes (GEHL, 2013).



Figura 2.11 Campo social de visão
Fonte: Gehl, 2010

De acordo com a capacidade humana em perceber visualmente elementos localizados em diferentes distâncias, Thiel (1997) estabeleceu bandas ou faixas visuais: banda 1 – inclui

distâncias de até 12 metros do observador, em que é possível reconhecer detalhes tais como expressões faciais; banda 2 – inclui as distâncias de até 24 metros, em que ainda é possível identificar fisionomias de diferentes pessoas; banda 3 - inclui as distâncias de até 140 metros, em que ainda é possível perceber os movimentos do corpo; e banda 4 – inclui as distâncias acima de 140 metros, que tornam muito difíceis os discernimentos visuais.

Partindo da premissa de que quanto mais próxima as janelas estiverem das pracinhas maior será a capacidade de controle visual, é importante a identificação dos níveis de conexão visual entre as moradias e as pracinhas infantis para poder examinar a sua relação com os próximos objetivos que serão descritos a seguir. Portanto, é objetivo desta pesquisa **identificar os níveis de conexão visual entre as pracinhas infantis e as moradias**, ou seja, identificar quais são as pracinhas mais conectadas e as menos conectadas visualmente.

2.5.4.1 Conexões visuais entre as moradias e as pracinhas infantis e o seu estado de conservação

Estudos apontam que as conexões visuais das moradias podem controlar situações de perigo, inibir o vandalismo (LAYMON, 1974) e influenciar no comportamento dos usuários através da comunicação com o espaço aberto (JACOBS, 2000; NEWMAN, 1972).

Jacobs (2000) argumenta que a falta de conexão visual das moradias é um dos fatores responsáveis por tipos de comportamentos que resultam em vandalismo nas pracinhas dos conjuntos habitacionais americanos. Para a autora, isso ocorre quando as pracinhas infantis não possuem vigilância suficiente, atraindo a presença de delinquentes, que podem ser responsáveis por atos de depredação e uso indevido. A falta de controle visual por parte dos moradores também pode estar relacionada a problemas de limpeza da pracinha infantil, como o descarte de lixo nos espaços abertos por moradores do conjunto habitacional (DEMHAB, 2009). No entanto, as constatações feitas por Jacobs (2000) não apresentam detalhamentos específicos sobre a quantidade, medidas, posição e distanciamento das janelas que caracterizam tal falta de conexão visual entre as moradias e as pracinhas infantis.

O controle visual do interior para o exterior é um aspecto importante a ser considerado no projeto arquitetônico de diferentes tipos de edificações, incluindo a habitação de interesse social. Contudo, são necessários mais estudos para verificar a eficiência do controle visual no estado de conservação das pracinhas infantis, tendo como base para a avaliação os

diferentes níveis de conexão visual entre as moradias e as pracinhas infantis. Sendo assim, é objetivo deste estudo **investigar a relação entre as conexões visuais entre as moradias e as pracinhas e o estado de conservação das pracinhas infantis.**

2.5.4.2 Conexões visuais entre as moradias e as pracinhas e a frequência e intensidade de uso dessas pracinhas infantis

O controle visual exercido pelos moradores através das janelas direcionadas para a pracinha infantil tende a influenciar o comportamento dos usuários (JACOBS, 2000; NEWMAN, 1972). Ainda, a existência de janelas que garantem a visibilidade da rua desde o interior das moradias tende a ser favorável à sociabilidade e ao uso mais dinâmico dos espaços abertos (BASSO; LAY, 2002).

Pesquisas mais recentes, que tratam de espaços abertos em conjuntos habitacionais no Brasil (LAY, 1992; LAY; REIS, 2002, REIS; LAY, 2010), apontam diferenças na intensidade de uso das suas pracinhas (LAY; REIS, 2002). No entanto, não foram encontrados estudos que identifiquem até que ponto o nível de conexão visual existente entre as moradias e a pracinha infantil, influencia na frequência e intensidade de uso.

Com isso, pretende-se neste estudo, **investigar a relação entre as conexões visuais entre as moradias e as pracinhas infantis e a frequência e intensidade de uso dessas pracinhas.**

2.5.5 Características do entorno imediato às pracinhas infantis e a frequência de uso das pracinhas infantis

Dependendo da localização da pracinha no conjunto habitacional, seu entorno imediato pode variar muito. Por exemplo, se a pracinha estiver inserida dentro de uma praça, ela poderá apresentar no seu entorno desde quadras poliesportivas até áreas verdes. No seu entorno imediato podem existir moradias, pequenos comércios e serviços, creches, cooperativas (por exemplo, centro de reciclagem), áreas coletivas, ruas, áreas de estacionamento, terreno baldio e ocupações habitacionais irregulares (DEMHAB, 2009).

As características do entorno das pracinhas infantis são importantes, pois podem impactar de forma positiva, ou negativa, a frequência e a intensidade de uso (COOPER MARCUS; FRANCIS, 1990). Impacto positivo é quando o entorno da pracinha infantil propicia que a

criança consiga variar as brincadeiras sem perder o interesse e o envolvimento em relação à própria pracinha infantil, incluindo, por exemplo, espaços para correr, jogar futebol, entre outros. Entretanto, é importante que a conexão funcional entre a pracinha e esses espaços possibilite o deslocamento de uma atividade para outra facilmente, com segurança, encorajando a criança a progredir através de desafios graduais (MOORE; GOLTSMAN; IACOFANO, 1997). Entre os usos do entorno que impactam negativamente nas pracinhas infantis, pode-se citar a presença de estacionamentos ou ruas movimentadas. Nesses casos, a pracinha infantil deve ser organizada de tal forma que essas áreas adjacentes tenham seus usos bem definidos e delimitados fisicamente, prevenindo possíveis acidentes (MOORE; GOLTSMAN; IACOFANO, 1997).

Contudo, a relação entre o entorno imediato à pracinha e a frequência e intensidade de uso da mesma necessita ser melhor examinada em distintos contextos socioculturais, incluindo a realidade dos conjuntos habitacionais de Porto Alegre, já que os estudos realizados até o momento têm privilegiado a América do Norte e outras partes do mundo (COOPER MARCUS; SARKISSIAN, 1986; COOPER MARCUS; FRANCIS, 1990).

Portanto, pretende-se neste estudo, **investigar a relação entre o entorno imediato à pracinha infantil e a sua frequência e intensidade de uso.**

2.6. ASPECTOS FÍSICO-ESPACIAIS DAS PRACINHAS INFANTIS

As variáveis associadas aos aspectos físico-espaciais das pracinhas infantis são apresentadas a seguir: adequação das dimensões das pracinhas infantis; qualidade dos equipamentos de brincar manufaturados ou naturais, e mobiliário; adequação da vegetação; e, por fim, a conformidade do cercamento das pracinhas em relação à presença de animais domésticos nas áreas com areia.

2.6.1 Adequação das dimensões das pracinhas infantis

As adequação das dimensões da pracinha infantil, em relação à quantidade de crianças usuárias e às atividades realizada por elas, tendem a reduzir possíveis transtornos no conjunto habitacional, como por exemplo o vandalismo (COOPER MARCUS; SARKISSIAN, 1986). A alta densidade de crianças nos espaços tende a gerar comportamentos negativos, tais como agressão, alteração de humor, redução dos tipos de brincadeiras e redução da

quantidade de atividades (OLIVEIRA, 2004). Inclusive, de acordo com Cooper Marcus e Sarkissian (1986), alguns estudos britânicos encontraram relação entre as taxas de vandalismo e o alto número de crianças moradoras nos conjuntos habitacionais sem um espaço adequado para brincar, que, segundo as autoras, seria de pelo menos 10m² de área de lazer infantil para cada 120 moradias. No entanto, não é especificada nesses estudos a densidade de crianças que esse espaço de 10m² comporta.

Para o dimensionamento de uma pracinha ser considerado adequado, o espaço deve ser condizente com as atividades das crianças em suas diferentes faixas etárias (OLIVEIRA, 2004). Por exemplo, o *Guide to Young Children's Outdoor Play Spaces – Vancouver* (Guia para espaços ao ar livre para crianças pequenas) recomenda uma relação de espaço ao ar livre de 10,6m² a 14m² por criança para as idades de 3 a 5 anos desempenharem diferentes atividades, inclusive as que exigem mais movimento, como correr.

Moore (1996), ao referir-se aos espaços ao ar livre em centros para atendimento de crianças com idade entre 2 e 5 anos, situados nos Estados Unidos e Canadá, definiu três dimensões de pátios baseadas na densidade de crianças usuárias: mínimos, recomendados e generosos. O primeiro tipo (mínimo) corresponde a uma área aproximada de 7,5 m² por criança, o segundo tipo (recomendado) corresponde a 10 m² por criança, e o último (generoso) corresponde a 20 m² por criança.

No Brasil, Fedrizzi (2006) conclui que os espaços devem ser flexíveis para poder proporcionar múltiplos acontecimentos. Em outras pesquisas, a mesma autora (FEDRIZZI, 1997a, 1997c) apontou que pátios escolares pequenos são áreas mais estressantes e a correria agressiva e o vandalismo são mais frequentes. Adicionalmente, outro estudo realizado no Brasil (ELALI, 2003), também com pátios escolares, indica que uma dimensão ideal estaria entre 1,25 m² e 5,0m² por criança. Ainda, a pesquisa identificou que crianças de 4 a 7 anos utilizam ao máximo o espaço aberto disponível, enquanto as menores (2 a 4 anos) ficam restritas a uma pequena área.

Logo, a adequação do tamanho das pracinhas infantis não tem sido o foco de estudos que investigam os espaços abertos na habitação popular no Brasil (REIS; LAY, 2010), assim, existe a necessidade de avaliação do dimensionamento das pracinhas infantis.

Portanto, com base nos dados apresentados, busca-se identificar a **percepção das crianças e dos acompanhantes sobre a adequação das dimensões das pracinhas em relação às crianças usuárias, a relação entre tal adequação, o estado de conservação da mesma e a sua intensidade de uso.**

2.6.2 Adequação dos equipamentos de brincar, a adequação do mobiliário e a distribuição de ambos no espaço físico

De um modo geral, as pracinhas infantis possuem equipamentos de brincar manufaturados tradicionais (Figura 2.1) tais como balanço, gangorra, escorregador, gira-gira e trepa-trepa, dispostos, geralmente, em uma área plana, coberta por concreto, grama ou terra (FJØRTOFT, 2004). Por vezes, podem haver elementos naturais que também servem de apoio às brincadeiras e atividades lúdicas, como desníveis do solo, pedras, vegetação, etc (FROST, 1985; MOORE, 1990). Contudo, é importante que o espaço comporte a quantidade adequada de equipamentos apropriados para todas as idades e para ambos os gêneros, evitando que um grupo não domine, ou danifique, o equipamento destinado a outros grupos (SARKISSIAN et al., 2013).

Em relação às funções, os equipamentos de brincar devem estar adequados às diferentes idades das crianças. A variedade adequada de equipamentos permite que as crianças possam testar suas habilidades motoras através de desafios (MOORE, 1990). Os desafios estão relacionados com a necessidade das crianças em atingir metas, que evidenciam suas realizações e indicam que elas estão melhorando suas habilidades no grupo (MOORE; GOLTSMAN; IACOFANO, 1997). Contudo, certos tipos de equipamentos têm sido associados a comportamentos específicos nas brincadeiras, mais do que outros (MAXWELL; MITCHELL; EVANS, 2008). O tipo de brincadeira funcional, ou unicamente física, parece ocorrer com mais frequência em pracinhas com equipamentos tradicionais enquanto que brincadeiras construtivas, ou de fantasia, tendem a acontecer em áreas sem equipamentos, como áreas de praças com apenas vegetação (FROST, 1992; HAYWARD; ROTHENBERG; BEASLEY, 1974).

Em relação à forma e materiais dos equipamentos, estudos sugerem equipar as pracinhas infantis com brinquedos diversificados, tanto manufaturados como naturais (BROWN; BURGER, 1984; HART; SHEEHAN, 1986; FARLEY et al., 2008), considerando que a variedade afeta as oportunidades de brincar e influencia o tempo de permanência na pracinha infantil (HAYWARD; ROTHENBERG; BEASLY, 1974).

Em relação à disposição dos equipamentos no espaço, a ABNT 16071 determina medidas e padrões de distanciamento entre eles, que permitem que cada equipamento seja usado pelas crianças de forma segura. No entanto, o fato das pracinhas possuírem equipamentos isolados uns dos outros torna as opções de brincadeiras e interação entre as crianças limitadas (MAXWELL; MITCHELL; EVANS, 2008). Além disso, quando a pracinha possui equipamentos multifuncionais, propicia que mais de uma criança use o equipamento ao

mesmo tempo, favorecendo a interação social e a probabilidade de brincadeiras de fantasia (MAXWELL; MITCHELL; EVANS, 2008). No que diz respeito à previsão de mobiliário, é fundamental que o espaço tenha bancos em quantidade suficiente para o descanso dos acompanhantes, e que a sua distribuição seja de maneira adequada, em áreas sombreadas no verão e ensolaradas no inverno, assim como a disponibilidade de bebedouro e latas de lixo (FEDRIZZI, 1999), caso contrário eles não serão usados.

Entretanto, apesar dos estudos e recomendações existentes, as atitudes e comportamentos das crianças e dos acompanhantes nem sempre são considerados na proposição das pracinhas infantis nas cidades brasileiras. Atitudes são os sentimentos, favoráveis ou desfavoráveis, em relação às características percebidas no ambiente (LAY, 1992), e o comportamento, por sua vez, implica em ação, em manifestação das atitudes (LAY, 1992; LAY; REIS, 1993; REIS; LAY, 1995). Logo, é necessário examinar, a partir de um diagnóstico, se as pracinhas infantis nos conjuntos habitacionais de Porto Alegre possuem equipamentos de brincar adequados às diferentes faixas etárias das crianças, bem como bancos adequados para os acompanhantes.

Portanto, este estudo tem como objetivo investigar a **percepção das crianças e dos acompanhantes sobre a adequação dos equipamentos de brincar, a adequação do mobiliário e a distribuição de ambos nas pracinhas infantis. Adicionalmente, investigar o que as crianças mais gostam e o que gostariam que existisse na pracinha infantil (equipamentos e/ou características físicas).**

2.6.3 Adequação da vegetação (tipos e distribuição) nas pracinhas infantis

A vegetação é um recurso que pode ser explorado de diversas formas no projeto dos espaços abertos. Utiliza-se a vegetação para condicionamento do solo, climático e ambiental, para criação de microclima e para proteção contra a erosão, bem como para evitar a poluição acústica, oferecer fragrâncias, delimitar e articular espaços, canalizar circulações, criar contrastes, dar variedade ambiental (cores e texturas), ou seja, para compor os espaços abertos (MORAES, 1996).

No entanto, o sombreamento é uma das funções mais importantes da vegetação nas pracinhas infantis, principalmente em locais com clima tropical e subtropical úmido. Esse último é o caso de Porto Alegre, e a sua principal finalidade é amenizar o rigor térmico do verão (MASCARÓ; MASCARÓ, 2002). Além disso, a sombra das árvores diminui a temperatura das superfícies, como bancos e equipamentos de brincar. Contudo, o

sombreamento da pracinha infantil deve ser equilibrado, ou seja, com sombra nas horas mais quentes do dia e sol nas horas mais frias. No inverno, a insolação da pracinha deve ser de pelo menos quatro horas. De acordo com o *Guide to Young Children's Outdoor Play Spaces – Vancouver*, esse equilíbrio térmico propicia que as crianças fiquem por mais tempo brincando na pracinha. Além disso, as pessoas percebem de maneira positiva locais com árvores de sombra para realizar atividades de contemplação e repouso (GETZ; KAROW; KIELBASO, 1979 apud MASCARÓ; MASCARÓ, 2002). Para os bebês, além do benefício da sombra, o barulho do vento balançando os galhos de uma árvore favorece o desenvolvimento auditivo (BEE; BOYD, 2011).

Outro recurso da vegetação importante para as crianças nas pracinhas infantis é o gramado. Além de ser um grande aliado nas atividades infantis, uma vez que estes, geralmente é usado pelas crianças para correr, sentar, esticar-se ou tomar sol (COOPER MARCUS; FRANCIS, 1990), serve também para amortecer quedas. Por outro lado, um aspecto negativo ligado a áreas gramadas refere-se à sua baixa resistência ao uso e aos elevados custos de manutenção (COOPER MARCUS; SARKISSIAN, 1986).

As flores, além de embelezar, estimulam o senso olfativo e visual das crianças, devido às suas diferentes texturas, cores, formas e aroma (BEE; BOYD, 2011). Pequenos arbustos, desde que não prejudiquem o controle visual dos pais, servem para criar ambientes internos acolhedores, pequenos esconderijos, onde as crianças possam se divertir (FEDRIZZI, 1999). Por fim, cabe evidenciar que as crianças percebem a vegetação nos espaços abertos de forma diferente dos adultos, e pode-se acrescentar que hoje, devido aos conhecimentos e vivências adquiridas nas escolas, as crianças tendem a ser mais conscientes no que diz respeito à importância da existência e cuidados com a natureza (CAMPOS; SARRIERA; SANTOS; BOMFIM; FEDRIZZI, 2014).

Todavia, embora estudos sobre a importância da vegetação nas áreas de lazer infantil possam ter se acumulado nos últimos anos, devido às várias pesquisas nacionais (FEDRIZZI, 1999; 2006; CAMPOS; SARRIERA; SANTOS; BOMFIM; FEDRIZZI, 2014) e internacionais (COOPER MARCUS; BARNES, 1999; MOORE; COSCO, 2010; BEE; BOYD, 2011), ainda há espaço e necessidade para compreender um conjunto de informações, dentre as quais, em relação à maneira como as crianças e os acompanhantes percebem a vegetação nas pracinhas dos conjuntos habitacionais de Porto Alegre. Além disso, existe a necessidade de fazer um diagnóstico para verificar se a vegetação existente nas pracinhas infantis está adequada, principalmente no que diz respeito à existência de áreas sombreadas.

Portanto, com base nos dados apresentados, busca-se, neste estudo, **investigar a**

percepção das crianças e dos acompanhantes em relação à adequação da vegetação (tipos e distribuição) existente nas pracinhas infantis.

2.6.4 Adequação de cercamento que impeça a presença de animais domésticos nas pracinhas infantis

A areia contida na pracinha infantil pode ser um importante foco de contaminação humana causada por parasitas, fungos ou bactérias, os quais são veiculados por fezes de animais que transitam livremente pela pracinha infantil, principalmente em regiões com baixos níveis socioeconômicos, onde costuma haver muitos cães e gatos abandonados, sem cuidado veterinário (RIBEIRO, 2004; PEDROSA et al., 2014).

De acordo com Mello (2010), a contaminação da areia faz com que áreas destinadas à recreação infantil sejam consideradas locais de risco à saúde, principalmente para crianças de um a cinco anos, pois são mais suscetíveis a contraírem doenças infecciosas devido ao contato direto com a areia contaminada, que pode ser ingerida acidentalmente.

Uma medida profilática seria o isolamento físico, através de telas, das áreas que possuem areia, impossibilitando, assim a entrada de animais. No entanto, não foram encontrados estudos que identificassem se as pracinhas infantis em conjuntos habitacionais possuem essa medida preventiva, tampouco se a comunidade local tem conhecimento sobre os perigos à saúde causados pela contaminação da areia por fezes de cães e gatos.

Logo, o objetivo é identificar se as pracinhas infantis dos conjuntos habitacionais investigados possuem cercamento adequado que impeça a entrada de cães e gatos. Também é objetivo investigar **se os acompanhantes têm conhecimento dos perigos aos quais as crianças estão expostas ao brincarem na areia contaminada por fezes de animais domésticos.**

2.7. DIFERENÇAS ENTRE FAIXAS ETÁRIAS E GÊNERO DAS CRIANÇAS

A diversidade e as diferenças em relação ao uso e ao comportamento das crianças nos espaços abertos são abordadas em vários estudos (BEE; BOYD, 2011; BJÖRKLID, 1985; BOURKE, T. M; SARGISSON, 2014, BROWN; BURGER, 1984; CUNNINGHAM; JONES, 1991; KARSTEN, 2003; VALENTINE; McKENDRICK, 1997). A diversidade não é constituída apenas pelo gênero, mas também pelas faixas etárias das crianças (HART, 1979). Contudo,

o período de término da infância pode ser compreendido de forma diferente nos diversos contextos socioculturais (COHN, 2005). A UNICEF, apoiada em questões legais de Direito (ONU, 1989), diz que criança é todo ser humano com menos de 18 anos. O Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) e Piaget (1987) baseados nas fases do desenvolvimento infantil, definem criança como toda pessoa com até 12 anos de idade. Portanto, com base nas definições de Piaget (1987) e do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), esta pesquisa irá considerar criança o indivíduo com até 12 anos, pois esse limite justifica-se por contemplar as principais fases do aprendizado e do desenvolvimento motor da criança (BEE; BOYD, 2011; PIAGET, 1987).

Com o objetivo de mencionar as diferenças de uso e comportamento é necessário, inicialmente, definir quais são as faixas etárias das crianças que são investigadas nesta pesquisa. Para isso é preciso: (i) identificar as atividades que podem ser realizadas pelas crianças nas pracinhas infantis, considerando as limitações e necessidades de cada idade; e (ii) relacionar as atividades com as características físicas das pracinhas infantis (Tabela 2.4). É necessário lembrar que, tanto as limitações como as necessidades, se alteram conforme os estágios de crescimento da criança. Por exemplo, a capacidade de raciocínio e desenvolvimento motor de uma criança de 3 anos é diferente da capacidade de uma criança acima de 6 anos, além do fato da criança de 3 anos ser fisicamente menor (HUDSON et al, 2007).

Portanto, para responder aos objetivos propostos pela pesquisa, são investigadas as seguintes faixas etárias das crianças: até 6 meses; de 6 até 24 meses; de 2 a 5 anos; e de 6 a 12 anos.

Quanto às diferenças em relação às faixas etárias, o comportamento das crianças pode ser percebido de forma bem clara nas áreas residenciais. As crianças com mais de 6 anos, por considerarem outros pontos de referência e orientação, passam a explorar outros ambientes, desenvolvendo autonomia (COOPER MARCUS; SARKISSIAN 1986). De acordo com Moore e Young (1980), a autonomia das crianças está relacionada às escalas de permissão concedidas (ou não) pelos pais ou responsáveis. O controle dos pais define condições e restrições sobre até onde a criança pode ir e por quanto tempo ela pode ficar fora de casa. Portanto, dentre as características da criança, a idade é a mais determinante para a autonomia da criança, pois à medida que a criança cresce, mais autonomia ela ganha. Em outras palavras, quanto mais idade tem a criança, mais liberdade ela tem para ir sozinha até a pracinha. Já, as crianças pequenas, entre dois e cinco anos, quando sozinhas, preferem brincar em espaços próximos às habitações sob a supervisão dos pais ou adultos conhecidos. Nas pracinhas, as crianças dessa faixa etária (2 a 5 anos) costumam ir sempre

com um acompanhante (COOPER MARCUS; SARKISSIAN 1986), principalmente por não terem capacidade para discernir sobre situações de perigo (VALENTINE; McKENDRICK, 1997). Os bebês, até 24 meses, necessitam estar acompanhados de um cuidador constantemente, em especial nessa fase, quando as brincadeiras são mais solitárias (BEE; BOYD, 2011).

Tabela 2.4: Relação das faixas etárias com as atividades e as principais características das pracinhas infantis.

FAIXAS ETÁRIAS DAS CRIANÇAS A SEREM CONSIDERADAS	ATIVIDADES REALIZADAS CONSIDERANDO AS LIMITAÇÕES FÍSICAS E NECESSIDADES DAS CRIANÇAS	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS DAS PRACINHAS INFANTIS PARA REALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES DAS CRIANÇAS
ATÉ 6 MESES Não identificou-se na literatura uma recomendação exata sobre o momento em que é permitido sair de casa com um recém-nascido.	Nesse estágio inicial dos bebês, acontecem conexões cerebrais importantes. As experiências acontecem em locais arborizados e tranquilos, com atividades simples, como sentir a sensação do vento no rosto, sentir o cheiro do verde, ouvir o barulho das folhas nas árvores e de outras crianças brincando ao longe (BEE; BOYD, 2011).	<ul style="list-style-type: none"> • áreas arborizadas, sombreadas (BEE; BOYD, 2011); • área plana para apoio do carrinho; • divisão do espaço em relação às crianças maiores, no entanto, essa separação deve permitir acesso visual/auditivo das crianças nos outros pontos da pracinha (HUDSON et al, 2007); • locais para descanso dos acompanhantes.
DE 6 MESES ATÉ 24 MESES	Exploração do ambiente engatinhando, caminhando ou simplesmente sentada na grama, areia ou terra. Nessa fase, a criança pode brincar com outras crianças ou apenas observá-las brincando (BEE; BOYD, 2011).	<ul style="list-style-type: none"> • áreas arborizadas, sombreadas (BEE; BOYD, 2011); • áreas para criança engatinhar; • plataformas baixas que possibilitem agarrar e/ou se apoiar (HUDSON et al, 2007); • áreas com várias texturas para manipular (COOPER MARCUS; SARKISSIAN, 1986); • divisão do espaço em relação às crianças maiores, no entanto, esta separação deve permitir acesso visual das crianças nos outros pontos da pracinha (HUDSON et al, 2007).
DE 2 A 5 ANOS	Nessa fase, a criança consegue correr, pular, escalar e, na maioria das vezes, utilizar os equipamentos sozinha (BEE; BOYD, 2011).	<ul style="list-style-type: none"> • caixas baixas com areia, água e materiais manipuláveis (COOPER MARCUS; SARKISSIAN, 1986); • caminhos para andar e utilizar triciclo com várias texturas (HUDSON et al, 2007); • equipamentos adequados à idade separados dos equipamentos para crianças acima de 6 anos (HUDSON et al, 2007); • locais para contemplação (COOPER MARCUS; SARKISSIAN, 1986).
DE 6 A 12 ANOS	As crianças dessa fase têm preferência por brincadeiras em grupo ou equipe e por ações desafiadoras (BEE; BOYD, 2011).	<ul style="list-style-type: none"> • equipamentos com corda, corrente, rotação e escalada (COOPER MARCUS; SARKISSIAN, 1986); • equipamentos de cooperação e socialização (COOPER MARCUS; SARKISSIAN, 1986); • espaços para correr e jogar bola (HUDSON et al, 2007); • locais para contemplação (COOPER MARCUS; SARKISSIAN, 1986).

Fonte: elaborada pela autora, 2015.

Em relação às diferenças quanto ao gênero, alguns estudos apontam que as meninas usam as pracinhas com menor frequência do que os meninos (CUNNINGHAM; JONES, 1991; HART, 1979). Karsten (2003), ao observar oito pracinhas infantis em Amsterdam verificou que o número de meninas correspondia a 1/3 do número de meninos, e essa relação vai diminuindo conforme a idade aumenta (superior a 10 anos). Karsten (2003) também observou que, muitas vezes, as meninas entre 10 e 12 anos, vão às pracinhas apenas com a função de cuidadoras ou para buscar os irmãos mais novos. Da mesma forma, Björklid (1985) estudou o comportamento de brincar das crianças ao ar livre e concluiu que meninos brincam mais frequentemente do que as meninas, exceto até os três anos. Além disso, o tempo de permanência ao ar livre dos meninos entre sete e doze anos é o dobro do tempo das meninas na mesma faixa etária (BJÖRKLID, 1985). A redução do número de meninas em pracinhas é agravada quando existem poucas opções de equipamentos de brincar ou esses estejam em más condições de conservação. Meninas tendem a ser mais críticas; para elas, a boa qualidade do espaço torna-se uma pré-condição para sair para brincar (KARTEN, 2003).

Outros estudos focam nas diferentes maneiras como meninas e meninos brincam: as atividades dos meninos mais frequentemente giram em torno de força física, da competição em esportes e organizam-se em grupos maiores (KARSTEN; PEL, 2000). De acordo com Björklid (1985), meninos e meninas tendem a usar os espaços abertos de maneira diferenciada desenvolvendo habilidades cognitivas diferentes. Os meninos preferem brincadeiras mais arriscadas, que envolvem corridas, escaladas ou equilíbrio em diferentes alturas, enquanto as meninas optam por ações mais seguras, como jogos em equipe ou brincar sentadas à sombra de uma árvore (BOURKE, 2014). Em contrapartida, verificou-se que, nos equipamentos de brincar, meninos e meninas tendem a enfrentar os mesmos riscos (BOURKE, 2014). Segundo Brett et al. (1993) os meninos preferem brincadeiras mais complexas e competitivas, estruturadas e com regras, enquanto as meninas preferem brincadeiras que envolvam relacionamentos interpessoais. Em relação à autonomia, Moore e Young (1980) constataram que meninos são mais autônomos do que meninas. Portanto, observa-se que as distinções de gênero parecem influenciar o comportamento das crianças (van ANDEL, 1985) e o desenvolvimento das habilidades sociais (BRETT; MOORE; PROVENZO, 1993). O gênero também tende a afetar as preferências e os padrões de lazer das crianças (KYTTÄ, 2004; KORPELA, 2002).

As semelhanças e diferenças entre gêneros e faixas etárias não serão tratadas como uma variável isolada, mas sua compreensão se faz necessária para analisar outras variáveis, que são influenciadas pela percepção das crianças, como a percepção de segurança.

2.8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo foram apresentadas as variáveis associadas aos aspectos locacionais e físico-espaciais das pracinhas infantis que justificam os objetivos da pesquisa, descritos a seguir:

- I. Investigar a relação entre os aspectos locacionais das pracinhas infantis e a adequação no uso por crianças e acompanhantes;
- II. Investigar a relação entre os aspectos físico-espaciais das pracinhas infantis e a adequação no uso por crianças e acompanhantes.

Esses objetivos fundamentam as seguintes relações a serem investigadas nesta pesquisa:

- a. **Relação entre o controle de acesso ao conjunto habitacional e às pracinhas e o estado de conservação das pracinhas infantis**
 - Identificação dos tipos de controle de acesso aos conjuntos habitacionais e às pracinhas infantis
 - Avaliação do estado de conservação das pracinhas infantis
 - Adequação de cercamento que evite a presença de animais domésticos nas áreas com areia das pracinhas infantis
- b. **Relação entre o controle de acesso ao conjunto habitacional e às pracinhas e a percepção de segurança quanto a crimes nas pracinhas infantis**
 - Percepção em relação à segurança quanto a crimes nas pracinhas infantis (comparação entre as avaliações das crianças e dos acompanhantes)
- c. **Relação entre a percepção de segurança e a frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis**
 - Identificação da frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis
- d. **Relação entre adequação dos caminhos de acesso às pracinhas a partir das moradias e a frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis**
 - Adequação dos caminhos de acesso às pracinhas infantis a partir das moradias
- e. **Relação entre a localização das pracinhas nos conjuntos habitacionais e a frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis**
 - Adequação da localização das pracinhas infantis nos conjuntos habitacionais

- Avaliação das distâncias que as crianças e acompanhantes percorrem para chegar caminhando até as pracinhas infantis (comparação entre as avaliações das crianças e dos acompanhantes)
- f. Relação entre os níveis de conexão visual entre as moradias e as pracinhas e o estado de conservação e a frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis**
- Níveis de conexão visual entre as moradias e as pracinhas infantis
- g. Relação entre o entorno imediato à pracinha e a frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis**
- h. Nível geral de satisfação das crianças e dos acompanhantes com as pracinhas infantis**
- i. Adequação do tamanho das pracinhas infantis em relação à quantidade de crianças usuárias**
- Relação entre a adequação das dimensões da pracinha infantil e o estado de conservação da mesma
 - Relação entre a adequação das dimensões da pracinha infantil e a intensidade de uso da mesma
- j. Adequação dos equipamentos de brincar**
- Caracterização do que as crianças mais gostam nas pracinhas infantis
 - Caracterização do que as crianças gostariam que existisse nas pracinhas infantis
- k. Adequação dos bancos existente nas pracinhas infantis**
- l. Adequação da vegetação existente nas pracinhas infantis**
- m. Adequação de cercamento adequado que impeça a entrada de animais domésticos nas pracinhas infantis**

No próximo capítulo serão apresentados a estrutura metodológica e os procedimentos empíricos adotados na pesquisa, o objeto de estudo escolhido, bem como os métodos de coleta e análise de dados.

CAPÍTULO 3: METODOLOGIA

3.1. INTRODUÇÃO

Neste capítulo são apresentados os aspectos relativos aos métodos e instrumentos de pesquisa, fundamentados no campo de estudo ambiente e comportamento e adotados para que fosse possível atingir os objetivos propostos por este estudo. Inicialmente, é apresentado o objeto de estudo, as pracinhas infantis, elencando os critérios que determinaram suas escolhas. Após, são descritos os métodos de coleta de dados e expostos os métodos e instrumentos utilizados para análise dos dados. Por fim, é relatado os principais aspectos relacionados ao trabalho de campo.

3.2 SELEÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

As pracinhas infantis investigadas pertencem a conjuntos habitacionais localizados na cidade de Porto Alegre (RS). Tais conjuntos foram construídos na cidade com o objetivo de amenizar o problema do déficit habitacional da população de baixa renda (LAY; OLIVEIRA, 2007). Sabe-se que muitos desses conjuntos habitacionais estão situados nas periferias, em zonas mais afastadas das áreas centrais e dos espaços públicos, como praças e parques (ALMEIDA, 1985). Soma-se a isto o fato de que as opções de lazer ao ar livre nessas regiões são inexistentes ou, quando existem, muitas vezes encontram-se em estado de total abandono (LAY; OLIVEIRA, 2007). As comunidades que habitam esses conjuntos habitacionais são constituídas por trabalhadores de baixa renda e muitos desempregados, os quais enfrentam, por sua condição social, dificuldade de deslocar-se para outras áreas da cidade (SCHMIDT; LAY; OLIVEIRA; HORTA, 2007) em busca de atividades recreativas.

3.2.1 Critérios para seleção das pracinhas infantis

Para a seleção das pracinhas infantis, inicialmente, foi realizado um levantamento de 156 conjuntos habitacionais viabilizados pelo DEMHAB (Departamento Municipal de Habitação de Porto Alegre), COHAB (Companhia de Habitação do Estado do Rio Grande do Sul) e também empreendimentos particulares que foram financiados por órgãos governamentais (Apêndice A). Desse levantamento inicial, foram pré-selecionados, com auxílio de imagens

do *Google Earth*, 36 conjuntos habitacionais com pelo menos uma pracinha infantil e localizados em distintas zonas da cidade, conforme mostra a Figura 3.1. Os conjuntos sem pracinha foram desconsiderados.

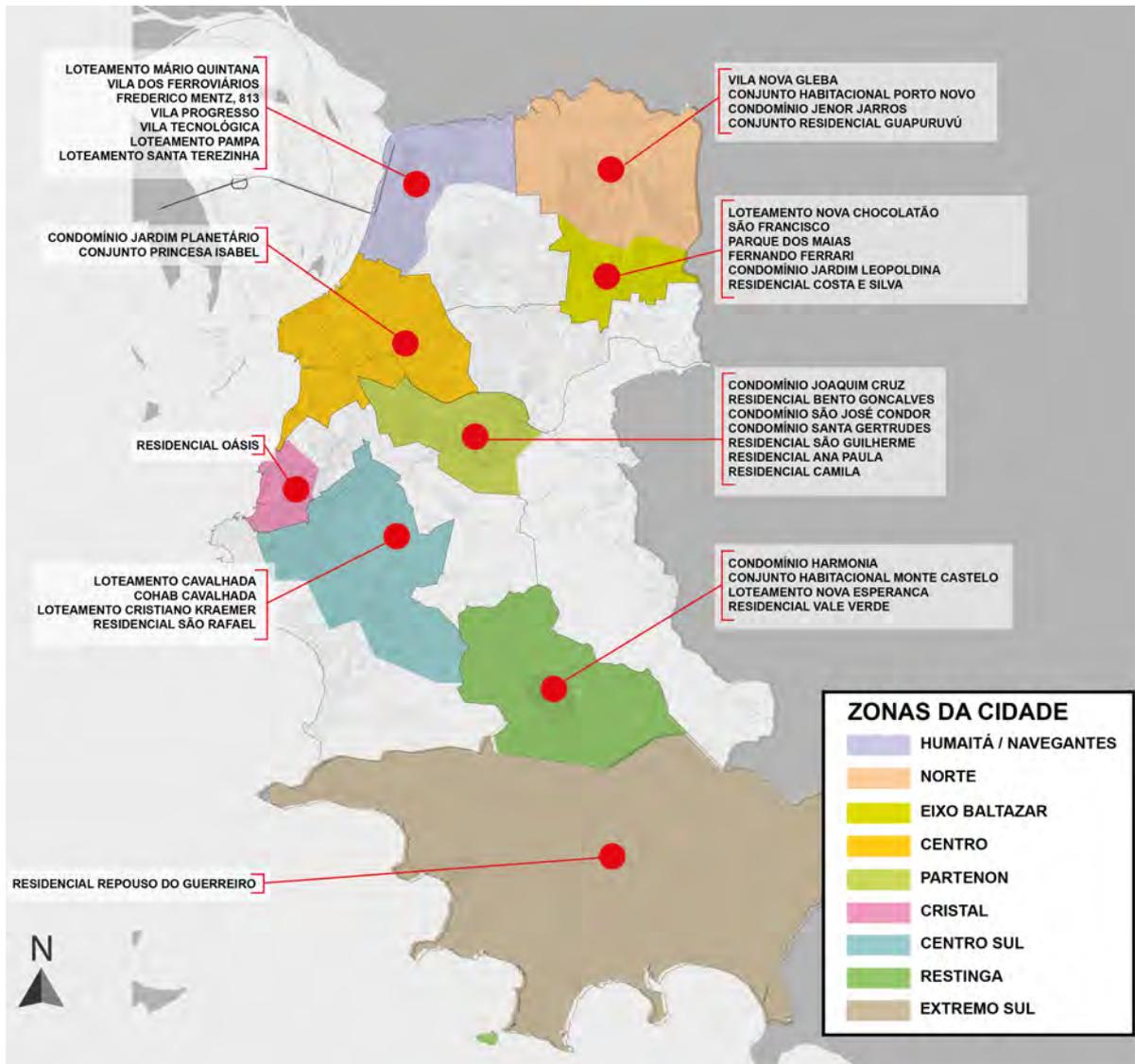


Figura 3.1: Localização dos 36 conjuntos habitacionais em Porto Alegre

As tipologias dos conjuntos habitacionais pré-selecionados variam entre casas, sobrados e blocos de apartamentos. Alguns dos conjuntos possuem cercamento, como muro ou cerca, outros não possuem nenhuma barreira física. O número de moradias varia bastante, alguns conjuntos possuem alta densidade, geralmente formados por casas e blocos, e outros possuem baixa densidade, como aqueles com sobrados.

Considerando a realidade dos conjuntos habitacionais identificados em Porto Alegre e os objetivos da pesquisa, a amostra final contemplou oito pracinhas infantis em seis conjuntos habitacionais (Figura 3.2), com base nos seguintes critérios:

- ter pelo menos uma pracinha infantil localizada em um conjunto habitacional com cercamento;
- ter pelo menos uma pracinha infantil localizada em um conjunto habitacional sem cercamento;
- ter pelo menos uma pracinha infantil com cercamento;
- ter pelo menos uma pracinha infantil sem cercamento;
- os conjuntos habitacionais devem ser diferentes entre si no que diz respeito às características dos caminhos entre as moradias e às pracinhas infantis (largura das calçadas; com e sem rua com tráfego de veículos; com e sem existência de obstáculos nas calçadas; diferentes distâncias entre as moradias e as pracinhas);
- ter pracinhas infantis com diferentes localizações (posição) em relação ao contexto dos conjuntos habitacionais;
- conjuntos com diferentes níveis de conexão visual entre as moradias e as pracinhas;
- pracinhas infantis com diferentes combinações de uso do seu entorno imediato (como por exemplo, moradias, estacionamento, praça, quadra esportiva, etc...);
- pracinhas infantis com equipamentos de brincar.

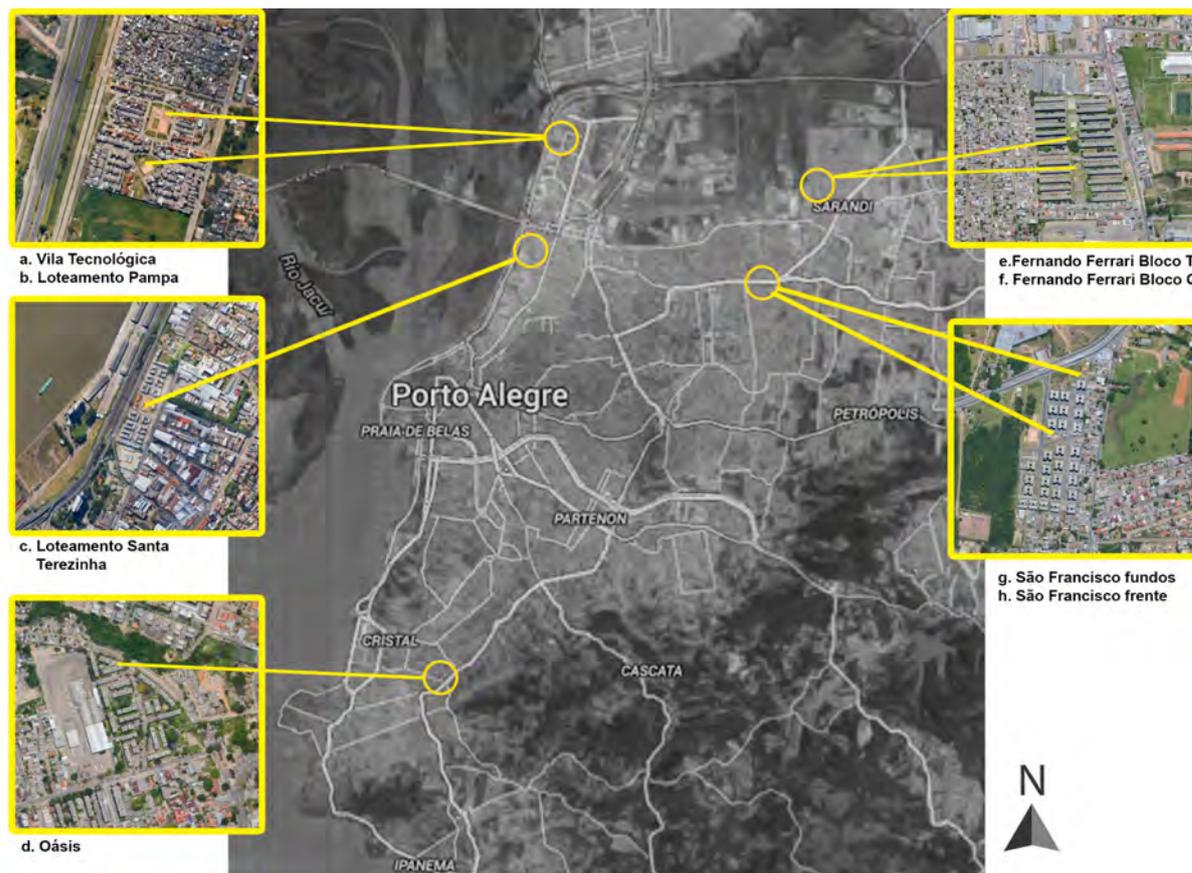


Figura 3.2: Pracinhas infantis selecionadas para a amostra final

3.2.1.1 Pracinha Vila Tecnológica

O conjunto Vila Tecnológica foi construído pelo DEMHAB para receber moradores de áreas irregulares (DEMHAB, 2009) e está situado no bairro Humaitá, entre as ruas Frederico Mentz e Voluntários da Pátria (Figura 3.3). O conjunto é formado por casas térreas e sobrados (Figuras 3.4 e 3.5) e foi entregue no ano de 2005. A pracinha infantil está localizada na parte central do conjunto, junto à praça com quadra esportiva (Figura 3.6) e áreas para descanso com bancos e mesas (Tabela 3.1). A área da pracinha está delimitada por uma mureta de pedra com 50 centímetros de altura. Os equipamentos de brincar dispostos na pracinha são: escorregador com caixa de areia, gangorra (removida), trepa-trepa, balanço tradicional, balanço cadeirinha e balanço vai e vem (Figura 3.7).

A praça é contornada por ruas pavimentadas com pouco fluxo de veículos. O entorno da pracinha, além da praça, é composto por moradias, edificações com pequenos comércios e serviços, como bar, minimercado e salão de beleza (Tabela 3.1).



Figura 3.3: Localização da pracinha infantil Vila Tecnológica

Tabela 3.1: Características do conjunto e da pracinha infantil Vila Tecnológica

Número de moradias	Cercamento no conjunto habitacional	Cercamento na pracinha infantil	Entorno imediato da pracinha infantil
152	Inexistente	Inexistente	<ul style="list-style-type: none"> • moradias (casas e sobrados) • praça com quadra esportiva • ruas com tráfego de veículos • edificações com pequenos comércios



Figura 3.4: Casa térrea na Vila Tecnológica



Figura 3.5: Sobrado na Vila Tecnológica



Figura 3.6: Quadra esportiva na Vila Tecnológica



Figura 3.7: Equipamentos da pracinha infantil Vila Tecnológica

3.2.1.2 Pracinha Infantil Loteamento Pampa

O Loteamento Pampa também se situa no bairro Humaitá e faz divisa com a Vila Tecnológica, entre as ruas Frederico Mentz e Voluntários da Pátria (Figura 3.8). O conjunto, formado por casas térreas e sobrados (Figura 3.9), foi construído pelo DEMHAB para receber moradores de áreas irregulares (DEMHAB, 2009) e foi entregue no ano de 1995. A pracinha infantil está localizada na parte central do conjunto, junto à praça (Figura 3.8), a qual também possui uma quadra esportiva (Figura 3.10) e áreas para descanso (Tabela 3.2). A praça é contornada por ruas pavimentadas com pouco fluxo de veículos. O entorno da pracinha, além da praça, é composto por moradias, edificações com pequenos comércios e serviços, como bar, minimercado e salão de beleza. Ainda, no entorno próximo, na Rua 627, situa-se a creche comunitária (Figura 3.11), que atende crianças de zero a 12 anos e a cooperativa de reciclagem dos moradores (Figura 3.12) (Tabela 3.2). A pracinha não possui nenhuma delimitação física da sua área e seus equipamentos de brincar são: escorregador sem caixa de areia, gangorra, trepa-trepa, balanço tradicional, balanço cadeirinha e balanço vai e vem (Figura 3.13).



Figura 3.8: Localização da pracinha infantil Loteamento Pampa

Tabela 3.2: Características do conjunto e da pracinha infantil Loteamento Pampa

Número de moradias	Cercamento no conjunto habitacional	Cercamento na pracinha infantil	Entorno imediato da pracinha infantil
276	Inexistente	Inexistente	<ul style="list-style-type: none"> • moradias (casas e sobrados) • praça com quadra esportiva • ruas com tráfego de veículos • edificações com serviços e pequenos comércios • creche comunitária 0 a 12 anos • cooperativa dos moradores

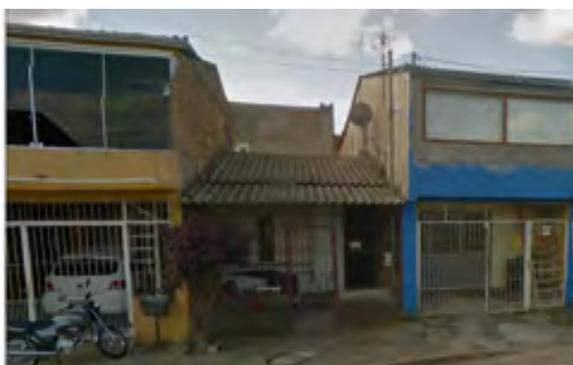


Figura 3.9: Moradia no Loteamento Pampa



Figura 3.10: Quadra esportiva do Loteamento Pampa



Figura 3.11: Creche comunitária 0 a 12 anos do Loteamento Pampa



Figura 3.12: Cooperativa dos moradores do Loteamento Pampa



Figura 3.13: Equipamentos da pracinha infantil Loteamento Pampa

3.2.1.3 Pracinha infantil Loteamento Santa Terezinha

O Loteamento Santa Terezinha, empreendimento do DEMHAB para receber moradores de áreas irregulares (DEMHAB, 2009), situa-se no bairro Marcílio Dias, na Rua Voluntários da Pátria (Figura 3.14), próximo à área central da cidade. O conjunto habitacional é formado por casas térreas e sobrados (Figura 3.15) e foi entregue no ano de 2006. A pracinha infantil está localizada na parte central do conjunto, junto à praça, que também possui uma quadra esportiva (Figura 3.16) (Tabela 3.3).

O seu entorno imediato é formado basicamente por moradias e pelas duas creches que atendem as crianças da comunidade (Figuras 3.17 e 3.18). Embora a praça seja contornada por ruas pavimentadas, o fluxo de veículos é quase inexistente. Em contrapartida, a praça fica a poucos metros da Rua Voluntários da Pátria, que possui um intenso movimento de veículos, inclusive de veículos pesados, como ônibus e caminhões (Tabela 3.3). Destaca-se ainda, o fato da Rua Voluntários da Pátria abrigar uma grande quantidade de moradores de rua. A região onde está localizado o conjunto habitacional é também frequentemente utilizada como local de uso de drogas e prostituição.

A área da pracinha infantil está delimitada por uma mureta de pedras com 60 centímetros de altura e possui escorregador (removido) com caixa de areia, gangorra, trepa-trepa, balanço tradicional e balanço cadeirinha (Figura 4.19).

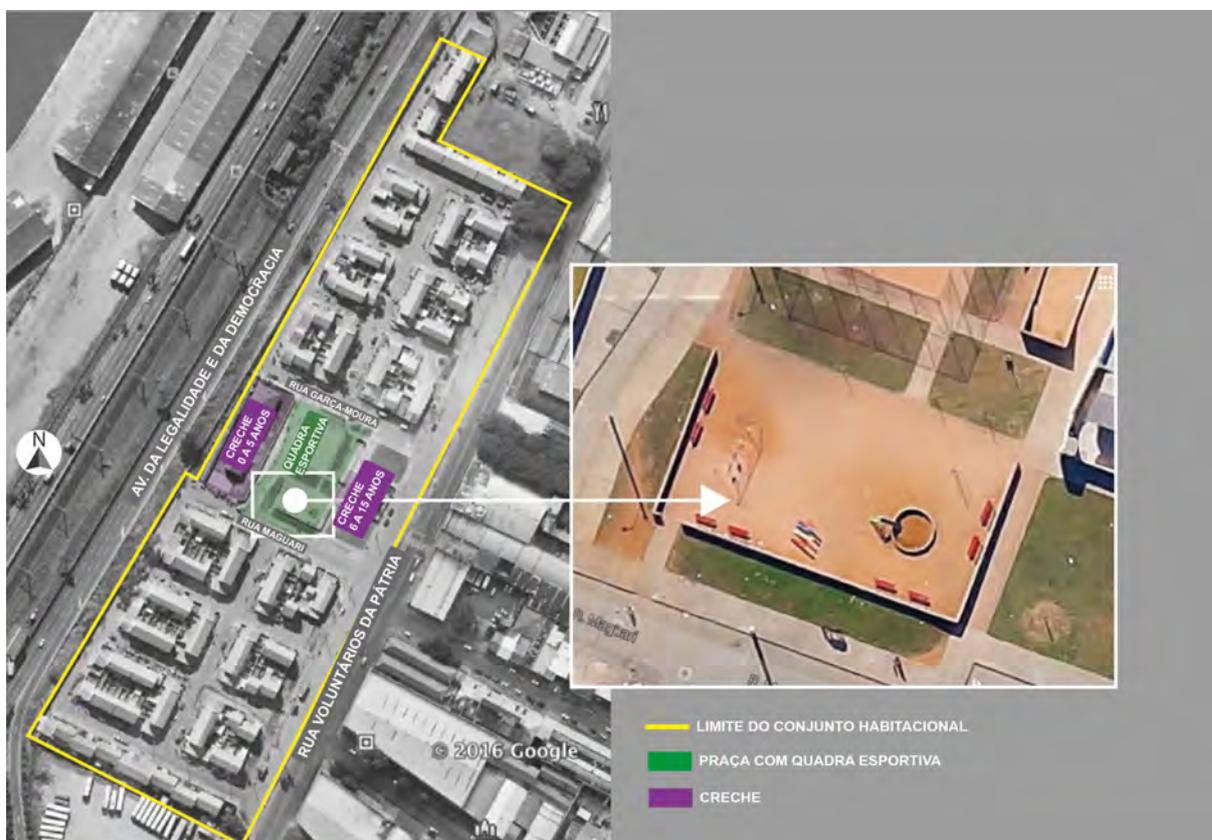


Figura 3.14: Localização da pracinha infantil Loteamento Santa Terezinha

Tabela 3.3: Características do conjunto e da pracinha Loteamento Santa Terezinha

Número moradias	Cercamento no conjunto habitacional	Cercamento na pracinha infantil	Entorno imediato da pracinha infantil
227	Inexistente	Inexistente	<ul style="list-style-type: none"> • moradias (casas e sobrados) • ruas com tráfego de veículos • creche comunitária 0 a 5 anos e 6 a 15 anos



Figura 3.15: Moradia no Loteamento Santa Terezinha



Figura 3.16: Quadra esportiva do Loteamento Santa Terezinha



Figura 3.17: Creche comunitária de 0 a 5 anos do Loteamento Santa Terezinha



Figura 3.18: Creche comunitária de 6 a 15 anos do Loteamento Santa Terezinha



a) escorregador (removido)



b) gangorra



c) balanço convencional e cadeirinha



d) trepa-trepa

Figura 3.19: Equipamentos da pracinha infantil Loteamento Santa Terezinha

3.2.1.4 Pracinha infantil Oásis

O Residencial Oásis localiza-se na zona sul da cidade, no bairro Cristal, na Rua Padre Ângelo Corso, próximo à Rua Coronel Massot (Figura 3.20). O conjunto foi idealizado pela Habitasul Crédito Imobiliário, entregue no ano de 1981 e é formado por blocos de apartamentos (Figura 3.21). Cada bloco possui quatro andares e não possui elevador. A pracinha infantil fica próxima ao muro que circunda o conjunto habitacional e faz divisa com uma ocupação irregular. Próximo ao conjunto habitacional existe uma praça pública, que, no entanto, praticamente não é utilizada pelos moradores por ser considerada muito perigosa devido à presença frequente de usuários de drogas (Tabela 3.4).

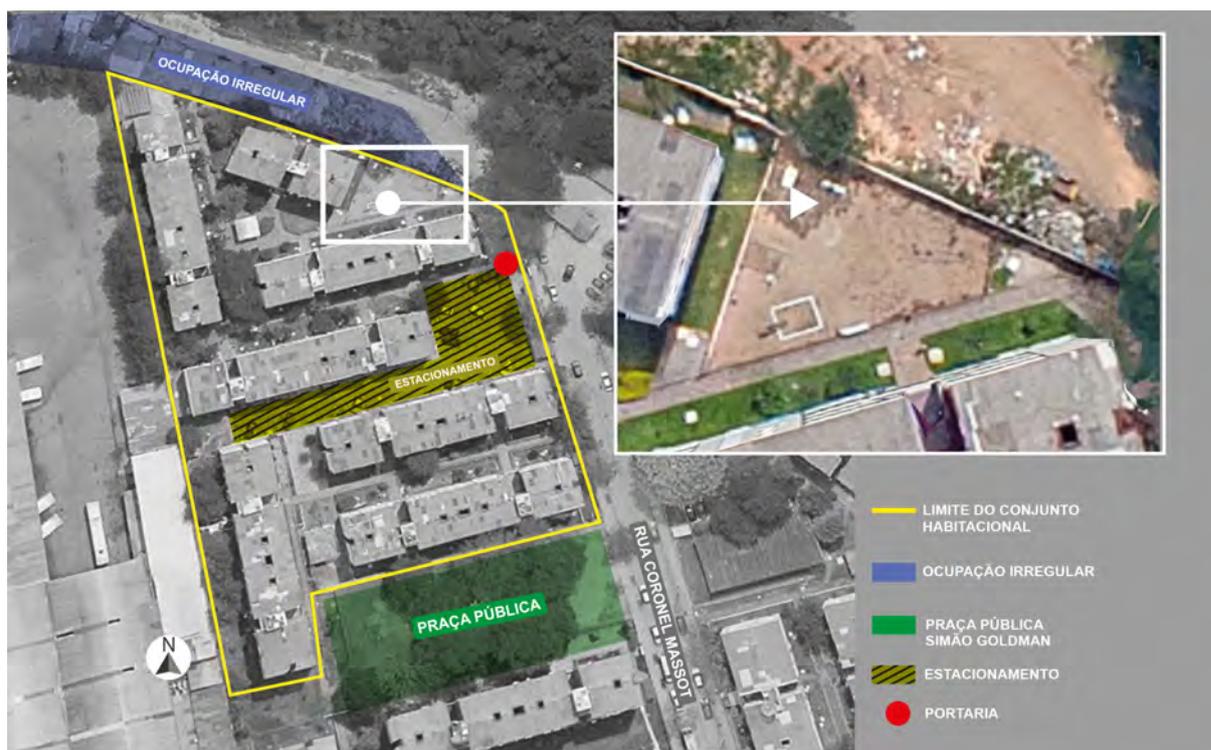


Figura 3.20: Localização da pracinha infantil Oásis

A pracinha é circundada por grades e possui um portão que fica fechado à noite, das 19h30min às 9h e das 12h às 14h (ver 4.2.1.2). A chave do portão e o controle do horário de abertura e fechamento é responsabilidade do vigia que fica na portaria. Os equipamentos de brincar que a pracinha possui são: escorregador com caixa de areia, trepa-trepa, gira-gira (removido), balanço tradicional e balanço cadeirinha (Figura 3.22).

Tabela 3.4: Características do conjunto e da pracinha infantil Oásis

Número moradias	Cercamento no conjunto habitacional	Cercamento na pracinha infantil	Entorno imediato da pracinha infantil
223	Existente	Existente	<ul style="list-style-type: none"> • moradias (blocos de apartamento) • muro junto a uma ocupação irregular



Figura 3.21: Blocos de apartamento Oásis



Figura 3.22: Equipamentos da pracinha infantil Oásis

3.2.1.5 Pracinhas infantis São Francisco frente e São Francisco fundos

O Residencial São Francisco localiza-se no bairro Jardim Dona Leopoldina, próximo à Avenida Baltazar de Oliveira Garcia, na Rua José Miguel da Conceição (Figura 3.23). O conjunto foi construído pelo DEMHAB (DEMHAB, 2009), entregue no ano de 2000 e é formado por blocos de apartamentos (Figura 3.24). Cada bloco possui cinco andares e não possui elevador. O conjunto habitacional possui duas pracinhas infantis, uma na entrada do conjunto, denominada nesta pesquisa como São Francisco frente, junto ao salão de festas (Figura 3.25), estacionamento e portaria, e a outra nos fundos do conjunto, denominada São Francisco fundos. Nos fundos do conjunto existe um terreno baldio e também a Escola Estadual de Ensino Fundamental Eng. Rodolfo Ahrons (Estrada Antônio Severino) (Figura 3.26). Em frente à essa escola há uma grande ocupação irregular. No entorno do conjunto habitacional existe uma praça pública (Rua Paulo Renato Ketzer de Souza), que é usada esporadicamente pelos moradores (Figura 3.27) (Tabela 3.5).

A pracinha São Francisco frente possui uma casinha multifuncional, trepa-trepa e gangorra (Figura 3.28). A pracinha fundos possui apenas escorregador sem caixa de areia e um trepa-trepa (Figura 3.29).



Figura 3.23: Localização das pracinhas São Francisco frente e fundos

Tabela 3.5 - Características do conjunto e das pracinhas infantis São Francisco frente e fundos

Número moradias	Cercamento no conjunto habitacional	Cercamento nas pracinhas infantis	Entorno imediato das pracinhas infantis
280	Existente	Inexistente	<p><u>PRACINHA FRENTE</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • moradias • estacionamento • portaria <p><u>PRACINHA FUNDOS</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • moradias • muro junto a um terreno baldio e escola



Figura 3.24: Blocos de apartamento São Francisco



Figura 3.25: Salão de festas



Figura 3.26: Muro junto a Escola Eng. Rodolfo Ahrons



Figura 3.27: Praça pública



a) gangorra



b) trepa-trepa



c) multifuncional

Figura 3.28: Equipamentos da pracinha infantil São Francisco frente



a) trepa-trepa



b) escorregador

Figura 3.29: Equipamentos da pracinha infantil São Francisco fundos

3.2.1.6 Pracinhas infantis Fernando Ferrari Bloco T e Fernando Ferrari Bloco Q

O Conjunto Residencial Fernando Ferrari localiza-se no bairro Rubem Berta, na Rua dos Maias (Figura 3.30). Formado por blocos de apartamentos, o conjunto habitacional foi construído pela Habitasul Crédito Imobiliário e foi entregue no ano de 1987 (SEVERO, 2006) para atender a classe média baixa que buscava, através da moradia na periferia, um preço menor para aquisição da casa própria. Ao todo, são 24 blocos identificados por letra, e cada

bloco possui quatro andares sem elevador (Figura 3.31). O conjunto habitacional possui duas pracinhas infantis localizadas no seu eixo central, denominadas nesta pesquisa como Fernando Ferrari Bloco T e Fernando Ferrari Bloco Q.

A pracinha Fernando Ferrari Bloco T (localizada em frente ao bloco T) fica entre um quiosque e uma área de convivência com gramado e piso de concreto; próxima a duas quadras esportivas (Figura 3.32). A Bloco Q (localizada em frente ao bloco Q), fica junto a churrasqueira e a uma quadra esportiva (Figura 3.33). As duas pracinhas estão separadas pela Rua dos Blocos (Figura 3.30), por onde existe tráfego médio de veículos (Tabela 3.6). Além das duas pracinhas infantis, quadras de esporte, quiosque e churrasqueira, toda a extensão do eixo central do conjunto tem áreas de convivência com gramado e piso de concreto (Figura 3.30 e 3.34) (Tabela 3.6).

A pracinha Bloco Q possui uma casinha multifunção, trepa-trepa, gira-gira (removido) e gangorra (Figura 3.35). A bloco T possui trepa-trepa, escorregador com caixa de areia, gira-gira, balanço cadeirinha, balanço tradicional e balanço cavalinho (Figura 3.36).



Figura 3.30: Localização das pracinhas infantis Fernando Ferrari Bloco T e Bloco Q

Tabela 3.6: Características do conjunto e das pracinhas infantis Fernando Ferrari Bloco T e Bloco Q

Número moradias	Cercamento no conjunto habitacional	Cercamento nas pracinhas infantis	Entorno imediato das pracinhas infantis
1.232	Existente	Existente	<p><u>PRACINHA BLOCO T</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • moradias • quadra esportiva • quiosque • rua com tráfego de veículos <p><u>PRACINHA BLOCO Q</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • moradias • quadra esportiva • rua com tráfego de veículos

**Figura 3.31:** Blocos de apartamento Fernando Ferrari**Figura 3.32:** Quadras esportivas próximas à pracinha Bloco T**Figura 3.33:** Quadra esportiva próxima à pracinha Bloco Q**Figura 3.34:** Área de convivência com gramado e piso de concreto

a) trepa-trepa, multifuncional e gangorra

Figura 3.35: Equipamentos da pracinha infantil Fernando Ferrari Bloco Q



Figura 3.36: Equipamentos da pracinha infantil Fernando Ferrari Bloco T

3.3. MÉTODOS DE COLETA DE DADOS

Para alcançar os objetivos propostos, descritos no Capítulo 2, utilizaram-se, basicamente, métodos e técnicas de coletas de dados que fazem parte da área de estudo Ambiente-Comportamento, que visa a avaliar o ambiente construído através da percepção e avaliação do usuário (REIS; LAY, 1995a). A fim de aumentar a validade dos resultados, a confiabilidade e qualidade da pesquisa (REIS; LAY, 1995a) foram utilizados múltiplos métodos, quantitativos e qualitativos. Os quantitativos, tais como questionários, possibilitaram a generalização dos resultados, determinando a confiabilidade das medidas adotadas, pois investigam uma maior variedade de fenômenos; os qualitativos determinaram a validade da investigação, uma vez que possibilitam uma maior verticalização dos dados, ou seja, um aprofundamento das questões, esclarecendo eventuais dúvidas através da interação entre o participante e o pesquisador, como no caso de entrevistas. Os métodos e técnicas utilizadas podem ser divididos em dois grupos: (1) levantamento de arquivo - dados coletados junto à Prefeitura Municipal de Porto Alegre (SPM - Secretaria do Planejamento Municipal, DEMHAB - Departamento Municipal de Habitação e SMOV - Secretaria Municipal de Obras e Viação); e (2) levantamento de campo - dados coletados através de entrevistas, questionários, observações de comportamento; e observações e registros das características físicas.

3.3.1. Levantamento de arquivo

Através da Prefeitura Municipal de Porto Alegre (SPM - Secretaria do Planejamento Municipal, DEMHAB - Departamento Municipal de Habitação e SMOV - Secretaria Municipal de Obras e Viação), foram obtidas informações relativas à data de entrega dos empreendimentos e número de moradias.

3.3.2. Levantamento de campo

3.3.2.1. Entrevistas

As entrevistas são eficazes para compreender as atitudes, percepções e o nível de satisfação dos usuários, e caracterizam-se pelo contato direto entre o entrevistado e entrevistador durante o processo de questionamento (REIS; LAY, 1995). Para responder aos objetivos, as entrevistas foram realizadas com crianças de 6 a 12 anos. Essa faixa etária foi definida com base em metodologias utilizadas em diversos estudos que investigam o comportamento de crianças em áreas de lazer ao ar livre (Tabela 3.7). Além disso, é a partir dos 6 anos que as crianças passam a ter capacidades cognitivas e de linguagem para serem entrevistadas (DOCHERTY; SANDELOWSKI, 1999). As crianças da faixa etária de 2 a 5 anos não foram entrevistadas, pois elas têm dificuldade para responder perguntas sobre si mesmas, prejudicando a confiabilidade dos resultados (MAUTHNER, 1997).

Tabela 3.7: Estudos que investigam o comportamento de crianças em áreas de lazer

Autores	Estudos	Idade	Método utilizado
FERNANDES, 2006	Crianças no pátio escolar: a utilização dos espaços e comportamento infantil no recreio.	3 a 6	Observação de comportamento
FJØRTOFT, 2004	Os efeitos de ambientes naturais em playgrounds e o desenvolvimento motor infantil.	5 a 7	Observação de comportamento
MITCHELL, 2003	Estudo sobre os efeitos de "Peças soltas" sobre o comportamento durante as brincadeiras e a interação social das crianças em ambiente escolar.	4 a 5	Observação de comportamento
MAXWELL; MITCHELL; EVANS, 2008	Estudo realizado em Nova Iorque sobre a forma como as crianças utilizam os equipamentos de recreação em áreas de lazer ao ar livre. Investiga a influência das características dos equipamentos e dos materiais no comportamento infantil.	3 a 5	Observação de comportamento
MOORE; YOUNG; 1980	Estudo realizado em São Francisco, Califórnia, sobre as preferências e comportamento infantil em áreas de lazer ao ar livre em áreas residenciais.	5 a 12	Observação de comportamento, mapa mental e entrevista
(Continua)			

(Conclusão)			
HAYWARD; ROTHENBERG; BEASLEY, 1974	Estudo realizado em Nova Iorque, sobre as preferências e comportamento infantil em espaços de lazer ao ar livre em áreas residenciais.	3 a 5	Observação de comportamento
		5 a 12	Observação de comportamento e entrevista
BOURKE; SARGISSON, 2014	Estudo realizado em uma área residencial no norte da Nova Zelândia, sobre as preferências e comportamento infantil em espaços de lazer ao ar livre.	até 14	Observação de comportamento
MOORE, ASLA, 2010	Estudo realizado em três bairros de Londres, com objetivo de investigar efeito da densidade urbana Densidade e dimensões físicas no desenvolvimento das crianças.	8 a 12	Questionário e mapas mentais
ELALI, 2003	Pesquisa realizada em escolar em Natal (RN) sobre o comportamento e percepções das crianças no ambiente escolar.	5 a 7	Observação de comportamento, entrevista e mapa mental
MOORE, 1986	Investiga as percepções, preferências e atitudes das crianças nos espaços abertos.	5 a 9	Observação de comportamento e entrevista
MOORE, 1974	Investiga o comportamento de crianças em espaços de lazer em áreas residenciais.	4 a 15	Observação de comportamento
PEZANOU, 1976	Investigar o ambiente construído a partir do ponto de vista das crianças.	8	Observação de comportamento e mapa mental
BJÖRKLID, 2006	Investiga a percepção das crianças de ambientes ao ar livre.	11 a 12	Entrevista
CHATTERJEE, 2006	Investiga o papel das ruas e espaços abertos em bairros residenciais de habitação de baixa renda.	11 a 12	Entrevista
BARBEY, 1974	Investiga a interpretação que as crianças têm de casa ideal.	8 a 14	Desenhos
FEDRIZZI, 1997	Investiga o comportamento infantil em pátios escolares.	7 a 10	Entrevista e observação

Fonte: Elaborada pela autora

Considerando a amostra total, foram entrevistadas 140 crianças de 6 a 12 anos (Tabela 3.8), sendo 47,9% (67 de 140) meninas e 52,1% (73 de 140) meninos (Tabela 3.9). Os acompanhantes (140) também foram entrevistados para esclarecer eventuais distorções de interpretação nas respostas das crianças.

Tabela 3.8: Tamanho da amostra de crianças e acompanhantes entrevistados

PRACINHAS INFANTIS	ENTREVISTADOS			Acompanhantes
	Crianças (6 a 12 anos)			
	Na pracinha ou entorno próximo	Na creche	Total de crianças	
Vila Tecnológica	20 (16,9)	10 (45,4)	30 (21,4)	30 (21,4)
Loteamento Pampa	18 (15,3)	6 (27,3)	24 (17,2)	24 (17,2)
Loteamento Santa Terezinha	16 (13,6)	6 (27,3)	22 (15,7)	22 (15,7)
Oásis	20 (16,9)	0	20 (14,3)	20 (14,3)
Fernando Ferrari Bloco T	23 (19,5)	0	23 (16,4)	23 (16,4)
Fernando Ferrari Bloco Q				
São Francisco frente	21 (17,8)	0	21 (15)	21 (15)
São Francisco fundos				
TOTAL	118 (84,3)	22 (15,7)	140 (100)	140 (100)

Nota: Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais em relação à quantidade de crianças e acompanhantes entrevistados.

As entrevistas foram realizadas nas próprias pracinhas infantis e também nas creches conveniadas que estão localizadas dentro dos conjuntos habitacionais.

Tabela 3.9: Gênero das crianças entrevistadas

PRACINHAS INFANTIS	MENINA	MENINO	TOTAL
Vila Tecnológica	14 (46,7)	16 (53,3)	30 (21,4)
Loteamento Pampa	11 (45,8)	13 (54,2)	24 (17,2)
Loteamento Santa Terezinha	12 (54,5)	10 (45,5)	22 (15,7)
Oásis	9 (45)	11 (55)	20 (14,3)
Fernando Ferrari Bloco T	12 (52,2)	11 (47,8)	23 (16,4)
Fernando Ferrari Bloco Q			
São Francisco frente	9 (42,9)	12 (57,1)	21 (15)
São Francisco fundos			
TOTAL GERAL	67 (47,9)	73 (52,1)	140 (100)

Nota: Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais em relação à quantidade de gênero das crianças entrevistadas.

Nas entrevistas realizadas nas pracinhas, foram adotados os seguintes procedimentos:

- foi apresentada ao acompanhante uma carta de apresentação (Apêndice B) contendo os objetivos da pesquisa;
- foi garantido o direito ao sigilo e interrupção da entrevista;
- as crianças entrevistadas nas pracinhas foram escolhidas enquanto estavam brincando;
- cada entrevista recebeu um código de identificação (por exemplo, ENTREVISTA CRIANÇA 01). Além do código, o cabeçalho da entrevista continha a idade e gênero da criança, local da entrevista, data (dia da semana e mês), hora e condições climáticas no momento da entrevista;

Nas entrevistas realizadas nas creches, foram adotados os seguintes procedimentos:

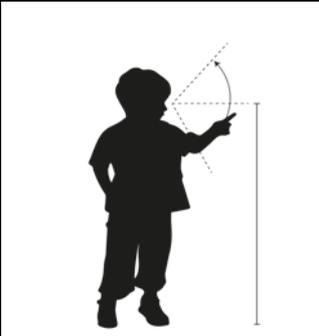
- inicialmente a pesquisadora realizou um contato via telefone com o(a) profissional responsável pela creche, explicando os objetivos e a intenção da pesquisa acadêmica. Após o contato, foi solicitada uma autorização para a realização das entrevistas e agendamento da data;

- as entrevistas ocorreram em datas e horários pré-agendados com a creche;
- cada entrevista recebeu um código de identificação (por exemplo, ENTREVISTA CRIANÇA 02). Além do código, o cabeçalho da entrevista continha a idade e gênero da criança, local, data (dia da semana e mês) e hora da entrevista;
- para evitar sentimento de intimidação por parte das crianças, as entrevistas foram realizadas em pares (FEDRIZZI, 1997) formados pelo mesmo gênero (MAUTHNER, 1997) e mesma idade, em salas separadas das demais crianças e com a porta aberta durante toda a entrevista;
- os pares de crianças foram selecionados com o auxílio da professora, conforme método utilizado por Fedrizzi (1997).

As entrevistas seguiram um roteiro estruturado (REIS, LAY, 1995; KVALE, 1996), baseado no questionário aplicado nos acompanhantes, para assim, possibilitar a comparação entre as avaliações. Cada entrevista durou, em média, de 15 a 20 minutos; as respostas das crianças foram gravadas em áudio, ampliando o poder de registro das informações e a compreensão da narrativa, transcrita posteriormente. O roteiro inicia perguntando se a criança conhece a pracinha infantil do seu conjunto habitacional. Depois disso, a entrevista foca em perguntas, como por exemplo, “você costuma brincar nesta pracinha sozinho ou acompanhado?”, “quais os brinquedos desta pracinha que você mais gosta?”, entre outras. (Apêndice C). Durante a entrevista, a pesquisadora auxiliou as crianças quando necessário para a compreensão das questões, mudando quando preciso, a ordem das perguntas ou explicando o significado das palavras. Com o objetivo de ajudar na compreensão das respostas, a pesquisadora mostrou painéis, no formato 30cm x 42cm, com fotos dos equipamentos de brincar isolados. O ângulo das fotos respeitou o campo de visão das crianças. Para isso, o posicionamento da câmera fotográfica para captura das fotos respeitou a altura média das crianças, conforme Tabela 3.10.

Tabela 3.10: Altura das crianças por idade

Idade	Gênero	Altura (cm)
6 anos	Menina	116
	Menino	117
8 anos	Menina	127
	Menino	128
10 anos	Menina	138
	Menino	138
12 anos	Menina	149
	Menino	148
ALTURA MÉDIA		132,62



Fonte: Elaborada pela autora (OLIVEIRA, 2004)

A pesquisadora também ofereceu material de desenho para as crianças no início de cada entrevista, no entanto, desenhar não foi um condicionante para a realização da entrevista. As crianças que não quiseram desenhar apenas responderam as perguntas da entrevistadora. O material de desenho oferecido para cada criança foi: folhas de desenho, lápis preto, borracha e lápis de cor. O uso de desenhos em conjunto com as entrevistas justifica-se por ser uma análise funcional do ambiente e envolve informações sobre o fenômeno espacial do qual a pessoa faz parte (KOWALTOWSKI, 2006). Estudos apontam (DOWNS; STEA, 1977) que crianças tendem a lidar mais facilmente com representações gráficas do que os adultos, inclusive, o uso dessa técnica é feito por autores que pesquisam o comportamento infantil em áreas de lazer ao ar livre (GRABOW; SALKIND; 1976; MOORE, 1990; BOURKE; SARGISSON; 2014).

Para testar a compreensão das perguntas pelas crianças foi realizado um teste piloto na pracinha infantil do Fernando Ferrari Bloco T e na creche que atende às crianças do mesmo conjunto. O Fernando Ferrari foi escolhido para o piloto por ser o conjunto com maior número de moradias e, portanto, com o maior número de crianças moradoras. No piloto realizado na pracinha infantil, foram entrevistados, em momentos diferentes, dois meninos, um de seis anos e outro de sete anos. O menino de sete anos aceitou o material de desenho e também soube responder as perguntas e justificar suas respostas. Já o menino de seis anos não aceitou o material de desenho e também teve dificuldade de justificar suas respostas. Por exemplo, quando foi perguntado “quais os brinquedos desta pracinha que você mais gosta?”, ele respondeu “do balanço e do trepa-trepa”, após foi perguntado “e por quê?”, e o menino respondeu “porque sim” sem conseguir especificar com detalhes suas preferências.

Na creche, foram escolhidas quatro crianças, sendo elas: duas meninas de sete anos e dois meninos de nove anos. A pesquisadora entrevistou uma dupla por vez em uma sala reservada, garantindo a privacidade em relação às demais crianças presentes na creche. No início, foi explicado às crianças como seria a entrevista e oferecido o material de desenho. As duplas aceitaram prontamente o material de desenho e também compreenderam a dinâmica da entrevista, respondendo todas as perguntas sem dificuldade em argumentar as suas respostas. Por exemplo, quando foi questionado “quais os brinquedos desta pracinha infantil que você mais gosta?” e “por quê?” as crianças conseguiram justificar as suas preferências de forma clara. As entrevistas com as crianças realizadas no estudo piloto não foram consideradas como parte da amostra final.

As entrevistas nas pracinhas infantis foram realizadas nos meses de outubro e novembro, nos turnos da manhã e da tarde, em dias de sol. Já as entrevistas nas creches foram

realizadas no mesmo período mas priorizando os dias chuvosos, quando não era possível fazer as entrevistas nas pracinhas. As crianças entrevistadas no conjunto Fernando Ferrari avaliaram, na mesma entrevista, as duas pracinhas existentes no conjunto (Bloco T e Bloco Q). Da mesma forma, as mesmas crianças do São Francisco avaliaram a pracinha frente e a pracinha fundos.

3.2.2.2 Questionários

O questionário é um dos métodos mais utilizados para a coleta de informações sobre as percepções, atitudes e níveis de satisfação dos usuários com espaço construído (REIS; LAY, 1995a). Os dados gerados a partir do questionário são quantitativos e podem ser analisados através de testes estatísticos. Para atingir os objetivos descritos no Capítulo 2, o questionário foi composto por perguntas fechadas de escolha simples, por perguntas de múltipla-escolha, e por perguntas abertas (REIS; LAY, 1995a).

Os questionários foram formatados no programa *Lime Survey* e aplicados *in loco* nas pracinhas e nas residências dos respondentes, com uma versão impressa pela própria pesquisadora. Cada questionário foi identificado com o local onde foi aplicado (moradia ou pracinha infantil), horário e a data da aplicação (dia da semana e mês) (Apêndice B e D)

Para verificar o entendimento das questões e a estrutura do questionário, foi realizado um estudo piloto (REIS; LAY, 1995a) com oito acompanhantes, os quais compreenderam todas as questões. No total, foram aplicados questionários a 209 acompanhantes de crianças nos seis conjuntos habitacionais. Os questionários foram aplicados nos meses de outubro e novembro, durante os turnos da manhã e tarde, nas pracinhas infantis e nas residências que tinham crianças residentes. Os questionários foram aplicados nas residências com o objetivo de identificar pais ou responsáveis de crianças que não frequentam as pracinhas, e assim identificar as possíveis razões de tal comportamento. No entanto, as crianças de todas as residências onde foram aplicados os questionários costumam frequentar as pracinhas, ou pelo menos, frequentam uma das pracinhas do conjunto, como caso do São Francisco ou Fernando Ferrari. Da mesma forma, os respondentes dessas residências costumam acompanhar as crianças nas pracinhas, frequentemente ou esporadicamente. Sendo assim, este grupo de respondentes foi denominado de acompanhantes. Ainda, com o intuito de obter informações sobre os usos das pracinhas infantis por parte de crianças que não se encontravam nas mesmas, foram aplicados questionários a 47 moradores que residem próximo às pracinhas (Tabela 3.11).

Tabela 3.11: Tamanho da amostra dos respondentes

PRACINHAS INFANTIS	RESPONDENTES		TOTAL DE RESPONDENTES
	ACOMPANHANTES	* NÃO ACOMPANHANTES	
Vila Tecnológica	30 (14,4)	1 (2,1)	31 (12)
Loteamento Pampa	33 (15,8)	10 (21,3)	43 (16,8)
Loteamento Santa Terezinha	42 (20,1)	0	42 (16,4)
Oásis	40 (19,1)	17 (36,1)	57 (22,3)
Fernando Ferrari Bloco T	29 (13,9)	16 (34,1)	45 (17,6)
Fernando Ferrari Bloco Q			
São Francisco frente	35 (16,7)	3 (6,4)	38 (14,9)
São Francisco fundos			
TOTAL GERAL	209 (81,6)	47 (18,4)	256 (100)

Nota: Os valores entre parênteses referem-se ao percentual em relação à quantidade de cada grupo de respondentes.

* Moradores que não são acompanhantes mas que residem no entorno da pracinha; e responderam questões relacionadas ao controle de acesso aos conjuntos e às pracinhas e ao estado de conservação das mesmas.

3.3.2.3 Observações de comportamento

O objetivo de realizar as observações comportamentais é gerar informações detalhadas sobre as atividades realizadas e sobre as oportunidades e restrições de uso proporcionadas pelo ambiente construído (REIS; LAY, 1995a). Também serve para gerar informações sobre indivíduos ou grupos que possam estar realizando mal-uso da pracinha infantil, atividades não desejadas ou suspeitas. A observação é uma técnica muito importante para investigar o comportamento de crianças (MAUTHNER, 1997), pois permite coletar dados descritivos, que, em seguida, podem ser classificados, interpretados e quantificados para identificar as tendências.

As observações comportamentais foram realizadas durante 14 dias (de 22/08 a 18/10) incluindo dois finais de semana, com uma marcação no período da manhã, 9h e 11h, e outra durante a tarde, entre 14h e 17h. A fim de evitar alterações decorrentes das condições climáticas, todas as observações foram feitas em dias de tempo estável (sem chuva). Para sistematizar as observações, inicialmente, foram realizados percursos para verificação do tempo total necessário para o deslocamento entre os conjuntos habitacionais e também o tempo total para realizar as observações de comportamento; e após, os dados foram transcritos para uma planilha na qual constam os nomes dos conjuntos habitacionais, os dias, os horários da realização de cada observação e condições do tempo. Os dados foram registrados através de filmagens e anotações em papel e transferidos para um documento digital o mais rápido possível (normalmente no mesmo dia). Na Vila Tecnológica e no Loteamento Pampa, por solicitação dos moradores, os registros foram realizados por meio de anotações.

O tempo de cada observação durou em média 30 minutos. Foram observadas todas as crianças até 12 anos. Para não interferir no comportamento das crianças, a pesquisadora

estabeleceu-se uma distância padrão entre ela e a pracinha, que variou entre 10 e 15 metros, conforme as limitações físicas de cada local. Nas situações em que foi abordada por algum morador, a pesquisadora explicou rapidamente o objetivo da pesquisa.

Em relação à observação das crianças, a pesquisadora utilizou a técnica de registro semelhante à utilizada por Mc Lean e Sargisson (2012) e Bourke e Sargisson (2014), anotando o gênero da criança, a idade aproximada e o seu comportamento, tanto nas brincadeiras individuais como em grupo. Em decorrência das entrevistas, já havia o registro da idade de várias crianças moradoras do conjunto habitacional. Para as outras crianças que não eram conhecidas a pesquisadora perguntou a idade aos acompanhantes que estavam presentes na pracinha, após o período de observação. Em relação às crianças que não estavam com acompanhante, a pesquisadora estimou a idade com base na sua altura (Tabela 3.9) e comparativo com as demais crianças.

As observações foram registradas em mapas comportamentais. O mapa comportamental permite medir o uso real do espaço associando o comportamento dos usuários às características físicas e equipamentos dos ambientes, sendo muito utilizado para investigar ambientes infantis (BJÖRKLID, 1985), pois permite identificar e medir os níveis de atividade simultaneamente (MOORE; COSCO, 2010). No mapa comportamental, os registros foram baseados nos critérios descritos na Tabela 3.12.

Como as visitas nas pracinhas foram repetidas duas vezes em cada dia, foram gerados dois mapas comportamentais por dia em cada pracinha infantil. Primeiramente, as anotações foram registradas manualmente; e após, passadas para um programa computacional (Illustrator), a fim de sobrepor os resultados e possibilitar a visualização e a comparação da intensidade e do tipo de uso dos espaços investigados.

Tabela 3.12 – Relação dos grupos de usuários e atividades correspondentes.

GRUPOS	FAIXAS ETÁRIAS	GÊNERO	ATIVIDADES REALIZADAS (INDIVIDUAL E/OU EM GRUPO)
Crianças	até 6 meses	Menina Menino	<ul style="list-style-type: none"> • No colo • No carrinho
	De 6 a 24 meses	Menina Menino	<ul style="list-style-type: none"> • Brincando nos equipamentos • Imaginação • Jogando futebol • Jogando vôlei • Jogando queimada • Jogando taco • Pulando corda • Brincando na areia / chão • Brincando de pega-pega • Conversando
	De 2 a 5 anos		
	De 6 a 12 anos		
Adultos e adolescentes	Acima de 13 anos (Adolescentes e/ou adultos)	Homem Mulher	<ul style="list-style-type: none"> • Conversando / socializando / tomando chimarrão • Cuidando / auxiliando a criança • Admirando a paisagem

As marcações no mapa comportamental consideraram as atividades realizadas nas pracinhas infantis e também no seu entorno imediato (como por exemplo a praça, a quadra esportiva e as ruas que contornam a praça). Nos demais espaços abertos dos conjuntos habitacionais não foram realizadas observações devido à constatação no estudo piloto de que as áreas com maior concentração de crianças são as pracinhas infantis e os espaços bem próximos ou integrados a elas.

3.3.2.4 Observações e registros das características físicas

O método de observação consiste em uma avaliação visual do ambiente construído, sendo o método mais apropriado para detectar o que acontece e como funciona (ou não) um determinado espaço/edificação (REIS; LAY, 1995a).

Observações do estado de conservação das pracinhas infantis

O registro do estado de conservação das pracinhas infantis foi realizado através de fotografias e anotações. As anotações foram organizadas em planilhas, contendo o tipo de equipamento de brincar e/ou mobiliário (balanço, escorregador, trepa-trepa, banco); o material do equipamento de brincar e/ou mobiliário (madeira ou ferro), a função do equipamento de brincar e/ou mobiliário (balançar, escorregar, escalar); as condições de uso do equipamento de brincar e/ou mobiliário (funciona, funciona parcialmente ou não funciona); e por fim, o estado de conservação do equipamento de brincar e ou mobiliário (faltando partes, quebrado, falta de pintura). As observações também consideraram sinais de vandalismo, como a existência de pichações, limpeza do espaço como um todo, limpeza da areia e manutenção da grama.

Observações do controle de acesso aos conjuntos habitacionais e às pracinhas infantis

O registro do controle de acesso aos conjuntos e às pracinhas infantis foi realizado através de fotografias e anotações. As anotações referiram-se à existência ou não de cercamento físico nos conjuntos habitacionais e nas pracinhas infantis, tipo de cercamento (muro, grades ou cerca); altura do cercamento; quantidade de entradas; quantidade de portões; quantidade de guaritas; vigia; e existência de câmeras de monitoramento.

Observações dos caminhos de acesso das moradias às pracinhas infantis

O registro dos caminhos de acesso das moradias às pracinhas infantis foi realizado através de fotografias e anotações. Foram realizadas a identificação das larguras das calçadas; a existência de obstáculos, como adaptações de uso que indicam alterações feitas no ambiente construído pelos usuários; a existência de pontos nas calçadas com falta de manutenção ou sem calçamento; os tipos de revestimentos das calçadas; e as distâncias entre as moradias e às pracinhas infantis (REIS; LAY, 1995).

As distâncias entre os acessos principais das moradias dos respondentes dos questionários e as pracinhas foram medidas com uma trena laser, específica para espaços abertos. Os pontos considerados para as medições das distâncias foram identificados em planta através de códigos e organizados em uma tabela.

Observações das conexões visuais entre as moradias e a pracinha infantil

Foram identificadas todas as residências conectadas visualmente com cada pracinha infantil e classificadas em níveis de clareza visual. Cada nível de clareza visual corresponde a certa distância entre a moradia e a pracinha infantil, conforme a Tabela 3.13.

Os níveis foram definidos de acordo com as capacidades humanas de perceber visualmente elementos localizados em certas distâncias: nível 1 – inclui distâncias de até 12 metros do observador, em que é possível reconhecer detalhes tais como expressões faciais; nível 2 – inclui as distâncias de até 24 metros, em que ainda é possível identificar fisionomias de diferentes pessoas; nível 3 – inclui as distâncias de até 140 metros, em que ainda é possível perceber os movimentos do corpo; e nível 4 – inclui as distâncias acima de 140 metros, que tornam muito difíceis os discernimentos visuais (THIEL, 1997).

Tabela 3.13: Níveis de clareza visual entre as moradias e as pracinhas infantis

NÍVEL 1 DE CLAREZA VISUAL	NÍVEL 2 DE CLAREZA VISUAL	NÍVEL 3 DE CLAREZA VISUAL	NÍVEL 4 DE CLAREZA VISUAL
Moradias distantes até 12m da pracinha infantil	Moradias distantes até 24m da pracinha infantil	Moradias distantes até 140m da pracinha infantil	Moradias distantes acima de 140m da pracinha infantil

Foi realizado um levantamento de todas as janelas das moradias que possibilitam a visualização das pracinhas nos conjuntos. Foram excluídas apenas aquelas janelas que possuem algum tipo de alteração física impedindo a visualização das pracinhas infantis,

como por exemplo, as janelas vedadas com tapume de madeira ou placas de ferro. Nos conjuntos formados por casas e sobrados foram consideradas as janelas do térreo e do piso superior, nos conjuntos formados por blocos de apartamento foram consideradas as janelas até o quarto andar no Fernando Ferrari e Oásis e até quinto andar no São Francisco. Foram registradas as distâncias entre tais janelas e as pracinhas, assim como a largura destas janelas. O somatório de todas as distâncias, dividido pelo número de janelas gerou a média das distâncias. Por fim, identificou-se a maior e a menor distância entre as janelas e a pracinha infantil.

Observações dos usos no entorno do conjunto habitacional e no entorno das pracinhas

O registro dos usos no entorno do conjunto habitacional e no entorno das pracinhas foi feito através de fotografias e anotações. As anotações referiram-se aos usos no entorno do conjunto habitacional e no entorno imediato da pracinha infantil, como por exemplo, por ruas, estacionamentos, quadras esportivas, áreas de convivência ou edificações. Os usos foram codificados e marcados na planta de localização.

Observações das dimensões das pracinhas infantis e distribuição no espaço dos equipamentos de brincar e mobiliário

As pracinhas infantis foram reproduzidas em planta baixa de acordo com as suas medidas, assim como a localização no ambiente de cada equipamento de brincar e mobiliário.

Observações da vegetação

Observou-se a existência de árvores e demais vegetações como arbustos, flores e grama existentes nas pracinhas infantis. Em relação às árvores, os registros consideraram se elas produzem áreas sombreadas sobre bancos e/ou equipamentos de brincar, se a espécie produz folhas no verão e queda no inverno.

Observações de cercamento (tela de proteção) das áreas com areia na pracinha infantil

O registro foi realizado através de fotografias, medições e anotações. As anotações foram referentes à existência ou não de cercamentos que impeçam a entrada de animais domésticos nas áreas com areia dentro das pracinhas infantis. O registro incluiu o tipo de cercamento (muro, grades ou cerca), altura do cercamento, quantidade e controle de portões.

3.4 MÉTODOS DE ANÁLISE DE DADOS

De acordo com Kruskal e Wish (1978 apud Lay, 1992), a utilização de múltiplos métodos é válida e útil, pois favorece a complementaridade da compreensão de dados e aumenta a validade dos resultados. Sendo assim, os dados obtidos através de levantamentos físicos, observações de comportamento, entrevistas e questionários foram quantificados e analisados através de instrumentos apropriados e disponíveis.

Os dados de natureza quantitativa, provenientes dos questionários, caracterizados como variáveis nominais e ordinais foram analisados por meio do programa estatístico computacional SPSS (Statistical Package for the Social Sciences). Esse programa foi utilizado para a tabulação e análise estatística dos dados, através dos seguintes testes não-paramétricos: (i) frequências - empregado para revelar os percentuais e permitir comparações entre os grupos; (ii) tabulação cruzada - utilizado para revelar relações estatisticamente significativas entre duas variáveis nominais; (iii) Kruskal-Wallis H - aplicado para revelar diferenças significativas entre três ou mais grupos ou amostras independentes; (iv) Mann-Whitney - específico para revelar diferenças significativas entre duas amostras independentes, representados por uma variável nominal, com relação a uma variável ordinal (LAY; REIS; 2005).

No estudo, os mesmos respondentes do Fernando Ferrari avaliaram as duas pracinhas existentes no conjunto habitacional (a pracinha localizada em frente ao Bloco T e a pracinha localizada em frente ao Bloco Q) e, da mesma forma, os mesmos respondentes do São Francisco avaliaram as duas pracinhas existentes no conjunto (a pracinha localizada na entrada do conjunto e a pracinha localizada nos fundos do conjunto). Nesses casos, de acordo com a literatura (LAY; REIS; 2005), o teste recomendado para revelar diferenças significativas entre amostras dependentes é o Kendall W. Embora o mesmo grupo tenha avaliado a duas pracinhas, foram realizados testes experimentais utilizando o Kendall W e o Kruskal-Wallis, e observou-se que não houve diferença nos resultados. Sendo assim, neste estudo é utilizado o Kruskal-Wallis para revelar diferenças significativas entre as amostras.

As respostas provenientes das entrevistas com as crianças foram analisadas e posteriormente, selecionadas palavras-chave que melhor refletiam as respostas para cada pergunta (FEDRIZZI, 1997). Após, as palavras-chave foram quantificadas e analisadas por meio do programa estatístico computacional SPSS.

Neste estudo foram consideradas as diferenças estatisticamente significativas tendo como parâmetro um coeficiente de significância igual ou inferior a 0,05 ($\text{sig.} \leq 0,05$) (LAY; REIS,

2005). Os dados obtidos por meio de testes estatísticos foram sintetizados em tabelas para melhor compreensão dos resultados.

Foram feitas inferências através do teste de correlação Spearman. Para os testes de correlação foram adotados os intervalos (REIS; LAY, 2005) representados na Tabela 3.14:

Tabela 3.14: Intervalos de correlação

Intervalos	Correlação
0,0 a 0,3	Fraca, baixa
0,0 a 0,3	Moderada
0,0 a 0,3	Forte, alta
0,0 a 0,3	Muito forte, muito alta
0,9 a 1,0	Excepcional

Do cruzamento da análise desses dados (qualitativos e quantitativos) pretende-se chegar a conclusões sobre a hipótese levantada.

3.5. TRABALHO DE CAMPO

O trabalho de campo iniciou em agosto de 2014, com as coletas de arquivo junto ao DEMHAB (Departamento Municipal de Habitação), à SMAM (Secretaria Municipal do Meio Ambiente) e à Secretaria de Obras, Saneamento e Habitação do Estado do Rio Grande do Sul. A maior dificuldade nessa primeira etapa foi a identificação dos conjuntos habitacionais existentes em Porto Alegre, pois nem a prefeitura e tampouco o Estado possui um cadastro único com a quantidade, nomes, endereço e planta baixa.

Em julho de 2015 foram pré-selecionados os conjuntos habitacionais. Para essa etapa, pesquisou-se previamente o histórico de criminalidade nos tais conjuntos, a fim de eliminar os mais violentos e possibilitar as visitas para os levantamentos fotográficos e definição da amostra final. Em paralelo, houve diversas conversas com uma profissional do departamento de planejamento do DMAE que possui bastante experiência de campo em habitações populares e também em ocupações irregulares. Essas conversas foram de extrema importância para auxiliar na definição de estratégias de abordagem, pois atualmente, diversos conjuntos são controlados pelo tráfico, conforme noticiado na mídia frequentemente.

Em cada conjunto houve uma estratégia de abordagem. Na Vila Tecnológica, o contato inicial foi com a líder comunitária. Antes da primeira visita, houve alguns contatos via telefone e depois um primeiro encontro na creche comunitária. Durante a visita, a líder comunitária apresentou a pesquisadora à comunidade. No Loteamento Pampa foi utilizada a

mesma estratégia da Vila Tecnológica. Na Vila Santa Terezinha, o contato inicial foi com a Rede Marista, pois eles são os mantenedores das duas creches que atendem a comunidade local. Nesse caso, por recomendação de segurança, os levantamentos, aplicação dos questionários e entrevistas sempre foram acompanhadas de um funcionário da creche. No Fernando Ferrari, os contatos iniciais foram por telefone com o responsável pela segurança, que autorizou a visita ao conjunto. Durante as visitas iniciais, houve acompanhamento da subsíndica. No São Francisco e Oásis o contato foi direto com os síndicos, os quais se encarregaram de apresentar a pesquisadora à comunidade.

Em todos os conjuntos, os acompanhantes colaboraram com a pesquisa, contudo, demonstraram bastante receio com a possibilidade de serem identificados, tanto em fotografias como em gravações de áudio e vídeo. A pesquisadora garantiu que as gravações serviriam apenas para decupagem das informações, preservando a identidade do entrevistado e/ou respondente; as fotografias só seriam utilizadas com o rosto das pessoas distorcidos, através de recurso gráfico.

As crianças, em todos os conjuntos, foram bastante solícitas e disponíveis e, na sua maioria, interromperam as brincadeiras de imediato para responder a entrevista quando convocadas. Por diversas vezes, as crianças demonstraram-se felizes por estarem avaliando e sugerindo melhorias para as pracinhas.

3.6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram selecionadas as pracinhas infantis que servem como objetos de estudo para essa pesquisa, através de critérios baseados nas características físico-espaciais das mesmas e que, conforme a literatura, são importantes para a sua adequação às crianças e acompanhantes.

A faixa etária das crianças que serviu de amostra para as entrevistas foi selecionada com base na revisão da literatura. Os acompanhantes respondentes foram selecionados aleatoriamente enquanto estavam nas pracinhas infantis ou nas suas moradias. Os respondentes, que não são acompanhantes, foram selecionados por residirem no entorno próximo às pracinhas infantis, e por isso, responderam as questões relacionadas ao controle de acesso aos conjuntos e às pracinhas e sobre seu estado de conservação.

Os dados relativos aos objetos de estudo foram coletados através das entrevistas, questionários, observações de comportamento e observações e registros das características

físicas, que se mostraram eficientes na investigação da adequação das pracinhas para as crianças e acompanhantes. As perguntas do questionário foram compreendidas de forma satisfatória pela grande maioria das respondentes e as entrevistas foram consideradas produtivas.

Quanto aos métodos de análise dos dados, esses atendem plenamente aos objetivos pretendidos, sendo eficazes para examinar as variáveis que interferem na relação entre os aspectos locacionais e os aspectos físico-espaciais das pracinhas infantis e a adequação no uso por crianças e acompanhantes.

Dessa forma, tendo sido os métodos explicitados, o próximo capítulo apresentará os resultados obtidos nessa dissertação conforme as principais relações estabelecidas no Capítulo 2. Relações essas que são:

- I. Relação entre os aspectos locacionais das pracinhas infantis e a adequação no uso por crianças e acompanhantes;
- II. Relação entre os aspectos físico-espaciais das pracinhas infantis e a adequação no uso por crianças e acompanhantes.

CAPÍTULO 4: ANÁLISE DE RESULTADOS

4.1. INTRODUÇÃO

Neste capítulo, são analisados os dados coletados e apresentados os resultados da investigação, conforme os seguintes objetivos gerais e específicos: (i) relação entre os aspectos locacionais das pracinhas infantis e a adequação no uso por crianças e acompanhantes – associado a sete objetivos específicos; (ii) relação entre os aspectos físico-espaciais das pracinhas infantis e a adequação no uso por crianças e acompanhantes – associado a seis objetivos específicos.

4.2. RELAÇÃO ENTRE OS ASPECTOS LOCACIONAIS DAS PRACINHAS INFANTIS E A ADEQUAÇÃO NO USO POR CRIANÇAS E ACOMPANHANTES

Neste item, são investigados os objetivos específicos referentes ao objetivo geral (i): relação entre os aspectos locacionais das pracinhas infantis e a adequação no uso por crianças e acompanhantes.

4.2.1. Relação entre o controle de acesso ao conjunto habitacional e às pracinhas e o estado de conservação das pracinhas infantis

Neste objetivo específico são consideradas as observações e os registros das características físicas (controle de acesso dos conjuntos habitacionais e pracinhas infantis e estado de conservação das pracinhas infantis) e os resultados obtidos nos questionários, cujos seguintes dados foram informados pelos respondentes (256 moradores, sendo eles acompanhantes das crianças ou não): a identificação dos tipos de controle de acesso ao conjunto habitacional, a identificação dos tipos de controle de acesso às pracinhas infantis e a avaliação do estado de conservação das pracinhas infantis.

4.2.1.1. Identificação dos tipos de controle de acesso aos conjuntos habitacionais

Além do levantamento físico e das observações realizadas, as respostas da totalidade dos moradores (116) dos conjuntos sem cercamento (Vila Tecnológica, Loteamento Santa Terezinha e Loteamento Pampa; Figuras 3.3, 3.10 e 3.15) evidenciam que não existe nenhum tipo de controle de acesso aos conjuntos habitacionais (Tabela 4.1).

Por outro lado, nos demais conjuntos habitacionais (São Francisco, Oásis e Fernando Ferrari; Figuras 4.1, 4.2 e 4.3), os quais possuem cercamento, portão e portaria com vigia 24 horas, existem opiniões contraditórias entre os moradores sobre o sistema de controle de acesso a tais conjuntos (Tabela 4.1).

Tabela 4.1: Controle de acesso aos conjuntos habitacionais

CONJUNTOS HABITACIONAIS		As pessoas passam por algum tipo de controle para ter acesso ao conjunto habitacional?			
		As pessoas precisam identificar-se na portaria e o morador autorizar a sua entrada	As pessoas precisam apenas identificar-se na portaria	Não existe nenhum tipo de controle	TOTAL
CONJUNTO SEM CERCAMENTO	Vila Tecnológica	0	0	31 (100)	31 (100)
	Lot. Santa Terezinha	0	0	42 (100)	42 (100)
	Lot. Pampa	0	0	43 (100)	43 (100)
CONJUNTO COM CERCAMENTO	São Francisco	14 (36,8)	24 (63,2)	0	38 (100)
	Oásis	22 (38,6)	32 (56,1)	3 (5,3)	57 (100)
	Fernando Ferrari	5 (11,1)	5 (11,1)	35 (77,8)	45 (100)

Nota: Lot. = Loteamento. Os conjuntos Vila Tecnológica, Loteamento Santa Terezinha e Loteamento Pampa não possuem cercamento. Os conjuntos São Francisco, Oásis e Fernando Ferrari possuem cercamento e portaria. Os valores entre parênteses referem-se ao percentual de respondentes que informou o tipo de controle de acesso em cada conjunto.

Embora a maioria dos respondentes nos conjuntos São Francisco (63,2%) e Oásis (56,1%) tenha informado que as pessoas precisam apenas identificar-se na portaria, percentuais expressivos nos dois conjuntos (em torno de 38%) entendem que as pessoas precisam identificar-se na portaria e o morador autorizar a sua entrada (Tabela 4.1). Isso indica que a eficiência do sistema de controle de acesso aos dois conjuntos habitacionais através da portaria não é percebida no dia a dia da mesma maneira por todos os moradores (Tabela 4.1). No entanto, observou-se que os dois conjuntos (São Francisco e Oásis) possuem cercamento em toda a sua extensão em boas condições, sem apresentar falhas ou partes danificadas que pudessem facilitar a entrada de pessoas. Ainda, o conjunto São Francisco possui cerca eletrificada em torno de 50% de seu perímetro e monitoramento por câmeras de vigilância em todo o seu entorno (Figuras 4.1 e 4.2).



Figura 4.1: Cercamento do conjunto São Francisco



(a) Vista 1 – muro.



(b) Vista 2 - cerca eletrificada.



(c) Vista 3 - portão com portaria e vigia 24 horas.



Figura 4.2: Cercamento do conjunto Oásis



(a) Vista 1 - grades



(b) Vista 2 - portão com portaria e vigia 24 horas.



(c) Vista 3 - muro com grades

Por outro lado, a clara maioria dos moradores do Fernando Ferrari (77,8%) informou que não existe nenhum tipo de controle de acesso ao conjunto (Tabela 4.1). Embora o conjunto Fernando Ferrari seja circundado por grades e muros em toda a sua extensão e possua portaria e vigia 24 horas no portão de acesso principal (Rua dos Maias), o conjunto possui outros seis portões que ficam permanentemente abertos, sem nenhuma vigilância. Ainda, existe uma área em frente ao conjunto (Rua dos Maias) onde as grades foram removidas, tornando-se um local de livre acesso e sem nenhum controle (Figura 4.3).



Figura 4.3: Cercamento do conjunto Fernando Ferrari

Portanto, entre os seis conjuntos investigados (Vila Tecnológica, Loteamento Santa Terezinha, Loteamento Pampa, São Francisco, Oásis e Fernando Ferrari), apenas o São Francisco e o Oásis possuem um controle efetivo de acesso, através de uma portaria com

vigia 24 horas, embora existam contradições entre os moradores acerca de como se dá tal controle.

4.2.1.2. Identificação dos tipos de controle de acesso às pracinhas infantis

Além do levantamento físico e das observações realizadas, as respostas da totalidade dos moradores (116) dos conjuntos sem cercamento e com suas pracinhas infantis também sem cercamento (Vila Tecnológica, Loteamento Santa Terezinha e Loteamento Pampa) evidenciam que as pracinhas podem ser utilizadas por qualquer pessoa (Tabela 4.2).

Por outro lado, a clara maioria dos respondentes das pracinhas São Francisco frente (84,2%), São Francisco fundos (84,2%) e Oásis (87,7%), informaram que os locais são frequentados apenas por moradores e visitantes acompanhados por algum morador (Tabela 4.2). Esse resultado pode ser explicado pelo fato do São Francisco e o Oásis serem os únicos conjuntos habitacionais com controle de acesso efetivo, conforme explicado no item anterior, (4.2.1.1) o que, conseqüentemente, influencia no controle de acesso às suas pracinhas. Contudo, as duas pracinhas do São Francisco, tanto a da frente como a dos fundos do conjunto, não possuem cercamento, ou seja, qualquer pessoa que estiver no interior do conjunto pode acessar as pracinhas livremente, em qualquer horário. Diferentemente da pracinha do conjunto Oásis, que é cercada e possui portão aberto apenas em horários específicos (Figuras 4.4 e 4.5).



Figura 4.4: Cercamento da pracinha Oásis



Figura 4.5: Placa informativa da pracinha Oásis

Tabela 4.2: Controle de acesso às pracinhas infantis

PRACINHAS INFANTIS		As pracinhas infantis do seu conjunto habitacional são utilizadas:			
		apenas por moradores	por moradores e visitantes acompanhados	por qualquer pessoa	TOTAL
PRACINHAS SEM CERCAMENTO	Vila Tecnológica	0	0	31 (100)	31 (100)
	Lot. Santa Terezinha	0	0	42 (100)	42 (100)
	Lot. Pampa	0	0	43 (100)	43 (100)
	São Francisco frente	2 (5,3)	32 (84,2)	4 (10,5)	38 (100)
	São Francisco fundos	2 (5,3)	32 (84,2)	4 (10,5)	
PRACINHAS COM CERCAMENTO	Oásis	5 (8,8)	50 (87,7)	2 (3,5)	57 (100)
	Fernando Ferrari Bloco Q	6 (13,3)	2 (4,4)	37 (80)	45 (100)
	Fernando Ferrari Bloco T	6 (13,3)	2 (4,4)	37 (80)	

Nota: Lot. = Loteamento. As pracinhas Vila Tecnológica, Loteamento Pampa e Loteamento Santa Terezinha pertencem a conjuntos que não possuem cercamento. As pracinhas São Francisco frente fundos, Oásis e Fernando Ferrari Bloco Q e Bloco T pertencem a conjuntos com cercamento e portaria. Os valores entre parênteses referem-se ao percentual de respondentes que informou o tipo de controle de acesso em cada pracinha.

Já no conjunto Fernando Ferrari, a maioria dos respondentes informa que as duas pracinhas, frente ao Bloco Q (80%) e frente ao Bloco T (80%), podem ser utilizadas por qualquer pessoa (Tabela 4.2). Esse resultado justifica-se pelo fato do cercamento em torno do conjunto possuir falhas que permitem o acesso livre de pessoas, conforme explicado no item anterior (4.2.1.1). Ainda, ao analisar as propriedades físicas dessas duas pracinhas, observa-se que, embora elas sejam circundadas por grades em toda a sua extensão, ambas possuem portão permanentemente aberto, tornando-se um espaço de livre acesso e sem nenhum controle (Figuras 4.6 e 4.7).



Figura 4.6: Cercamento da pracinha Fernando Ferrari Bloco T

Nota: A linha pontilhada indica o portão



Figura 4.7: Cercamento da pracinha Fernando Ferrari Bloco Q

Nota: A linha pontilhada indica o portão

Portanto, entre as oito pracinhas infantis investigadas (Vila Tecnológica, Loteamento Santa Terezinha, Loteamento Pampa, São Francisco frente, São Francisco fundos, Oásis, Fernando Ferrari Bloco Q e Fernando Ferrari Bloco T), apenas as pracinhas São Francisco frente e fundos e a Oásis possuem um controle efetivo de acesso.

4.2.1.3. Avaliação do estado de conservação das pracinhas infantis

O estado de conservação das oito pracinhas infantis tende a ser avaliado negativamente, principalmente, nas pracinhas dos conjuntos Loteamento Pampa, Loteamento Santa Terezinha, Vila Tecnológica, Oásis e Fernando Ferrari Bloco Q. Contudo, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kruskal-Wallis, $\chi^2=120,131$, sig.=0,000) quanto às avaliações do estado de conservação dos respondentes de cada pracinha (Tabela 4.3).

As pracinhas pior avaliadas, com mais de 50% dos respondentes considerando-as como muito mal conservadas são: Loteamento Pampa (65,1%), Loteamento Santa Terezinha (55,8%), Vila Tecnológica (51,6%) e Oásis (59,6%). A avaliação negativa do estado de conservação da pracinha Fernando Ferrari Bloco Q também é superior a 50%, embora a avaliação positiva tenha sido superior às das quatro pracinhas anteriores. Apesar da avaliação negativa (35,5%) do estado de conservação da pracinha Fernando Ferrari Bloco T ser menor do que nas cinco pracinhas anteriores, tal avaliação predomina sobre a avaliação positiva (22,2%). As pracinhas São Francisco fundos (negativa - 26,4%; positiva - 15,8%) e São Francisco frente (negativa - 31,6%; positiva - 44,7%) foram as menos mal avaliadas quanto aos seus estados de conservação e apresentam avaliações similares, ainda que, a pracinha São Francisco frente tenha sido a única na qual a avaliação positiva, mesmo pequena, predomina sobre a avaliação negativa (Tabela 4.3).

Tabela 4.3: Avaliação do estado de conservação das pracinhas infantis

PRACINHAS INFANTIS	Você considera a pracinha infantil?					Mvo K-W	TOTAL	CP
	Muito conservada	Conservada	Nem bem conservada / nem mal conservada	Mal conservada	Muito mal conservada			
São Francisco fundos	0	6 (15,8)	22 (57,9)	8 (21,1)	2 (5,3)	238,87	38 (11,2)	1º
São Francisco frente	3 (7,9)	14 (36,8)	9 (23,7)	5 (13,2)	7 (18,4)	237,26	38 (11,2)	2º
Fernando Ferrari Bl. T	0	10 (22,2)	19 (42,2)	11 (24,4)	5 (11,1)	227,28	45 (13,3)	3º
Fernando Ferrari Bl. Q	1 (2,2)	6 (13,3)	15 (33,3)	15 (33,3)	8 (17,8)	203,46	45 (13,3)	4º
Oásis	2 (3,5)	3 (5,3)	5 (8,8)	13 (22,8)	34 (59,6)	127,39	57 (16,8)	5º
Vila Tecnológica	0	0	4 (12,9)	11 (35,5)	16 (51,6)	126,45	31 (9,1)	6º
Lot. Santa Terezinha	0	0	1 (2,3)	17 (39,5)	24 (55,8)	111,45	42 (12,4)	7º
Lot. Pampa	0	0	0	15 (34,9)	28 (65,1)	100,70	43 (12,7)	8º
TOTAL	6 (1,8)	39 (11,5)	75 (22,2)	95 (28)	124 (36,5)		339 (100)	

Nota: Lot.=Loteamento; Bl.= Bloco. Mvo K-W= média dos valores ordinais obtida pelo teste Kruskal-Wallis (o menor valor indica a pior avaliação em relação ao estado de conservação da pracinha). CP= classificação das pracinhas da mais conservada (1º) até a menos conservada (8º). Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de avaliação em relação ao estado de conservação de cada pracinha.

O péssimo estado de conservação da Loteamento Pampa, Loteamento Santa Terezinha e Vila Tecnológica está relacionado ao fato dos três conjuntos não possuírem cercamento, e por conseguinte, não terem controle de acesso (88,4%, 97,6% e 87,1% respectivamente).

Além desse aspecto físico, questões de gestão, como não possuir vigias (74,4%, 26,2% e 29% respectivamente) e a falta de manutenção (46,5%, 38,1% e 80,6% respectivamente), parece ter influenciado na avaliação negativa. Outra razão, mencionada pela maioria dos respondentes, foi o descarte de lixo nas pracinhas (72,1%, 52,4% e 51,6% respectivamente) (Tabela 4.4). Ainda, o fato das pracinhas não serem cercadas (29,7%, 26,2% e 38,7% respectivamente) propicia a permanência e circulação de cães e gatos (60,5%, 16,7% e 38,7% respectivamente) (Tabela 4.4).

Tabela 4.4: Principais justificativas quanto à avaliação do estado de conservação das pracinhas infantis

JUSTIFICATIVAS	PRACINHAS INFANTIS								
	Lot. Pampa (43)	Lot. Santa Terezinha (42)	Vila Tecnológica (31)	Oásis (57)	Fernando Ferrari Bl. Q (45)	Fernando Ferrari Bl. T (45)	São Francisco frente (38)	São Francisco fundos (38)	TOTAL (681)
Principais justificativas para as avaliações negativas do estado de conservação das pracinhas infantis									
a falta de controle de acesso ao conjunto habitacional	38 (88,4)	41 (97,6)	27 (87,1)	3 (5,3)	44 (97,8)	26 (57,8)	0	0	(179) (26,3)
a falta de manutenção	20 (46,5)	16 (38,1)	25 (80,6)	50 (87,7)	9 (20)	6 (13,3)	23 (60,5)	0	149 (21,9)
a entrada de cachorros e/ou gatos na pracinha	26 (60,5)	7 (16,7)	12 (38,7)	25 (43,9)	0	0	0	0	70 (10,3)
o descarte de lixo doméstico na pracinha	31 (72,1)	22 (52,4)	16 (51,6)	0	0	0	0	0	69 (10,1)
a falta de vigias	32 (74,4)	11 (26,2)	9 (29)	0	8 (17,8)	0	0	0	60 (8,8)
a impossibilidade de muitos moradores visualizarem a pracinha a partir de suas moradias	0		0	9 (15,8)	7 (15,6)	6 (13,3)	0	12 (5,3)	38 (5,6)
a falta de controle de acesso à pracinha	12 (29,7)	11 (26,2)	12 (38,7)	0	0	0	0	0	35 (5,1)
Principais justificativas para as avaliações positivas do estado de conservação das pracinhas infantis									
a existência de controle de acesso ao conjunto habitacional	0	0	0	4 (7)	1	0	36 (94,7)	11 (28,9)	51 (7,5)
a presença de vigias	0	0	0	0	0	0	11 (28,9)	23 (60,5)	34 (5)

Nota: Lot. = Loteamento. Bl. = Bloco. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de cada justificativa apontada pelos respondentes em relação ao estado de conservação de cada pracinha.

A falta de manutenção, justificativa indicada pelos moradores dos três conjuntos anteriores (Tabela 4.4), vai ao encontro das observações realizadas, nas quais constatou-se que em torno de 40% dos equipamentos de brincar não funciona (44,5%, 30% e 40% respectivamente) (Tabela 4.5). Logo, parece não existir manutenção sistemática dos equipamentos de brincar por parte da Prefeitura de Porto Alegre, já que estes conjuntos que não possuem condomínio (Figuras 4.8, 4.9 e 4.10).



Figura 4.8: Equipamento com pintura precária e ferrugem – Loteamento Santa Terezinha
Nota: A linha pontilhada identifica a área danificada.



Figura 4.9: Lixeira removida-Loteamento Pampa
Nota: A linha pontilhada identifica a área danificada.



Figura 4.10: Equipamento faltando partes – Vila Tecnológica
Nota: A linha pontilhada identifica a área danificada.

Adicionalmente, o descarte de lixo e a presença de animais soltos nas pracinhas, em especial na Loteamento Santa Terezinha, também foi observado com bastante frequência (Figuras 4.11 e 4.12).



Figura 4.11: Descarte de lixo doméstico – Loteamento Santa Terezinha



Figura 4.12: Presença de cães na pracinha – Loteamento Santa Terezinha

Na pracinha Oásis, a justificativa da expressiva maioria está associada a um problema de gestão do condomínio, ou seja, a falta de manutenção (87,7%) (Figura 4.13), conforme mencionado por uma mãe entrevistada:

Anota aí no teu trabalho. No ano passado (2014), meu filho de 4 anos estava brincando aqui mesmo na pracinha. Um poste, que estava enferrujado fazia muito tempo e ninguém mandava trocar, caiu em cima do meu filho, quebrando a perna dele. Foram 2 meses de gesso. (mãe, Oásis).

A precariedade dos equipamentos da Oásis foi confirmada durante as observações, quando constatou-se que 33,3% dos equipamentos de brincar não funciona (Tabela 4.5).



Figura 4.13: Equipamentos totalmente removidos – Oásis

Nota: A linha pontilhada identifica a área danificada.

Além disso, a presença de gatos (43,9%) também foi mencionada pelos respondentes da Oásis, pois embora essa pracinha tenha cercamento, ele não é eficiente a ponto de impedir que gatos entrem. Ainda, devido à localização da pracinha em relação ao contexto do conjunto (Figura 4.2), 15,8% dos respondentes mencionaram como justificativa negativa a impossibilidade de visualizar a pracinha a partir de suas moradias. Por outro lado, o controle de acesso ao conjunto (7%) tende a ser um fator positivo (Tabela 4.4).

Devido a várias falhas no cercamento, o controle de acesso ao conjunto Fernando Ferrari é ineficiente, sendo essa a principal razão para as pracinhas bloco Q (97,8%) e bloco T (57,8%) serem mal conservadas. Ainda, a falta de manutenção sistemática por parte do condomínio influenciou a avaliação negativa (20% e 13,3% respectivamente), pois 50% dos equipamentos de brincar do bloco Q e 44,4% do bloco T não funciona ou funciona precariamente (Tabela 4.5).

Devido à falta de manutenção por parte do condomínio (60,5%), na São Francisco frente, 20% dos equipamentos de brincar não funciona e 20% funciona precariamente. Por outro lado, a existência de controle de acesso ao conjunto (94,7%), devido ao cercamento e à

presença de vigias (28,9%) é mencionada como justificativa positiva. Tal razão positiva também é relacionada ao estado de conservação da São Francisco fundos (28,9% e 60,5%, respectivamente), sendo essa a única pracinha que não tem nenhum equipamento com problemas graves de manutenção, embora 5,3% tenha mencionado o fato da pracinha não ser visível a partir das moradias (5,3%) (Tabela 4.4).

Adicionalmente, é importante destacar que, dos 62 equipamentos de brincar observados nas oito pracinhas, 33,9% não estava funcionando e 6,5% estava funcionando precariamente devido a partes faltantes ou quebradas, além da ferrugem e pintura precária (Tabela 4.5). Esses problemas tendem a ser causados pelo uso intenso dos equipamentos e agravados com a ação do tempo (sol e chuva), o que torna importante a realização de manutenção sistemáticas. Portanto, com base nos resultados apresentados, conclui-se que o estado de conservação das pracinhas é afetado pelos aspectos físicos-espaciais, tais como cercamento eficiente no conjunto e na pracinha, associados à questões de gestão dos condomínios ou da Prefeitura, no caso do Loteamento Pampa, Vila Tecnológica e Loteamento Santa Terezinha. Ainda, a conscientização por parte dos moradores em não descartar lixo e não deixar os animais soltos contribui para a limpeza da pracinha.

Tabela 4.5: Levantamento das condições de uso dos equipamentos de brincar e mobiliário

PRACINHA INFANTIL LOTEAMENTO PAMPA						
Tpo	Material	Quant.	Condições de uso			Observações
			Funciona	Funciona precariamente	Não funciona	
1. Trep-trepa vertical	Ferro	1 (11,1)	0	0	1 (100)	Possui partes quebradas que impedem a escalada.
2. Escorregador	Ferro e madeira	1 (11,1)	1 (100)	0	0	Falta pintura e a prancha de deslizar está com fissuras na madeira. Não possui caixa de areia.
3. Balanço cadeirinha	Ferro e madeira	2 (22,2)	1 (50)	0	1 (50)	Diversas partes foram removidas. Uma cadeirinha está parcialmente quebrada.
4. Balanço tradicional	Ferro e madeira	2 (22,2)	1 (50)	0	1 (50)	Diversas partes foram removidas. Na estrutura do balanço falta pintura e há ferrugem.
5. Balanço vai e vem	Ferro e madeira	1 (11,1)	0	0	1 (25)	Faltam partes como correntes e prancha. Na estrutura do balanço falta pintura e há ferrugem.
6. Gangorra	Ferro e madeira	2 (22,2)	2 (100)	0	0	Falta renovar a pintura e há ferrugem.
TOTAL PARCIAL DOS EQUIPAMENTOS		9 (100)	5 (55,5)	0	4 (44,5)	
7. Bancos	Ferro e madeira	4 (66,4)	4 (100)	0	0	Falta renovar a pintura.
8. Lixeiras	Ferro e plástico	2(33,6)	0	0	2 (100)	Foram removidas.
TOTAL PARCIAL DO MOBILIÁRIO		6 (100)	4 (66,6)	0	2 (33,4)	
PRACINHA INFANTIL LOTEAMENTO SANTA TEREZINHA						
Tpo	Material	Quant.	Condições de uso			Observações
			Funciona	Funciona precariamente	Não funciona	
1. Trep-trepa vertical	Ferro	1 (10)	1 (100)	0	0	Falta pintura.
2. Escorregador	Ferro	1 (10)	0	0	1 (100)	Foi totalmente removido, restaram apenas as partes de fixação no solo. A caixa de areia está vazia. Foram encontradas fezes de animais.
3. Balanço cadeirinha	Ferro e madeira	2 (20)	2 (100)	0	0	Falta pintura e há ferrugem. Partes de madeira em uma das cadeirinhas estão quebradas.
4. Balanço tradicional	Ferro e madeira	2 (20)	0	0	2 (100)	Assento está quebrado. Falta uma das correntes que sustenta o assento. Na estrutura do balanço falta pintura e há ferrugem.
5. Gangorra	Ferro e madeira	4 (40)	4 (100)	0	0	Falta renovar a pintura e há ferrugem em todas as partes.
TOTAL PARCIAL DOS EQUIPAMENTOS		10 (100)	7 (70)	0	3 (30)	
6. Bancos	Cimento e madeira	8 (100)	8 (100)	0	0	Falta renovar a pintura.
TOTAL PARCIAL DO MOBILIÁRIO		8 (100)	8 (100)	0	0	

(Continua)

PRACINHA INFANTIL VILA TECNOLÓGICA

Tipo	Material	Quant.	Condições de uso			Observações
			Funciona	Funciona precariamente	Não funciona	
1. Trepa-trepa arco	Ferro	1 (10)	1 (100)	0	0	Falta renovar a pintura e há ferrugem em todas as partes.
2. Trepa-trepa vertical	Ferro	1 (10)	1 (100)	0	0	Falta renovar a pintura e há ferrugem em todas as partes.
3. Escorregador	Madeira	1 (10)	1 (100)	0	0	Falta renovar a pintura e a prancha de deslizar está com fissuras na madeira. A caixa de areia está vazia. Foram encontradas fezes de animais dentro da caixa.
4. Balanço cadeirinha	Ferro e madeira	2 (20)	2 (100)	0	0	Há ferrugem em todas as partes.
5. Balanço tradicional	Ferro e madeira	2 (20)	1 (50)	0	1 (50)	Na estrutura do balanço, falta pintura e há ferrugem. No outro, faltam as correntes e o assento.
6. Balanço vai e vem	Ferro e madeira	1 (10)	0	0	1 (100)	Faltam várias partes.
7. Gangorras	Ferro e madeira	2 (20)	0	0	2 (100)	Foram removidas várias partes restando apenas a base de sustentação.
TOTAL PARCIAL DOS EQUIPAMENTOS		10 (100)	6 (60)	0	4 (40)	
8. Bancos	Ferro e madeira	5 (100)	5 (100)	0	0	Falta renovar a pintura e há ferrugem em todas as partes.
TOTAL PARCIAL DE MOBILIÁRIO		5 (100)	5 (100)	0	0	



PRACINHA INFANTIL OÁSIS

Tipo	Material	Quant.	Condições de uso			Observações
			Funciona	Funciona precariamente	Não funciona	
1. Balanço cadeirinha	Ferro e madeira	2 (22,2)	2 (100)	0	0	Falta renovar a pintura e há ferrugem.
2. Balanço tradicional	Ferro e madeira	2 (22,2)	2 (100)	0	0	Falta renovar a pintura e há ferrugem.
3. Trepa-trepa	Ferro	1 (11,1)	1 (100)	0	0	Falta renovar a pintura e há ferrugem.
4. Gira-gira	Ferro e madeira	1 (11,1)	0	0	1 (100)	Foi totalmente removido.
5. Gangorra	Ferro e madeira	2 (22,2)	0	0	2 (100)	Foi totalmente removido.
6. Escorregador	Ferro	1 (11,1)	1 (100)	0	0	Falta renovar a pintura e há ferrugem. A caixa de areia está vazia.
TOTAL PARCIAL EQUIPAMENTOS		9 (100)	6 (66,7)	0	3 (33,3)	
7. Bancos	Cimento	2 (50)	2 (100)	0	0	Apresenta bastante umidade e limo.
8. Lixeiras	Ferro e plástico	2 (50)	2 (100)	0	0	Bom estado de conservação.
TOTAL PARCIAL MOBILIÁRIO		4 (100)	4 (100)	0	0	



(Continua)

PRACINHA INFANTIL FERNANDO FERRARI BLOCO Q

Tipo	Material	Quant.	Condições de uso			Observações
			Funciona	Funciona precariamente	Não funciona	
1. Trepa-trepa	Ferro	1 (16,7)	1 (100)	0	0	Falta renovar a pintura
2. Multifuncional com casinha, escalada, escorregador, balanço com cadeirinha, balanço simples, balanço vai e vem e gangorra.	Madeira	1 (16,7)	0	1 (100)	0	O balanço simples foi removido, ficou apenas o balanço com cadeirinha. O balanço vai e vem está quebrado, foi removida a prancha. O telhado e as laterais de segurança da casinha foram removidos. As correntes de escalar foram removidas. A gangorra está quebrada. A caixa de areia do escorregador está vazia e há mato crescendo. A pintura está em bom estado.
3. Gangorras	Ferro e madeira	3 (49,9)	2 (66,7)	0	1 (33,3)	Duas gangorras foram removidas, sobrou apenas uma.
4. Gira-gira	Ferro e madeira	1 (16,7)	0	0	1 (100)	Totalmente removido
TOTAL PARCIAL EQUIPAMENTOS		6 (100)	3 (50)	1 (16,7)	2 (33,3)	
4. Bancos	Cimento	5 (100)	5 (100)	0	0	Falta pintura. Sujos e úmidos
TOTAL PARCIAL MOBILIÁRIO		5 (100)	5 (100)	0	0	



PRACINHA INFANTIL FERNANDO FERRARI BLOCO T

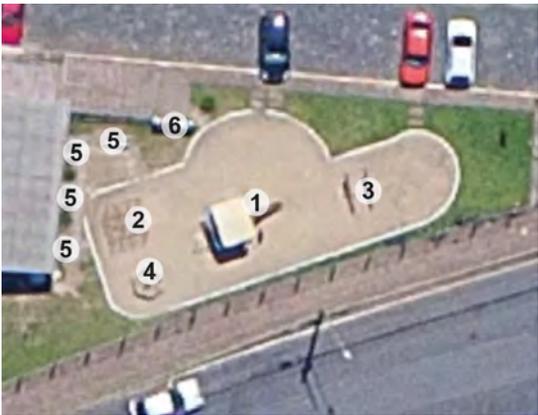
Tipo	Material	Quant.	Condições de uso			Observações
			Funciona	Funciona precariamente	Não funciona	
1. Balanço cavalinho	Ferro e madeira	2 (18,2)	0	2 (100)	0	Falta renovar a pintura e há ferrugem. Partes das madeiras com rachaduras.
2. Balanço cadeirinha	Ferro e madeira	4 (36,3)	2 (50)	0	2 (50)	Falta renovar a pintura e há ferrugem. Algumas partes das madeiras apresentam rachaduras.
3. Balanço tradicional	Ferro e madeira	2 (18,2)	0	0	2 (100)	As correntes e assentos foram removidos.
4. Escorregador	Ferro e madeira	1 (9,1)	1 (100)	0	0	Falta renovar a pintura. Caixa com pouca areia e suja.
5. Gira-gira	Ferro e madeira	1 (9,1)	1 (100)	0	0	Falta renovar a pintura, fissuras na madeira.
6. Trepa-trepa tubos	Cimento	1 (9,1)	1 (100)	0	0	Falta renovar a pintura e está sujo
TOTAL PARCIAL EQUIPAMENTOS		11 (100)	5 (55,6)	2 (22,2)	4 (22,2)	
7. Bancos	Cimento	8 (100)	8 (100)	0	0	Falta pintura. Sujos e úmidos
TOTAL PARCIAL MOBILIÁRIO		8 (100)	8 (100)	0	0	



(Continua)

(Conclusão)

PRACINHA INFANTIL SÃO FRANCISCO FRENTE

	Tipo	Material	Quant.	Condições de uso			Observações
				Funcionam	Funcionam precariamente	Não funcionam	
	1. Multifuncional. Possui casinha, escalada, escorregador, balanço com cadeirinha, balanço tradicional balanço vai e vem	Ferro e madeira	1 (20)	0	1 (100)	0	O balanço cadeirinha foi removido. O escorregador apresenta algumas fissuras na madeira. A pintura está em bom estado.
	2. Trepá-trepá	Ferro	1 (20)	1 (100)	0	0	Bom estado de conservação.
	3. Gangorra	Ferro e madeira	2 (40)	2 (100)	0	0	Bom estado de conservação.
	4. Gira-gira	Ferro e madeira	1 (20)	0	0	1 (100)	Totalmente removido
	TOTAL PARCIAL EQUIPAMENTOS		5 (100)	3 (60)	1 (20)	1 (20)	
	5. Bancos	Cimento e madeira	4 (50)	4 (100)	0	0	Bom estado de conservação.
	6. Lixeiras	Ferro e plástico	4 (50)	4 (100)	0	0	Bom estado de conservação.
	TOTAL PARCIAL MOBILIÁRIO		8 (100)	8 (100)	0	0	

PRACINHA INFANTIL SÃO FRANCISCO FUNDOS

	Tipo	Material	Quant.	Condições de uso			Observações
				Funcionam	Funcionam precariamente	Não funcionam	
	1. Trepá-trepá	Ferro	1 (50)	1 (100)	0	0	Bom estado de conservação.
	2. Escorregador	Ferro	1 (50)	1 (100)	0	0	Bom estado, no entanto há alguns pontos com ferrugem.
	TOTAL PARCIAL EQUIPAMENTOS		2 (100)	2 (100)	0	0	
	3. Bancos	Cimento e madeira	3 (100)	3 (100)	0	0	Bom estado de conservação.
	TOTAL PARCIAL MOBILIÁRIO		3 (100)	3 (100)	0	0	

TOTAL GERAL EQUIPAMENTOS

TOTAL GERAL MOBILIÁRIO

62 (100)

47 (100)

37 (59,7)

45 (95,6)

4 (6,4)

0

21 (33,9)

2 (4,4)

Nota: Quant.= quantidade. Os valores entre parênteses referem-se ao percentual de equipamentos de brincar e mobiliário existente nas praças.

4.2.1.4. Controle de acesso ao conjunto habitacional e às pracinhas e o estado de conservação das pracinhas infantis

Para tal análise, primeiramente, os conjuntos habitacionais foram organizados em dois grupos: i) conjuntos habitacionais sem controle efetivo de acesso (Vila Tecnológica, Loteamento Pampa, Loteamento Santa Terezinha e Fernando Ferrari; ii) conjuntos habitacionais com controle efetivo de acesso (Oásis e São Francisco), utilizando como critério os resultados encontrados no item 4.2.1.1.

Na análise dos resultados, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Mann-Whitney, $\chi^2=10993,000$, sig.=0,001) quanto à avaliação do estado de conservação das pracinhas entre os que mencionam a existência e aqueles que citam a inexistência de controle efetivo de acesso aos conjuntos habitacionais. Esse resultado indica que os moradores dos conjuntos com controle efetivo de acesso consideram as suas pracinhas mais bem conservadas do que as pracinhas de conjuntos sem controle (Tabela 4.6).

Tabela 4.6: Estado de conservação das pracinhas e o controle de acessos aos conjuntos

Avaliação do estado de conservação das pracinhas infantis	Respondentes dos conjuntos sem controle efetivo de acesso	Respondentes dos conjuntos com controle efetivo de acesso
Muito conservada	1 (0,48)	5 (3,75)
Conservada	16 (7,76)	23 (17,29)
Nem bem conservada / nem mal conservada	39 (18,93)	36 (27,06)
Mal conservada	69 (33,49)	26 (19,54)
Muito mal conservada	81 (39,32)	43 (32,33)
TOTAL DE RESPONDENTES	206 (100)	133(100)
Mvo M-W	156,86	190,35

Nota: Os conjuntos habitacionais sem controle efetivo de acesso são: Vila Tecnológica, Loteamento Pampa, Loteamento Santa Terezinha e Fernando Ferrari; os conjuntos habitacionais com controle efetivo de acesso são: Oásis e São Francisco. Mvo M-W = médias dos valores ordinais obtidas através teste Mann-Whitney (M-W) entre as amostras totais, nas quais os valores maiores referem-se às pracinhas consideradas com o melhor estado de conservação; os valores destacados apresentam diferenças significativas entre os grupos. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais do total de respondentes.

Sequencialmente, as pracinhas infantis também foram organizadas em dois grupos: i) pracinhas infantis sem controle efetivo de acesso (Vila Tecnológica, Loteamento Pampa, Loteamento Santa Terezinha, Fernando Ferrari Bloco T e Fernando Ferrari Bloco Q; ii) pracinhas infantis com controle efetivo de acesso (Oásis, São Francisco frente e São Francisco fundos), utilizando como critério os resultados encontrados no item 4.2.1.2.

Nesse caso, também foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Mann-Whitney, $\chi^2=11043,000$, sig.=0,002) quanto à avaliação do estado de conservação das pracinhas entre os que mencionam a existência e aqueles que citam a inexistência de controle efetivo de acesso às pracinhas, indicando que as pracinhas com controle efetivo de acesso são consideradas melhor conservadas do que as pracinhas sem controle efetivo de acesso (Tabela 4.7).

Tabela 4.7: Estado de conservação das pracinhas e o controle de acessos das mesmas

Avaliação do estado de conservação das pracinhas infantis	Respondentes das pracinhas infantis sem controle efetivo de acesso	Respondentes das pracinhas infantis com controle efetivo de acesso
Muito conservada	1 (0,48)	5 (3,76)
Conservada	16 (7,76)	23 (17,29)
Nem bem conservada / nem mal conservada	39 (18,94)	36 (27,07)
Mal conservada	69 (33,49)	26 (19,55)
Muito mal conservada	81 (39,33)	43 (32,33)
TOTAL DE RESPONDENTES	206 (100)	133 (100)
Mvo M-W	156,86	190,35

Nota: As pracinhas sem controle efetivo de acesso são: Vila Tecnológica, Loteamento Pampa, Loteamento Santa Terezinha, Fernando Ferrari Bloco T e Fernando Ferrari Bloco Q; as pracinhas infantis com controle de efetivo acesso são: Oásis, São Francisco frente e São Francisco fundos. Mvo M-W = médias dos valores ordinais obtidas através teste Mann-Whitney (M-W) entre as amostras totais, nas quais os valores maiores referem-se às pracinhas consideradas com o melhor estado de conservação. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais do total de respondentes.

Conclui-se que a existência de um controle efetivo de acesso, tantos aos conjuntos habitacionais como às pracinhas, impacta positivamente na avaliação do estado de conservação das mesmas e garante que os espaços de uso comunitário, como as pracinhas infantis, sejam menos vulneráveis e tenham um melhor estado de conservação.

4.2.2. Relação entre o controle de acesso ao conjunto habitacional e às pracinhas e a percepção de segurança quanto a crimes nas pracinhas infantis

Neste objetivo específico, são consideradas as observações e registros das características físicas (controle de acesso aos conjuntos habitacionais) os resultados obtidos nas entrevistas, nas quais investigou-se a percepção das crianças de 6 a 12 anos em relação à segurança quanto a crimes nas pracinhas infantis; os resultados obtidos nos questionários, nos quais informou-se a percepção dos acompanhantes em relação à segurança quanto a crimes nas pracinhas infantis; a comparação entre a percepção dos acompanhantes e a das crianças em relação à segurança quanto a crimes nas pracinhas infantis e a relação entre o controle de acesso ao conjunto habitacional e às pracinhas e a percepção de segurança quanto a crimes nas pracinhas infantis.

4.2.2.1. Percepção em relação à segurança quanto a crimes nas pracinhas infantis

As pracinhas da Vila Tecnológica e do Loteamento Pampa são marcadamente inseguras, conforme as avaliações negativas por parte de 100% e 83,3% das crianças de 6 a 12 anos, respectivamente (Tabela 4.8). Embora em menor intensidade do que as duas anteriores, as pracinhas Fernando Ferrari Bloco Q e Loteamento Santa Terezinha também são inseguras, conforme as avaliações negativas feitas pela maioria das crianças (56,5% e 54,6%,

respectivamente). Em menor intensidade do que as quatro anteriores, as pracinhas Fernando Ferrari Bloco T e São Francisco frente ainda podem ser consideradas inseguras, já que 30,4% e 23,8% das crianças as consideraram, respectivamente, como inseguras, e o percentual de crianças que as consideraram seguras não chega nem a 50%. Embora a pracinha São Francisco fundos tenha sido considerada insegura por apenas 14,3% das crianças, 47,6% das crianças não soube avaliar a segurança devido ao fato de não utilizarem a pracinha, porque os pais a consideraram insegura. Por outro lado, a pracinha do conjunto Oásis é a única que pode ser considerada segura, conforme a avaliação positiva pela maioria das crianças (65%) e a avaliação negativa por apenas 5% dessas (Tabela 4.8). Portanto, com exceção da pracinha Oásis, as demais pracinhas investigadas podem ser consideradas inseguras, com base nas percepções das crianças de 6 a 12 anos.

Tabela 4.8: Percepção de segurança das crianças da faixa etária de 6 a 12 anos

Pracinhas infantis	Você costuma ir/vir nesta pracinha		Você prefere ir/vir nesta pracinha		Você considera essa pracinha			TOTAL
	sozinho	acomp.	sozinho	acomp.	segura	insegura	não sei	
Oásis	14 (70)	6 (30)	14 (70)	6 (30)	13 (65)	1 (5)	6 (30)	20 (100)
São Francisco fundos	3 (14,3)	18 (85,7)	7 (33,3)	14 (66,7)	8 (38,1)	3 (14,3)	10 (47,6)	21 (100)
São Francisco frente	14 (66,7)	7 (33,3)	16 (76,2)	5 (23,8)	10 (47,6)	5 (23,8)	6 (28,6)	21 (100)
Fernando Ferrari Bloco T	3 (13)	20 (87)	5 (21,7)	18 (78,3)	8 (34,8)	7 (30,4)	8 (34,8)	23 (100)
Lot. Santa Terezinha	6 (27,3)	16 (72,7)	3 (13,6)	19 (86,4)	2 (9)	12 (54,6)	8 (36,4)	22 (100)
Fernando Ferrari Bloco Q	2 (8,7)	21 (91,3)	4 (17,4)	19 (82,6)	10 (43,5)	13 (56,5)	0	23 (100)
Lot. Pampa	4 (16,7)	20 (83,3)	1 (4,2)	23 (95,8)	0	20 (83,3)	4 (16,7)	24 (100)
Vila Tecnológica	6 (20)	24 (80)	1 (3,3)	29 (96,7)	0	30 (100)	0	30 (100)

Nota: Acomp= Acompanhado(a). Não sei = criança não soube responder. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de crianças que apontaram cada resposta em relação à percepção de segurança. As avaliações de segurança mencionadas referem-se à faixa etária de 6 a 12 anos, sendo essa, a única faixa que foi entrevistada.

Quando examinadas em relação ao gênero (Tabela 4.9), verifica-se que, com exceção das pracinhas Fernando Ferrari Bloco T e São Francisco frente, não se observa maiores diferenças entre as avaliações sobre a segurança nas pracinhas por parte dos meninos e das meninas. A Fernando Ferrari Bloco T é percebida como insegura bem mais pelas meninas (50%) do que pelos meninos (9,1%) (Tabela 4.9). Essa diferença de percepção reflete-se na diferença de autonomia entre os gêneros. Enquanto 27,7% dos meninos costuma ir sozinho e 36,4% prefere ir sozinho à pracinha, nenhuma menina tem o costume de ir sozinha e apenas uma disse preferir ir sem acompanhante (Tabela 4.9), indicando que os problemas de segurança dessa pracinha tendem afetar mais as meninas do que dos meninos. O que justifica a avaliação positiva sobre a segurança nessa pracinha por parte de 54,5% dos meninos é o fato da moradia ser próxima à pracinha (26%), além da presença dos amigos (8,7%) (Tabela 4.10). Em relação a São Francisco frente, apenas os meninos (41,7%) a consideram insegura e nenhuma menina avaliou a pracinha negativamente. Inclusive, o percentual de meninos que considera a pracinha insegura corresponde ao que prefere ir à pracinha acompanhado (33,3%) (Tabela 4.9). A percepção negativa desses

meninos está relacionada à percepção negativa de segurança dos acompanhantes (Tabela 4.10).

Tabela 4.9: Percepção de segurança quanto ao gênero das crianças

Pracinhas infantis	Idade	Você costuma ir/vir nesta pracinha		Você prefere ir/vir nesta pracinha		Você considera essa pracinha			TOTAL
		sozinho	acomp.	sozinho	acomp.	segura	insegura	não sei	
Oásis	Menina	6(66,7)	3(33,3)	6(66,7)	3(33,3)	8(88,8)	0	1(11,2)	20(10,9)
	Menino	8(72,7)	3(27,3)	8(72,7)	3(27,3)	5(45,5)	1(9)	5(45,5)	
São Francisco frente	Menina	7(77,8)	2(22,2)	8(88,8)	1(11,2)	6(66,7)	0	3(33,3)	21(11,4)
	Menino	7(58,3)	5(41,7)	8(66,7)	4(33,3)	4(33,3)	5(41,7)	3(25)	
São Francisco fundos	Menina	2(22,2)	7(77,8)	3(33,3)	6(66,7)	3(33,3)	3(33,3)	3(33,3)	21(11,4)
	Menino	1(8,3)	11(91,7)	4(33,3)	8(66,6)	5(41,7)	0	7(58,3)	
Fernando Ferrari Bloco T	Menina	0	12(100)	1(8,3)	11(91,7)	2(16,7)	6(50)	4(33,3)	23(12,5)
	Menino	3(27,7)	8(72,8)	4(36,4)	7(63,6)	6(54,5)	1(9,1)	4(36,4)	
Loteamento Santa Terezinha	Menina	3(25)	9(75)	2(16,7)	10(83,3)	2(16,7)	6(50)	4(33,3)	22(12)
	Menino	3(30)	7(70)	1(10)	9(90)	0	6(60)	4(40)	
Fernando Ferrari Bloco Q	Menina	0	12(100)	1(8,3)	11(91,7)	6(50)	6(50)	0	23(12,5)
	Menino	2(16,7)	9(83,3)	3(27,3)	8(72,7)	4(36,4)	7(63,6)	0	
Loteamento Pampa	Menina	2(18,2)	9(81,8)	0	11(100)	0	8(72,7)	3(27,3)	24(13)
	Menino	2(15,4)	11(84,6)	1(7,7)	12(92,3)	0	12(92,3)	1(7,7)	
Vila Tecnológica	Menina	3(21,4)	11(78,6)	1(7,1)	13(92,9)	0	14(100)	0	30(16,3)
	Menino	3(18,7)	13(81,3)	0	16(100)	0	16(100)	0	
TOTAL	Menina	29(30,3)	67(69,7)	28(29,2)	68(70,8)	18(20,5)	43(48,9)	27(30,7)	184(100)
	Menino	23(26,1)	65(73,9)	23(28,1)	65(73,9)	24(25)	48(50)	24(25)	

Nota: Acomp= Acompanhado(a). Não sei = criança não soube responder. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais quanto ao gênero em questão que apontou cada resposta em relação à percepção de segurança de cada pracinha.

No tocante à percepção de segurança dos acompanhantes, a maioria (65,5%) percebe as pracinhas como inseguras ou muito inseguras. Contudo, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kruskal-Wallis, $\chi^2=159,220$, sig.=0,000) entre as percepções de segurança dos acompanhantes em cada pracinha (Tabela 4.10). As pracinhas Fernando Ferrari Bloco Q, Fernando Ferrari Bloco T, Vila Tecnológica e Loteamento Pampa são percebidas como inseguras pela totalidade ou quase totalidade dos acompanhantes (100%, 96,5%, 93,3% e 90,9%, respectivamente) (Tabela 4.9). Embora em menor intensidade do que as quatro anteriores, as pracinhas São Francisco fundos e Loteamento Santa Terezinha também são claramente inseguras, conforme as avaliações negativas da maioria dos acompanhantes (77,1% e 66,7%, respectivamente) (Tabela 4.10). Por outro lado, as pracinhas São Francisco frente e Oásis são as únicas que podem ser consideradas seguras, conforme a avaliação positiva pela maioria dos acompanhantes (85,8% e 80%, respectivamente) (Tabela 4.10). Portanto, com exceção dessas duas pracinhas, as demais pracinhas investigadas podem ser consideradas inseguras, com base nas percepções dos acompanhantes. Logo, as percepções dos acompanhantes tendem a ser similares às das crianças, com seis das oito pracinhas sendo percebidas como inseguras em distintos graus de intensidade. Entretanto, existe alguma divergência em relação à pracinha São Francisco frente, já que essa é percebida como segura apenas pelos acompanhantes.

Tabela 4.10: Percepção de segurança dos acompanhantes

PRACINHAS INFANTIS	Você considera a pracinha infantil?							CP
	Muito segura	Segura	Nem segura / nem insegura	Insegura	Muito insegura	Mvo K-W	TOTAL	
Oásis	11 (27,5)	21 (52,5)	2 (5)	6 (15)	0	224,66	40 (16,7)	1º
São Francisco frente	1 (2,9)	29 (82,9)	2 (5,6)	0	3 (8,6)	215,51	35 (12,8)	2º
Lot. Santa Terezinha	0	5 (11,9)	9 (21,4)	23 (54,8)	5 (11,9)	141,23	42 (15,3)	3º
São Francisco fundos	0	0	8 (22,9)	25 (71,4)	2 (5,7)	134,66	35 (12,7)	4º
Fernando Ferrari Bloco T	0	0	1 (3,5)	23 (79,3)	5 (17,2)	110,95	29 (10,6)	5º
Fernando Ferrari Bloco Q	0	0	0	19 (65,5)	10 (34,5)	93,14	29 (10,6)	6º
Vila Tecnológica	0	0	2 (6,7)	11 (36,7)	17 (56,6)	77,88	30 (11)	7º
Lot. Pampa	0	0	3 (9,1)	4 (12,1)	26 (78,8)	59,76	33 (12,1)	8º
TOTAL	12 (4,4)	55 (20,2)	27 (9,9)	111 (40,6)	68 (24,9)		273 (100)	

Nota: Lot. = Loteamento; Mvo K-W= média dos valores ordinais obtida pelo teste Kruskal-Wallis (o menor valor indica a pior avaliação em relação à segurança quanto a crimes na pracinha); CP= classificação das pracinhas da mais segura (1º) até a menos segura (8º). Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de respondentes que apontaram cada resposta em relação à percepção de segurança de cada pracinha.

Nas pracinhas pior avaliadas pelas crianças, existe uma clara coincidência entre as razões para justificar a insegurança na Vila Tecnológica e Loteamento Pampa. A justificativa mencionada por quase a totalidade das crianças nas duas pracinhas é a incidência de tiros (96,6% e 91,7%, respectivamente) (Tabela 4.11), conforme ressaltado por uma criança entrevistada:

Nossa tia, tenho muito medo de tiro. Eu já vi. O [nome] chegou e deu um tiro no [nome], ali [apontou para o local onde ocorreu o fato]. Eu tava bem na frente. E ainda quase que pegou no meu vô, que caiu no chão.... e vou sozinha, mas o meu vô fica me cuidando de casa (menina, 10 anos, Vila Tecnológica).

As principais justificativas negativas mencionadas pelos acompanhantes da Vila Tecnológica estão relacionadas à falta controle de acesso, ocasionada pela falta de cercamento no conjunto (66,7%), e à gestão do conjunto, como a falta de vigias (60%). Aparece, também, na mesma proporção, a falta de controle de pessoas (36,7%) e a frequência de não moradores (36,7%). Apenas 13,3% relacionou a insegurança com a falta de cercamento na pracinha, indicando que cercar o conjunto é prioritário. Em relação ao Loteamento Pampa, a principal justificativa para a insegurança na pracinha é a falta de vigias (72,7%). As demais justificativas também estão relacionadas à falta de controle de acesso ao conjunto e à pracinha; a pracinha ser frequentada por não moradores (63,6%); a falta de controle de entrada e saída de pessoas e a falta de cercamento no conjunto (27,3%) e na pracinha (21,1%)(Tabela 4.12).

Tabela 4.11: Principais justificativas quanto à percepção de segurança das crianças

JUSTIFICATIVAS	PRACINHAS INFANTIS								TOTAL (191)
	Fernando Ferrari Bl. T (23)	Fernando Ferrari Bl. Q (23)	São Francisco fundos (21)	Lot. Pampa (24)	Vila Tecnológica (30)	Lot. Santa Terezinha (22)	Oásis (20)	São Francisco frente (21)	
Principais justificativas para a percepção negativa de segurança									
Incidência de tiros	0	0	0	22(91,7)	29(96,6)	0	0	0	51(26,7)
Responsável não deixa ir sozinho à pracinha	4(17,4)	9(39,1)	2(9,5)	2(8,3)	0	0	5(25)	6(28,6)	28(14,6)
Presença de pessoas estranhas	12(52,2)	3(13)	3(14,3)	0	0	7(31,8)	0	0	25(13,1)
Medo, sem uma causa específica devido a recomendações de casa	1(4,3)	7(30,4)	9(42,9)	0	0	3(13,6)	0	0	20(10,5)
Presença de pessoas usando drogas	1(4,3)	0	0	0	0	10(45,5)	0	0	11(5,8)
Não soube explicar	1(4,3)	1(4,3)	0	0	0	2(9,1)	1(5)	1(4,8)	6(3,1)
Principais justificativas para a percepção positiva de segurança									
A pracinha é perto da moradia	6(26)	4(17,4)	5(23,8)	0	0	2(9,1)	8(40)	5(23,8)	25(13,1)
Presença dos amigos	2(8,7)	7(30,4)	0	0	0	1(4,5)	2(10)	5(23,8)	17(8,9)
Presença do vigia	0	0	0	0	0	0	5(25)	3(14,3)	8(4,2)

Nota: Lot. = Loteamento. Bl. = Bloco. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de crianças que apontaram cada resposta em relação à percepção de segurança de cada pracinha.

Comparando as justificativas das crianças com a dos acompanhantes, percebe-se que elas estão interligadas. Esses dois conjuntos estão localizados em uma área da cidade considerada zona de conflito entre gangues. Como esses conjuntos não possuem cercamento, o controle de acesso é inexistente, facilitando a circulação de meliantes no seu interior.

Na Fernando Ferrari Bloco Q, também considerada insegura pela maioria das crianças e dos acompanhantes, as justificativas negativas das crianças mais vezes mencionadas estão relacionadas à falta de autonomia para ir à pracinha (39,1%) e medo sem causa específica (30,4%). Essas justificativas citadas pelas crianças são influenciadas pelas recomendações e comentários que elas ouvem em casa, de que a pracinha é um local inseguro. Por outro lado, a pracinha localizada da moradia (17,4%) e a presença de amigos (30,4%) tendem a influenciar positivamente a percepção de segurança das crianças (Tabela 4.11). Já os acompanhantes, consideram essa pracinha insegura devido à falta de vigias (37,9%), à frequência de não moradores (34,5%) e à falta de controle de entrada e saída de pessoas (17,2%). Embora o conjunto Fernando Ferrari seja cercado, o muro que circunda o conjunto possui diversas falhas, tornando-se ineficiente, o que justifica a falta de cercamento ter sido mencionada pelos acompanhantes (13,8%) (Tabela 4.12).

Tabela 4.12: Principais justificativas quanto à percepção de segurança dos acompanhantes

JUSTIFICATIVAS	PRACINHAS INFANTIS								
	Lot. Pampa (33)	Vila Tecnológica (30)	Fernando Ferrari Bl. Q (29)	Fernando Ferrari Bl. T (29)	São Francisco fundos (35)	Lot. Santa Terezinha (42)	Oásis (40)	São Francisco frente (35)	TOTAL (485)
Principais justificativas para percepção negativa de segurança									
a falta de vigias	24(72,7)	18(60)	11(37,9)	5(17,2)	0	16(38,1)	0	0	74(27,1)
a pracinha ser frequentada por não moradores	21(63,6)	11(36,7)	10(34,5)	6(20,7)	3(8,6)	14(33,3)	4(10)	0	69(25,2)
a falta de cercamento no conjunto habitacional	9(27,3)	20(66,7)	4(13,8)	2(6,9)	0	21(50)	0	0	56(20,5)
a falta de controle de entrada e saída de pessoas no conjunto habitacional	14(42,4)	11(36,7)	5(17,2)	8(27,6)	0	6(14,3)	1(2,5)	0	45(16,5)
a falta de cercamento na pracinha infantil	7(21,2)	4 (13,3)	0	0	3(8,6)	13(31)	0	13(37,1)	40(14,6)
a impossibilidade de muitos moradores visualizarem a pracinha a partir de suas moradias	1(3)	0	0	0	22(62,9)	0	0	1(2,9)	24(8,8)
Principais justificativas para percepção positiva de segurança									
existência de cercamento no conjunto habitacional	0	0	0	8(27,6)	0	0	28(70)	30(85,7)	66(24,1)
a presença de vigias	0	0		0	0	0	29(72,5)	31(88,6)	60(21,9)
a pracinha ser frequentada apenas por moradores ou visitantes acompanhados	0	0	3(10,3)	5(17,2)	0	3(7,1)	18(45)	8(22,9)	37(13,5)
a existência de controle de entrada e saída de pessoas no conjunto habitacional	0	0	0	0	0	0	8(20)	6(17,1)	14(5,1)

Nota: Lot. = Loteamento. Bl. = Bloco. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de cada justificativa apontada pelos respondentes em relação à percepção de segurança de cada pracinha.

As justificativas das crianças e dos acompanhantes para a insegurança das pracinhas Loteamento Santa Terezinha e Fernando Ferrari Bloco T são coincidentes e estão relacionadas à falta de controle de acesso aos dois conjuntos. Para as crianças, as pracinhas são inseguras devido à presença de pessoas estranhas (31,8% e 52,2%, respectivamente) e à presença de pessoas usando drogas (45,5% e 4,3%, respectivamente). Por outro lado, a pracinha localizada perto da moradia (9,1% e 26%, respectivamente) e a presença de amigos (4,5% e 8,7%, respectivamente) influenciou positivamente a percepção de segurança das crianças (Tabela 4.11). Para os acompanhantes, a insegurança nessas duas pracinhas é reflexo da falta de cercamento nos conjuntos (50% e 6,9%, respectivamente), que propicia a frequência de não moradores (33,3% e 20,7%, respectivamente) e a falta de controle de entrada e saída de pessoas (14,3% e 27,6%, respectivamente). A falta de vigias também foi mencionada pelos acompanhantes (38,1% e 17,2%, respectivamente) das duas pracinhas. Adicionalmente, 31% dos acompanhantes da Loteamento Santa Terezinha citaram a falta de cercamento na própria pracinha (Tabela 4.12).

As crianças que consideram a pracinha São Francisco fundos insegura mencionaram que sentem medo sem uma causa específica (42,9%), além não terem permissão para irem sozinhas à pracinha (9,3%) e a possibilidade de haver pessoas estranhas no local (14,3%), embora 23,8% das crianças tenha destacado como razão positiva a pracinha ser perto de casa (Tabela 4.11). Para os acompanhantes, a principal razão para essa pracinha ser considerada insegura está relacionada com a sua localização no conjunto, que impossibilita ser visualizada por muitas moradias (62,9%) (Tabela 4.12). Comparando as justificativas percebe-se que a percepção negativa das crianças é influenciada pela percepção negativa dos acompanhantes e pelas recomendações e comentários que as crianças ouvem em casa.

A principal justificativa das crianças para a percepção negativa da São Francisco frente é a falta de autonomia para ir à pracinha (28,6%) (Tabela 4.11). Embora essa pracinha seja percebida como segura pela maioria dos acompanhantes, para 37,7% o fato da pracinha não ser cercada influencia negativamente a percepção de segurança. No entanto, o fato do conjunto possuir controle de acesso efetivo, com cercamento (85,7%) e vigia (88,6%), faz com que a pracinha seja frequentada apenas por moradores (22,9%) e tenha maior controle de entrada e saída de pessoas (17,1%), aumentando a percepção de segurança dos acompanhantes (Tabela 4.12).

Com exceção da menção da presença de vigias (25%), as principais justificativas para a percepção positiva de segurança da pracinha Oásis, segundo as crianças, estão relacionadas ao fato da pracinha ser perto da moradia (40%) e à presença de amigos (10%). Por outro lado, não ter autonomia para ir à pracinha sem acompanhante foi mencionada por 25% das crianças como sendo uma justificativa negativa para a percepção de segurança (Tabela 4.11). Já, as justificativas mencionadas pelos acompanhantes, que favorecem a avaliação positiva estão relacionadas à presença de vigias e o conjunto ter um controle efetivo de acesso, com cercamento (70%), frequência apenas de moradores (45%) e o controle de entrada e saída de pessoas (20%) (Tabela 4.12).

Portanto, pode-se concluir que, de um modo geral, a percepção negativa de segurança dos acompanhantes tende a influenciar negativamente a percepção das crianças, principalmente com as recomendações e comentários que elas ouvem em casa sobre a segurança das pracinhas. Por outro lado, as crianças sentem-se mais seguras quando a pracinha fica perto da moradia e com a presença dos amigos, exceto em situações de perigo extremo, como relatado na Vila Tecnológica e no Loteamento Pampa. A falta de controle de acesso, principalmente com relação à falta de cercamento nos conjuntos, associada à falta de vigias

são os fatores que mais implicam negativamente na percepção de segurança dos acompanhantes. Destaca-se também que, pracinhas localizadas em áreas que não permitem ser visualizadas a partir das moradias tendem a ser percebidas como inseguras, independente do conjunto possuir cercamento, como é o caso da São Francisco frente.

4.2.2.2. Relação entre o controle de acesso ao conjunto habitacional e às pracinhas e a percepção de segurança quanto a crimes nas pracinhas infantis

Na análise dos resultados, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Mann-Whitney, $\chi^2=4661,000$, sig.=0,000) entre os conjuntos com controle e sem controle efetivo, indicando que os moradores dos conjuntos com controle de acesso consideram as suas pracinhas mais seguras do que as pracinhas de conjuntos sem controle (Tabela 4.13).

Tabela 4.13: Percepção de segurança e o controle de acessos aos conjuntos habitacionais

Percepção de segurança nas pracinhas infantis	Respondentes dos conjuntos sem controle efetivo de acesso	Respondentes dos conjuntos com controle efetivo de acesso
Muito segura	1 (0,5)	11 (8,3)
Segura	34 (16,5)	21 (15,8)
Nem segura / nem insegura	24 (11,7)	3 (2,3)
Insegura	90 (43,7)	21 (15,8)
Muito insegura	57 (27,7)	11 (8,3)
TOTAL DE RESPONDENTES	206 (100)	133(100)
Mvo M-W	126,13	170,43

Nota: Os conjuntos habitacionais sem controle de acesso são: Vila Tecnológica, Loteamento Pampa, Loteamento Santa Terezinha e Fernando Ferrari; os conjuntos habitacionais com controle de acesso são: Oásis e São Francisco. Mvo M-W = médias dos valores ordinais obtidos através do teste Mann-Whitney (M-W) entre as amostras totais, nas quais os valores maiores referem-se às pracinhas consideradas mais seguras. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais do total de respondentes.

Também foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Mann-Whitney, $\chi^2=4661,000$, sig.=0,000) entre as pracinhas com controle e sem controle, indicando que as pracinhas com controle de acesso são consideradas mais seguras do que as pracinhas sem controle de acesso (Tabela 4.14).

Tabela 4.14: Percepção de segurança e o controle de acessos às pracinhas

Percepção de segurança nas pracinhas infantis	Respondentes das pracinhas sem controle efetivo de acesso	Respondentes das pracinhas com controle efetivo de acesso
Muito segura	1 (0,5)	11 (8,3)
Segura	34 (16,5)	21 (15,8)
Nem segura / nem insegura	24 (11,7)	3 (2,3)
Insegura	90 (43,7)	21 (15,8)
Muito insegura	57 (27,7)	11 (8,3)
TOTAL RESPONDENTES	206 (100)	133(100)
Mvo M-W	126,13	170,43

Nota: As pracinhas sem controle de acesso são: Vila Tecnológica, Loteamento Pampa, Loteamento Santa Terezinha, Fernando Ferrari Bloco T e Fernando Ferrari Bloco Q; as pracinhas infantis com controle de acesso são: Oásis, São Francisco frente e São Francisco fundos. Mvo M-W = médias dos valores ordinais obtidos através teste Mann-Whitney (M-W) entre as amostras totais, nas quais os valores maiores referem-se às pracinhas consideradas mais seguras. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais do total de respondentes.

Portanto, conclui-se que o maior problema de segurança ocorre nos conjuntos habitacionais sem controle de acesso, e conseqüentemente, nas pracinhas infantis que também não possuem controle efetivo de acesso, sendo essas as mais vulneráveis a situações de perigo.

4.2.3. Relação entre a percepção de segurança e a frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis

Neste objetivo específico, são considerados os resultados obtidos nos questionários com os acompanhantes nos quais foi identificada a frequência de uso das pracinhas por parte das crianças, as observações de comportamento com a intensidade e tipos de usos nas pracinhas, conforme faixa etária e gênero, e a relação entre tais aspectos e a percepção de segurança das pracinhas.

4.2.3.1. Identificação da frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis

A clara maioria das crianças da Vila Tecnológica (83,3%) e do Loteamento Santa Terezinha (71,4%) frequenta a pracinha pelo menos duas vezes por semana. Com intensidade um pouco menor que as anteriores, 63,6% das crianças do Loteamento Pampa (63,6%) frequenta a pracinha pelo menos duas vezes por semana e 36,4% no máximo uma vez por semana (Tabela 4.15).

No conjunto Fernando Ferrari, a pracinha do Bloco Q tem uma frequência de uso menor do que a pracinha do Bloco T. Mais da metade das crianças (68,9%) frequenta a pracinha do Bloco T pelo menos duas vezes por semana e 31% frequenta no máximo uma vez por semana. Contrariamente, na Bloco Q, mais da metade das crianças (62%) frequenta a pracinha no máximo uma vez por semana e apenas 38% costuma frequentar pelo menos duas vezes por semana (Tabela 4.15). No conjunto São Francisco, a pracinha da frente é, claramente, mais frequentada que a fundos. Enquanto 62,9% das crianças frequenta a pracinha da frente pelo menos duas vezes por semana, a totalidade das crianças do conjunto não chega frequentar a pracinha dos fundos nem uma vez por semana (Tabela 4.15). Na Oásis, a maioria das crianças (62,5%) também costuma frequentar a pracinha pelo menos duas vezes por semana e 25% no máximo uma vez por semana (Tabela 4.15). Portanto, com exceção da Fernando Ferrari Bloco Q, onde a maioria das crianças frequenta, no máximo, uma vez por semana, e da São Francisco fundos, que praticamente não é

frequentada, a frequência de uso pelas crianças em todas as demais pracinhas acontece pelo menos uma vez por semana.

Tabela 4.15: Frequência de uso da(s) pracinha(s) pelas crianças

Qual a frequência de uso da pracinha infantil?						
Pracinhas infantis	Mais de 04 vezes por semana	De 02 a 04 vezes por semana	Máximo 01 vez por semana	Menos de 01 vez por semana	Não frequentam nunca	TOTAL
Lot. Santa Terezinha	6 (14,3)	24 (57,1)	7 (16,7)	5 (11,9)	0	42 (15,4)
Vila Tecnológica	3 (10)	22 (73,3)	4 (13,3)	1 (3,3)	0	30 (11,1)
Lot. Pampa	8 (24,2)	13 (39,4)	8 (24,2)	4 (12,1)	0	33 (12,1)
Fernando Ferrari Bl. T	9 (31)	11 (37,9)	8 (27,6)	1 (3,4)	0	29 (10,6)
Fernando Ferrari Bl. Q	3 (10,4)	8 (27,6)	5 (17,2)	13 (44,8)	0	29 (10,6)
São Francisco frente	8 (22,9)	14 (40)	7 (20)	6 (17,1)	0	35 (12,8)
São Francisco fundos	0	0	3 (8,6)	4 (11,4)	28 (80)	35 (12,8)
Oásis	10 (25)	15 (37,5)	10 (25)	5 (12,5)	0	40 (14,6)
TOTAL	47 (17,2)	107 (39,2)	52 (19)	39 (14,3)	28 (10,3)	273 (100)

Nota: Lot.=Loteamento; Bl.=Bloco. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de respostas de cada acompanhante em relação à frequência de uso das pracinhas. Cada respondente informou a frequência de uso de apenas uma criança que costuma acompanhar.

Quando a frequência de uso é analisada por faixas etárias, identifica-se que a maioria expressiva ou a totalidade das crianças que frequenta as pracinhas pelo menos duas vezes por semana é a de 6 a 12 anos (92% na Loteamento Santa Terezinha, 100% na Vila Tecnológica, 80% na Loteamento Pampa, 100% na Fernando Ferrari Bloco T, 66,7% na Fernando Ferrari Bloco Q, 66,7% na São Francisco frente e 100% na Oásis), com exceção da pracinha São Francisco fundos (Tabela 4.16). Em relação à faixa de 2 a 5 anos, os resultados revelam que a maioria das crianças da Vila Tecnológica (58,3%), Fernando Ferrari Bloco T (57,1%) e Loteamento Pampa (50%) também frequenta as pracinhas pelos menos duas vezes por semana. Por outro lado, nas pracinhas Loteamento Santa Terezinha (46,6%), São Francisco frente (43,7%) e Oásis (41,6%), o percentual de crianças de 2 a 5 anos que frequenta pelo menos duas vezes por semana é um pouco inferior ao das crianças das pracinhas anteriores, diminuindo mais ainda na Fernando Ferrari Bloco Q (21,4%). As crianças de 6 até 24 meses e com menos de 6 meses, frequentam as pracinhas, no máximo, uma vez por semana (Tabela 4.16). Logo, os resultados indicam que, a frequência de uso tende a aumentar conforme aumenta também a faixa etária. Além disso, as crianças menores dependem da disponibilidade de um acompanhante para poder frequentar as pracinhas, o que tende a reduzir a frequência, conforme mencionado por uma acompanhante no trecho a seguir:

Eu até levaria mais vezes, mas só levo quando eu tenho tempo, geralmente nos finais de semana que eu ou meu marido estamos em casa (mãe de menino de 4 anos, Oásis).

Tabela 4.16: Frequência de uso da(s) pracinha(s) por faixa etária das crianças

Pracinhas Infantis	Frequenta pelo menos 2 vezes por semana				Frequenta no máximo 1 vez por semana				Total
	Até 6 meses	6 a 24 meses	2 a 5 anos	6 a 12 anos	Até 6 meses	6 a 24 meses	2 a 5 anos	6 a 12 anos	
Lot. Santa Terezinha	0	0	7 (46,6)	23 (92)	0	2 (100)	8 (53,4)	2 (8)	42 (100)
Vila Tecnológica	0	0	7 (58,3)	18 (100)	0	0	5 (41,6)	0	30 (100)
Lot. Pampa	0	0	9 (50)	12 (80)	0	0	9 (50)	3 (20)	33 (100)
Fernando Ferrari Bl. T	0	0	8 (57,1)	12 (100)	1(100)	2(100)	6 (42,9)	0	29 (100)
Fernando Ferrari Bl. Q	0	0	3 (21,4)	8 (66,7)	1(100)	2(100)	11 (78,6)	4 (33,3)	29 (100)
São Francisco frente	0	0	7 (43,7)	15 (100)	0	4(100)	9 (56,3)	0	35 (100)
São Francisco fundos	0	0	0	0	0	4(100)	16(100)	15(100)	35 (100)
Oásis	0	0	5 (41,6)	20 (100)	1(100)	7(100)	7(58,4)	0	40 (100)

Nota: Lot.=Loteamento; Bl.=Bloco. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais em relação ao total de crianças na faixa etária em questão.

Embora o percentual de meninos (61,2%) que frequenta as pracinha pelo menos duas vezes por semana seja maior que o percentual de meninas (57,9%), não se identificou maiores diferenças entre a frequência de gêneros na amostra total das pracinhas investigadas. No entanto, quando analisada a frequência por gênero em cada pracinha, percebe-se que nas duas pracinhas do conjunto Fernando Ferrari, os meninos (91,6% na Bloco T e 83,3% na Bloco Q) frequentam mais vezes na semana as pracinhas do que as meninas (52,9% Bloco T e 58,8% Bloco Q). Contrariamente, a São Francisco frente é frequentada mais vezes na semana pelas meninas (71,4%) do que pelos meninos (57,1%) (Tabela 4.17).

Tabela 4.17: Frequência de uso da(s) pracinha(s) por gêneros das crianças

Pracinhas Infantis	Frequenta pelo menos duas vezes por semana		Frequenta no máximo uma vez por semana		Total	
	Menina	Menino	Menina	Menino	Meninas	Meninos
Lot. Santa Terezinha	14 (73,7)	16 (69,6)	5 (26,3)	7(30,4)	19 (100)	23 (100)
Vila Tecnológica	11 (84,6)	14(82,3)	2 (15,4)	3(17,7)	13 (100)	17 (100)
Lot. Pampa	8(61,5)	13 (65)	5 (38,5)	7(35)	13 (100)	20 (100)
Fernando Ferrari Bl. T	9(52,9)	11(91,6)	8 (47,1)	1(8,4)	17 (100)	12 (100)
Fernando Ferrari Bl. Q	10 (58,8)	10(83,3)	7 (41,2)	2(16,7)	17 (100)	12 (100)
São Francisco frente	10(71,4)	12(57,1)	4 (28,6)	9(42,9)	14 (100)	21 (100)
São Francisco fundos	0	0	14(100)	21(100)	14 (100)	21 (100)
Oásis	11(57,9)	14(66,6)	8 (42,1)	7(33,4)	19 (100)	21 (100)
TOTAL GERAL	73 (57,9)	90 (61,2)	53 (42,1)	57 (38,8)	126(100)	147(100)

Nota: Lot.=Loteamento; Bl.=Bloco. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais quanto ao gênero das crianças em relação à frequência de uso das pracinhas.

Adicionalmente, através das observações de comportamento, foi possível identificar a intensidade de uso em cada pracinha, bem como as diferenças de uso entre as faixas etárias e gênero das crianças. Quando analisada a intensidade de uso das pracinhas pelas faixas etárias das crianças, identificou-se que na Vila Tecnológica, Loteamento Santa Terezinha, Loteamento Pampa e Oásis, a maioria expressiva é de 6 a 12 anos (79,8%, 84,5%, 75% e 63%, respectivamente), com um claro decréscimo da presença de crianças menores, nas faixas etárias de 2 a 5 anos (18,6%, 14,1%, 18,5% e 22,8%, respectivamente), de 6 a 24 meses (1,6%, 1,4%, 6,5% e 14%, respectivamente), e com a

inexistência de crianças com menos de 6 meses também nas demais pracinhas (Tabela 4.18) (Figuras 4.23, 4.24, 4.25, 4.26, 4.27, 4.28, 4.35 e 4.36). Diferentemente das anteriores, nas duas pracinhas do conjunto Fernando Ferrari, Bloco T e Bloco Q, a quantidade de crianças de 2 a 5 anos e de bebês de 6 até 24 meses (67,7% e 51,7%, respectivamente) é superior a de crianças de 6 a 12 anos (32,3% e 48,3%, respectivamente) (Figuras 4.29 e 4.30). Na São Francisco frente, a diferença entre a faixa etária de 2 a 5 anos (47,4%) e a de 6 a 12 anos (44,2%) é pouco expressiva, e também observa-se um claro decréscimo da presença de bebês de 6 até 24 meses (8,4%). A pracinha São Francisco fundos, por ser a pracinha menos usada, registrou apenas quatro meninos da faixa etária de 6 a 12 anos. Em relação ao gênero, observamos que todas as oito pracinhas são claramente mais usadas por meninos do que por meninas (Tabela 4.18).

Tabela 4.18: Faixas etárias e gêneros das crianças registrados nos mapas comportamentais

Faixas etárias	Até 6 meses		De 6 até 24 meses		De 2 a 5 anos		De 6 a 12 anos		Adolescentes (13 a 17 anos)		Adultos	
	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M
Vila Tecnológica	0	0	3(100)	0	14(38,9)	22(61,2)	27(17,5)	127(82,5)	6(50)	6(50)	29(46,8)	33(53,2)
	0		3(1,6)		36(18,6)		154(79,8)		12(100)		62(100)	
Lot. Santa Terezinha	0	0	3(100)	0	14(45,2)	17(54,8)	52(28,1)	133(71,9)	6(50)	6(50)	13(31,7)	28(90,3)
	0		3(1,4)		31(14,1)		185(84,5)		12(100)		41(100)	
Lot. Pampa	0	0	7(100)	0	5(25)	15(75)	28(34,6)	53(65,4)	6(50)	6(50)	28(40,6)	41(59,4)
	0		7(6,5)		20(18,5)		81(75)		20(100)		69(100)	
Fernando Ferrari Bl. T	0	0	10(30,3)	23(69,7)	26(49)	27(50,9)	16(39)	25(61)	12(50)	12(50)	74(96,1)	3(3,9)
	0		33(26)		53(41,7)		41(32,3)		24(100)		77(100)	
Fernando Ferrari Bl. Q	0	0	11(100)	0	11(22)	39(78)	26(45,6)	31(54,4)	0	0	38(88,4)	5(11,6)
	0		11(9,3)		50(42,4)		57(48,3)		0		43(100)	
São Francisco frente	0	0	3(75)	2(25)	14(50)	14(50)	8(30,7)	18(69,3)	0	0	51(82,3)	11(17,7)
	0		5(8,4)		28(47,4)		26(44,2)		0		62(100)	
São Francisco fundos	0	0	0	0	0	0	0	4(100)	0	0	6(66,7)	3(33,3)
	0		0		0		4(100)		0		9(100)	
Oásis	0	0	5(62,5)	3(37,5)	0	13(100)	9(25)	27(75)	0	0	24(80)	6(20)
	0		8(14)		13(22,8)		36(63,1)		0		30(100)	

Nota: F=feminino; M=masculino. Lot.=Loteamento. Bl.=Bloco. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais em relação à quantidade de crianças de cada faixa etária e gênero.

Uma possível explicação para esta diferença é o fato da população de meninos (56%) nos conjuntos ser maior do que a de meninas (44%), com exceção do Fernando Ferrari, onde o percentual de meninos (41%) é inferior ao de meninas (59%) (Tabela 4.19). Para calcular a população de crianças em cada conjunto habitacional identificou-se, inicialmente, a média de crianças por moradia. Esse cálculo foi feito com base na quantidade de crianças residentes na casa de cada acompanhante que respondeu o questionário. A partir disso, a média de crianças por moradia foi calculada dividindo o número total de crianças pelo número de moradias. A população de crianças por conjunto foi calculada multiplicando a média de criança por moradia pelo total de residências do conjunto habitacional. Dessa forma, foi possível fazer uma estimativa da população de crianças moradoras em cada

conjunto, uma vez que, não se pôde coletar essa informação em todas as residências por motivos de segurança (Tabela 4.19).

Tabela 4.19: Estimativa da população de crianças nos conjuntos habitacionais

Conjuntos habitacionais	Faixas etárias e gênero das crianças que residem nas moradias onde foram aplicados os questionários										Quant. de moradias com criança onde foram aplicados os questionários	Média de crianças por moradia onde foram aplicados os questionários	Quant. total de moradias no conjunto habitacional	População de crianças em cada conjunto habitacional *
	Até 6 meses		6 até 24 meses		2 a 5 anos		6 a 12 anos		Total de crianças					
	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M				
Fernando Ferrari	1 (100)	0	5 (71,4)	2 (28,6)	11 (55)	9 (45)	9 (56,2)	7 (43,8)	26 (59)	18 (41)	29	1,51	1.232	1.860
São Francisco	0	0	2 (40)	3 (60)	8 (33,3)	16 (67,3)	11 (42,3)	15 (57,7)	21 (38,2)	34 (61,8)	35	1,57	280	439
Lot. Pampa	0	0	2 (100)	0	9 (36)	16 (64)	9 (40,9)	13 (59,1)	20 (40,8)	29 (59,2)	33	1,48	276	408
Oásis	1 (50)	1 (50)	3 (30)	7 (70)	7 (38,9)	11 (61,1)	15 (53,6)	13 (46,4)	26 (44,8)	32 (55,2)	40	1,45	223	323
Lot. Santa Terezinha	1 (25)	3 (75)	1 (25)	3 (75)	8 (42)	11 (58)	13 (43,3)	17 (56,7)	23 (40,3)	34 (59,7)	42	1,35	227	306
Vila Tecnológica	2 (100)	0	1 (33,3)	2 (66,7)	8 (44,4)	10 (55,6)	9 (39,1)	14 (60,9)	20 (43,5)	26 (56,5)	30	1,53	152	232
TOTAL GERAL	5 (55,5)	4 (44,5)	14 (45,1)	17 (54,9)	51 (41,1)	73 (58,9)	66 (45,5)	79 (54,5)	136 (44)	173 (56)	209	1,47		

Nota: Lot.=Loteamento; Bl.=Bloco; Quant.: Quantidade. F= feminino; M= masculino. * População estimada com base na média de criança por moradias em que foram aplicados os questionários. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais em relação ao total de crianças da faixa etária e gênero em questão.

Em relação às atividades das crianças na Vila Tecnológica, identifica-se que 45,6% (88 de 196) das crianças passa a maior parte do tempo usando os equipamentos de brincar da pracinha e 54,4% (105 de 196) usando os espaços livres da praça e a quadra esportiva para outras brincadeiras em grupo, tais como, jogo de futebol (25,1% - 51 de 105) e pega-pega (5,9% - 12 de 105) (Figuras 4.23 e 4.24). Também observou-se crianças brincando de imaginação, brincadeira na qual a criança finge ser um personagem (1,5% - 3 de 105) e brincando no chão com pequenos brinquedos (2,9% - 6 de 105). Algumas crianças costumam usar a pracinha e também áreas da praça para conversar (8,4% - 17 de 105) ou apenas observar as outras crianças (6,4% - 13 de 105). Quando essas atividades são analisadas em relação às faixas etárias, observa-se que, as crianças de 6 até 24 meses ficaram permanentemente no colo (66,7% - 2 de 3) dos acompanhantes ou no carrinho (33,3% - 1 de 3). A clara maioria das crianças de 2 a 5 anos (75% - 27 de 36) brincou por mais tempo nos equipamentos da pracinha do que nas demais áreas da praça (25% - 9 de 36). Em contrapartida, as crianças de 6 a 12 anos brincaram mais nas áreas livres da praça e na quadra esportiva (60,4% - 93 de 154) do que nos equipamentos da pracinha (39,6% - 61 de 154). Quando analisadas as atividades por gênero, identificou-se que o percentual de meninos que brinca nas áreas livres da praça e na quadra esportiva é superior (55,7% - 83 de 149) ao de meninos que brinca nos equipamentos (44,3% - 66 de 149). Quanto às

meninas, 50% (22 de 44) opta por brincar nos equipamentos e os outros 50% por brincar nas áreas livres da praça (Tabela 4.20) (Figuras 4.14 e 4.15).

Tabela 4.20: Atividades registradas nos mapas comportamentais da Vila Tecnológica

Atividade realizada na pracinha e no entorno próximo	até 6 meses		6 até 24 meses		2 a 5 anos		6 a 12 anos		Quantidade de crianças realizando as atividades
	F	M	F	M	F	M	F	M	
Atividades das crianças nos equipamentos de brincar									
Escorregador	0	0	0	0	2(25)	7(36,8)	6(42,8)	14(29,8)	29 (32,9)
Treta-trepa arco	0	0	0	0	3(37,5)	5(26,3)	4(28,6)	13(27,6)	25 (28,4)
Treta-trepa vertical	0	0	0	0	1(12,5)	1(5,3)	3(21,4)	9(19,1)	14 (15,9)
Balanço cadeirinha	0	0	0	0	2(25)	4(21,1)	0	5(10,6)	11 (12,5)
Balanço tradicional	0	0	0	0	0	2(10,5)	1(7,1)	6(12,8)	9 (10,2)
Total Parcial Gênero	0	0	0	0	8(29,6)	19(70,4)	14(23)	47(77)	88 (45,6)
Total Parcial Faixa	0		0		27 (75)		61(39,6)		
Atividades das crianças fora dos equipamentos de brincar									
Imaginação	0	0	0	0	1(16,7)	2(66,7)	0	0	3(1,5)
Futebol	0	0	0	0	0	0	0	51(63,7)	51(25,1)
Pega-pega	0	0	0	0	3(50)	1(33,3)	4(30,1)	4(5)	12(5,9)
Na areia / chão	0	0	0	0	2(33,3)	0	4(30,1)	0	6(2,9)
No colo	0	0	2(66,7)	0	0	0	0	0	2(1)
No carrinho	0	0	1(33,3)	0	0	0	0	0	1(0,5)
Conversando	0	0	0	0	0	0	3(23,1)	14(17,5)	17(8,4)
Observando	0	0	0	0	0	0	2(16,7)	11(13,8)	13(6,4)
Total Parcial Gênero	0	0	3(100)	0	6(66,7)	3(33,3)	13(14)	80(86)	105 (54,4)
Total Parcial Faixa	0		3 (100)		9 (25)		93 (60,4)		
Total Geral Gênero	0	0	3(100)	0	14(38,9)	22(61,1)	27(17,5)	127(82,5)	193(100)
Total Geral Faixa	0		3(1,6)		36 (18,6)		154 (79,8)		
Atividades dos adultos					Atividades dos adolescentes				
Atividade	F	M	Total		Atividade	F	M	Total	
Conversando	6(20,7)	15(45,4)	21(33,9)		Conversando	6(85,7)	1(14,3)	7(58,3)	
Observando	8(27,6)	18(54,6)	28(45,2)		Observando	0	5(100)	5(41,7)	
Auxiliando criança	15(51,7)	0	15(24,2)		Total	6(50)	6(50)	12(100)	
Total	29(46,7)	33(53,3)	62(100)						

Nota: F=feminino; M=masculino. Os valores entre parênteses referem-se ao percentual em cada atividade.

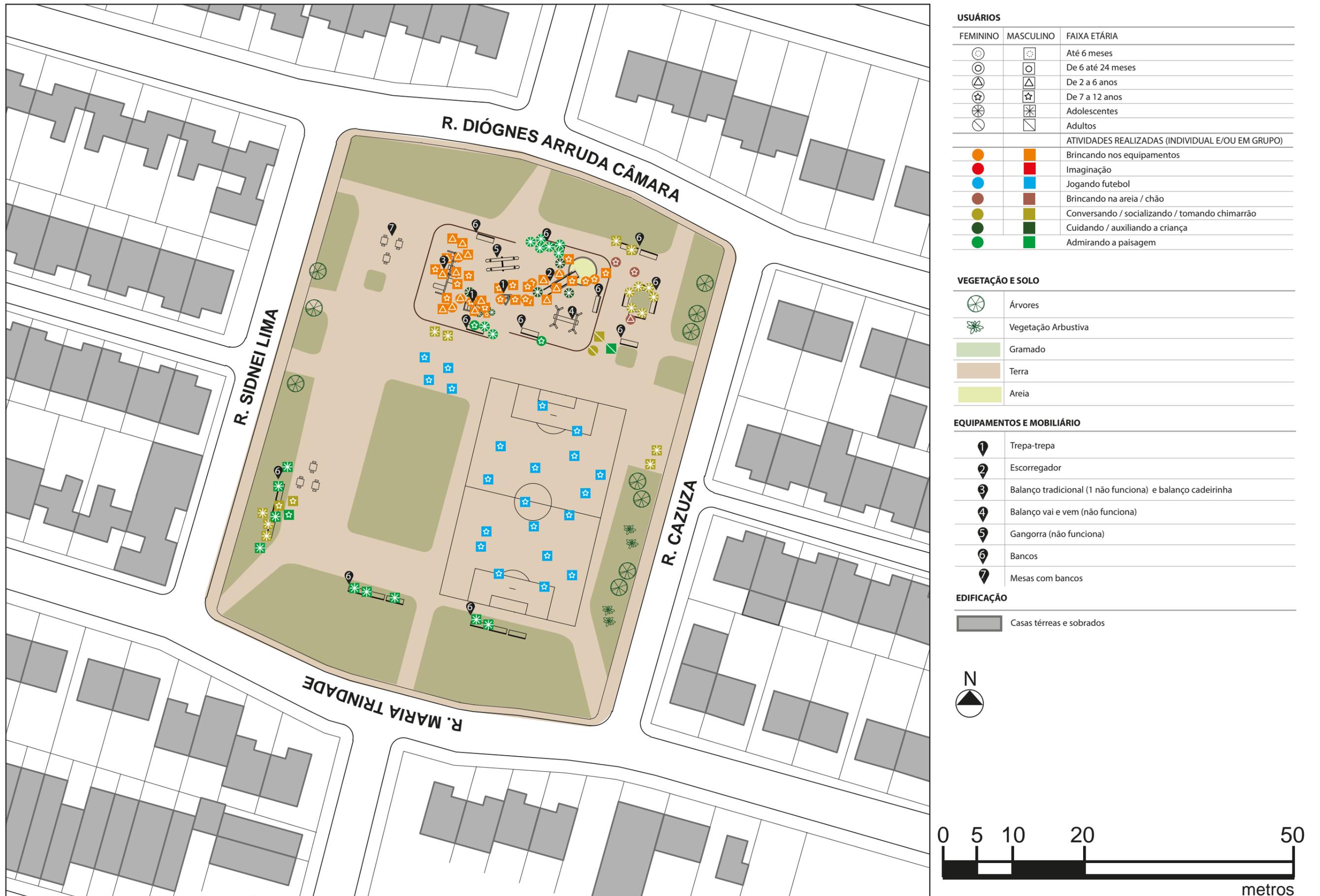


Figura 4.14: Mapa comportamental Vila Tecnológica – Somatório manhãs (dias de semana e finais de semana)

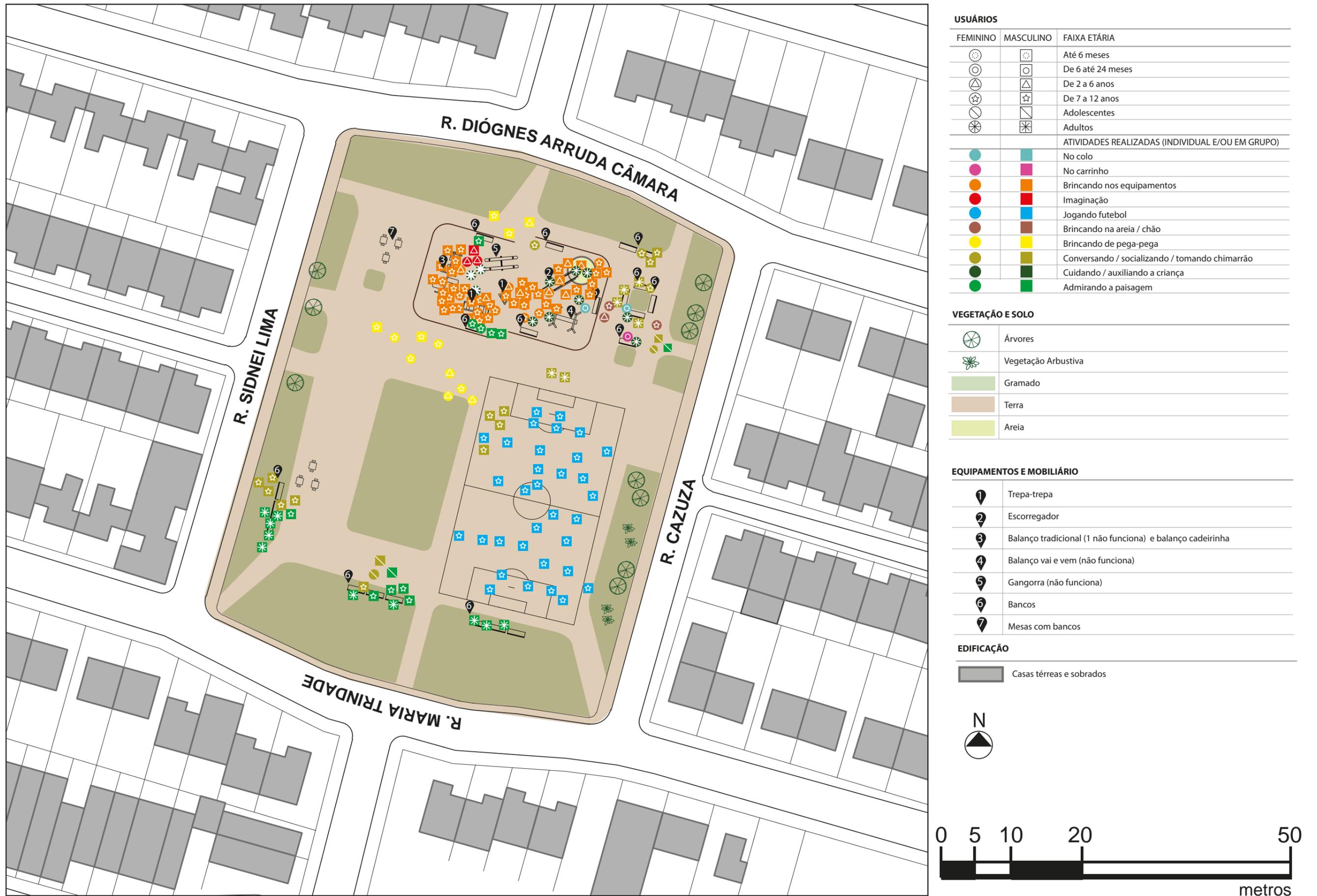


Figura 4.15: Mapa comportamental Vila Tecnológica – Somatório tardes (dias de semana e finais de semana)

Em relação às atividades das crianças na pracinha do Loteamento Santa Terezinha, identificou-se que 47% (103 de 219) estava usando os equipamentos de brincar da pracinha (Figuras 4.16 e 4.17) e 53% (116 de 219) mais os espaços livres da praça e a quadra esportiva para outras brincadeiras em grupo, sendo elas, jogo de futebol (30,2% - 36 de 116), pega-pega (26,7% - 31 de 116), jogo de taco (9,4% - 10 de 116), jogo de vôlei (4,3% - 5 de 116) e pular corda (3,9% - 4 de 116) (Figuras 4.18 e 4.19). Também foram observadas brincadeiras no chão com pequenos brinquedos, como baldinho e bonecos (2,6% - 3 de 116), além de crianças conversando (17,2% - 20 de 116) ou apenas observando as outras crianças (4,3% - 5 de 116). Quando essas atividades são analisadas em relação às faixas etárias, observa-se que as únicas crianças de 6 até 24 meses presentes na pracinha estavam no colo dos seus acompanhantes (100% - 3 de 3). As crianças de 2 a 5 anos usam mais os equipamentos da pracinha (64,5% - 20 de 31) para brincar do que as demais áreas da praça (35,5% - 11 de 31). Já as crianças de 6 a 12 anos tendem a brincar mais nas áreas livres da praça e na quadra esportiva (55,1% - 102 de 185) do que nos equipamentos da pracinha (44,9% - 83 de 185). Quando analisadas as atividades por gênero, identificou-se que o percentual de meninos brincando nos equipamentos da pracinha (54,6% - 82 de 150) é superior ao de meninos brincando nas demais áreas da praça e na quadra esportiva (45,4% - 68 de 150). Já a maioria das meninas (69,6% - 48 de 69) interessa-se mais pelas brincadeiras em grupo nas demais áreas livres da pracinha e da praça, e apenas 30,4% (21 de 69) brinca nos equipamentos da pracinha (Tabela 4.21) (Figuras 4.20 e 4.21).



Figura 4.16: Crianças usando o trepa-trepa. Loteamento Santa Terezinha.



Figura 4.17: Três meninos usando ao mesmo tempo um único balanço. Loteamento Santa Terezinha.



Figura 4.18: Crianças brincando de pega-pega. Loteamento Santa Terezinha



Figura 4.19: Crianças jogando taco. Loteamento Santa Terezinha.

Tabela 4.21: Atividades registradas nos mapas comportamentais da Loteamento Santa Terezinha

Atividade realizada na pracinha e no entorno próximo	até 6 meses		6 até 24 meses		2 a 5 anos		6 a 12 anos		Quantidade de crianças realizando as atividades
	F	M	F	M	F	M	F	M	
Atividades das crianças nos equipamentos de brincar									
Treta-trepa vertical	0	0	0	0	0	5(35,7)	7(46,7)	30(44,1)	42(40,8)
Balanço tradicional	0	0	0	0	4(67,7)	3(50)	5(33,3)	25(36,8)	37(35,9)
Gangorra	0	0	0	0	2(33,3)	6(42,8)	3(20)	13(19,1)	24(23,3)
Total Parcial Gênero	0	0	0	0	6(30)	14(70)	15(18)	68(82)	103 (47)
Total Parcial Faixa	0		0		20 (64,5)		83(44,9)		
Atividades das crianças fora dos equipamentos de brincar									
Futebol	0	0	0	0	0	0	2(5,7)	33(94,3)	35(30,2)
Pega-pega	0	0	0	0	6(66,7)	3(33,3)	11(50)	11(50)	31(26,7)
Vôlei	0	0	0	0	0	0	5(100)	0	5(4,3)
Taco	0	0	0	0	0	0	0	10(100)	10(9,4)
Corda	0	0	0	0	0	0	4(100)	0	4(3,9)
Na areia e chão	0	0	0	0	2(66,7)	0	1(33,3)	0	3(2,6)
No colo	0	0	3(100)	0	0	0	0	0	3(2,6)
Conversando	0	0	0	0	0	0	12(60)	8(40)	20(17,2)
Observando	0	0	0	0	0	0	2(40)	3(60)	5(4,3)
Total Parcial Gênero	0	0	3(100)	0	8(72,7)	3(27,3)	37(36,3)	65(63,7)	116(53)
Total Parcial Faixa	0		3 (2,6)		11 (35,5)		102 (55,1)		
Total Geral Gênero	0	0	3(100)	0	14(45,2)	17(54,8)	52(28,1)	133(71,9)	219(100)
Total Geral Faixa	0		3(1,4)		31(14,1)		185(84,5)		
Atividades dos adultos					Atividades dos adolescentes				
Atividade	F	M	Total		Atividade	F	M	Total	
Conversando	1(3,5)	28(96,5)	29(70,7)		Conversando	6(85,7)	1(14,3)	7(58,3)	
Auxiliando criança	12(100)	0	12(29,3)		Observando	0	5(100)	5(41,7)	
Total	13(31,7)	28(90,3)	41(100)		Total	6(50)	6(50)	12(100)	

Nota: F=feminino; M=masculino. Os valores entre parênteses referem-se ao percentual em cada atividade.

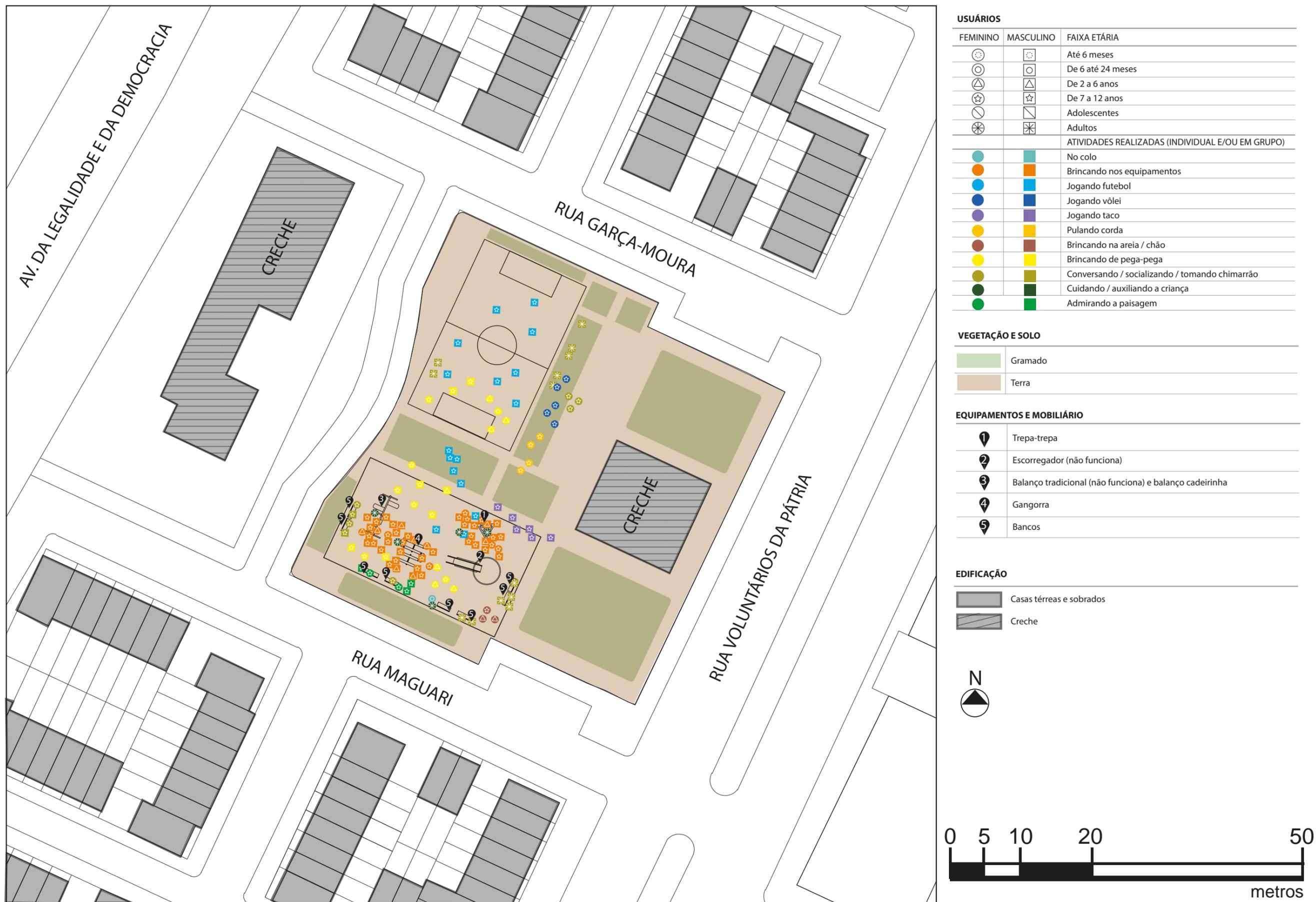


Figura 4.20: Mapa comportamental Loteamento Santa Terezinha – Somatório manhãs (dias de semana e finais de semana)

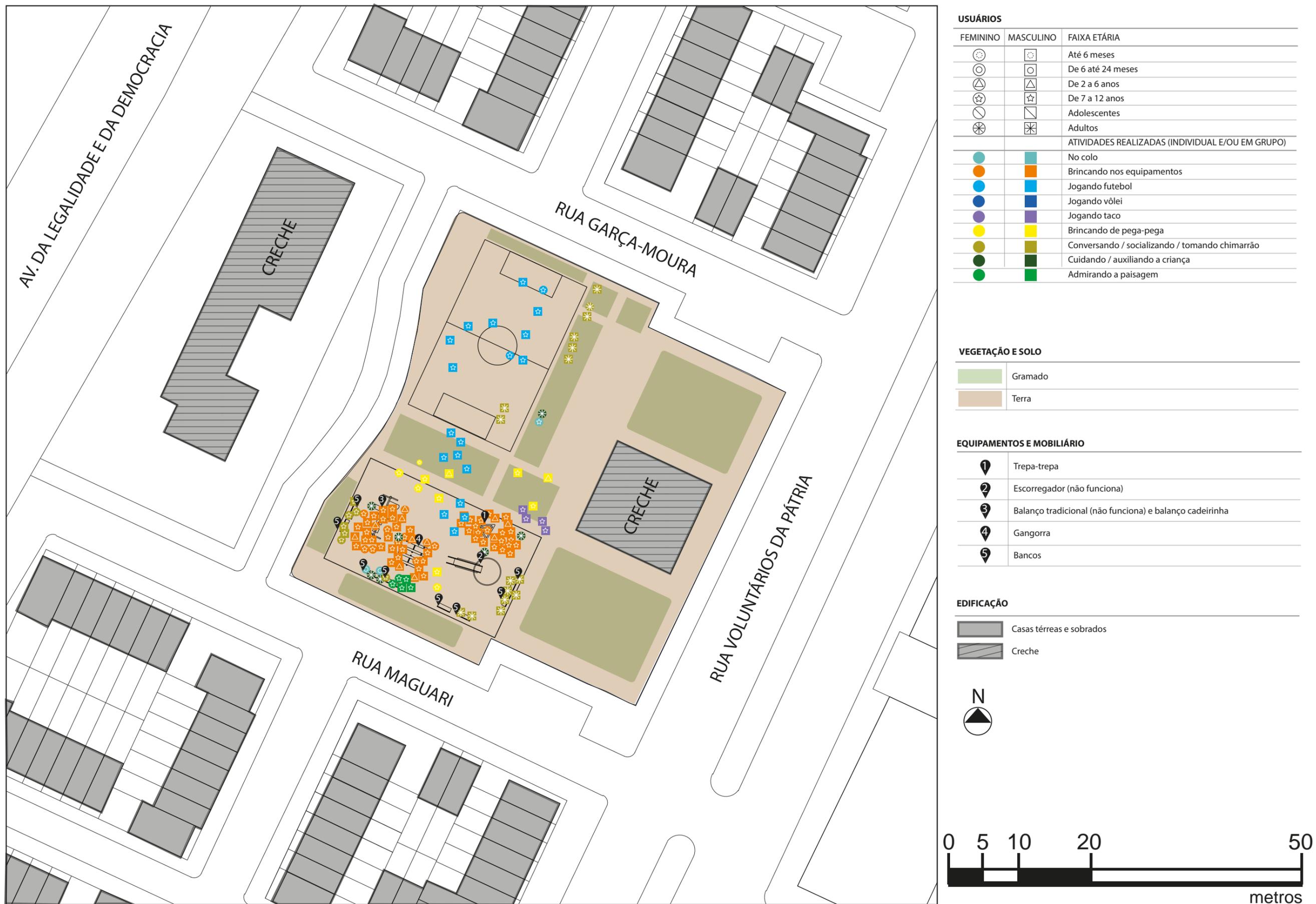


Figura 4.21: Mapa comportamental Loteamento Santa Terezinha – Somatório tardes (dias de semana e finais de semana)

Em relação às atividades das crianças na pracinha do Loteamento Pampa, observa-se que apenas 30,5% (33 de 108) usa os equipamentos de brincar da pracinha (Figura 4.22) e a clara maioria (69,5% - 75 de 108) usa os espaços livres da praça e a quadra esportiva para outras brincadeiras em grupo, principalmente para jogar futebol (50,7% - 38 de 75) (Figura 4.23). Outras brincadeiras em grupo como pega-pega (4% - 3 de 75), jogo de vôlei (12% - 9 de 75), jogo de taco (4% - 3 de 75) e queimada, conhecida como caçador, (10,7% - 8 de 75) também são bastante frequentes. Ainda, foram registradas brincadeiras de imaginação (4% - 3 de 75), uma criança brincando no chão e algumas crianças reunidas apenas conversando (10,7% - 8 de 75). Quando essas atividades são analisadas em relação às faixas etárias, observou-se que três meninas da faixa etária de 6 até 24 meses estavam brincando no escorregador, com o auxílio de acompanhantes e outras duas meninas da mesma faixa etária estavam brincando com bonecas. A expressiva maioria das crianças de 2 a 5 anos passou o tempo todo brincando apenas nos equipamentos da pracinha (85% - 17 de 33) e apenas 15% (3 de 75) brincou nas demais áreas da praça. Entre as crianças de 6 a 12 anos, a expressiva maioria (84% - 68 de 81) optou por brincadeiras em grupo nas demais áreas livres da praça, em especial na quadra esportiva. Não se identificou diferença entre os gêneros, pois a clara maioria das meninas e dos meninos dá preferência às brincadeiras em grupo no entorno da pracinha (70% - 28 de 40 e 69,1% - 47 de 68) (Tabela 4.22) (Figuras 4.24 e 4.25).



Figura 4.22: Crianças brincando na gangorra. Loteamento Pampa



Figura 4.23: Crianças jogando futebol. Loteamento Pampa

Tabela 4.22: Atividades registradas nos mapas comportamentais da Loteamento Pampa

Atividade realizada na pracinha e no entorno próximo	até 6 meses		6 até 24 meses		2 a 5 anos		6 a 12 anos		Quantidade de crianças realizando as atividades
	F	M	F	M	F	M	F	M	
Atividades das crianças nos equipamentos de brincar									
Escorregador	0	0	3(100)	0	2(40)	2(16,6)	2(50)	0	9(27,3)
Balanço tradicional	0	0	0	0	2(40)	2(16,6)	1(25)	4(44,4)	9(27,3)
Balanço cadeirinha	0	0	0	0	0	4(33,4)	0	0	4(12,1)
Gangorra	0	0	0	0	1(20)	4(33,4)	1(25)	5(55,6)	11(33,3)
Total Parcial Gênero	0	0	3(100)	0	5(29,4)	12(70,6)	4(30,8)	9(69,2)	33 (30,5)
Total Parcial Faixa	0		3 (42,8)		17 (85)		13 (16)		
Atividades das crianças fora dos equipamentos de brincar									
Futebol	0	0	0	0	0	0	6(25)	32(72,7)	38(50,7)
Imaginação	0	0	2(50)	0	0	1(33,3)	0	0	3(4)
Pega-pega	0	0	0	0	0	0	0	3(6,8)	3(4)
Vôlei	0	0	0	0	0	0	9(37,5)	0	9(12)
Taco	0	0	0	0	0	0	0	3(6,8)	3(4)
Queimada	0	0	0	0	0	0	2(8,3)	6(13,6)	8(10,7)
Na areia e chão	0	0	0	0	0	1(33,3)	0	0	1(1,3)
No colo	0	0	2(50)	0	0	0	0	0	2(2,7)
Conversando	0	0	0	0	0	1(33,3)	7(29,2)	0	8(10,7)
Total Parcial Gênero	0	0	4(100)	0	0	3(100)	24(35,3)	44(64,7)	75 (69,5)
Total Parcial Faixa	0		4 (57,2)		3 (15)		68 (84)		
Total Geral Gênero	0	0	7 (100)	0	5 (25)	15 (75)	28 (34,6)	53 (65,4)	108(100)
Total Geral Faixa	0		7(6,5)		20(18,5)		81(75)		
Atividades dos adultos					Atividades dos adolescentes				
Atividade	F	M	Total		Atividade	F	M	Total	
Conversando	13(46,4)	20(48,8)	33(47,8)		Conversando	8(100)	0	8(40)	
Observando	1(3,6)	21(51,2)	22(31,9)		Observando	0	3(100)	3(15)	
Auxiliando criança	14(50)	0	14(20,3)		Auxiliando criança	4(44,4)	5(55,6)	9(45)	
Total	28(40,6)	41(59,4)	69(100)		Total	6(50)	6(50)	20(100)	

Nota: F=feminino; M=masculino. Os valores entre parênteses referem-se ao percentual em cada atividade.

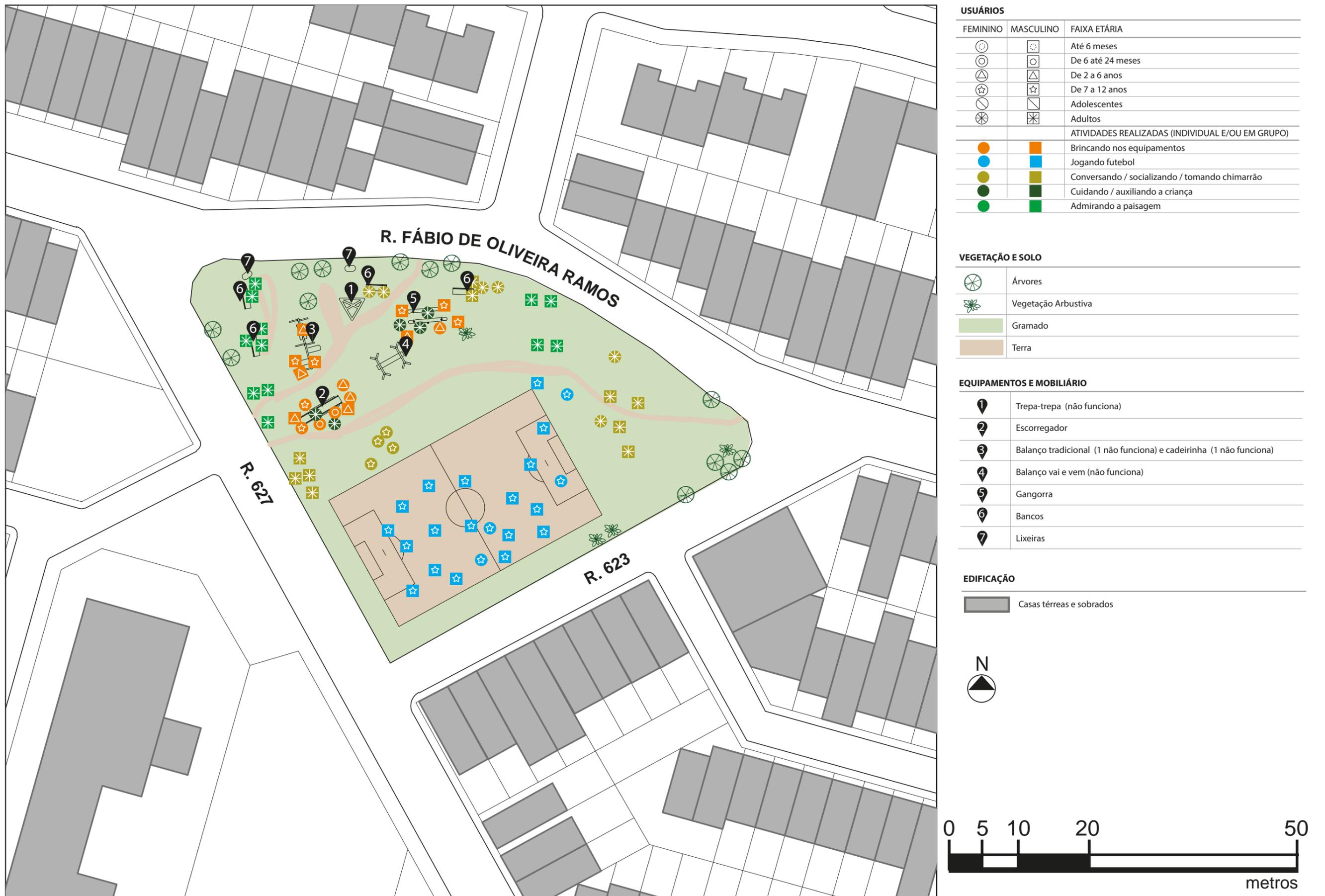


Figura 4.24: Mapa comportamental Loteamento Pampa – Somatório manhãs (dias de semana e finais de semana)

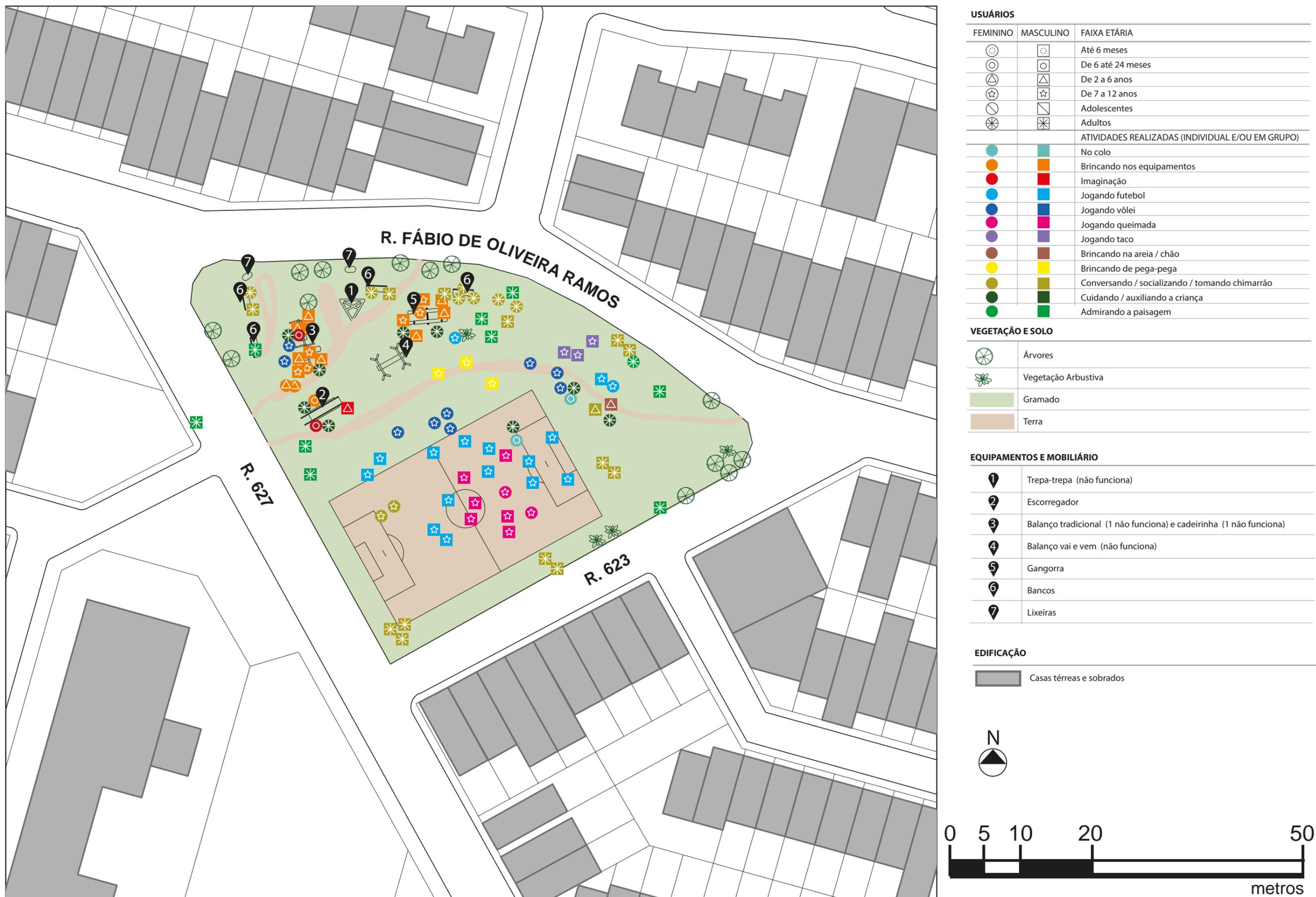


Figura 4.25: Mapa comportamental Loteamento Pampa – Somatório tardes (dias de semana e finais de semana)

Na Fernando Ferrari Bloco T, o uso da pracinha pelas crianças se dá na sua expressiva maioria, nos equipamentos de brincar (81,1% - 103 de 127). Apenas um pequeno percentual de crianças (18,9% - 24 de 127) foi observado brincando fora dos equipamentos ou no entorno próximo à pracinha. As crianças que não estavam usando os equipamentos optaram por brincadeiras imaginárias (29,2% - 7 de 24), brincadeiras na areia com pá e baldinho (29,2% - 7 de 24) (Figura 4.26) ou jogo de futebol (25% - 6 de 24). Não se observou diferenças de comportamento entre as faixas etárias e gênero. Diferentemente das pracinhas analisadas anteriormente, na Fernando Ferrari Bloco T, a clara maioria das crianças pertencentes às três faixas etárias, tanto meninos quanto meninas, brincam exclusivamente nos equipamentos de brincar (78,8% - 26 de 127; 79,2% - 42 de 127; e 85,4% - 35 de 127, respectivamente)(Tabela 4.23) (Figuras 4.27 e 4.28).



Figura 4.26: Acompanhante e criança brincando com areia. Fernando Ferrari Bloco T

Tabela 4.23: Atividades registradas nos mapas comportamentais da Fernando Ferrari Bloco T

Atividade realizada na pracinha e no entorno próximo	até 6 meses		6 até 24 meses		2 a 5 anos		6 a 12 anos		Quantidade de crianças realizando as atividades
	F	M	F	M	F	M	F	M	
Atividades das crianças nos equipamentos de brincar									
Escorregador	0	0	0	6(37,5)	0	2(8,7)	4(25)	2(10,5)	14(13,6)
Gira-gira				4(25)	12(63,1)	4(17,4)	6(37,5)	4(21)	30(29,1)
Balanço tradicional	0	0	1(10)	0	3(15,8)	5(21,7)	1(6,2)	7(36,8)	17(16,5)
Balanço cadeirinha	0	0	9(90)	5(21,2)	1(5,3)	2(8,7)	0	0	17(16,5)
Balanço cavalinho				1(6,2)	1(5,3)	8(34,8)	3(18,7)	4(21)	17(16,5)
Trepa-trepa	0	0	0	0	2(10,5)	2(8,7)	2(12,5)	2(10,5)	8(7,8)
Total Parcial Gênero	0	0	10(38,5)	16(61,5)	19(45,2)	23(54,8)	16(45,7)	19(54,3)	
Total Parcial Faixa	0		26(78,8)		42(79,2)		35(85,4)		103(81,1)
Atividades das crianças fora dos equipamentos de brincar									
Futebol	0	0	0	0	0	0	0	6(100)	6(25)
Imaginação	0	0	0	0	5(71,4)	2(50)	0	0	7(29,2)
Na areia e chão	0	0	0	3(42,8)	2(28,6)	2(50)	0	0	7(29,2)
No colo	0	0	0	4(57,1)	0	0	0	0	4(16,6)
Total Parcial Gênero	0	0	0	7(100)	7(63,6)	4(36,4)	0	6(100)	
Total Parcial Faixa	0		7(21,2)		11(20,7)		6(14,6)		24(18,9)
Total Geral Gênero	0	0	10(30,3)	23(69,7)	26(49)	27(50,9)	16(39)	25(61)	
Total Geral Faixa	0		33(26)		53(41,7)		41(32,3)		127(100)
Atividades dos adultos					Atividades dos adolescentes				
Atividade	F	M	Total		Atividade	F	M	Total	
Conversando	29(39,2)	3(100)	32(41,5)		Conversando	12(100)	9(7,5)	21(87,5)	
Observando	20(27)	0	20(26)		Observando	0	3(25)	3(12,5)	
Auxiliando criança	25(33,8)	0	25(32,5)		Total	12(50)	12(50)	24(100)	
Total	74(96,1)	3(3,9)	77(100)						

Nota: F=feminino; M=masculino. Os valores entre parênteses referem-se ao percentual em cada atividade.

Assim como na pracinha Bloco T, na Fernando Ferrari Bloco Q, o uso da pracinha pelas crianças se dá, principalmente, nos equipamentos (82,2% - 97 de 118). Apenas um pequeno percentual de crianças (17,8% - 21 de 118) foi visto brincando fora dos equipamentos ou no entorno próximo à pracinha. As crianças que não estavam usando os equipamentos optaram por jogar futebol (23,8% - 5 de 21), pular corda (9,5% - 2 de 21) ou ficar conversando nos bancos da pracinha (66,7% - 14 de 21). Os bebês de 6 a 24 meses foram observados usando os equipamentos no colo dos acompanhantes, principalmente na gangorra. As crianças de 2 a 5 anos ficaram brincando exclusivamente nos equipamentos da pracinha. As únicas crianças que estavam brincando fora dos equipamentos são da faixa de 6 a 12 anos, embora a maioria tenha permanecido brincando nos equipamentos (63,1%). Em relação ao gênero, não foram identificadas diferenças expressivas de comportamento entre meninas e meninos (Tabela 4.24) (Figuras 4.27 e 4.28).

Tabela 4.24: Atividades registradas nos mapas comportamentais da Fernando Ferrari Bloco Q

Atividade realizada na pracinha e no entorno próximo	até 6 meses		6 até 24 meses		2 a 5 anos		6 a 12 anos		Quantidade de crianças realizando as atividades
	F	M	F	M	F	M	F	M	
Atividades das crianças nos equipamentos de brincar									
Trepa-trepa	0	0	0	0	2(18,2)	17(43,6)	2(20)	6(23,1)	27(27,8)
Multifunção	0	0	9 (81,8)	0	9 (81,8)	14(35,9)	5(50)	12(46,1)	49(50,5)
Gangorra	0	0	2 (18,2)	0	0	8(20,5)	3(30)	8(30,8)	21(21,6)
Total Parcial Gênero	0	0	11 (100)	0	11(22)	39(78)	10(27,8)	26(72,2)	97(82,2)
Total Parcial Faixa	0		11(100)		50(100)		36(63,1)		
Atividades das crianças fora dos equipamentos de brincar									
Futebol	0	0	0	0	0	0	0	5(100)	5(23,8)
Corda	0	0	0	0	0	0	2(12,5)	0	2(9,5)
Conversando	0	0	0	0	0	0	14(87,5)	0	14(66,7)
Total Parcial Gênero	0	0	0	0	0	0	16(76,2)	5(23,8)	21(17,8)
Total Parcial Faixa	0		0		0		21(36,9)		
Total Geral Gênero	0	0	11 (100)	0	11(22)	39(78)	26(45,6)	31(54,4)	118(100)
Total Geral Faixa	0		11(9,3)		50(42,4)		57(48,3)		
Atividades dos adultos					Atividades dos adolescentes				
Atividade	F	M	Total	Atividade	F	M	Total		
Conversando	12(31,6)	5(100)	17(39,5)	Conversando	0	0	0		
Observando	11(28,9)	0	11(25,6)	Observando	0	0	0		
Auxiliando criança	15(39,5)	0	15(34,9)	Total	0	0	0		
Total	38(88,4)	5(11,6)	43(100)						

Nota: F=feminino; M=masculino. Os valores entre parênteses referem-se ao percentual em cada atividade.

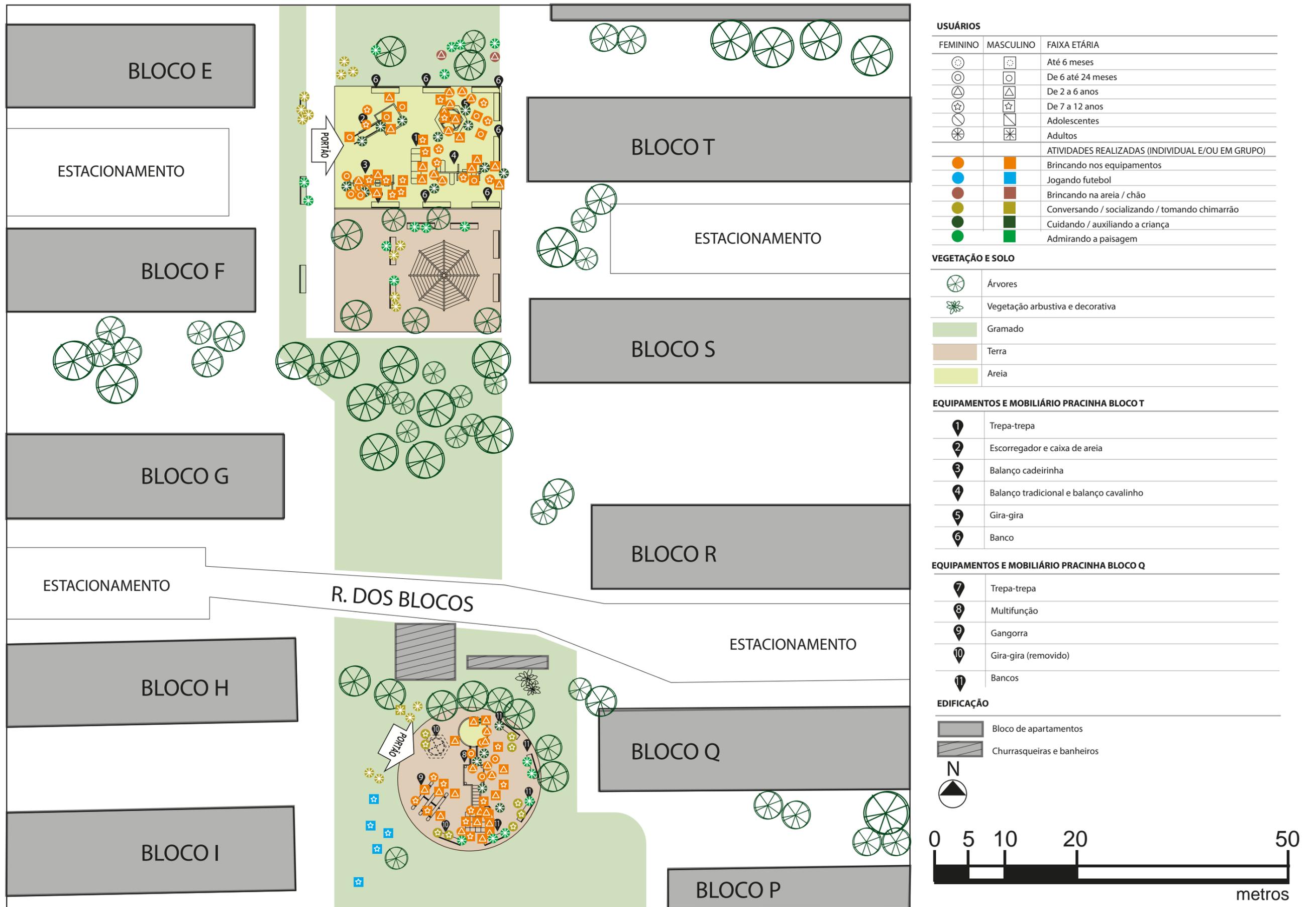


Figura 4.27: Mapa comportamental Fernando Ferrari Bloco T e Bloco Q – Somatório manhãs (dias de semana e finais de semana)

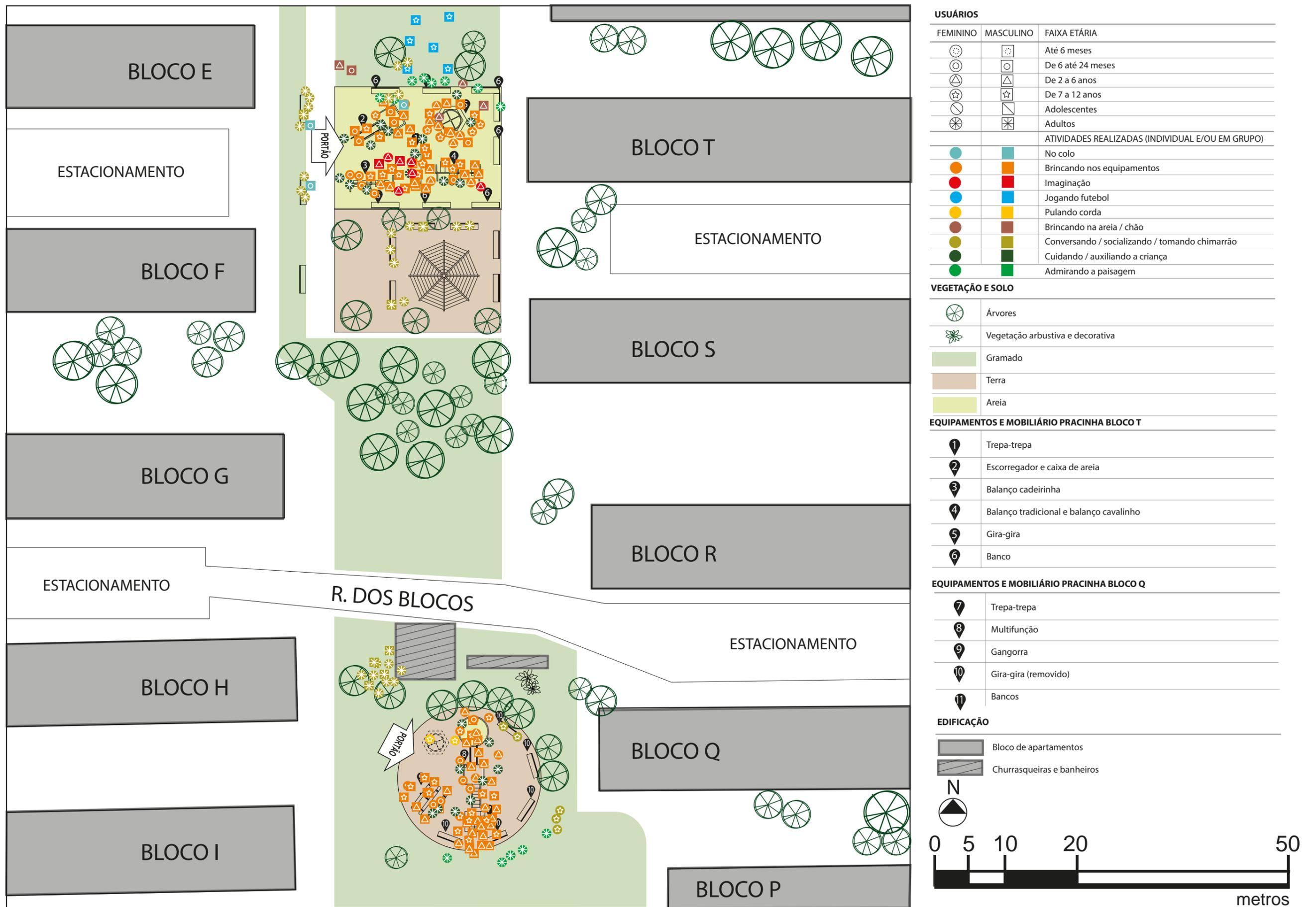


Figura 4.28: Mapa comportamental Fernando Ferrari Bloco T e Bloco Q – Somatório tardes (dias de semana e finais de semana)

As atividades das crianças na pracinha São Francisco frente acontecem, em sua grande maioria, nos equipamentos (82,2% - 97 de 118) (Figuras 4.29 e 4.30). Em relação às faixas etárias, as crianças de 2 a 5 anos e as de 6 a 12 anos brincam, principalmente, nos equipamentos da pracinha (78,6% - 22 de 48 e 92,3% - 24 de 46, respectivamente), havendo apenas seis crianças de 2 a 5 anos que estavam brincando no chão com baldinho e carrinhos (21,4% - 6 de 13). Os bebês de 6 até 24 meses estavam no colo dos seus acompanhantes (80% - 4 de 5) ou no carrinho (20% - 1 de 5). Em relação ao gênero, a maioria dos meninos (85,3% - 29 de 34) e das meninas (68% - 17 de 25) brincam mais nos equipamentos do que nos demais espaços da pracinha, embora o percentual de meninos nos equipamentos seja superior ao de meninas (Tabela 4.25) (Figuras 4.31 e 4.32).



Figura 4.29: Menino usando a gangorra de pé ao invés de usar sentando. São Francisco frente



Figura 4.30: Crianças sendo auxiliadas pela acompanhante. São Francisco frente

Tabela 4.25: Atividades registradas nos mapas comportamentais da São Francisco frente

Atividade realizada na pracinha e no entorno próximo	até 6 meses		6 até 24 meses		2 a 5 anos		6 a 12 anos		Quantidade de crianças realizando as atividades										
	F	M	F	M	F	M	F	M											
Atividades das crianças nos equipamentos de brincar																			
Trepa-trepa	0	0	0	0	1(9,1)	1(9,1)	2(33,3)	10(55,5)	14(30,4)										
Multifunção	0	0	0	0	8(72,7)	6(54,5)	4(66,7)	2(11,1)	20(43,5)										
Gangorra	0	0	0	0	2(18,2)	4(36,4)	0	6(33,3)	12(26,1)										
Total Parcial Gênero	0	0	0	0	11(50)	11(50)	6(25)	18(75)	46(78)										
Total Parcial Faixa	0		0		22(78,6)		24(92,3)												
Atividades das crianças fora dos equipamentos de brincar																			
No colo	0	0	2(66,7)	2(100)	0	0	0	0	4										
No carrinho	0	0	1(33,3)	0	0	0	0	0	1										
No chão	0	0	0	0	3(100)	3(100)	0	0	6										
Conversando	0	0	0	0	0	0	2(100)	0	2										
Total Parcial Gênero	0	0	3(75)	2(25)	3(50)	3(50)	2(100)	0	13(22)										
Total Parcial Faixa	0		5(100)		6(21,4)		2(7,7)												
Total Geral Gênero	0	0	3(75)	2(25)	14(50)	14(50)	8(30,7)	18(69,3)	59(100)										
Total Geral Faixa	0		5(8,4)		28(47,4)		26(44,2)												
Atividades dos adultos					Atividades dos adolescentes (13 a 17 anos)														
Atividade	F			M			Total			Atividade	F			M			Total		
Conversando	40(7,8)			7(63,6)			47(75,8)			Conversando	0			0			0		
Observando	0			3(27,3)			3(4,8)			Observando	0			0			0		
Auxiliando criança	11(21,6)			1(9,1)			12(19,3)			Total	0			0			0		
Total	51(82,3)			11(17,7)			62(100)												

Nota: F=feminino; M=masculino. Os valores entre parênteses referem-se ao percentual em cada atividade.

A São Francisco frente diferencia-se das demais pracinhas pelo fato da presença de adultos (62 adultos) durante as observações de comportamento ser maior que a de crianças (59 crianças). Essa pracinha é claramente usada pelos moradores do conjunto como área de convívio social entre vizinhos e familiares. Muitos moradores trazem cadeiras de praia e chimarrão para a pracinha, mesmo quem não tem criança em casa. Isso ocorre, porque a pracinha é o único espaço aberto de lazer dentro do conjunto.

A pracinha São Francisco fundos, como mencionado anteriormente, praticamente não é usada nem pelas crianças, nem pelos adultos ou adolescentes. Durante todo o período de observação, notou-se apenas quatro meninos brincando em um único dia (Tabela 4.26) (Figuras 4.33 e 4.34).

Tabela 4.26: Atividades registradas nos mapas comportamentais na São Francisco fundos

Atividade realizada na pracinha e no entorno próximo	até 6 meses		6 até 24 meses		2 a 5 anos		6 a 12 anos		Quantidade de crianças realizando as atividades	
	F	M	F	M	F	M	F	M		
Atividades das crianças nos equipamentos de brincar										
Escorregador	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Trepa-trepa	0	0	0	0	0	0	0	4	4(100)	
Total Geral Gênero	0	0	0	0	0	0	0	4 (100)	4(100)	
Total Geral Faixa	0		0		0		4(100)			
Atividades dos adultos					Atividades dos adolescentes (13 a 17 anos)					
Atividade	F		M		Total		Atividade	F	M	Total
Conversando	6(100)		0		6(66,7)		Conversando	0	0	0
Observando	0		3(100)		3(33,3)		Observando	0	0	0
Total	6(66,7)		3(33,3)		9(100)					

Nota: F=feminino; M=masculino. Os valores entre parênteses referem-se ao percentual em cada atividade.



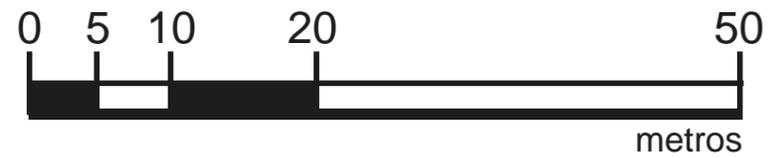
Figura 4.31: Mapa comportamental São Francisco fundos – Somatório manhãs (dias de semana e finais de semana)

USUÁRIOS

FEMININO	MASCULINO	FAIXA ETÁRIA
⊙	⊙	Até 6 meses
⊖	⊖	De 6 até 24 meses
△	△	De 2 a 6 anos
☆	☆	De 7 a 12 anos
⊗	⊗	Adolescentes
⊗	⊗	Adultos
●	■	ATIVIDADES REALIZADAS (INDIVIDUAL E/OU EM GRUPO)
●	■	Conversando / socializando / tomando chimarrão
●	■	Admirando a paisagem

VEGETAÇÃO E SOLO

🌳	Árvores
🌿	Vegetação Arbustiva
🌱	Gramado
🏜️	Terra



EQUIPAMENTOS E MOBILIÁRIO

1	Escorregador
2	Trepa-trepa
3	Bancos

EDIFICAÇÃO

■	Blocos de apartamento
---	-----------------------



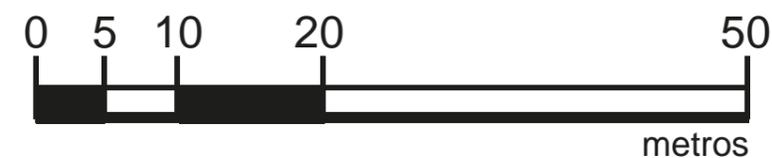
Figura 4.32: Mapa comportamental São Francisco fundos – Somatório tardes (dias de semana e finais de semana)

USUÁRIOS

FEMININO	MASCULINO	FAIXA ETÁRIA
⊙	⊙	Até 6 meses
⊖	⊖	De 6 até 24 meses
△	△	De 2 a 6 anos
☆	☆	De 7 a 12 anos
⊗	⊗	Adolescentes
⊗	⊗	Adultos
●	■	ATIVIDADES REALIZADAS (INDIVIDUAL E/OU EM GRUPO)
●	■	Brincando nos equipamentos
●	■	Conversando / socializando / tomando chimarrão
●	■	Admirando a paisagem

VEGETAÇÃO E SOLO

🌳	Árvores
🌿	Vegetação Arbustiva
🌱	Gramado
🏜️	Terra

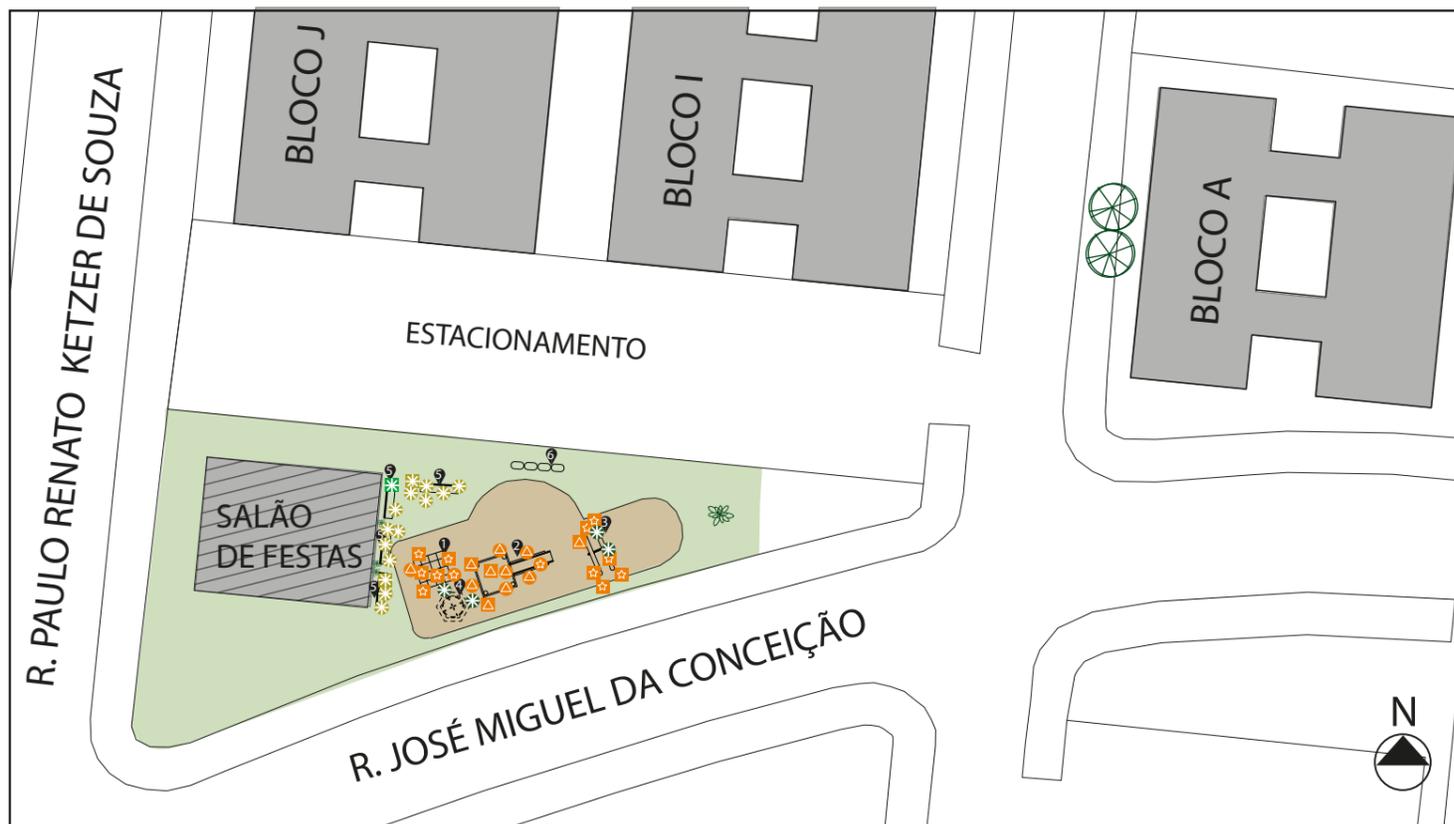


EQUIPAMENTOS E MOBILIÁRIO

1	Escorregador
2	Trepa-trepa
3	Bancos

EDIFICAÇÃO

■	Blocos de apartamento
---	-----------------------



USUÁRIOS		
FEMININO	MASCULINO	FAIXA ETÁRIA
⊙	⊙	Até 6 meses
⊖	⊖	De 6 até 24 meses
△	△	De 2 a 6 anos
☆	☆	De 7 a 12 anos
⊗	⊗	Adultos
ATIVIDADES REALIZADAS (INDIVIDUAL E/OU EM GRUPO)		
●	■	Brincando nos equipamentos
●	■	Conversando / socializando / tomando chimarrão
●	■	Cuidando / auxiliando a criança
●	■	Admirando a paisagem

VEGETAÇÃO E SOLO	
⊗	Árvores
✿	Vegetação Arbustiva
■	Gramado
■	Terra

EQUIPAMENTOS E MOBILIÁRIO	
1	Trepa-trepa
2	Multi-função
3	Gangorra
4	Gira-gira (removido)
5	Bancos
6	Lixeiras

EDIFICAÇÃO	
■	Blocos de apartamento
■	Salão de festas

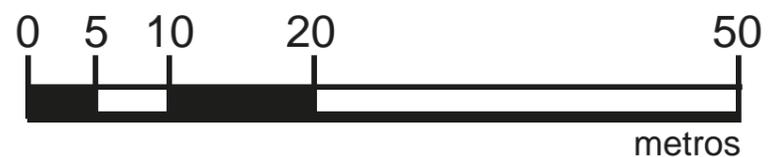
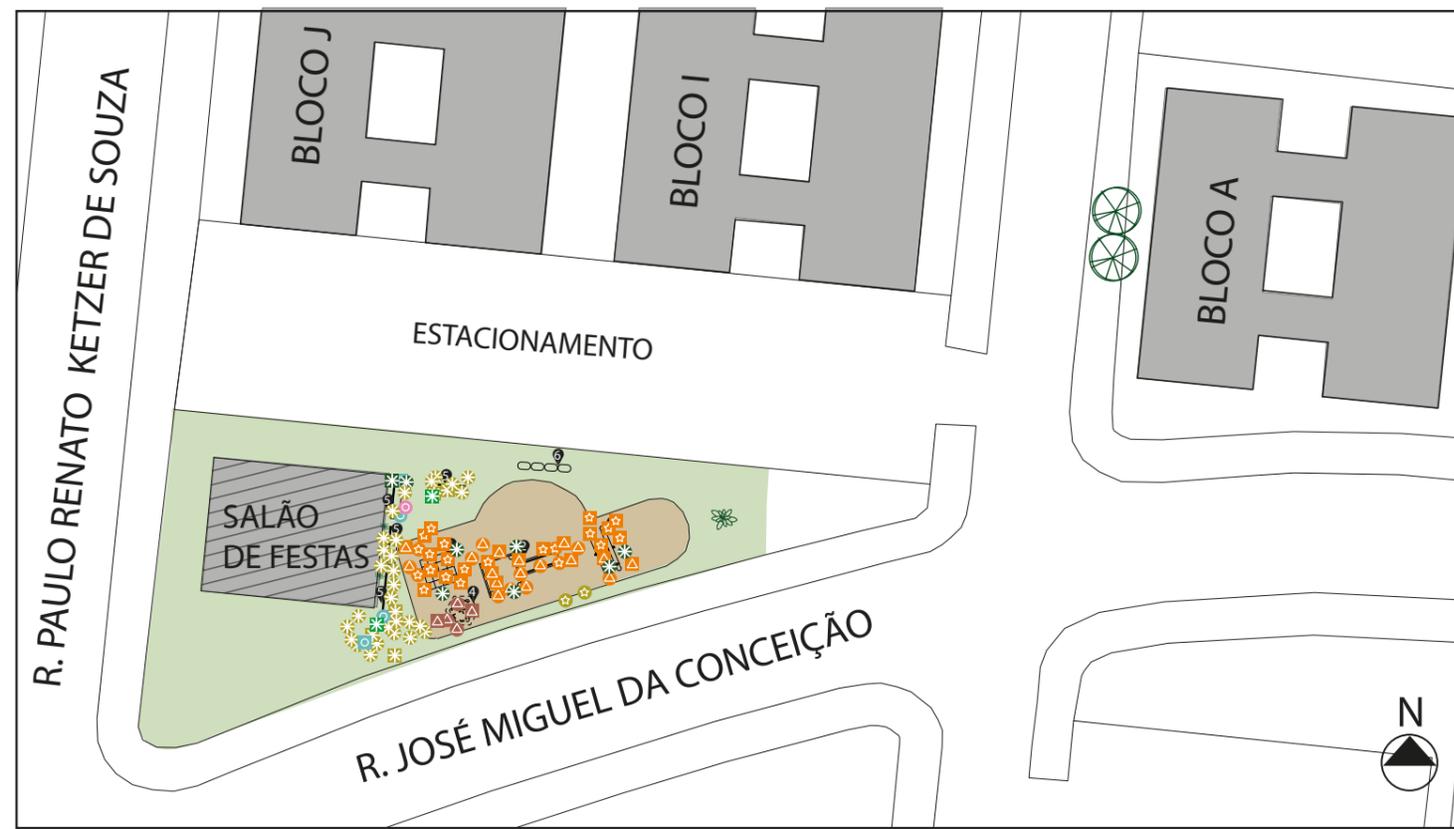


Figura 4.33: Mapa comportamental São Francisco frente – Somatório manhãs (dias de semana e finais de semana)



USUÁRIOS		
FEMININO	MASCULINO	FAIXA ETÁRIA
⊙	⊙	Até 6 meses
⊖	⊖	De 6 até 24 meses
△	△	De 2 a 6 anos
☆	☆	De 7 a 12 anos
⊗	⊗	Adultos
ATIVIDADES REALIZADAS (INDIVIDUAL E/OU EM GRUPO)		
●	■	No colo
●	■	No carrinho
●	■	Brincando nos equipamentos
●	■	Jogando futebol
●	■	Brincando na areia / chão
●	■	Conversando / socializando / tomando chimarrão
●	■	Cuidando / auxiliando a criança
●	■	Admirando a paisagem

EQUIPAMENTOS E MOBILIÁRIO	
1	Trepa-trepa
2	Multi-função
3	Gangorra
4	Gira-gira (removido)
5	Bancos
6	Lixeiras

EDIFICAÇÃO	
■	Blocos de apartamento
■	Salão de festas

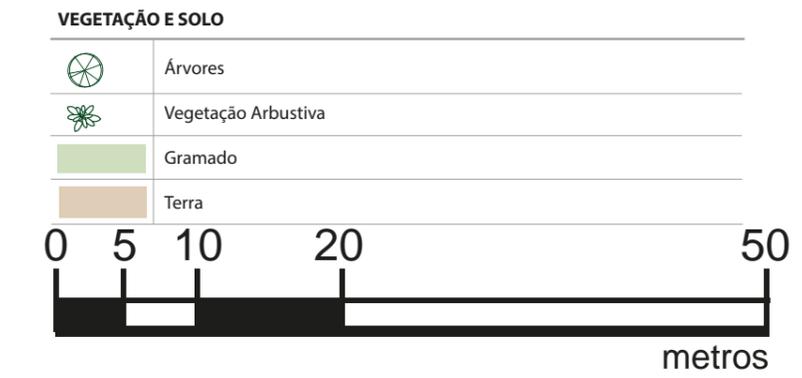


Figura 4.34: Mapa comportamental São Francisco frente – Somatório tardes (dias de semana e finais de semana)

As crianças do conjunto Oásis brincam mais no entorno da pracinha (57,9% - 33 de 57) do que nos equipamentos (42,1% - 24 de 57). No entorno, as crianças deram preferência aos jogos em grupo, como futebol (51,5% - 17 de 33) e vôlei (9,1% - 3 de 33). Ainda 15,8% (9 de 33) dessas crianças foram vistas conversando em pequenos grupos (Tabela 4.27).

Tabela 4.27: Atividades registradas nos mapas comportamentais na Oásis

Atividade realizada na pracinha e no entorno próximo	até 6 meses		6 até 24 meses		2 a 5 anos		6 a 12 anos		Quantidade de crianças realizando as atividades	
	F	M	F	M	F	M	F	M		
Atividades das crianças nos equipamentos de brincar										
Trepa-trepa	0	0	0	0	0	4(36,4)	0	7(87,5)	11(45,8)	
Escorregador	0	0	1(50)	0	0	0	0	1(12,5)	2(8,3)	
Balanço tradicional	0	0	0	0	0	1(9,1)	0	0	1(4,1)	
Balanço cadeirinha	0	0	1(50)	3(42,9)	0	6(54,5)	0	0	10(41,7)	
Total Parcial Gênero	0	0	2(40)	3(60)	0	11(100)	0	8(100)	24(42,1)	
Total Parcial Faixa	0		5(62,5)		11(84,6)		8(28,6)			
Atividades das crianças fora dos equipamentos de brincar										
No chão	0	0	3(100)	0	0	1(50)	0	0	4(12,1)	
Futebol	0	0	0	0	0	0	2(22,2)	15(78,9)	17(51,5)	
Vôlei	0	0	0	0	0	0	3(33,3)	0	3(9,1)	
Conversando	0	0	0	0	0	1(50)	4(44,4)	4(21,1)	9(15,8)	
Total Parcial Gênero	0	0	3(100)	0	0	2(100)	9(32)	19(68)	33(57,9)	
Total Parcial Faixa	0		3(37,5)		2(15,4)		28(71,4)			
Total Geral Gênero	0	0	5(62,5)	3(37,5)	0	13(100)	9(25)	27(75)	57(100)	
Total Geral Faixa	0		8(14)		13(22,8)		36(63,1)			
Atividades dos adultos					Atividades dos adolescentes (13 a 17 anos)					
Atividade	F		M		Total		Atividade	F	M	Total
Conversando	18(75)		4(66,7)		22(73,3)		Conversando	0	0	0
Observando	0		2(33,3)		2(6,7)		Observando	0	0	0
Auxiliando criança	6(25)		0		6(20)		Total	0	0	0
Total	24(80)		6(20)		30(100)					

Nota: F=feminino; M=masculino. Os valores entre parênteses referem-se ao percentual em cada atividade.

Em relação às faixas etárias, a clara maioria das crianças de 2 a 5 anos (84,6% - 11 de 13) e a maioria dos bebês de 6 até 24 meses (62,5% - 5 de 8) estava utilizando os equipamentos da pracinha. Já a maioria das crianças de 6 a 12 anos (71,4% - 28 de 36), estava brincando no entorno da pracinha. Em relação ao gênero, como exceção dos bebês, todas as meninas estavam fora da pracinha, principalmente reunidas conversando. Entre os meninos, 51,2% (22 de 43) deu preferência aos equipamentos (Tabela 4.27) (Figuras 4.35 e 4.36).

Como a pracinha está localizada no acesso a três blocos de apartamentos, é comum que o banco existente do lado de fora da pracinha seja utilizado pelos moradores para conversar (73,3% - 22 de 30) e também pelos acompanhantes para ficar observando as crianças (6,7% - 2 de 30). Notadamente, esse banco é ponto de encontro entre os vizinhos, que sempre param para conversar (Tabela 4.27) (Figuras 4.35 e 4.36).



USUÁRIOS

FEMININO	MASCULINO	FAIXA ETÁRIA
		Até 6 meses
⊙	⊠	De 6 até 24 meses
⊕	⊡	De 2 a 6 anos
⊗	⊣	De 7 a 12 anos
⊖	⊤	Adolescentes
⊗	⊥	Adultos
		ATIVIDADES REALIZADAS (INDIVIDUAL E/OU EM GRUPO)
●	■	Brincando nos equipamentos
●	■	Jogando futebol
●	■	Conversando / socializando / tomando chimarrão
●	■	Cuidando / auxiliando a criança
●	■	Admirando a paisagem

VEGETAÇÃO E SOLO

⊕	Árvores
⊗	Vegetação arbustiva e decorativa
■	Gramado
■	Terra
■	Areia

EQUIPAMENTOS E MOBILIÁRIO

1	Trepa-trepa
2	Escorregador
3	Balço tradicional e balço cadeirinha
4	Gangorra (removida)
5	Gira-gira (removido)
6	Bancos
7	Lixeiras

EDIFICAÇÃO

■	Bloco de apartamentos
---	-----------------------

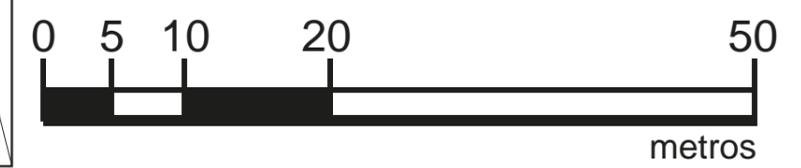


Figura 4.35: Mapa comportamental Oásis – Somatório manhãs (dias de semana e finais de semana)



Figura 4.36: Mapa comportamental Oásis – Somatório tardes (dias de semana e finais de semana)

4.2.3.2. Relação entre a percepção de segurança das pracinhas e a frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis

Não foi encontrada correlação entre os níveis de percepção de segurança dos acompanhantes e a frequência de uso das pracinhas, sugerindo que, embora as pracinhas sejam consideradas inseguras ou muito inseguras pela maioria dos acompanhantes, tal percepção não influenciou a frequência de uso das pracinhas pelas crianças. Esses resultados são corroborados pelo depoimento a seguir:

Medo a gente tem, claro, mas é o único lugar que as crianças têm pra brincar. Dentro de casa não dá, pátio não tem, na rua é pior ainda. A pracinha é o lugar que eles têm (mãe de menino, 8 anos, Loteamento Pampa).

Comparando as pracinhas percebidas como inseguras pelas crianças e pelos acompanhantes com a quantidade de crianças brincando e a frequência de uso por semana, fica claro que a insegurança das pracinhas não inibiu a presença das crianças. Inclusive, a quantidade de crianças utilizando a Oásis, a única pracinha considerada segura por ambos os grupos e a São Francisco frente, considerada segura pelos acompanhantes, é bem menor do que a quantidade de crianças nas pracinhas consideradas inseguras. Ainda, é importante destacar que, a população de crianças nos conjuntos Oásis e São Francisco é superior a de crianças nos conjuntos cujas pracinhas são consideradas inseguras (Loteamento Santa Terezinha e Vila Tecnológica)(Tabela 4.19). No conjunto Fernando Ferrari, a pracinha do Bloco T, considerada um pouco menos insegura que a do Bloco Q, teve uma quantidade de crianças um pouco maior que a Bloco Q (127 crianças e 108 crianças, respectivamente). Contudo, essa diferença deve-se ao fato de mais crianças morarem perto da pracinha Bloco T do que da Bloco Q, o que pode explicar, inclusive, a menor frequência de uso por parte das crianças da pracinha Bloco Q. A única exceção é a São Francisco fundos, que foi considerada insegura pelos dois grupos e apresentou uma intensidade de uso insignificante, de apenas quatro crianças (Tabela 4.28). Ademais, como o conjunto São Francisco possui duas pracinhas (frente e fundos), as crianças e acompanhantes têm a possibilidade de escolher a pracinha considerada mais segura, nomeadamente, a pracinha da frente.

Tabela 4.28: Comparação entre frequência, intensidade de uso e percepção de segurança

Pracinhas infantis	Frequência da maioria das crianças por semana	Quant. de crianças nas pracinhas	Percepção das crianças	Percepção dos acompanhantes
Lot. Santa Terezinha	Pelo menos duas vezes	219	Insegura	Insegura
Vila Tecnológica	Pelo menos duas vezes	193	Insegura	Insegura
Fernando Ferrari Bl. Q	Máximo uma vez	118	Insegura	Insegura
Fernando Ferrari Bl. T	Pelo menos duas vezes	127	Insegura	Insegura
Lot. Pampa	Pelo menos duas vezes	108	Insegura	Insegura
São Francisco frente	Pelo menos duas vezes	59	Insegura	Segura
Oásis	Pelo menos duas vezes	57	Segura	Segura
São Francisco fundos	Máximo uma vez por semana	4	Insegura	Insegura

Nota: Lot.: Loteamento. Bl.: Bloco. Quant.: Quantidade de crianças registradas nos mapas comportamentais.

Portanto, conclui-se então, que, a percepção negativa de segurança não influenciou na frequência e intensidade de uso das pracinhas.

4.2.4. Relação entre adequação dos caminhos de acesso às pracinhas a partir das moradias e a frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis

Neste objetivo específico, são considerados os resultados obtidos nas entrevistas com as crianças de 6 a 12 anos e questionários com os acompanhantes, nos quais identificou-se a adequação dos caminhos de acesso às pracinhas infantis a partir das moradias e a relação entre tais aspectos e a intensidade de uso das mesmas.

4.2.4.1. Adequação dos caminhos de acesso às pracinhas infantis a partir das moradias

Os caminhos de acesso às oito pracinhas infantis a partir das moradias são adequados, conforme as avaliações positivas de quase a totalidade das crianças (93,5%) de 6 a 12 anos dos seis conjuntos habitacionais (Tabela 4.29). Devido à unanimidade entre as avaliações, não existem diferenças de percepções entre gêneros.

Tabela 4.29: Avaliação das crianças quanto à adequação dos caminhos de acesso

Pracinhas infantis	Você considera adequado o caminho entre a sua casa e a pracinha infantil?			TOTAL
	Sim	Não	Não sei	
Oásis	17(85)	0	3(15)	20 (10,9)
São Francisco frente	19(90,5)	0	2(9,5)	21 (11,4)
São Francisco fundos	19(90,5)	0	2(9,5)	21(11,4)
Fernando Ferrari Bloco T	23(100)	0	0	23 (12,5)
Lot. Santa Terezinha	20(90,9)	2(9,5)	0	22(12)
Fernando Ferrari Bloco Q	23(100)	0	0	23 (12,5)
Lot. Pampa	21(87,5)	3(12,5)	0	24(13)
Vila Tecnológica	30(100)	0	0	30(16,3)
	172(93,5)	5(2,7)	7(3,8)	184(100)

Nota: Não sei = criança não soube responder. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de cada avaliação em relação à adequação dos caminhos de acesso. As avaliações mencionadas referem-se à faixa etária de 6 a 12 anos, sendo essa, a única faixa entrevistada.

Em relação à percepção dos acompanhantes, a maioria (66,3%) percebe os caminhos de acesso às pracinhas infantis a partir das moradias como adequados. Contudo, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kruskal-Wallis, $\chi^2=19,438$, sig.=0,007) entre as percepções dos acompanhantes com relação à adequação dos caminhos de acesso às pracinhas infantis de cada conjunto investigado (Tabela 4.29). Os caminhos de acesso às pracinhas Oásis (82,5%), Fernando Ferrari Bloco T (86,2%), Fernando Ferrari Bloco Q (82,8%) e São Francisco frente (74,3%) são claramente os mais adequados. Embora em menor intensidade que as quatro anteriores, os caminhos de acesso às pracinhas São Francisco fundos (62,9%) e Loteamento Santa Terezinha (59,5%) também são considerados adequados pela maioria. Os caminhos de acesso às pracinhas Vila Tecnológica e Loteamento Pampa também podem ser considerados adequados. Contudo, essas duas pracinhas, comparadas com as demais, foram as que obtiveram as avaliações positivas mais baixas (53,3% e 51,5%, respectivamente) (Tabela 4.30).

Tabela 4.30: Avaliação dos acompanhantes quanto à adequação dos caminhos de acesso

PRACINHAS INFANTIS	Você considera adequado o caminho entre a sua moradia e a pracinha infantil?							
	Muito adequado	Adequado	Nem adequado / nem inadequado	Inadequado	Muito inadequado	Mvo K-W	TOTAL	CP
Oásis	6 (15)	27 (67,5)	5 (12,5)	2 (5)	0	168,14	40 (14,6)	1º
Fernando Ferrari Bloco T	0	25 (86,2)	0	0	4 (13,8)	152,83	29 (10,6)	2º
Fernando Ferrari Bloco Q	0	24 (82,8)	1 (3,4)	0	4 (13,8)	148,84	29 (10,6)	3º
São Francisco frente	0	26 (74,3)	2 (5,7)	0	7 (20)	135,80	35 (12,8)	4º
São Francisco fundos	0	22 (62,9)	13 (37,1)	0	0	133,10	35 (12,8)	5º
Lot. Santa Terezinha	0	25 (59,5)	8 (19)	9 (21,4)	0	121,75	42 (15,4)	6º
Vila Tecnológica	1 (3,3)	15 (50)	9 (30)	5 (16,7)	0	119,40	30 (11,1)	7º
Lot. Pampa	0	17 (51,5)	12 (36,4)	4 (12,1)	0	115,76	33 (12,1)	8º
TOTAL	7 (2,6%)	181 (66,3)	50 (18,3)	20 (7,3)	15 (5,5)		273 (100)	

Nota: Lot. = Loteamento; Mvo K-W= média dos valores ordinais obtida pelo teste Kruskal-Wallis (os valores menores referem-se às pracinhas com pior avaliação em relação à adequação dos caminhos de acesso); CP= classificação das pracinhas como a mais adequada (1º) até a menos adequada (8º). Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de cada avaliação em relação à adequação dos caminhos de acesso em cada pracinha.

Logo, as percepções dos acompanhantes tendem a ser similares às das crianças em relação aos caminhos de acesso às oito pracinhas, sendo percebidos como adequados em seus distintos graus de intensidade.

Nos conjuntos Vila Tecnológica, Loteamento Pampa e Santa Terezinha, as crianças justificaram as avaliações positivas ao simples fato de existirem calçadas (76,7%, 62,5% e 13,6%, respectivamente) e também porque as ruas têm pouco fluxo de veículos (30%, 50% e 81,8%, respectivamente) (Tabela 4.31). Os acompanhantes que avaliaram positivamente os caminhos de acesso a essas pracinhas disseram que, para eles, as calçadas estão em boas condições (50%, 51,5% e 59,5%, respectivamente) (Tabela 4.32).

Tabela 4.31: Principais justificativas das crianças quanto à adequação dos caminhos de acesso

JUSTIFICATIVAS	PRACINHAS INFANTIS								TOTAL (187)
	Fernando Ferrari Bl. T (23)	Fernando Ferrari Bl. Q (23)	São Francisco fundos (21)	Lot. Pampa (24)	Vila Tecnológica (30)	Lot. Santa Terezinha (22)	Oásis (20)	São Francisco frente (21)	
Principais justificativas positivas									
Porque existem calçadas	20(86,9)	20(86,9)	19(90,5)	15(62,5)	23(76,7)	3(13,6)	14(70)	19(90,5)	133(71,1)
Porque as ruas têm pouco fluxo de veículos	10(43,5)	5(21,7)	0	12(50)	9(30)	18(81,8)	0	0	54(28,9)

Nota: Lot. = Loteamento. Bl. = Bloco. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais em relação às justificativas das avaliações dos caminhos de acesso às pracinhas em cada pracinha.

Contudo, ao analisar as justificativas dos acompanhantes da Loteamento Pampa e Vila Tecnológica que avaliaram os caminhos de acesso negativamente (12,2% e 16,7%, respectivamente) ou não souberam avaliar (36,4% e 30%, respectivamente), percebe-se que as justificativas são coincidentes entre si e estão relacionadas com a presença de obstáculos por entulhos e/ou estoques de materiais de construção (24,2%, 40%, respectivamente) e por construções irregulares (24,4%, 10%, respectivamente) (Tabela 4.32). Essas justificativas negativas vão ao encontro das observações físicas realizadas nos dois conjuntos, Loteamento Pampa e Vila Tecnológica (Tabela 4.33) (Figuras 4.44 e 4.45).

Tabela 4.32: Principais justificativas dos acompanhantes quanto à adequação dos caminhos de acesso

JUSTIFICATIVAS	PRACINHAS INFANTIS								TOTAL (157)
	Lot. Pampa (33)	Vila Tecnológica (30)	Fernando Ferrari Bl. Q (29)	Fernando Ferrari Bl. T (29)	São Francisco fundos (35)	Lot. Santa Terezinha (42)	Oásis (40)	São Francisco frente (35)	
Principal justificativa positiva									
bom estado de conservação das calçadas	17(51,5)	15(50)	15(51,7)	12(41,3)	12(34,2)	25(59,5)	14(35)	10(28,5)	120(76,4)
Principais justificativas negativas									
presença de lixo nas calçadas	0	0	0	0	0	17(40,4)	0	0	17(10,8)
para chegar até a pracinha precisa atravessar rua ou estacionamento	0	0	4(13,8)	4(13,8)	0	0	2(5)	2(5,7)	12(7,6)
presença de obstáculos devido a entulhos e/ou estoque de materiais de construção	8(24,2)	12(40)	0	0	0	0	0	0	20(12,7)
presença de obstáculos devido a construções irregulares	8(24,2)	3(10)	0	0	0	0	0	0	11(7)

Nota: Lot. = Loteamento. Bl. = Bloco. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais em relação às justificativas das avaliações dos caminhos de acesso às pracinhas em cada pracinha.

Tanto a Vila Tecnológica, quanto o Loteamento Pampa, possuem ruas calçadas, por onde circulam veículos em intensidade baixa. As calçadas nesses dois conjuntos não são uniformes e variam bastante em toda a sua extensão, tanto em relação à largura como o tipo de pavimentação (Tabela 4.33). Nesses dois conjuntos, observou-se que diversas moradias realizaram construções irregulares em frente às suas casas, invadindo as calçadas e reduzindo a sua largura original (Figura 4.37 e 4.38), indo ao encontro das justificativas mencionadas pelos acompanhantes. Ainda, observou-se a presença de obstáculos pelo acréscimo de degraus ou rampas nas calçadas (Figura 4.39 e 4.40), canteiros, material de construção estocado, e pela variação nos tipos de pavimentação (Tabela 4.33). Essas interferências realizadas pelos próprios moradores interromperam, parcialmente ou totalmente, a passagem em alguns pontos nas calçadas (Tabela 4.34).

Tabela 4.33: Características físicas dos caminhos de acesso às pracinhas

Características físicas	Vila Tecnológica	Lot. Pampa	Lot. Santa Terezinha	Fernando Ferrari	São Francisco	Oásis
Largura das ruas	3,30 a 5,30m	4,30 a 7,15m	5,00 a 7,15m	5,00 a 10,00m	6,50 a 14,00m	8,50m
Largura (original) das calçadas	1,10 a 1,50m	1,00 a 1,50m	2,00 a 2,90m	1,50 a 2,00m	1,20 a 2,50m	1,50 a 2,00m
Pavimentação das calçadas	Cimento, basalto e cerâmica.	Cimento, basalto e cerâmica.	Cimento	Cimento e basalto	Basalto	Basalto
Tipos de barreiras físicas existentes nas calçadas	Construção irregular que invade a calçada, desníveis, canteiros, presença de materiais de construção estocados e falta de manutenção	Construção irregular que invade a calçada, desníveis, canteiros, presença de materiais de construção estocados e falta de manutenção	Acúmulo de lixo de reciclagem e falta de manutenção.	Falta de manutenção	Não foi identificado	Não foi identificado
Rampas de acesso para cadeirantes	Não foi identificado	Não foi identificado	Não foi identificado	Não foi identificado	Não foi identificado	Não foi identificado
Ruas com movimento de veículos	Possui	Possui	Possui	Possui	Possui	Possui

Nota: Lot. = Loteamento.



Figura 4.37: Passagem parcialmente interrompida – Loteamento Pampa

Nota: A linha pontilhada identifica os obstáculos.



Figura 4.38: Passagem totalmente interrompida – Loteamento Pampa

Nota: A linha pontilhada identifica os obstáculos.



Figura 4.39: Rampa como obstáculo – Vila Tecnológica

Nota: A linha pontilhada identifica os obstáculos.



Figura 4.40: Degraus como obstáculo – Loteamento Pampa

Nota: A linha pontilhada identifica os obstáculos.

Tabela 4.34: Condições de passagem nas calçadas

CONJUNTOS HABITACIONAIS	Medida total de calçadas existentes (metros lineares)	OBSERVAÇÕES					
		Passagem na calçada interrompida		Passagem na calçada parcialmente interrompida		Calçada danificada ou sem manutenção	
		metros lineares	nº de pontos	metros lineares	nº de pontos	metros lineares	nº de pontos
Loteamento Pampa	1.792 (100)	91 (5)	13	203 (11,3)	29	273 (15,2)	39
Loteamento Santa Terezinha	2.189 (100)	40 (1,8)	8	36 (1,6)	12	28 (1,2)	4
Vila Tecnológica	1.593 (100)	21 (1,3)	4	6 (0,3)	2		8
Fernando Ferrari	2.829 (100)	0	0	0	0	10 (0,3)	10
São Francisco	706 (100)	0	0	0	0	0	0
Oásis	313 (100)	0	0	0	0	0	0

Nota: A tabela sintetiza as condições de passagem observadas nas calçadas e registradas nas Figuras 4.44, 4.45, 4.46, 4.47, 4.48 e 4.49. Passagem na calçada parcialmente interrompida significa que existe algum obstáculo no caminho ou a largura de passagem na calçada está inferior a largura mínima original. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais dos dados coletados.

Ainda, analisando os dados da Tabela 4.34, percebe-se que 31,6% (567 de 1.792 metros) das calçadas do Loteamento Pampa e 1,7% (27 de 1.593 metros) dessas na Vila Tecnológica apresentam algum tipo de problema. Adicionalmente, observou-se que, nos conjuntos Vila Tecnológica (Figura 4.41) e Loteamento Pampa (Figura 4.42) os moradores caminham pelo meio da rua fazendo pouco uso das calçadas, por causa da existência de obstáculos nas calçadas, por serem muito estreitas e também pelo baixo fluxo de veículos.



Figura 4.41: Pessoas caminhando – Vila Tecnológica



Figura 4.42: Pessoas caminhando – Loteamento Pampa

No Loteamento Santa Terezinha, a principal justificativa dos acompanhantes (21,4%) que avaliaram negativamente os caminhos de acesso à pracinha é a presença de lixo nas calçadas (40,4%) (Tabela 4.32). Durante as observações, constatou-se que diversas moradias utilizam a calçada para depósito de lixo e entulhos, provavelmente porque muitos moradores têm como fonte de renda a reciclagem e não possuem um lugar adequado para guardar o material. Esse acúmulo de lixo torna a passagem pelas calçadas totalmente ou parcialmente interrompida em diversos pontos do conjunto habitacional (Figura 4.43 e 4.46). Adicionalmente, também observou-se que as calçadas mantêm um certo padrão em toda a sua extensão, tanto em relação à largura como ao tipo de pavimentação (Tabela 4.33).



Figura 4.43: Passagem totalmente interrompida – Loteamento Santa Terezinha

Nota: A linha pontilhada identifica os obstáculos.

Ainda, analisando os dados da Tabela 4.34, percebe-se que 4,7% (104 de 2.189 metros) das calçadas do Loteamento Santa Terezinha apresenta obstáculos.

Embora os caminhos de acesso às pracinhas Fernando Ferrari Bloco T, Fernando Ferrari Bloco Q, Oásis e São Francisco frente estejam adequadas para a expressiva maioria (86,2%, 82,8%, 82,5% e 74,3%, respectivamente), alguns acompanhantes os avaliaram

negativamente (13,8%, 13,8%, 5% e 20% respectivamente). A justificativa positiva é o bom estado das calçadas (41,3%, 51,7%, 35% e 28,5%, respectivamente) e a negativa é que para ter acesso às pracinhas a partir de algumas moradias é necessário atravessar ruas e/ou estacionamentos (13,8%, 13,8%, 5% e 5,7%, respectivamente) (Tabela 4.32). As calçadas nesses três conjuntos são uniformes em toda a sua extensão, tanto em relação à largura como ao tipo de pavimentação (Tabela 4.33). Não foram observadas barreiras físicas que pudessem bloquear ou dificultar a passagem de pedestres pelas calçadas (Tabela 4.34). Ainda, todas as calçadas apresentam bom estado de conservação nos conjuntos Oásis (Figura 4.48) e São Francisco (Figura 4.49). No entanto, no conjunto Fernando Ferrari, foram observados 10 pontos nas calçadas que necessitariam algum tipo de reparo, por exemplo, devido a pedras soltas ou rachadas (Tabela 4.34) (Figura 4.47).



Figura 4.44: Caminhos de acesso das moradias à pracinha do Loteamento Pampa

Nota: Cada ponto registrado no mapa significa o local onde o problema foi observado. Passagem na calçada parcialmente interrompida significa que existe algum obstáculo no caminho ou a largura de passagem está inferior a 1,00m (largura mínima original). Os números marcados na figura correspondem ao local de moradia dos acompanhantes.



Figura 4.45: Caminhos de acesso das moradias à pracinha da Vila Tecnológica

Nota: Cada ponto registrado no mapa significa o local onde o problema foi observado. Passagem na calçada parcialmente interrompida significa que existe algum obstáculo no caminho ou a largura de passagem está inferior a 1,10m (largura mínima original). Os números marcados na figura correspondem ao local de moradia dos acompanhantes.



Figura 4.46: Caminhos de acesso das moradias à pracinha do Lot. Santa Terezinha

Nota: Lot.= Loteamento. Cada ponto registrado no mapa significa o local onde o problema foi observado. Passagem na calçada parcialmente interrompida significa que existe algum obstáculo no caminho ou a largura de passagem está inferior a 2,00m (largura mínima original). Os números marcados na figura correspondem ao local de moradia dos acompanhantes.



Figura 4.47: Caminhos de acesso das moradias às pracinhas do conjunto Fernando Ferrari

Nota: Cada ponto registrado no mapa significa o local onde o problema foi observado. Cada ponto registrado não ultrapassou 1,00 metro de extensão. Os números marcados na figura correspondem ao local de moradia dos acompanhantes.



Figura 4.48: Caminhos de acesso das moradias à pracinha do conjunto Oásis
 Nota: Os números marcados na figura correspondem ao local de moradia dos acompanhantes.



Figura 4.49: Caminhos de acesso das moradias às praças do conjunto São Francisco
 Nota: Os números marcados na figura correspondem ao local de moradia dos acompanhantes.

Portanto, com base nos resultados, é possível concluir que o Loteamento Pampa foi o conjunto que apresentou o maior número de interferências nas calçadas que poderiam afetar negativamente o acesso à praça infantil. Por isso, os caminhos de acesso à praça do Loteamento Pampa obtiveram as piores avaliações entre as oito, embora 51,5% dos acompanhantes tenham considerado os seus caminhos de acesso como adequados. Já os conjuntos Oásis, São Francisco e Fernando Ferrari apresentam as calçadas com as melhores condições e por isso, os caminhos de acesso às praças receberam as melhores avaliações (Tabela 4.30).

4.2.4.2. Relação entre a adequação dos caminhos de acesso das moradias às pracinhas e a frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis

No total da amostra, não foi identificada correlação entre adequação dos caminhos de acesso das moradias às pracinhas e a frequência de uso das mesmas, indicando que a baixa qualidade das calçadas em alguns conjuntos habitacionais, em relação a pontos nas calçadas com passagem interrompida ou sem manutenção, não afetou o uso das pracinhas pelas crianças. Ainda, no caso da pracinha São Francisco fundos, a baixa intensidade de crianças na pracinha parece estar associada a outros aspectos, como a localização da mesma no conjunto habitacional e não à adequação dos caminhos de acesso até a pracinha (Tabela 4.35).

Tabela 4.35: Comparação entre frequência, intensidade de uso e a adequação dos caminhos de acesso às pracinhas

Pracinhas infantis	Frequência da maioria das crianças por semana	Quant. de crianças nas pracinhas	Avaliação das crianças*	Avaliação dos acompanhantes**
Lot. Santa Terezinha	Pelo menos duas vezes	219	adequado	adequado
Vila Tecnológica	Pelo menos duas vezes	193	adequado	adequado
Fernando Ferrari Bl. Q	Máximo uma vez	118	adequado	adequado
Fernando Ferrari Bl. T	Pelo menos duas vezes	127	adequado	adequado
Lot.o Pampa	Pelo menos duas vezes	108	adequado	adequado
São Francisco frente	Pelo menos duas vezes	59	adequado	adequado
Oásis	Pelo menos duas vezes	57	adequado	adequado
São Francisco fundos	Máximo uma vez por semana	4	adequado	adequado

Nota: Lot.: Loteamento. Bl.: Bloco. Quant.: Quantidade de crianças registradas nos mapas comportamentais. * Avaliação das crianças em relação à adequação dos caminhos de acesso às pracinhas. ** Avaliação dos acompanhantes em relação à adequação dos caminhos de acesso às pracinhas.

4.2.5. Relação entre a localização das pracinhas nos conjuntos habitacionais e a frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis

Neste objetivo específico, são considerados os resultados obtidos nas entrevistas com as crianças de 6 a 12 anos e questionários com os acompanhantes, nos quais identificou-se a adequação da localização das pracinhas nos conjuntos e a avaliação das distâncias que as crianças e acompanhantes percorrem para chegar até as pracinhas. Por fim, é analisada a relação entre tais aspectos e a frequência e intensidade de uso das mesmas.

4.2.5.1. Adequação da localização das pracinhas infantis nos conjuntos habitacionais

As pracinhas Vila Tecnológica (100%), Loteamento Pampa (100%), Loteamento Santa Terezinha (100%) e São Francisco frente(100%) estão bem localizadas (Figuras 4.44, 4.45,

4.46, 4.49) conforme a avaliação da totalidade das crianças de 6 a 12 anos. Em intensidade um pouco menor que as três anteriores, as pracinhas Fernando Ferrari Bloco T (87%), Fernando Ferrari Bloco Q (69,6%) e Oásis (65%) também são consideradas bem localizadas (Figuras 4.47 e 4.48). A única pracinha considerada mal localizada, pela totalidade das crianças, é a São Francisco fundos, justamente por ela estar localizada em uma área isolada, no final do conjunto (Figura 4.49)(Tabela 4.36).

Tabela 4.36: Avaliação das crianças quanto à localização das pracinhas infantis

Pracinhas infantis	Você acha que esta pracinha está			TOTAL
	Bem localizada	Mal localizada	Não sei	
Lot. Pampa	24(100)	0	0	24(13)
Vila Tecnológica	30(100)	0	0	30(16,3)
Lot. Santa Terezinha	22(100)	0	0	22(12)
São Francisco frente	21(100)	0	0	21 (11,4)
Fernando Ferrari Bloco T	20(87)	0	3(13)	23 (12,5)
Fernando Ferrari Bloco Q	16(69,6)	5(21,7)	2(8,7)	23 (12,5)
Oásis	13(65)	3(15)	4(20)	20 (10,9)
São Francisco fundos	0	21(100)	0	21(11,4)
TOTAL	146(79,3)	29(15,8)	9(4,9)	184(100)

Nota: Não sei = criança não soube responder. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de crianças que avaliaram a adequação da localização de cada pracinha. As avaliações de segurança mencionadas referem-se à faixa etária de 6 a 12 anos, sendo essa a única faixa entrevistada.

Em relação ao gênero, verifica-se que, com exceção das pracinhas Fernando Ferrari Bloco T e Oásis, não foram encontradas maiores diferenças entre as avaliações quanto à localização das pracinhas por parte dos meninos e das meninas. As pracinhas Fernando Ferrari Bloco T e Oásis são consideradas bem localizadas mais pelas meninas (100% e 100%, respectivamente) do que pelos meninos (72,7% e 36,4%, respectivamente) (Tabela 4.37).

Tabela 4.37: Avaliação das crianças quanto à localização das pracinhas infantis por gênero

Pracinhas infantis	Idade	Você acha que esta pracinha está			TOTAL
		Bem localizada	Mal localizada	Não sei	
Loteamento Pampa	Menina	11(100)	0	0	24(13)
	Menino	13(100)	0	0	
Vila Tecnológica	Menina	14(100)	0	0	30(16,3)
	Menino	16(100)	0	0	
Loteamento Santa Terezinha	Menina	12(100)	0	0	22(12)
	Menino	10(100)	0	0	
São Francisco frente	Menina	9(100)	0	0	21(11,4)
	Menino	12(100)	0	0	
Fernando Ferrari Bloco T	Menina	12(100)	0	0	23(12,5)
	Menino	8(72,7)	0	3(27,3)	
Fernando Ferrari Bloco Q	Menina	8(66,7)	4(33,3)	0	23(12,5)
	Menino	8(72,7)	1(9,1)	2(18,2)	
Oásis	Menina	9(100)	0	0	20 (10,9)
	Menino	4(36,4)	3(27,2)	4(36,4)	
São Francisco fundos	Menina	9(100)	0	0	21(11,4)
	Menino	12(100)	0	0	
TOTAL	Menina	88 (100)	0	0	184(100)
	Menino	96 (100)	0	0	

Nota: Não sei = criança não soube responder. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de gênero que avaliaram a adequação da localização de cada pracinha.

Para 50% dos acompanhantes, a localização das pracinhas infantis nos conjuntos está adequada. Contudo, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kruskal-Wallis, $\chi^2=100,662$, sig.=0,000) entre as avaliações dos acompanhantes quanto à localização de cada pracinha. As pracinhas Loteamento Santa Terezinha (83,3%) e Vila Tecnológica (70%) são consideradas bem localizadas pela clara maioria dos acompanhantes. Em menor intensidade do que as duas anteriores, a Loteamento Pampa (60,6%), a São Francisco frente (54,3%) e a Oásis (52,5%) também são consideradas bem localizadas por mais da metade dos respondentes. No entanto, a localização das pracinhas Fernando Ferrari Bloco Q e Bloco T não pode ser considerada adequada, já que 20,6% e 24,1% dos acompanhantes as consideraram, respectivamente, como mal localizadas, e os percentuais de acompanhantes que as consideraram bem localizadas não chega nem a 30%. A São Francisco fundos é a pracinha com a pior localização, sendo avaliada de forma negativa por 80% dos respondentes (Tabela 4.38). Logo, as avaliações das localizações das pracinhas pelos acompanhantes tendem a ser similares às avaliações pelas crianças, no caso das pracinhas Loteamento Santa Terezinha, Vila Tecnológica, São Francisco frente, São Francisco fundos e Oásis. As pracinhas Fernando Ferrari Bloco T e Fernando Ferrari Bloco Q são consideradas bem localizadas pelas crianças e mal localizadas pelos acompanhantes.

Tabela 4.38: Avaliação dos acompanhantes quanto à localização das pracinhas infantis

PRACINHAS INFANTIS	Você considera a localização da pracinha infantil em relação ao conjunto habitacional						TOTAL
	Muito adequada	Adequada	Nem adequada / nem inadequada	Inadequada	Muito inadequada	Mvo K-W	
Lot. Santa Terezinha	0	35 (83,3)	6 (14,3)	1 (2,4)	0	178,21	42 (15,4)
Vila Tecnológica	1 (3,3)	21 (70)	8 (26,7)	0	0	172,00	30 (111)
São Francisco frente	5 (14,3)	19 (54,3)	8 (22,9)	3 (8,6)	0	169,83	35 (12,8)
Lot. Pampa	2 (6,1)	20 (60,6)	11 (33,3)	0	0	167,29	33 (12,1)
Oásis	2 (5)	19 (47,5)	7 (17,5)	10 (25)	2 (5)	133,94	40 (14,6)
Fernando Ferrari Bloco Q	6 (20,7)	2 (6,9)	15 (51,7)	5 (17,2)	1 (3,4)	125,86	29 (10,6)
Fernando Ferrari Bloco T	3 (10,3)	1 (3,4)	18 (62,1)	5 (17,2)	2 (6,9)	102,28	29 (10,6)
São Francisco fundos	0	0	7 (20)	11 (31,4)	17 (48,6)	37,66	35 (12,8)
TOTAL	19 (7)	117 (42,9)	80 (29,3)	35 (12,8)	22 (8)		273 (100)

Nota: Lot. = Loteamento. Mvo K-W= média dos valores ordinais obtida pelo teste Kruskal-Wallis (os valores menores referem-se às pracinhas com a localização menos adequada em relação ao conjunto habitacional). Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de cada avaliação em relação à adequação da localização de cada pracinha.

As justificativas das crianças e dos acompanhantes que consideraram as pracinhas Loteamento Santa Terezinha, Vila Tecnológica e Loteamento Pampa bem localizadas são coincidentes. Para as crianças, essas três pracinhas estão bem localizadas por estarem na parte central dos conjuntos (100%, 93,3% e 100%) (Figuras 4.44, 4.45 e 4.46), por estarem junto à praça (45,4%, 20% e 62,5) e por estarem localizadas perto da moradia (63,6%, 66,7% e 50%) (Tabela 4.39). Para os acompanhantes, ser centralizada no conjunto (71,4%,

63,3% e 36,4%) e estar junto à praça (42,8%, 30% e 54,5%), também são as justificativas mais mencionadas (Tabelas 4.39 e 4.40).

Tabela 4.39: Principais justificativas para a avaliação das crianças quanto à localização das pracinhas infantis

JUSTIFICATIVAS	PRACINHAS INFANTIS								
	Fernando Ferrari Bl. T (23)	Fernando Ferrari Bl. Q (23)	São Francisco fundos (21)	Lot. Pampa (24)	Vila Tecnológica (30)	Lot. Santa Terezinha (22)	Oásis (20)	São Francisco frente (21)	TOTAL (187)
Principais justificativas positivas quanto à localização das pracinhas infantis									
Localizada junto à praça	0	0	0	24(100)	28(93,3)	22(100)	0	0	133(71,1)
Localizada na área central do conjunto	18(78,3)	10(43,5)	0	15(62,5)	6(20)	10(45,4)	0	0	
A pracinha fica perto da moradia	10(43,5)	5(21,7)	0	12(50)	20(66,7)	14(63,6)	14(70)	12(57)	54(28,9)
Porque a pracinha está na entrada do conjunto	0	0	0	0	0	0	0	17(80,9)	
Possível visualizar a rua	0	0	0	0	0	0	0	4(19)	
Principais justificativas negativas quanto à localização das pracinhas infantis									
Podia ser mais centralizada	0	0	10(47,6)	0	0	0	3(15)	0	
Porque fica no final do conjunto	0	0	21(100)	0	0	0	0	0	

Nota: Lot. = Loteamento. Bl. = Bloco. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de crianças que apontaram cada justificativa em relação à adequação da localização de cada pracinha.

A pracinha São Francisco frente foi considerada bem localizada pelas crianças porque fica perto da moradia (57%), porque possibilita visualizar a rua a partir da pracinha (19%) e porque está localizada na entrada do conjunto (80,9%)(Figura 4.49). Na Oásis, a justificativa positiva mais mencionada pelas crianças é a pracinha estar localizada perto da moradia (70%). Contudo, 15% das crianças disseram que a pracinha Oásis poderia ser mais centralizada (Tabela 4.39)(Figura 4.48). A principal justificativa positiva dos acompanhantes quanto à localização da São Francisco frente e da Oásis foi o fato delas estarem perto da portaria (68,6% e 50%) (Figuras 4.48 e 4.49). No entanto, 30% dos acompanhantes da Oásis consideraram a localização inadequada porque impossibilita que muitos moradores visualizem a pracinha a partir de suas moradias, e 32,5% porque localiza-se junto ao muro que faz divisa com uma área de ocupação irregular (Tabela 4.40).

As crianças consideram as pracinhas Fernando Ferrari Bloco T e Bloco Q bem localizadas porque elas estão na área central do conjunto (78,3% e 43,5%) (Figura 4.47) e perto das moradias (43,5% e 21,7%)(Tabela 4.39). Já, as principais justificativas dos acompanhantes que avaliaram negativamente as pracinhas Fernando Ferrari Bloco Q e Bloco T estão relacionadas com o fato delas estarem localizadas perto da Rua dos Blocos (Figura 4.47), que tem fluxo de veículos e, às vezes, em alta velocidade (27,6% e 13,8%), porque poucas

moradias conseguem visualizar as pracinhas (41,1% e 41,4%) e porque está longe das moradias (55,1% e 27,6%) (Tabela 4.40).

As crianças consideraram a pracinha São Francisco fundos mal localizada porque ela está isolada, no final do conjunto (100%), com 47,6% das crianças tendo mencionado que ela poderia estar mais centralizada (Tabela 4.39). A principal justificativa dos acompanhantes para a São Francisco fundos ser a pracinha pior avaliada está na impossibilidade de muitos moradores a visualizarem a partir de suas moradias (85,7%) (Figura 4.49). Também foi mencionado, por 54,4% dos acompanhantes, o fato da pracinha estar localizada junto ao muro do conjunto habitacional. Os moradores têm medo que alguém pule o muro, sem que ninguém veja. Esse muro faz divisa com uma escola pública que fica com o portão constantemente aberto, possibilitando a entrada de qualquer pessoa, inclusive de moradores da ocupação irregular logo à frente (ver Figura 3.22 no Capítulo 3)(Tabela 4.40).

Tabela 4.40: Principais justificativas para a avaliação da localização das pracinhas infantis pelos acompanhantes

JUSTIFICATIVAS	PRACINHAS INFANTIS								
	Lot. Santa Terezinha (42)	Vila Tecnológica (30)	São Francisco frente (35)	Lot. Pampa (33)	Oásis (40)	Fernando Ferrari Bl. Q (29)	Fernando Ferrari Bl. T (29)	São Francisco fundos (35)	TOTAL (85)
Principais justificativas positivas quanto à localização das pracinhas infantis									
Localizada na área central do conjunto	30(71,4)	19(63,3)	0	12(36,4)	0	0	0	0	0
Localizada junto à praça	18(42,8)	15(30)	0	18(54,5)	0	0	0	0	0
Localizada próximo à portaria	0	0	24(68,6)	0	20(50)	0	0	0	0
Principais justificativas negativas quanto à localização das pracinhas infantis									
A pracinha estar localizada em área que faz divisa com o muro do conjunto habitacional	0	0	0	0	13(32,5)	0	0	19(54,3)	33(38,8)
A pracinha ficar longe da moradia	0	0	0	3(9)	0	16(55,1)	8(27,6)	0	16(18,8)
A pracinha estar próxima à rua com movimento de veículos	0	0	0	0	0	8(27,6)	4(13,8)	0	14(16,5)
Estar localizada em área que impossibilita que muitos moradores visualizarem a pracinha a partir de suas moradias	0	0	0	0	12(30)	12(41,4)	12(41,4)	30(85,7)	11(12,9)

Nota: Lot. = Loteamento. Bl. = Bloco. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de acompanhantes que apontaram cada justificativa em relação à adequação da localização de cada pracinha.

Portanto, conclui-se que as pracinhas localizadas nas áreas centrais dos conjuntos, com maior possibilidade de serem visualizadas a partir das moradias são as mais adequadas. Por outro lado, as pracinhas localizadas em pontos mais isolados, com menos possibilidade de vigilância e próximas a ruas com fluxo intenso de veículos são as menos adequadas.

4.2.5.2. Avaliação das distâncias que as crianças e acompanhantes percorrem para chegar caminhando até as pracinhas infantis

A expressiva maioria (82,6%) das 140 crianças de 6 a 12 anos considera que a sua moradia fica próxima ou muito próxima às pracinhas para ir caminhando, independentemente das variações de distâncias (Tabela 4.41). Tal percepção acontece porque as distâncias entre as moradias e as pracinhas investigadas não ultrapassam 250 metros, distância média semelhante à recomendada por Prinz (1980 apud OLIVEIRA, 2004) e adequada às crianças dessa faixa etária (ver Capítulo 2). O percentual de crianças que considerou a distância longa não chega a 10% e suas moradias estão distantes a mais de 50 metros das pracinhas.

Tabela 4.41: Avaliação das crianças em relação ao trajeto desde a moradia até as pracinhas

Você considera a distância para ir caminhando entra a sua casa e a pracinha infantil:						
FERNANDO FERRARI						
Distância entre a moradia e a pracinha Bloco T	MP	P	NM	L	ML	TOTAL (23)
Até 50m	0	1 (100)	0	0	0	1 (4,3)
De 50 a 100m	2 (16,6)	10 (83,4)	0	0	0	12 (52,2)
De 100 a 150m	0	3 (60)	0	2 (40)	0	5 (21,7)
Acima de 150m	0	3 (60)	0	2 (40)	0	5 (21,7)
Distância entre a moradia e a pracinha Bloco Q	MP	P	NM	L	ML	TOTAL (23)
Até 50m	0	4 (100)	0	0	0	4 (17,4)
De 50 a 100m	1 (25)	3 (75)	0	0	0	4 (17,4)
De 100 a 150m	0	5 (100)	0	0	0	5 (21,7)
Acima de 150m	0	8 (80)	0	2 (20)	0	10 (43,5)
SÃO FRANCISCO						
Distância entre a moradia e a pracinha frente	MP	P	NM	L	ML	TOTAL (21)
Até 50m	1 (100)	0	0	0	0	1 (4,8)
De 50 a 100m	4 (30,8)	9 (69,2)	0	0	0	13 (61,9)
De 100 a 150m	0	6 (100)	0	0	0	6 (28,5)
Acima de 150m	0	1 (100)	0	0	0	1 (4,8)
Distância entre a moradia e a pracinha fundos	MP	P	NM	L	ML	TOTAL (21)
Até 50m	0	1 (100)	0	0	0	1
De 50 a 100m	0	6 (100)	0	0	0	6
De 100 a 150m	0	9 (90)	0	1 (10)	0	10
Acima de 150m	0	4 (100)	0	0	0	4
OÁSIS						
Distância entre a moradia e a pracinha	MP	P	NM	L	ML	TOTAL (20)
Até 50m	0	1 (100)	0	0	0	1
De 50 a 100m	0	5 (100)	0	0	0	5
De 100 a 150m	0	9 (81,8)	2 (18,2)	0	0	11
Acima de 150m	0	1 (33,3)	0	2 (66,7)	0	3
LOTEAMENTO PAMPA						
Distância entre a moradia e a pracinha	MP	P	NM	L	ML	TOTAL (24)
Até 50m	3 (33,3)	6 (66,7)	0	0	0	9
De 50 a 100m	0	10 (100)	0	0	0	10
De 100 a 150m	0	4 (100)	0	0	0	4
Acima de 150m	0	0	1 (100)	0	0	1

(Continua)

(Conclusão)						
VILA TECNOLÓGICA						
Distância entre a moradia e a pracinha	MP	P	NM	L	ML	TOTAL (30)
Até 50m	4 (66,6)	2 (33,4)	0	0	0	6
De 50 a 100m	2 (10,5)	17 (89,5)	0	0	0	19
De 100 a 150m	0	5 (100)	0	0	0	5
Acima de 150m	0	0	0	0	0	0
LOTEAMENTO SANTA TEREZINHA						
Distância entre a moradia e a pracinha	MP	P	NM	L	ML	TOTAL (22)
Até 50m	0	6 (100)	0	0	0	6
De 50 a 100m	0	8 (88,8)	0	1 (11,2)	0	9
De 100 a 150m	0	5 (71,4)	0	2 (28,6)	0	7
Acima de 150m	0	0	0	0	0	0
TOTAL GERAL	17 (9,2)	152 (82,6)	3 (1,6)	12 (6,6)	0	184 (100)

Nota: MP=muito perto; P=perto; NN=nem perto, nem longe; L=longe; ML=muito longe. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de cada avaliação das crianças em relação às distâncias percorridas para chegar de casa até a pracinha infantil. As distâncias máximas não ultrapassam 200 metros.

No tocante às avaliações dos acompanhantes, a clara maioria (81,7%) considera que a pracinha infantil fica perto ou muito perto da sua moradia. Apenas 10,6% dos acompanhantes que residem distantes de 100 a 150 metros e acima de 150 metros da pracinha, avaliaram como longe ou muito longe a distância (Tabela 4.42). Nota-se ainda, que nesses casos, os respondentes que avaliaram a distância de forma negativa, são acompanhantes de crianças das faixas etárias menores (até 6 meses, de 6 a 24 meses e de 2 a 5 anos).

Tabela 4.42: Avaliação dos acompanhantes em relação ao trajeto desde a moradia até as pracinhas

Você considera a distância entra a sua casa e a pracinha infantil para ir caminhando com uma criança						
FERNANDO FERRARI						
Distância entre a moradia e a pracinha Bloco T	MP	P	NM	L	ML	TOTAL (29)
Até 50m	0	1 (100)	0	0	0	1 (3,3)
De 50 a 100m	0	12 (85,7)	2 (14,3)	0	0	14 (48,3)
De 100 a 150m	0	6 (75)	0	2 (25)	0	8 (27,6)
Acima de 150m	0	2 (33,3)	1	3 (66,7)	0	6 (20,7)
Distância entre a moradia e a pracinha Bloco Q	MP	P	NM	L	ML	TOTAL (29)
Até 50m	4 (80)	1 (20)	0	0	0	5 (17,2)
De 50 a 100m	0	12 (100)	0	0	0	12 (41,4)
De 100 a 150m	0	4 (100)	0	0	0	4 (13,8)
Acima de 150m	0	3 (37,5)	2 (25)	2 (25)	1 (12,5)	8 (27,6)
SÃO FRANCISCO						
Distância entre a moradia e a pracinha frente	MP	P	NM	L	ML	TOTAL (35)
Até 50m	1 (20)	4 (80)	0	0	0	5 (14,3)
De 50 a 100m	2 (9,5)	18 (85,7)	1 (4,8)	0	0	21 (60)
De 100 a 150m	0	7 (87,5)	0	1 (12,5)	0	8 (22,8)
Acima de 150m	0	0	1 (100)	0	0	1 (2,8)
Distância entre a moradia e a pracinha fundos	MP	P	NM	L	ML	TOTAL (35)
Até 50m	1 (100)	0	0	0	0	1 (2,8)
De 50 a 100m	0	6 (85,7)	1 (14,3)	0	0	7 (20)
De 100 a 150m	0	14 (82,3)	1 (5,9)	2 (11,8)	0	17 (48,6)
Acima de 150m	0	3 (30)	2 (20)	3 (30)	2 (20)	10 (28,6)
(Continua)						

(Conclusão)						
OÁSIS						
Distância entre a moradia e a pracinha	MP	P	NM	L	ML	TOTAL (40)
Até 50m	2 (18,2)	9 (81,8)	0	0	0	11 (27,5)
De 50 a 100m	0	12 (85,7)	2 (14,3)	0	0	14 (35)
De 100 a 150m	0	11 (84,6)	0	2 (15,4)	0	13 (32,5)
Acima de 150m	0	1 (50)	0	1 (50)	0	2 (5)
LOTEAMENTO PAMPA						
Distância entre a moradia e a pracinha	MP	P	NM	L	ML	TOTAL (33)
Até 50m	3 (27,3)	8 (72,7)	0	0	0	11 (33,3)
De 50 a 100m	0	14 (87,5)	2 (12,5)	0	0	16 (48,5)
De 100 a 150m	0	1 (20)	2 (40)	2 (40)	0	5 (15,1)
Acima de 150m	0	0	0	1 (100)	0	1 (3)
VILA TECNOLÓGICA						
Distância entre a moradia e a pracinha	MP	P	NM	L	ML	TOTAL (30)
Até 50m	4 (80)	1 (20)	0	0	0	5 (16,7)
De 50 a 100m	0	15 (83,3)	3 (16,7)	0	0	18 (60)
De 100 a 150m	0	5 (83,3)	0	1 (16,4)	0	6 (20)
Acima de 150m	0	1 (100)	0	0	0	1 (3,3)
LOTEAMENTO SANTA TEREZINHA						
Distância entre a moradia e a pracinha	MP	P	NM	L	ML	TOTAL (42)
Até 50m	5 (62,5)	3 (37,5)	0	0	0	8 (19)
De 50 a 100m	0	17 (100)	0	0	0	17 (40,5)
De 100 a 150m	0	9 (56,2)	1 (6,3)	6 (37,5)	0	16 (38)
Acima de 150m	0	1 (100)	0	0	0	1 (2,4)
TOTAL GERAL	22 (8,1)	201 (73,6)	21 (7,7)	26 (9,5)	3 (1,1)	273 (100)

Nota: MP=muito perto; P=perto; NN=nem perto, nem longe; L=longe; ML=muito longe. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de avaliação dos acompanhantes em relação às distâncias percorridas para chegar de casa até a pracinha infantil.

Portanto, conclui-se que para as crianças da faixa etária de 6 a 12 anos, 250 metros pode ser considerada uma distância adequada para caminhar. Para as crianças da faixa etária de 2 a 5 anos, a distância máxima considerada adequada pelos acompanhantes é de 100 metros. Essa mesma medida máxima de 100 metros também é considerada adequada pelos acompanhantes dos bebês (até 6 meses e de 6 até 24 meses).

4.2.5.3. Relação entre a localização das pracinhas nos conjuntos habitacionais e a frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis

Considerando as oito pracinhas como amostra única, foi encontrada uma correlação entre a avaliação da localização das pracinhas nos conjuntos habitacionais e a frequência de uso das mesmas (Spearman, coef.= 0,325, Sig.=0,000), indicando que, quanto mais adequada a localização das pracinhas mais intenso tende a ser o uso das mesmas. Essa relação fica clara na São Francisco fundos, a qual obteve a pior avaliação quanto à sua localização pelos respondentes e é a pracinha com a menor presença de crianças.

4.2.6. Relação entre os níveis de conexão visual entre as moradias e as pracinhas e o estado de conservação e a frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis

Neste objetivo específico, são identificados os níveis de conexão visual entre as moradias e as pracinhas infantis e a relação entre tais níveis de conexão visual e o estado de conservação das pracinhas infantis. Por fim, é analisada a relação entre os níveis de conexão visual entre as moradias e as pracinhas e a frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis.

4.2.6.1. Níveis de conexão visual entre as moradias e as pracinhas infantis

Para identificar os níveis de conexão visual, realizou-se um levantamento de todas as janelas das moradias que possibilitam a visualização das pracinhas nos conjuntos. Foram excluídas apenas aquelas janelas que possuem algum tipo de vedação física, impedindo a visualização das pracinhas infantis, como as janelas vedadas com tapume de madeira ou placas de ferro, como mostra a Figura 4.50. Devido à insegurança, muitas moradias no Loteamento Pampa, Vila Tecnológica e Loteamento Santa Terezinha adotaram essa prática como forma de prevenir-se contra crimes.



Figura 4.50: Janela vedada com chapa de ferro



Figura 4.51: Edificação sem janelas



(a) Oásis

(b) São Francisco

Figura 4.52: Exemplos de barreiras visuais que impedem a visualização das pracinhas

Analisando a quantidade de conexões visuais (janelas), observa-se que a Oásis é a pracinha que possui o maior número de janelas com vista para a mesma. A pracinha Oásis é visualizada por 76 janelas (91,2m lineares de transparência), com 84,2% dessas janelas localizadas na banda visual 1 (até 12m). Em segundo lugar, está a pracinha São Francisco frente, visualizada por 67 janelas (71m lineares), com 43% (29 de 67) localizadas na banda 2 (até 24m) e 56,7% (38 de 67) na banda 3 (até 140m). A Vila Tecnológica (41 janelas – 42m lineares), Fernando Ferrari Bloco T (40 janelas – 48m lineares) e Loteamento Pampa (37 janelas – 33,9m lineares) têm quantidades similares de janelas visualmente conectadas às pracinhas. No entanto, 60% (24 de 40) das janelas que visualizam a pracinha Fernando Ferrari Bloco T estão localizadas na banda 1 (até 12m) e na banda 2 (até 24m), enquanto que, na Loteamento Pampa apenas 19% (7 de 37) das janelas consideradas estão na banda 2 e 81% (30 de 37) estão na banda 3 (até 140m), e na Vila Tecnológica, todas as janelas consideradas (41) estão localizadas na banda 3, ou seja, até 140m de distância (Tabela 4.27). As pracinhas com o menor número de conexões visuais são a Loteamento Santa Terezinha (19 janelas – 19m lineares), Fernando Ferrari Bloco Q (12 janelas – 14,4m lineares) e São Francisco fundos com apenas quatro janelas visualizando essa pracinha (Tabela 4.43).

Tabela 4.43: Levantamento das conexões visuais das pracinhas infantis

LOTEAMENTO PAMPA – Sobrados e casas (térreo e piso superior)				
Bandas visuais	Janelas com vista para a pracinha		Janelas com barreira visual	Edificação sem janelas com vista para a pracinha
	Quantidade	metros lineares		
1 (até 12m)	0	0	0	0
2 (mais de 12 até 24m)	7 (19)	9 (26,5)	3 (100)	6(100)
3 (mais de 24 até 140m)	30 (81)	24,9 (73,5)	0	0
4 (acima de 140m)	0	0	0	0
TOTAL	37 (100)	33,9 (100)	3 (100)	6 (100)

(Continua)

(Conclusão)				
VILA TECNOLÓGICA – Sobrados e casas (térreo e piso superior)				
Bandas visuais	Janelas com vista para a pracinha		Janelas com barreira visual	Edificação sem janelas com vista para a pracinha
	Quantidade	metros lineares		
1 (até 12m)	0	0	0	0
2 (mais de 12 até 24m)	0	0	0	0
3 (mais de 24 até 140m)	41 (100)	42 (100)	5 (100)	6 (100)
4 (acima de 140m)	0	0	0	0
TOTAL	41 (100)	42 (100)	5 (100)	6 (100)
LOTEAMENTO SANTA TEREZINHA – Sobrados e casas (térreo e piso superior)				
Bandas visuais	Janelas com vista para a pracinha		Janelas com barreira visual	Edificação sem janelas com vista para a pracinha
	Quantidade	metros lineares		
1 (até 12m)	0	0	0	0
2 (mais de 12 até 24m)	6 (31,6)	6 (31,6)	0	6 (50)
3 (mais de 24 até 140m)	13 (68,4)	13 (68,4)	0	6 (50)
4 (acima de 140m)	0	0	0	0
TOTAL	19 (100)	19 (100)	0	6 (100)
FERNANDO FERRARI BLOCO T – Blocos com 4 pavimentos				
Bandas visuais	Janelas com vista para a pracinha		Janelas com barreira visual	Edificação sem janelas com vista para a pracinha
	Quantidade	metros lineares		
1 (até 12m)	8 (20)	9,6 (20)	0	0
2 (mais de 12 até 24m)	16 (40)	19,2 (40)	0	0
3 (mais de 24 até 140m)	16 (40)	19,2 (40)	0	0
4 (acima de 140m)	0	0	0	0
TOTAL	40 (100)	48 (100)	0	0
FERNANDO FERRARI BLOCO Q – Blocos com 4 pavimentos				
Bandas visuais	Janelas com vista para a pracinha		Janelas com barreira visual	Edificação sem janelas com vista para a pracinha
	Quantidade	metros lineares		
1 (até 12m)	0	0	0	0
2 (mais de 12 até 24m)	0	0	0	0
3 (mais de 24 até 140m)	12 (100)	14,4 (100)	0	0
4 (acima de 140m)	0	0	0	0
TOTAL	12 (100)	14,4 (100)	0	0
OÁSIS – Blocos com 4 pavimentos				
Bandas visuais	Janelas com vista para a pracinha		Janelas com barreira visual	Edificação sem janelas com vista para a pracinha
	Quantidade	metros lineares		
1 (até 12m)	64 (84,2)	76,8 (84,2)	0	0
2 (mais de 12 até 24m)	12 (15,8)	14,4 (15,8)	14 (100)	0
3 (mais de 24 até 140m)	0	0	0	0
4 (acima de 140m)	0	0	0	0
TOTAL	76 (100)	91,2 (100)	14 (100)	0
SÃO FRANCISCO FRENTE – Blocos com 5 pavimentos				
Bandas visuais	Janelas com vista para a pracinha		Janelas com barreira visual	Edificação sem janelas com vista para a pracinha
	Quantidade	metros lineares		
1 (até 12m)	0	0	0	0
2 (mais de 12 até 24m)	29 (43,3)	33 (46,5)	0	0
3 (mais de 24 até 140m)	38 (56,7)	38 (53,5)	3 (100)	0
4 (acima de 140m)	0	0	0	0
TOTAL	67 (100)	71 (100)	3 (100)	0
SÃO FRANCISCO FUNDOS – Blocos com 5 pavimentos				
Bandas visuais	Janelas com vista para a pracinha		Janelas com barreira visual	Edificação sem janelas com vista para a pracinha
	Quantidade	metros lineares		
1 (até 12m)	4 (100)	4 (100)	0	0
2 (mais de 12 até 24m)	0	0	0	0
3 (mais de 24 até 140m)	0	0	0	0
4 (acima de 140m)	0	0	0	0
TOTAL	4 (100)	4 (100)	0	0

Nota: Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de cada informação.

Portanto, a partir dessa análise, é possível concluir que, a classificação dos níveis de conexões visuais entre as moradias e as pracinhas infantis (da maior para a menor conexão) é: Oásis, São Francisco frente, Fernando Ferrari Bloco T, Loteamento Pampa, Vila Tecnológica, Loteamento Santa Terezinha, Fernando Ferrari Bloco Q e São Francisco fundos.

4.2.6.2. Relação entre os níveis de conexão visual entre as moradias e as pracinhas e o estado de conservação das pracinhas infantis

Analisando os resultados, não se pôde estabelecer uma relação clara entre os níveis de conexões visuais entre as moradias e as pracinhas e o estado de conservação das mesmas. Pois, de um modo geral, as oito pracinhas infantis investigadas não possuem bom estado de conservação, embora, essas mesmas pracinhas possuam índices distintos de conexão visual com as moradias (Tabela 4.44).

Tabela 4.44: Comparação entre os níveis de conexão visual das pracinhas infantis e o seu estado de conservação

Nível de conexão visual	Nível do estado de conservação	Pracinhas infantis
1º	5º	Oásis
2º	1º	São Francisco frente
3º	3º	Fernando Ferrari Bloco T
4º	8º	Loteamento Pampa
5º	6º	Vila Tecnológica
6º	7º	Loteamento Santa Terezinha
7º	4º	Fernando Ferrari Bloco Q
8º	2º	São Francisco fundos

Nota: Síntese das tabelas 4.3 e 4.42

Contudo, com exceção da Oásis, as pracinhas com as piores avaliações quanto ao seu estado de conservação (Loteamento Pampa, Loteamento Santa Terezinha e Vila Tecnológica) são respectivamente as que não possuem nenhuma conexão visual na área mais próxima à pracinha (banda 1 – até 12 metros). Nesses três casos, a maioria expressiva das janelas das moradias, acima de 68%, estão nas áreas mais distantes das pracinhas, na banda 3 (até 140 metros) (Tabela 4.3 e Tabela 4.42). Ainda, a São Francisco frente é uma das pracinhas com o maior número de conexões visuais (banda 2 e banda 3) e também a foi uma das pracinhas menos mal avaliada quanto ao seu estado de conservação (Tabela 4.3 e Tabela 4.43).

Portanto, embora não seja possível estabelecer uma relação direta entre a quantidade de janelas (somando todas as janelas de todas as bandas) que visualizam a pracinha e o nível de conservação, as pracinhas visualizadas por mais janelas a uma menor distância foram as menos mal avaliadas quanto ao seu estado de conservação.

4.2.6.3. Relação entre os níveis de conexão visual entre as moradias e as pracinhas e a frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis

Comparando os níveis de conexão visual entre as moradias e as pracinhas e a intensidade de uso das mesmas, nota-se que a intensidade de uso é muito baixa onde a possibilidade de pessoas vigiarem o espaço também é muito baixa. Essa relação fica evidente na pracinha São Francisco fundos, pois, além de ter apenas quatro janelas que visualizam a pracinha, ela está localizada em um local por onde não circulam moradores. A frequência de uso também tende a cair nas pracinhas menos visualizadas a partir das moradias, tais como a Fernando Ferrari Bloco Q e a São Francisco fundos (Tabela 4.45).

Tabela 4.45: Comparação entre frequência, intensidade de uso e nível de conexão visual das pracinhas infantis

Nível de conexão visual	Pracinhas infantis	Frequência da maioria das crianças por semana	Quant. de crianças nas pracinhas
1 ^o	Oásis	Pelo menos duas vezes	57
2 ^o	São Francisco frente	Pelo menos duas vezes	59
3 ^o	Fernando Ferrari Bl. T	Pelo menos duas vezes	127
4 ^o	Lot. Pampa	Pelo menos duas vezes	108
5 ^o	Vila Tecnológica	Pelo menos duas vezes	193
6 ^o	Lot. Santa Terezinha	Pelo menos duas vezes	219
7 ^o	Fernando Ferrari Bl. Q	Máximo uma vez por semana	118
8 ^o	São Francisco fundos	Máximo uma vez por semana	4

Nota: Lot.: Loteamento. Bl.: Bloco. Quant.: Quantidade de crianças registradas nos mapas comportamentais.

Portanto, conclui-se que nas pracinhas com pouca ou nenhuma conexão visual com as moradias, o uso pelas crianças tende a reduzir-se consideravelmente.

4.2.7. Relação entre o entorno imediato à pracinha e a frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis

Considerando a amostra das oito pracinhas, foram identificadas correlações entre as avaliações dos usos do entorno imediato às pracinhas e a intensidade de uso das mesmas

(Spearman, coef.= 0,561, Sig.=0,000). Isto é, as pracinhas que possuem os usos do entorno avaliados como menos adequados tendem a ser usadas com menos frequência. As correlações identificadas nas pracinhas São Francisco frente, Loteamento Santa Terezinha e Oásis (Tabela 4.46) evidenciam bem essa relação. De acordo com os acompanhantes, o fato da pracinha São Francisco frente estar muito próxima ao estacionamento e ter ao lado um salão de festas de uso comunitário (ver Figuras 3.19 e 3.21 no Capítulo 3) acaba prejudicando o uso da pracinha.

Tabela 4.46: Correlações decorrentes da avaliação da adequação dos usos do entorno imediato à pracinha e a frequência de uso

Pracinhas infantis	Correlação entre a avaliação da adequação dos usos do entorno e frequência de uso das pracinhas	Avaliação da adequação dos usos do entorno (MVO K-W)
Fernando Ferrari Bloco Q	Não existe correlação	166,95
Loteamento Pampa	Não existe correlação	165,83
Fernando Ferrari Bloco T	Não existe correlação	165,72
Vila Tecnológica	Não existe correlação	157,67
Loteamento Santa Terezinha	Fraca (c=0,696; sig.=0,000)	153,46
São Francisco frente	Fraca (c=761; sig.=0,000)	140,53
Oásis	Fraca (c=0,655; sig.=0,000)	111,24
São Francisco fundos	Não existe correlação	45,46

Notas: c= coeficiente de correlação Spearman sig.= significância da correlação. Mvo K-W= média dos valores ordinais obtida pelo teste Kruskal-Wallis (os valores menores referem-se às pracinhas com os usos do entorno imediato à pracinha menos adequados).

Os acompanhantes relatam que a pracinha São Francisco frente é usada, por vezes, como extensão do salão em dias de festas, o que ocasiona constrangimento para os moradores, conforme trecho retirado da entrevista com uma acompanhante:

O salão de festas não deveria ser aqui, junto da pracinha. O problema é que quase todo final de semana tem festinha de aniversário. Nesses dias eu evito vir com meus filhos. Sabe como é criança. Se tem festinha de criança no salão, querem entrar, ficam na porta olhando. É constrangedor pra gente que tem que dizer não pro filho e constrangedor pra dona da festa. Imagina, não dá pra convidar todas as crianças da vizinhança pra uma festinha de aniversário. (acompanhante, São Francisco frente).

Ainda, outro acompanhante relatou que festas noturnas no salão são constantes e prejudicam a limpeza da pracinha São Francisco frente:

Se tem festa de noite aqui, no outro dia não dá pra vir na pracinha. Isso aqui fica cheio de bituca de cigarro, copinhos de plástico por tudo e latinhas de cerveja. Fica muito sujo. Não tem como trazer as crianças pra cá (acompanhante, São Francisco frente).

Os acompanhantes das pracinhas do Loteamento Santa Terezinha e Oásis avaliaram negativamente os usos do entorno porque ambas as pracinhas estão em áreas localizadas

nos limites dos conjuntos, permitindo que o entorno imediato do próprio conjunto habitacional interfira no uso dessas pracinhas. No caso do Loteamento Santa Terezinha, a pracinha fica muito próxima à Av. Voluntários da Pátria (ver Figura 3.12 no Capítulo 3), o que deixa os acompanhantes apreensivos com a possibilidade de atropelamentos. A Oásis está no localizada junto a divisa do conjunto com uma área de ocupação irregular (Ver Figura 3.17 no Capítulo 3). Embora exista um muro alto separando a pracinha dessa ocupação irregular, muitos acompanhantes relataram que frequentam pouco a pracinha por medo de tiroteio no entorno, conforme o seguinte relato: “eu venho bem pouco com as crianças aqui. Tenho medo dessa vila aqui do lado. Num tiroteio não tem muro que impeça os tiros” (acompanhante, Oásis).

Adicionalmente, alguns acompanhantes na Oásis comentaram que as crianças usam pouco a pracinha por sentirem-se constrangidas com as constantes reclamações dos moradores do bloco M em frente à pracinha. Foi observada uma placa no local, proibindo atividades como jogar bola, andar de bicicleta e skate nas áreas internas do conjunto, conforme mostra a Figura 4.53.



Figura 4.53: Placa proibindo atividades das crianças.

Logo, a pouca intensidade de uso das pracinhas, por vezes, indica o quanto os usos podem estar sendo desfavorecidos pelas características físicas dos conjuntos, tais como a existência de salão de festas junto à pracinha; a pracinha estar próxima de ruas ou avenidas

com muito fluxo de veículos quando o conjunto não tem cercamento; a pracinha estar muito próxima das moradias.

4.3. ADEQUAÇÃO DOS ASPECTOS FÍSICO-ESPACIAIS DAS PRACINHAS INFANTIS NO USO POR CRIANÇAS E ACOMPANHANTES

Neste item, são investigados os objetivos específicos referentes ao objetivo geral (ii): relação entre os aspectos físico-espaciais das pracinhas infantis e a adequação no uso por crianças e acompanhantes.

4.3.1. Nível geral de satisfação das crianças e dos acompanhantes com as pracinhas infantis

A clara maioria das crianças de 6 a 12 anos (81%) está satisfeita com as pracinhas dos seus conjuntos habitacionais. Contudo, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (K-W, $\chi^2 = 41,186$, sig.= 0,000) quanto ao nível de satisfação das crianças em cada pracinha infantil (Tabela 4.44). As pracinhas Fernando Ferrari Bloco T (95,6%), Loteamento Pampa (91,7%), Fernando Ferrari Bloco Q (91,3%), Loteamento Santa Terezinha (90,9%), Vila Tecnológica (86%) e São Francisco frente (85,7%) são marcadamente as mais satisfatórias. Embora com intensidade um pouco menor que as anteriores, as crianças da Oásis também estão satisfeitas com a pracinha (75%). A única pracinha avaliada de forma negativa foi a São Francisco fundos, pois o percentual positivo de 23,8% não superou o negativo (71,4% das crianças não está nem satisfeito e nem insatisfeito e 4,8% insatisfeito) (Tabela 4.47).

Tabela 4.47: Nível geral de satisfação das crianças com as pracinhas infantis.

PRACINHAS INFANTIS	Você considera essa pracinha						TOTAL	CP
	Muito satisfatória	Satisfatória	Nem satisfatória, nem insatisfatória	Insatisfatória	Muito insatisfatória	Mvo K-W		
Fernando Ferrari Bloco T	3 (13)	19 (82,6)	1 (4,3)	0	0	107,76	23 (12,5)	1º
Lot. Santa Terezinha	4 (18,2)	16 (72,7)	1 (4,5)	1 (4,5)	0	107,02	22 (12)	2º
Lot. Pampa	4 (16,7)	18 (75)	1 (4,2)	1 (4,2)	0	106,56	24 (13)	3º
São Francisco frente	2 (9,5)	16 (76,2)	1 (4,8)	2 (9,5)	0	95,57	21 (11,4)	4º
Vila Tecnológica	2 (6,7)	24 (80)	2 (6,7)	2 (6,7)	0	94,70	30 (16,3)	5º
Fernando Ferrari Bloco Q	0	21 (91,3)	2 (8,7)	0	0	94,59	23 (12,5)	6º
Oásis	2 (10)	13 (65)	4 (20)	1 (5)	0	88,20	20 (10,9)	7º
São Francisco fundos	0	5 (23,8)	15 (71,4)	1 (4,8)	0	40,10	21 (11,4)	8º
TOTAL	17 (9,3)	132 (71,7)	27 (14,6)	8 (4,4)	0		184 (100)	

Nota: Lot. = Loteamento; Mvo K-W= média dos valores ordinais obtida pelo teste Kruskal-Wallis (os valores menores referem-se às pracinhas com pior avaliação em relação ao índice de satisfação); CP= classificação das pracinhas como a mais satisfatória (1º) até a menos satisfatória (8º). Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de cada avaliação em relação ao nível de satisfação.

Quando examinados os níveis de satisfação em relação ao gênero (Tabela 4.48), verifica-se que os meninos (90,6%) estão mais satisfeitos com as pracinhas do que as meninas (70,5%).

Tabela 4.48: Nível geral de satisfação das crianças com as pracinhas infantis quanto ao gênero

Pracinhas infantis	Idade	Você considera essa pracinha					TOTAL
		Muito satisfatória	Satisfatória	Nem satisfatória, nem insatisfatória	Insatisfatória	Muito insatisfatória	
Fernando Ferrari Bloco T	Menina	1(8,3)	10(83,4)	1(8,3)	0	0	23(12,5)
	Menino	2(18,2)	9(81,8)	0	0	0	
Loteamento Santa Terezinha	Menina	0	10(83,4)	1(8,3)	1(8,3)	0	22(12)
	Menino	4(40)	6(60)	0	0	0	
Loteamento Pampa	Menina	0	9(81,8)	1(9,1)	1(9,1)	0	24(13)
	Menino	4(30,8)	9(69,2)	0	0	0	
São Francisco frente	Menina	0	6(66,7)	1(11,1)	2(22,2)	0	21(11,4)
	Menino	2(16,7)	10(83,3)	0	0	0	
Vila Tecnológica	Menina	0	10(71,4)	2(14,3)	2(14,3)	0	30(16,3)
	Menino	2(12,5)	14(87,5)	0	0	0	
Fernando Ferrari Bloco Q	Menina	0	10(83,3)	2(16,7)	0	0	23(12,5)
	Menino	0	11(100)	0	0	0	
Oásis	Menina	0	6(66,7)	2(22,2)	1(11,1)	0	20(10,9)
	Menino	2(18,2)	7(63,6)	2(18,2)	0	0	
São Francisco fundos	Menina	0	0	8(88,9)	1(11,1)	0	21(11,4)
	Menino	0	5(41,7)	7(58,3)	0	0	
TOTAL	Menina	1 (1,2)	61(69,3)	18(20,4)	8(9,1)	0	184(100)
	Menino	16 (16,7)	71(73,9)	9(9,4)	0	0	

Nota: Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais quanto ao gênero das crianças que apontaram cada justificativa em relação ao nível de satisfação com as pracinhas.

No tocante ao nível de satisfação dos acompanhantes, 56% está insatisfeito ou muito insatisfeito com as pracinhas infantis dos seis conjuntos habitacionais. No entanto, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (K-W, $\chi^2 = 81,031$, sig.= 0,000) quanto ao nível de satisfação dos acompanhantes em relação à cada pracinha infantil (Tabela 4.48). Os acompanhantes mais insatisfeitos são os das pracinhas Loteamento Pampa (84,9%), Loteamento Santa Terezinha (88,1%), Vila Tecnológica (73,3%) e Oásis (72,5%). A avaliação das pracinhas Fernando Ferrari Bloco Q e São Francisco fundos também tende a ser negativa, pois os percentuais de acompanhantes que as avaliaram positivamente (20,7% e 5,7%, respectivamente) são muito baixos e não superam os percentuais não desprezíveis daqueles que as avaliaram negativamente (34,5% e 45,8%, respectivamente). As pracinhas São Francisco frente (51,5%) e Fernando Ferrari Bloco T (41,4%) obtiveram as maiores avaliações positivas, embora não possam ser consideradas satisfatórias em função dos percentuais expressivos de acompanhantes que não as consideraram satisfatórias (48,5% e 58,6%, respectivamente) (Tabela 4.49).

Tabela 4.49: Níveis gerais de satisfação dos acompanhantes

PRACINHAS INFANTIS	Você considera a pracinha infantil							TOTAL	CP
	Muito satisfatória	Satisfatória	Nem satisfatória / nem insatisfatória	Insatisfatória	Muito insatisfatória	Mvo K-W			
São Francisco frente	1 (2,9)	17 (48,6)	10 (28,6)	7 (20)	0	201,56	35 (12,8)	1º	
Fernando Ferrari Bloco T	2 (6,9)	10 (34,5)	13 (44,8)	2 (6,9)	2 (6,9)	196,74	29 (10,6)	2º	
Fernando Ferrari Bloco Q	6 (20,7)	0	11 (37,9)	6 (20,7)	4 (13,8)	170,50	29 (10,6)	3º	
São Francisco fundos	0	2 (5,7)	17 (48,6)	8 (22,9)	8 (22,9)	137,16	35 (12,8)	4º	
Vila Tecnológica	0	3 (10)	5 (16,7)	13 (43,3)	9 (30)	111,70	30 (11,1)	5º	
Oásis	0	7 (17,5)	4 (10)	13 (32,5)	16 (40)	108,89	40 (14,6)	6º	
Lot. Santa Terezinha	0	0	5 (11,9)	31 (73,8)	6 (14,3)	106,21	42 (15,4)	7º	
Lot. Pampa	0	0	5 (15,2)	12 (36,4)	16 (48,5)	82,68	33 (12,1)	8º	
TOTAL	9 (3,29)	41 (15,01)	70 (25,64)	92 (33,69)	61 (22,34)		273 (100)		

Nota: Lot. = Loteamento; Mvo K-W= média dos valores ordinais obtida pelo teste Kruskal-Wallis (os valores menores referem-se às pracinhas com pior avaliação em relação ao índice de satisfação); CP= classificação das pracinhas como a mais satisfatória (1º) até a menos satisfatória (8º). Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de cada avaliação em relação ao nível de satisfação.

Ao comparar os níveis de satisfação das crianças com os níveis de satisfação dos acompanhantes, conclui-se que a pracinha São Francisco fundos é insatisfatória para as crianças e para os acompanhantes. As demais pracinhas, São Francisco frente, Fernando Ferrari Bloco T, Loteamento Pampa, Fernando Ferrari Bloco Q, Loteamento Santa Terezinha, Vila Tecnológica e Oásis são satisfatórias apenas para as crianças.

As crianças estão satisfeitas com as pracinhas Loteamento Pampa, Loteamento Santa Terezinha, Vila Tecnológica, Fernando Ferrari Bloco T, Fernando Ferrari Bloco Q e Oásis, porque as veem como um lugar de brincar e encontrar amigos (58,3%, 54,5%, 33,3%, 34,8%, 17,4% e 40%, respectivamente) e também pelo fato das pracinhas terem equipamentos (33,3%, 27,3%, 26,7%, 52,2%, 30,4% e 10%, respectivamente) (Tabela 4.50). Já os motivos que justificam a insatisfação dos acompanhantes com essas seis pracinhas são: a pouca quantidade de equipamentos (12,1%, 7,1%, 10%, 27,6%, 6,8% e 15%, respectivamente), a falta de equipamentos adequados às faixas etárias (9%, 11,9%, 6,6%, 41,4%, 10,3% e 7,5%, respectivamente), a falta de áreas sombreadas no verão (9%, 7,1%, 16,6%, 10,3%, 10,3% e 7,5%, respectivamente), e a falta de piso adequado para os bebês (6%, 4,7%, 6,6%, 10,3%, 10,3% e 7,5, respectivamente) (Tabela 4.51). Adicionalmente, 17,5% dos acompanhantes da Oásis mencionaram que a pracinha é pequena em relação à população de crianças do conjunto e 15% disse incomodar-se com o fato do portão da pracinha ficar sempre fechado com chave, sendo necessário pedir permissão ao síndico para utilizá-la (Tabela 4.51). A avaliação em relação à adequação do tamanho das pracinhas, bem como o detalhamento das medidas de cada uma, será tratado no próximo item.

Tabela 4.50: Principais justificativas das crianças quanto aos níveis de satisfação com as pracinhas

JUSTIFICATIVAS	PRACINHAS INFANTIS								
	Fernando Ferrari Bl. T (23)	Lot. Santa Terezinha (22)	Lot. Pampa (24)	São Francisco frente (21)	Vila Tecnológica (30)	Fernando Ferrari Bl. Q (23)	Oásis (20)	São Francisco fundos (21)	TOTAL (271)
Principais justificativas para avaliação positiva									
A pracinha é lugar de brincar e encontrar amigos	8 (34,8)	12 (54,5)	14 (58,3)	8 (38)	10 (33,3)	4 (17,4)	8 (40)	0	64 (23,6)
A pracinha tem brinquedos (equipamentos de brincar)	12 (52,2)	6 (27,3)	8 (33,3)	0	8 (26,7)	7 (30,4)	2 (10)	0	43 (15,9)
Não soube justificar	5 (21,7)	7 (31,8)	7 (29,2)	13 (61,9)	14 (46,7)	12 (52,2)	12 (60)	0	70 (25,8)
Principais justificativas para avaliação negativa									
Vários equipamentos de brincar estão quebrados	4 (17,4)	12 (54,5)	18 (75)	4 (10)	15 (50)	6 (26)	10 (50)	0	69 (25,5)
Porque tem poucos brinquedos	0	0	0	0	0	2 (8,7)	0	9 (42,8)	11 (4)
Não gosta dos tipos de brinquedos existentes	0	0	0	3 (14,3)	1 (3,3)	0	1 (5)	2 (10)	7 (2,6)
Porque os amigos não frequentam	1 (4,3)	0	0	0	0	0	0	6 (28,6)	7 (2,6)

Nota: Lot. = Loteamento. Bl. = Bloco. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de cada justificativa apontada pelas crianças em relação ao nível de satisfação com as pracinhas.

Na São Francisco frente, satisfatória apenas para as crianças, a justificativa positiva mais citada pelas crianças foi o fato da pracinha ser um lugar de brincar e encontrar amigos (38%), embora três crianças disseram não gostar dos tipos de brinquedos existentes (Tabela 4.50). Para 51,5% dos acompanhantes, a pracinha é satisfatória porque é um lugar para conversar e encontrar os vizinhos, no entanto, a pouca quantidade de equipamentos (8,6%), a falta de equipamentos adequados às faixas etárias (14,3%), a falta de áreas sombreadas no verão (20%), a falta de piso adequado para os bebês (11,4%) e principalmente, a pouca quantidade de bancos (22,3%) foram mencionadas como justificativas negativas (Tabela 4.51).

Em relação à insatisfação das crianças com a São Francisco fundos, as principais justificativas são a pouca quantidade de brinquedos (42,8%) e a inexistência de amigos que frequentem essa pracinha (28,6%). Ainda, duas crianças disseram que não gostam dos tipos de brinquedos existentes (Tabela 4.50). Para os acompanhantes, além dos problemas quanto à localização da pracinha, relatados nos itens anteriores, a pracinha é insatisfatória pela pouca quantidade de equipamentos (34,3%) e pela falta de equipamentos adequados às faixas etárias (20%)(Tabela 4.51).

Tabela 4.51: Principais justificativas dos acompanhantes quanto aos níveis de satisfação com as pracinhas

JUSTIFICATIVAS	PRACINHAS INFANTIS								TOTAL (172)
	São Francisco frente (35)	Fernando Ferrari Bl. T (29)	Fernando Ferrari Bl. Q (29)	São Francisco fundos (35)	Vila Tecnológica (30)	Oásis (40)	Lot. Santa Terezinha (42)	Lot. Pampa (33)	
Principais justificativas para avaliação negativa									
Pouca quantidade de equipamentos de brincar	3 (8,6)	2 (6,8)	8 (27,6)	12 (34,3)	3 (10)	6 (15)	3 (7,1)	2 (12,1)	39 (22,7)
Falta de equipamentos adequados às faixas etárias	5 (14,3)	3 (10,3)	12 (41,4)	7 (20)	2 (6,6)	3 (7,5)	5 (11,9)	3 (9)	40 (23,2)
Falta área sombreada	7 (20)	3 (10,3)	3 (10,3)	0	5 (16,6)	3 (7,5)	3 (7,1)	3 (9)	27 (15,7)
Não tem piso adequado para os bebês	4 (11,4)	3 (10,3)	3 (10,3)	0	2 (6,6)	3 (7,5)	2 (4,7)	2 (6)	19 (11)
A pracinha é pequena	0	0	0	0	0	7 (17,5)	0	0	7 (4,1)
O portão da pracinha ficar fechado com chave	0	0	0	0	0	6 (15)	0	0	6 (3,5)
Faltam bancos	8 (22,3)	0	0	0	0	0	0	0	8 (4,7)
Principais justificativas para avaliação positiva									
Local para conversar e encontrar os vizinhos	17 (48,6)	7 (24,1)	2 (6,9)	0	0	0	0	0	26 (15,1)

Nota: Lot. = Loteamento. Bl. = Bloco. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de cada justificativa apontada pelos acompanhantes em relação ao nível de satisfação com as pracinhas.

Adicionalmente, é importante destacar que, embora 81% das crianças de 6 a 12 anos diz estar satisfeita com as pracinhas infantis dos seus conjuntos, 25,5% destacou como um aspecto negativo a existência de equipamentos de brincar danificados (Tabela 4.50). Isso indica que as crianças percebem que existem aspectos que poderiam ser melhorados, a começar pelo cuidado e conservação dos equipamentos. Essa percepção pode ser exemplificada por um cartaz produzido e fixado pelas próprias crianças na pracinha do Loteamento Vila Pampa (Figura 4.54).

**Figura 4.54:** Cartaz produzido e fixado pelas crianças. Loteamento Vila Pampa.

Portanto, conclui-se que o nível de satisfação dos acompanhantes com as pracinhas é impactado por vários aspectos físicos, tais como adequação dos tipos de equipamentos às faixas etárias; existência de piso adequado para os bebês; quantidade adequada de equipamentos em relação ao número de crianças usuárias; vegetação adequada e quantidade adequada de bancos. Enquanto que, para as crianças, a possibilidade da pracinha ser um local para brincar e de interação entre amigos é um fator importante para a avaliação positiva, apesar dos aspectos negativos mencionados, como a quantidade de equipamentos danificados.

4.3.2. Adequação do tamanho das pracinhas infantis em relação à quantidade de crianças usuárias

Neste objetivo específico são consideradas as dimensões das pracinhas, os resultados obtidos nos questionários com os acompanhantes, nos quais são investigadas a adequação do tamanho das pracinhas para as crianças, conforme faixa etária e gênero, e a relação entre tais aspectos e o estado de conservação das mesmas. Por fim, investiga-se a relação entre a adequação do tamanho das pracinhas e a frequência e intensidade de uso da mesma.

4.3.2.1. Adequação do tamanho das pracinhas infantis

De um modo geral, 72,8% das crianças de 6 a 12 anos considera as pracinhas grandes e 17,9% pequenas (Tabela 4.50). No entanto, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kruskal-Wallis, $\chi^2=87,878$, sig.=0,000) entre as percepções das crianças quanto ao tamanho de cada pracinha infantil. A Loteamento Pampa (100%), a Santa Terezinha (95,5%), a Fernando Ferrari Bloco T (91,3%), a Fernando Ferrari Bloco Q (91,3%), a Vila Tecnológica (86,7%) e a São Francisco Frente (85,7%) são percebidas como grandes pela grande maioria das crianças (793m²; 481m²; 229m²; 278m²; 414m²; e 150m², respectivamente). Por outro lado, a São Francisco fundos (71,4%) e a Oásis (65%) são consideradas pracinhas pequenas (193m² e 192m², respectivamente)(Tabelas 4.52 e 4.54).

Tabela 4.52: Avaliação das crianças quanto à adequação do tamanho das pracinhas

PRACINHAS INFANTIS	Você acha essa pracinha grande ou pequena?						TOTAL	CP
	Bem grande	Grande	Nem grande, nem pequena	Pequena	Bem pequena	Mvo K-W		
Lot. Pampa	2 (8,3)	22 (91,7)	0	0	0	117,33	24	5º
Lot. Santa Terezinha	2 (9,1)	19 (86,4)	1 (4,5)	0	0	114,57	22	2º
Fernando Ferrari Bloco T	0	21 (91,3)	2 (8,7)	0	0	105,20	23	3º
Vila Tecnológica	2 (6,7)	24 (80)	2 (6,7)	2 (6,7)	0	105,03	30	1º
Fernando Ferrari Bloco Q	0	21 (91,3)	1 (4,3)	1 (4,3)	0	104,24	23	4º
São Francisco frente	0	18 (85,7)	1 (4,8)	2 (9,5)	0	99,05	21	6º
São Francisco fundos	0	5 (23,8)	1 (4,8)	15 (71,4)	0	40,55	21	8º
Oásis	0	4 (20)	3 (15)	13 (65)	0	39,20	20	7º
TOTAL	6 (3,3)	134 (72,8)	11 (17,9)	33 (17,9)	0		184	

Nota: Lot. = Loteamento; Mvo K-W= média dos valores ordinais obtida pelo teste Kruskal-Wallis (os valores menores referem-se às pracinhas com pior avaliação em relação ao tamanho; CP= classificação das pracinhas a maior avaliação (1º) até a pracinha com a pior avaliação (8º). Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de cada avaliação em relação à adequação do tamanho das pracinhas.

Quando examinadas as avaliações da adequação do tamanho das pracinhas em relação ao gênero, percebe-se que, de um modo geral, mais meninos avaliaram as pracinhas como pequenas do que as meninas (22,9% dos meninos avaliou como pequena; 12,5% das meninas avaliou como pequena) (Tabela 4.53). Essa diferença de percepção entre meninos (72,7% avaliou como pequena) e meninas (55,5% avaliou como pequena) aparece na pracinha Oásis e na São Francisco fundos (83,3% dos meninos avaliou como pequena e 55,5% das meninas avaliou como pequena) (Tabela 4.53). Ainda, as pracinhas Vila Tecnológica e São Francisco frente foram avaliadas como pequenas apenas pelos meninos (12,5% e 16,7%, respectivamente).

Tabela 4.53: Avaliação das crianças quanto à adequação do tamanho das pracinhas em relação ao gênero

Pracinhas infantis	Gênero	Você acha essa pracinha grande ou pequena?					TOTAL
		Muito grande	Grande	Mais ou menos	Pequena	Muito pequena	
Loteamento Pampa	Menina	0	11(100)	0	0	0	24(13)
	Menino	2(15,4)	11(84,6)	0	0	0	
Loteamento Santa Terezinha	Menina	1(8,3)	11(91,7)	0	0	0	22(12)
	Menino	1(10)	8(80)	1(10)	0	0	
Fernando Ferrari Bloco T	Menina	0	12(100)	0	0	0	23(12,5)
	Menino	0	9(81,8)	2(18,2)	0	0	
Vila Tecnológica	Menina	2(14,3)	11(78,6)	1(7,1)	0	0	30(16,3)
	Menino	0	13(81,5)	1(6)	2(12,5)	0	
Fernando Ferrari Bloco Q	Menina	0	11(91,7)	0	1(8,3)	0	23(12,5)
	Menino	0	10(90,9)	1(9,1)	0	0	
São Francisco frente	Menina	0	9(100)	0	0	0	21(11,4)
	Menino	0	9(75)	1(8,3)	2(16,7)	0	
São Francisco fundos	Menina	0	3(33,3)	1(11,2)	5(55,5)	0	21(11,4)
	Menino	0	2(16,7)	0	10(83,3)	0	
Oásis	Menina	0	3(33,3)	1(11,2)	5(55,5)	0	20 (10,9)
	Menino	0	1(9,1)	2(18,2)	8(72,7)	0	
TOTAL	Menina	3 (3,4)	71(80,7)	3(3,4)	11(12,5)		184(100)
	Menino	3 (3,1)	63(65,6)	8(8,3)	22(22,9)		

Nota: Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de crianças que apontaram cada justificativa em relação à adequação do tamanho das pracinhas.

Através das observações de comportamento, nota-se que as crianças maiores, de 6 a 12 anos, são mais ativas, fazem movimentos bruscos durante as brincadeiras e ocupam todo o espaço da pracinha, intimidando e deixando menos espaço para as menores brincar. Esse comportamento é mais evidente entre os meninos dessa faixa etária (6 a 12). Não foi observada diferença de comportamento entre meninas e meninos de 2 a 5 anos. Em relação aos bebês de 6 a 24 meses, claramente, falta espaço para realizar atividades no chão e, provavelmente por isso, a maior parte das crianças dessa faixa etária estava no colo dos acompanhantes.

Tabela 4.54: Identificação das medidas das pracinhas infantis e densidade média de crianças

Pracinhas infantis	Área total apenas das pracinhas (m ²)	Total de crianças realizando atividades apenas nas pracinhas	Média de espaço (m ²) por criança apenas na pracinha	*Total de crianças realizando atividades nas pracinhas e no entorno próximo	População estimada de crianças moradoras nos conjuntos habitacionais	Média de espaço (m ²) por criança apenas na pracinha, considerando a população total de crianças
Lot. Pampa	793	43	18,4	108	276	2,8
Lot. Santa Terezinha	481	167	2,8	219	227	2,1
Vila Tecnológica	414	102	4,0	193	152	2,7
Fernando Ferrari Bl. Q	278	106	2,3	118	1.232	0,2
Fernando Ferrari Bl. T	229	120	1,9	127	1.232	0,2
São Francisco fundos	193	4	48,2	4	280	0,7
Oásis	192	32	6,0	57	223	0,9
São Francisco frente	150	59	2,5	59	280	0,5

Nota: Lot. = Loteamento. Bl. = Bloco. O total de crianças corresponde ao somatório total de todas as observações registradas nos mapas comportamentais de crianças brincando nas pracinhas. Foram desconsideradas as crianças do entorno próximo. * Somatório da quantidade de crianças na pracinha com a quantidade de crianças no entorno.

Em relação aos acompanhantes, a maioria (57,9%) percebe como inadequado ou muito inadequado o tamanho das pracinhas infantis em relação à quantidade de crianças usuárias (Tabela 4.55). Contudo, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kruskal-Wallis, $\chi^2=113,178$, sig.=0,000) entre as percepções dos acompanhantes dos seis conjuntos investigados quanto à adequação do tamanho de cada pracinha infantil. As pracinhas Fernando Ferrari Bloco T (100%) e Fernando Ferrari Bloco Q (89,6%) são marcadamente as mais inadequadas quanto ao seu tamanho. Também são consideradas pracinhas com tamanho inadequado a Loteamento Santa Terezinha (78,6%), a Oásis (72,5%) e a São Francisco frente (74,3%). Embora, menos mal avaliadas que as cinco anteriores, as pracinhas Vila Tecnológica, Loteamento Pampa e São Francisco fundos também não são adequadas, pois o percentual positivo (43,3%, 27,3% e 17,1%, respectivamente) não é superior às avaliações negativas (Tabela 4.55). Logo, para os

acompanhantes todas as pracinhas têm tamanho inadequado e para as crianças, apenas a São Francisco fundos e a Oásis são pequenas.

Tabela 4.55: Avaliação dos acompanhantes quanto à adequação do tamanho das pracinhas

PRACINHAS INFANTIS	Você considera o tamanho da pracinha infantil em relação à quantidade de crianças usuárias							CP
	Muito adequado	Adequado	Nem adequado / nem inadequado	Inadequado	Muito inadequado	Mvo K-W	TOTAL	
Vila Tecnológica	0	13 (43,3)	12 (40)	5 (16,7)	0	202,23	30 (11,1)	1º
Lot. Pampa	0	9 (27,3)	19 (57,6)	5 (15,2)	0	194,77	33 (12,1)	2º
São Francisco fundos	0	6 (17,1)	24 (68,6)	5 (14,3)	0	189,97	35 (12,8)	3º
São Francisco frente	2 (5,7)	3 (8,6)	4 (11,4)	26 (74,3)	0	125,63	35 (12,8)	4º
Oásis	0	7 (17,5)	4 (10)	26 (65)	3 (7,5)	122,25	40 (14,6)	5º
Lot. Santa Terezinha	0	1 (2,4)	8 (19)	28 (66,7)	5 (11,9)	103,76	42 (15,4)	6º
Fernando Ferrari Bl. Q	0	0	3 (10,3)	23 (79,3)	3 (10,3)	91,84	29 (10,6)	7º
Fernando Ferrari Bl. T	0	0	0	21 (72,4)	8 (27,6)	67,21	29 (10,6)	8º
TOTAL	2 (0,7)	39 (14,3)	74 (27,1)	139 (50,9)	19 (7)		273 (100)	

Nota: Lot. = Loteamento; Bl.= Bloco. Mvo K-W= média dos valores ordinais obtida pelo teste Kruskal-Wallis (os valores menores referem-se às pracinhas com pior avaliação em relação à adequação do tamanho); CP= classificação das pracinhas como a mais adequada (1º) até a menos adequada (8º). Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de cada avaliação em relação à adequação do tamanho das pracinhas.

As crianças de 6 a 12 anos consideraram as pracinhas Fernando Ferrari Bloco T e Bloco Q grandes devido à existência de gramado no entorno (17,4% e 17,4%) e às áreas livres no entorno para andar de bicicleta (8,7% e 8,7%) (Tabela 4.56). Isso indica que, quando a criança tem a possibilidade de brincar na pracinha e também nos espaços do seu entorno, aumenta a sensação de amplitude do tamanho da pracinha, visto que, considerando o total de crianças observadas, essas duas pracinhas possuem as menores médias de espaço por criança: Fernando Ferrari Bloco T (1,9m²) e Fernando Ferrari Bloco Q (2,3m²) (Tabela 4.54). Por outro lado, os acompanhantes mencionaram como justificativa para as avaliações negativas dessas pracinhas, o elevado número de crianças moradoras no conjunto (72,4% e 79,3%) (Tabela 4.19) e a falta de espaço específico para as crianças menores, das faixas etárias de 6 até 24 meses e de 2 a 5 anos (41,4% e 27,6%) (Tabela 4.57). Considerando a população de crianças do conjunto, essas duas pracinhas são as que possuem a menor quantidade de espaço por crianças (0,2m²) (Tabela 4.54).

As pracinhas Loteamento Santa Terezinha, Loteamento Pampa e Vila Tecnológica foram consideradas grandes pelas crianças de 6 a 12 anos, principalmente, pela existência das praças (54,6%, 16,7% e 16,7%, respectivamente) e das quadras esportivas (36,4%, 41,6% e 20%, respectivamente) nas adjacências (Tabela 4.56). No entanto, para os acompanhantes, essas três pracinhas têm tamanho inadequado devido ao elevado número de crianças moradoras dos conjuntos (64,3%, 42,4% e 53,3%, respectivamente), além de não possuírem espaço específico para as crianças menores, das faixas etárias de 6 até 24 meses e de 2 a 5 anos (14,3%, 21,2% e 16,7%, respectivamente) e ainda, os conjuntos não têm outras opções de lazer para as crianças (26%, 18,2% e 13,3%, respectivamente),

sobrecarregando as pracinhas (Tabela 4.57), independente do fato de estarem junto à praça com quadra esportiva. Por outro lado, os acompanhantes da Loteamento Pampa e Vila Tecnológica mencionaram como fator positivo a pracinha estar junto à praça (36,4% e 43,3%) (Tabela 4.57). Considerando o total de crianças observadas e a população estimada (Tabela 4.19), a média de espaço físico por criança na pracinha Loteamento Pampa é de 18,4m² e 2,8m², respectivamente; na Vila Tecnológica é de 4,0m² e 2,7m²; e na Loteamento Santa Terezinha é de 2,8m² e 2,1m² por criança (Tabela 4.54). Logo, o fato da Loteamento Pampa ter seis vezes mais espaço disponível por criança (18,4m²), considerando o total de observações, e ter a maior média de espaço (2,8m²), considerando a população de crianças, não a tornou menos inadequada do que a Loteamento Santa Terezinha e a Vila Tecnológica. Isso indica que o *layout* da pracinha, como por exemplo ter espaço específico para os pequenos, influencia mais a avaliação quanto à adequação do tamanho do que a metragem da área disponível por criança.

Tabela 4.56: Principais justificativas das crianças quanto à adequação do tamanho das pracinhas

JUSTIFICATIVAS	PRACINHAS INFANTIS								
	Fernando Ferrari Bl. T (23)	Fernando Ferrari Bl. Q (23)	Lot. Santa Terezinha (22)	Oásis (20)	São Francisco frente (21)	São Francisco fundos (21)	Lot. Pampa (24)	Vila Tecnológica (30)	TOTAL 150
Principais justificativas para avaliação positiva									
Existência de quadra esportiva no entorno	0	0	8(36,4)	0	0	0	10(41,6)	6(20)	24(16)
Existência da praça	0	0	12(54,6)	0	0	0	4(16,7)	5(16,7)	21(14)
Lugar para andar de bicicleta	2(8,7)	2(8,7)	0	2(10)	6(28,6)	0	0	2(6,6)	14(9,3)
Gramado no entorno	4(17,4)	4(17,4)	0	0	0	0	1(4,2)	1(3,3)	10(6,7)
Não soube responder	4(17,4)	5(21,7)	3(13,6)	0	4(19)	0	6(25)	7(23,3)	31(20,7)
Principais justificativas para avaliação negativa									
Poucos equipamentos	1(4,3)	0	0	17(85)	1(4,8)	15(71,4)	0	2(6,7)	36(24)
Falta de quadra esportiva	0	0	0	6(30)	0	0	0	0	6(4)
Não soube responder	0	1(4,3)	0	3(15)	0	4(19)	0	0	8(5,3)

Nota: . Lot. = Loteamento. Bl. = Bloco. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de cada justificativa apontada pelas crianças em relação à adequação do tamanho de cada pracinha.

A São Francisco frente foi considerada grande pelas crianças, principalmente (28,6%), porque ela tem lugar para andar de bicicleta (Tabela 4.56). Nesse caso, as crianças estavam referindo-se ao estacionamento ao lado da pracinha; contudo, em nenhum momento observou-se crianças andando de bicicleta nesse estacionamento e tampouco dentro da pracinha. Já os acompanhantes a consideraram inadequada devido ao elevado número de crianças moradoras do conjunto (54,3%), por não ter espaço específico para as crianças menores, das faixas etárias de 6 até 24 meses e de 2 a 5 anos (42,8%), e pelo

conjunto não ter outras opções de lazer para as crianças (25,7%) (Tabela 4.57). Adicionalmente, a São Francisco frente tem uma média de 2,5m² para cada criança (Tabela 4.55). Nesse caso, além dessa pracinha ter uma das médias mais baixas, no que diz respeito à área disponível por criança, também influenciou o *layout* do espaço, que não tem local específico para as crianças menores de 5 anos.

Tabela 4.57: Principais justificativas dos acompanhantes quanto à adequação do tamanho das pracinhas

JUSTIFICATIVAS	PRACINHAS INFANTIS								
	Fernando Ferrari Bl. Q (29)	Fernando Ferrari Bl. T (29)	Lot. Santa Terezinha (42)	Oásis (40)	São Francisco frente (35)	São Francisco fundos (35)	Lot. Pampa (33)	Vila Tecnológica (30)	TOTAL (277)
Principais justificativas para avaliação negativa									
Elevado número de crianças moradoras	21 (72,4)	23 (79,3)	27 (64,3)	13 (32,5)	19 (54,3)	0	14 (42,4)	16 (53,3)	133 (48)
Falta espaço específico para as crianças pequenas	12 (41,4)	8 (27,6)	6 (14,3)	12 (30)	15 (42,8)	8 (22,9)	7 (21,2)	5 (16,7)	73 (26,3)
Falta de outras opções de lazer infantil no conjunto	0	0	12 (26)	15 (37,5)	9 (25,7)	0	6 (18,2)	4 (13,3)	46 (16,6)
Principais justificativas para avaliação positiva									
A pracinha estar junto à praça	0	0	0	0	0	0	12 (36,4)	13 (43,3)	25 (9)

Nota: . Lot. = Loteamento. Bl. = Bloco. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de cada justificativa apontada pelos acompanhantes em relação à adequação do tamanho de cada pracinha.

A percepção negativa das crianças com relação à São Francisco fundos deve-se à existência de poucos equipamentos (71,4%) (Tabela 4.56), enquanto os acompanhantes mencionaram a falta de espaço para os pequenos (22,9) nessa pracinha (Tabela 4.57). O fato dessa pracinha não ser usada faz com que ela tenha a maior média de espaço disponível por criança 48,2m² (Tabela 4.54).

Em relação à Oásis, as crianças a consideram pequena porque ela tem poucos equipamentos (85%) e porque no entorno não há quadra esportiva (30%). Para os acompanhantes, os problemas da Oásis são os mesmos das demais pracinhas consideradas inadequadas: elevado número de crianças (32,5%), falta de espaço para os pequenos (30%) e falta de opção de lazer no conjunto (37,5%) (Tabelas 4.56 e 4.57). Essa pracinha possui a média de 0,9m² por criança, considerando a população infantil do conjunto (Tabela 4.54)

Da exploração de relação entre níveis de satisfação com as pracinhas e a adequação do seu tamanho em relação à quantidade de crianças usuárias, foram confirmadas correlações. Na amostra total, existe correlação entre o nível de satisfação com as pracinhas e a adequação do seu tamanho (Spearman, coef.= 0,122, Sig.=0,044), revelando a importância

da pracinha ser adequada à quantidade de crianças usuárias para a satisfação dos acompanhantes com as pracinhas.

Conclui-se que para as crianças de 6 a 12 anos, a percepção de pracinha grande ou pequena tende a estar associada à quantidade de equipamentos existentes nas praças e à existência de espaços abertos no entorno próximo, como quadras esportivas ou áreas gramadas, que possibilitem a realização de brincadeiras que exigem espaço, como jogar bola, correr ou andar de bicicleta. Logo, as crianças tendem a considerar o entorno da pracinha como parte dela. Em relação aos acompanhantes, a adequação do tamanho da pracinha está mais relacionada com o *layout* do espaço, que possibilite o uso da pracinha por todas as faixas etárias, principalmente pelos bebês de 6 até 24 meses e crianças de 2 a 5 anos, do que propriamente as dimensões da área física (metros quadrados por criança).

4.3.2.2. Relação entre a adequação do tamanho da pracinha infantil e o estado de conservação da mesma

Não há correlação entre a adequação do tamanho das pracinhas infantis e o estado de conservação das mesmas. Ainda, analisando a Tabela 4.58, percebe-se que, com exceção da São Francisco fundos que não é usada, a pracinha com o pior estado de conservação, nomeadamente Loteamento Pampa, é a que possui a maior média de área por criança realizando atividades ($18,4\text{m}^2$) e também a maior média considerando a população de crianças ($2,8\text{m}^2$), indicando que a disponibilidade de espaço físico não influenciou positivamente no estado de conservação da mesma (Tabela 5.54).

Contudo, as pracinhas com maior registro de crianças são as que possuem a maior quantidade de equipamento danificados e sem condições de uso (cerca de 30%) (Tabela 4.5), sendo elas: Loteamento Pampa, Santa Terezinha, Tecnológica, Oásis e Fernando Ferrari bloco Q. Isso indica que o estado de conservação ruim das pracinhas está relacionado com a quantidade inadequada de equipamentos e com o uso intenso dos mesmos por parte das crianças, visto que, a atividade principal das crianças nas pracinhas é o uso dos equipamentos. Adicionalmente, observou-se que, por falta de equipamentos adequados às crianças menores em todas as pracinhas, principalmente para os bebês (6 até 24 meses), os acompanhantes acabavam usando os equipamentos com as crianças no colo (Figura 4.55), aumentando assim a carga sobre o equipamento e fazendo com que estrague mais rápido.

Tabela 4.58: Comparação entre frequência, intensidade de uso e o estado de conservação das pracinhas

Estado de conservação das pracinhas Mvo K-W	Pracinhas infantis	Frequência da maioria das crianças por semana	Área total apenas das pracinhas (m ²)	Média de espaço (m ²) por criança apenas na pracinha	Avaliação das crianças *	Avaliação dos acompanhantes **
238,87	São Francisco fundos	Máximo uma vez	193	48,2	inadequado	inadequado
237,26	São Francisco frente	Pelo menos duas vezes	150	2,5	adequado	inadequado
227,28	Fernando Ferrari Bl. T	Pelo menos duas vezes	229	1,9	adequado	inadequado
203,46	Fernando Ferrari Bl. Q	Máximo uma vez	278	2,3	adequado	inadequado
127,39	Oásis	Pelo menos duas vezes	192	6,0	inadequado	inadequado
126,45	Vila Tecnológica	Pelo menos duas vezes	414	4,0	adequado	inadequado
111,45	Lot. Santa Terezinha	Pelo menos duas vezes	481	2,8	adequado	inadequado
100,70	Lot. Pampa	Pelo menos duas vezes	793	18,4	adequado	inadequado

Nota: Lot.: Loteamento. Bl.: Bloco. Quant.: Quantidade. Mvo K-W= média dos valores ordinais obtida pelo teste Kruskal-Wallis (o menor valor indica a pior avaliação em relação ao estado de conservação da pracinha). * Avaliação das crianças em relação à adequação do tamanho das pracinhas. ** Avaliação dos acompanhantes em relação à adequação do tamanho das pracinhas.



Figura 4.55: Acompanhantes usando equipamento com bebê no colo.

4.3.2.3 Relação entre a adequação do tamanho da pracinha infantil e a frequência e intensidade de uso da mesma

Não há correlação entre a adequação do tamanho das pracinhas infantis e a frequência de uso das mesmas, indicando que o tamanho inadequado das pracinhas não afetou a quantidade de vezes que as crianças frequentam as pracinhas. No que diz respeito à intensidade de uso, observa-se que as pracinhas infantis com menor registro de crianças, Oásis e São Francisco fundos, são as mesmas consideradas pequenas pelas crianças de 6 a 12 anos. Adicionalmente, as pracinhas integradas a outras áreas e que foram consideradas grandes pelas crianças - Loteamento Pampa, Loteamento Santa Terezinha, Vila Tecnológica, Fernando Ferrari Bloco T e Q - são as que apresentam a maior quantidade de crianças brincando (Tabela 4.59). Isso significa que pracinhas integradas a outras áreas são mais

atrativas para as crianças, por possibilitar maior variedade de uso, inclusive porque as crianças percebem o entorno como parte da própria pracinha.

Tabela 4.59: Comparação entre frequência, intensidade de uso e a adequação do tamanho

Pracinhas infantis	Frequência da maioria das crianças por semana	Quant. de crianças nas pracinhas	Área total apenas das pracinhas (m ²)	Média de espaço (m ²) por criança apenas na pracinha	Avaliação das crianças *	Avaliação dos acompanhantes **
Lot. Santa Terezinha	Pelo menos duas vezes	219	481	2,8	adequado	inadequado
Vila Tecnológica	Pelo menos duas vezes	193	414	4,0	adequado	inadequado
Fernando Ferrari Bl. Q	Máximo uma vez	118	278	2,3	adequado	inadequado
Fernando Ferrari Bl. T	Pelo menos duas vezes	127	229	1,9	adequado	inadequado
Lot. Pampa	Pelo menos duas vezes	108	793	18,4	adequado	inadequado
São Francisco frente	Pelo menos duas vezes	59	150	2,5	adequado	inadequado
Oásis	Pelo menos duas vezes	57	192	6,0	inadequado	inadequado
São Francisco fundos	Máximo uma vez	4	193	48,2	inadequado	inadequado

Nota: Lot.: Loteamento. Bl.: Bloco. Quant.: Quantidade. O total de crianças corresponde ao somatório total das observações registradas nos mapas comportamentais de crianças brincando nas pracinhas. * Avaliação das crianças em relação à adequação do tamanho das pracinhas. ** Avaliação dos acompanhantes em relação à adequação do tamanho das pracinhas.

4.3.3 Adequação dos equipamentos de brincar

Para a clara maioria das crianças de 6 a 12 anos (82,6%), as oito pracinhas estão com os equipamentos de brincar inadequados. A Loteamento Santa Terezinha (100%) e São Francisco frente (100%) possuem os equipamentos mais inadequados, de acordo com a totalidade das crianças. Em seguida, as pracinhas pior avaliadas pela clara maioria são: a Loteamento Pampa (87,5%), Fernando Ferrari Bloco T (86,9%), São Francisco fundos (81%) e Vila Tecnológica (73,3%). Em menor intensidade que as anteriores, mas ainda assim, mal avaliadas pela maioria das crianças estão as pracinhas Fernando Ferrari bloco Q (69,6%) e Oásis (65%).

Quando examinamos os resultados por gênero, observa-se na amostra total de crianças, que os equipamentos estão mais inadequados para as meninas (93,2%) do que para os meninos (79,9%) (Tabela 4.60). As pracinhas Loteamento Pampa, Vila Tecnológica, Fernando Ferrari bloco T, Oásis e São Francisco frente têm equipamentos mais inadequados às necessidades das meninas do que dos meninos, embora ambos tenham avaliado negativamente os equipamentos. Contrariamente, a Fernando Ferrari bloco Q tem os equipamentos mais inadequados às necessidades dos meninos do que das meninas. Os equipamentos das pracinhas Loteamento Santa Terezinha e São Francisco frente foram considerados inadequados por 100% dos meninos e das meninas (Tabela 4.60).

Tabela 4.60: Percepção das crianças quanto à adequação dos equipamentos de brincar

Pracinhas infantis	Idade	Você acha que os brinquedos desta pracinha estão adequados?					TOTAL
		Sim		Não		Não sei	
Loteamento Pampa	Menina	0	3 (12,5)	11(100)	21 (87,5)	0	24(13)
	Menino	3(23)		10(77)		0	
Vila Tecnológica	Menina	2(14,3)	8 (26,7)	12(85,7)	22 (73,3)	0	30(16,3)
	Menino	6(37,5)		10(63,5)		0	
Loteamento Santa Terezinha	Menina	0	0	12(100)	22 (100)	0	22(12)
	Menino	0		10(100)		0	
São Francisco frente	Menina	0	0	9(100)	21 (100)	0	21(11,4)
	Menino	0		12(100)		0	
Fernando Ferrari Bloco T	Menina	0	3 (13,1)	12(100)	20 (86,9)	0	23(12,5)
	Menino	3(27,3)		8(72,7)		0	
Fernando Ferrari Bloco Q	Menina	4(33,3)	7 (30,4)	8(66,7)	16 (69,6)	0	23(12,5)
	Menino	3(27,3)		8(72,7)		0	
Oásis	Menina	0	7 (35)	9(100)	13 (65)	0	20 (10,9)
	Menino	7(63,6)		4(36,4)		0	
São Francisco fundos	Menina	0	4 (19)	9(100)	17 (81)	0	21(11,4)
	Menino	4(33,3)		8(66,7)		0	
TOTAL	Menina	6(6,8)	32 (17,4)	82 (93,2)	152 (82,6)	0	184(100)
	Menino	26(20,1)		70 (79,9)		0	

Nota: Acomp= Acompanhado(a). Não sei = criança não souber responder. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de cada justificativa apontada pelas crianças em relação à adequação dos equipamentos de cada pracinha.

Adicionalmente, durante as entrevistas, nenhuma criança mencionou usar a vegetação nas brincadeiras como equipamento. Também não se observou nenhuma criança subindo em árvores, ou brincando com galhos ou qualquer outro elemento da natureza, até porque a vegetação é escassa nas pracinhas investigadas.

Em relação às crianças de 2 a 5 anos, observou-se que os equipamentos de brincar instalados nas pracinhas não contemplam as limitações físicas das crianças dessa faixa, principalmente no que diz respeito à altura dessas crianças. As crianças de 2 a 5 anos têm dificuldade para usar sozinhas alguns equipamentos, em especial os balanços, gangorra e trepa-trepa, conforme pode ser observado na Figura 4.56. Enquanto dois meninos de 8 e 9 anos conseguem brincar sozinhos, uma menina de 3 anos só consegue usar os brinquedos com o auxílio da acompanhante (Figura 4.56). Para essa faixa etária - 2 a 5 anos - os equipamentos de brincar deveriam ser menores para que as crianças pudessem brincar sem o auxílio.



Figura 4.56: Comparativo de uso dos equipamentos entre crianças de faixas etárias diferentes.

Os equipamentos multifunção das praças São Francisco frente e a Fernando Ferrari Bloco Q são os mais adequados às crianças dessa faixa (2 a 5 anos), pois as partes que compõem os equipamentos são mais baixas, facilitando o uso pelas crianças menores. Não se observou diferença de comportamento entre os meninos e meninas dessa faixa.



Figura 4.57: Crianças da faixa de 2 a 5 anos usando o balanço do multifunção.

Em relação aos bebês de 6 até 24 meses, o único equipamento adequado em todas as praças é o balanço cadeirinha. Por isso, é comum presenciar acompanhantes usando os equipamentos com os bebês no colo (Figura 4.55)

No tocante à avaliação dos acompanhantes, 52% considera que os equipamentos de brincar nas praças são inadequados (Tabela 4.61). No entanto, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kruskal-Wallis, $\chi^2=60,518$, sig.=0,000) quanto à adequação dos equipamentos em cada praça. Os equipamentos de brincar das praças Fernando Ferrari Bloco T (100%), Fernando Ferrari Bloco Q (100%) e São Francisco frente (100%) estão inadequados para a totalidade dos acompanhantes, assim como, para a clara maioria dos acompanhantes da Loteamento Santa Terezinha (88,1%), Oásis (75%), Loteamento Pampa (60,7%) e São Francisco fundos (54,3%). A única praça que teve os equipamentos avaliados positivamente foi a Vila Tecnológica (60%). Logo, com exceção da Vila Tecnológica, percebida como adequada apenas pelos acompanhantes, todas as demais praças têm os equipamentos de brincar inadequados, segundo a avaliação das crianças e dos acompanhantes. Portanto, as justificativas negativas, tanto das crianças como dos acompanhantes, tendem a se repetir em todas as praças, embora com intensidades diferentes.

Tabela 4.61: Percepção dos acompanhantes quanto à adequação dos equipamentos de brincar

PRACINHAS INFANTIS	Você considera os equipamentos de brincar existentes na pracinha infantil?							CP
	Muito adequado	Adequado	Nem adequado / nem inadequado	Inadequado	Muito inadequado	Mvo K-W	TOTAL	
Vila Tecnológica	9 (30)	9 (30)	8 (26,7)	12 (40)	1 (3,3)	191,23	30 (11,1)	1º
São Francisco fundos	0	0	16 (45,7)	18 (51,4)	1 (2,9)	171,89	35 (12,8)	2º
Oásis	3 (7,5)	7 (17,5)	-	22 (55)	8 (20)	139,28	40 (14,6)	3º
Lot. Pampa	0	2 (6,1)	8 (24,3)	21 (63,6)	2 (6,1)	153,77	33 (12,1)	4º
São Francisco frente	0	0	0	35 (100)	0	126,50	35 (12,8)	5º
Fernando Ferrari Bl.Q	0	0	0	29 (100)	0	126,50	29 (10,6)	6º
Lot. Santa Terezinha	0	3 (7,1)	2 (4,8)	24 (57,1)	13 (31)	107,81	42 (15,4)	7º
Fernando Ferrari Bl.T	0	0	0	17 (58,6)	12 (41,4)	82,02	29 (10,6)	8º
TOTAL	3 (1)	36 (13,2)	49 (18)	142 (52)	43 (15,8)		273 (100)	

Nota: Lot. = Loteamento; Bl.= Bloco. Mvo K-W= média dos valores ordinais obtida pelo teste Kruskal-Wallis (os valores menores referem-se às pracinhas com pior avaliação em relação à adequação dos tipos de equipamentos de brincar); CP= classificação das pracinhas como a mais adequada (1º) até a menos adequada (8º). Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de cada avaliação.

Nas pracinhas Fernando Ferrari Bloco T e Bloco Q, a justificativa mais mencionada para as avaliações negativas das crianças é a proximidade dos brinquedos destinados às faixas menores aos equipamentos para os maiores (78,3% e 78,3%), conforme relatado no trecho abaixo:

Eu não gosto do balanço pra bebê junto com o balanço dos grandes. Quando as crianças pequenas estão brincando aqui a gente não pode se balançar alto, e nem correr para não machucar eles (menino 9 anos, Fernando Ferrari Bloco T).

Ainda, 60,9% das crianças mencionou que os brinquedos existentes são sem graça, em ambas as pracinhas (Tabela 4.62). Para os acompanhantes, a principal justificativa para a avaliação negativa da Fernando Ferrari Bloco T também está relacionada com a proximidade dos equipamentos para distintas faixas etárias (69%). Quanto à pracinha Bloco Q, a principal justificativa é a falta de equipamentos que contemple todas as faixas etárias (41,4%). Essas duas pracinhas são as que registraram o maior número de crianças das faixas de 2 a 5 anos, em comparação com as demais pracinhas (Tabela 4.63). Ainda, com exceção do trepa-trepa, os demais tipos de equipamentos nessas duas pracinhas são diferentes (Tabela 4.62).

Na Loteamento Santa Terezinha, o que mais influenciou negativamente a avaliação das crianças foi a falta de graça dos tipos de equipamentos (81,8%) e a quantidade de equipamentos quebrados (54,4%). Para os acompanhantes, o principal problema é a disposição dos equipamentos (28,6%), pois os balanços para os bebês ficam junto dos balanços para os maiores, fixos na mesma estrutura de ferro. Nessa pracinha as crianças de 2 a 5 anos e 6 a 12 anos podem brincar apenas com o trepa-trepa e com a gangorra, uma vez que, o balanço cadeirinha é recomendado para a faixa de 6 até 24 meses (Tabela 4.62).

Tabela 4.62: Equipamentos de brincar em condições de uso

Pracinhas infantis	Média de criança por equipamento	Tipos de equipamentos de brincar existentes em condições de uso							
		balanço cadeirinha	balanço simples	balanço cavalinho	trepa-trepa	gangorra	escorregador	gira-gira	Multi-funcional
Lot.Santa Terezinha	22	X			X	X			
Vila Tecnológica	19	X	X		X		X		
Lot. Pampa	58	X	X			X	X		
Oásis	36	X	X		X		X		
Fernando Ferrari Bl. T	169	X		X	X		X	X	
Fernando Ferrari Bl.Q	133				X	X			X
São Francisco Frente	31				X	X			X
São Francisco Fundos	87				X		X		

Nota: Lot. = Loteamento. Bl.= Bloco. A média de criança por equipamento foi calculada com base na população total estimada de crianças moradoras em cada conjunto habitacional e o número de equipamentos de brincar em condições de uso. Foi considerado que cada equipamento de brincar comporta quantidades diferentes de crianças: balanço - 1 criança; escorregador - 1 criança; gangorra - 2 crianças; trepa-trepa - 4 crianças; gira-gira - 4 crianças; e multifuncional - 6 crianças.

Na Loteamento Pampa, o que mais impactou a avaliação negativa das crianças foi a falta de graça dos equipamentos (83,3%), a quantidade de equipamentos danificados (75%) e 58,3% ainda mencionou que considera os equipamentos perigosos. Durante as entrevistas as crianças relataram pequenos acidentes ocorridos durante o uso do escorregador, pois ele não tem nenhum recurso, como caixa de areia ou gramado, para amortecer a queda. Ainda, a inclinação da escada para subir e da prancha deslizantes são muito íngremes, o que propicia quedas. Para os acompanhantes, a principal justificativa é a pouca quantidade de equipamentos para a quantidade de crianças usuárias (12,1%). Considerando a população estimada de crianças moradoras no conjunto Loteamento Pampa (Tabela 4.19) e o total de equipamentos em condições de uso na pracinha (Tabela 4.5), a média é de aproximadamente 45 crianças para cada equipamento.

Tabela 4.63: Principais justificativas das avaliações das crianças quanto à adequação dos equipamentos

JUSTIFICATIVAS	PRACINHAS INFANTIS								
	Fernando Ferrari Bl. T (23)	Lot. Santa Terezinha (22)	Lot. Pampa (24)	São Francisco frente (21)	Vila Tecnológica (30)	Fernando Ferrari Bl. Q (23)	Oásis (20)	São Francisco fundos (21)	TOTAL (331)
Principais justificativas para avaliação negativa									
Vários equipamentos de brincar estão quebrados	4(17,4)	12(54,5)	18(75)	4(10)	15(50)	6(26)	10(50)	0	69(20,8)
Porque há poucos brinquedos	0	0	0	0	0	2(8,7)	0	9(42,8)	11(3,3)
Não gosta dos tipos de brinquedos existentes	0	0	0	3(14,3)	1(3,3)	0	1(5)	2(10)	7(2,1)
Brinquedo para os pequenos junto com os brinquedos para os grandes	18(78,3)	0	6(25)	18(85,7)	15(50)	18(78,3)	18(90)	0	93(28,1)
Os brinquedos são perigosos	0	8(36,4)	14(58,3)	0	8(26,7)	0	4(20)	0	34(10,3)
Os brinquedos são sem graça	14(60,9)	18(81,8)	20(83,3)	7(33,3)	21(70)	14(60,9)	15(75)	8(38,1)	117(35,3)

Nota: Lot. = Loteamento. Bl. = Bloco. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de cada justificativa apontada pelas crianças em relação à adequação dos equipamentos de cada pracinha.

Na Oásis, as crianças mencionaram, além dos equipamentos danificados (50%), a disposição dos equipamentos para os menores junto com os maiores (90%) e o desinteresse pelos tipos de

equipamentos (75%). Os balanços para os bebês estarem junto aos balanços para as crianças maiores foi a justificativa mais mencionada pelos acompanhantes (62,5%).

Tabela 4.64: Principais justificativas das avaliações dos acompanhantes quanto à adequação dos equipamentos

JUSTIFICATIVAS	PRACINHAS INFANTIS								
	Fernando Ferrari Bl. T (29)	Lot. Santa Terezinha (42)	Lot. Pampa (33)	São Francisco frente (35)	Vila Tecnológica (30)	Fernando Ferrari Bl. Q (29)	Oásis (40)	São Francisco fundos (35)	TOTAL (182)
Principais justificativas para avaliação negativa									
Pouca quantidade de equipamentos de brincar	2 (6,8)	3 (7,1)	2 (12,1)	3 (8,6)	3 (10)	8 (27,6)	6 (15)	12 (34,3)	39 (21,4)
Falta de equipamentos adequados às faixas etárias	3 (10,3)	5 (11,9)	3 (9)	5 (14,3)	2 (6,6)	12 (41,4)	3 (7,5)	7 (20)	40 (22)
Falta área sombreada	3 (10,3)	3 (7,1)	3 (9)	7 (20)	5 (16,6)	3 (10,3)	3 (7,5)	0	27 (14,8)
Balanço para bebês ser junto com os balanços para os maiores	20 (69)	12 (28,6)	0	0	5 (16,7)	0	25 (62,5)	0	62 (10,4)

Nota: Lot. = Loteamento. Bl. = Bloco. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de cada justificativa apontada pelos acompanhantes em relação à adequação dos equipamentos de cada pracinha.

Na São Francisco frente, o que mais influenciou negativamente a avaliação das crianças foi a disposição do equipamentos (85,7%). Na São Francisco fundos, foi a pouca quantidade de equipamentos (42,8%). Para os acompanhantes, além da falta de equipamentos para todas as faixas etárias (14,3% - São Francisco frente e 20% - São Francisco fundos), 20% mencionou que os equipamentos da São Francisco frente ficam expostos sempre ao sol.

Na Vila Tecnológica, as justificativas negativas mais citadas pelas crianças foram: os equipamentos danificados (50%), a disposição dos equipamentos e os tipos existentes não terem graça (70%). Os acompanhantes, embora tenham avaliado positivamente os equipamentos, mencionaram como fator negativo o balanço para os bebês estar junto ao balanço para as crianças maiores (16,7%) e a falta de sombreamento nas áreas dos equipamentos (16,7%). A avaliação positiva, da adequação dos equipamentos por parte dos acompanhantes, se deve pelo fato, dessa pracinha ter a menor média de criança por equipamento (19 crianças para cada equipamento em condições de uso) (Tabela 4.62) em relação as demais pracinhas. Ainda, considerando a amostra total de acompanhantes, não foi constatada correlação entre o nível de satisfação geral com as pracinhas e a adequação dos equipamentos de brincar, o que sugere que embora a adequação dos equipamentos tenha sido mal avaliada por 52% dos acompanhantes, não afetou o nível de satisfação com as pracinhas como um todo.

Analisando, os resultados, conclui-se que os tipos de equipamentos de brincar existentes e em condições de uso nas pracinhas dos conjuntos habitacionais não são atrativos para as crianças

de 6 a 12 anos. Os tipos de equipamentos também não contemplam as crianças menores, de 2 a 5 anos, porque os modelos existentes nas pracinhas não possuem variações de tamanho. As pracinhas Loteamento Santa Terezinha, Vila Tecnológica, Loteamento Pampa, Oásis e Fernando Ferrari bloco T tem balanço cadeirinha, equipamento adequado aos bebês de 6 até 24 meses, as demais não possuem (Fernando Ferrari bloco Q, São Francisco frente e fundos). Nessas mesmas pracinhas, o balanço cadeirinha é fixado na mesma estrutura de ferro que o balanço simples, o que pode ocasionar acidentes entre as crianças.

4.3.3.1. Caracterização do que as crianças mais gostam nas pracinhas infantis

Para identificar as preferências das crianças de 6 a 12 anos, perguntou-se o que elas mais gostam nas pracinhas. As preferências das crianças menores (de 6 até 24 meses e de 2 a 5 anos) foram identificadas através das observações de comportamento e dos registros nos mapas comportamentais (item 4.2.3.1). Na Vila Tecnológica, as crianças de 6 a 12 anos gostam mais do trepa-trepa (60% - 18 de 30). Considerando somente as preferências relacionadas ao gênero das crianças de 6 a 12 anos, as meninas preferem o trepa-trepa (71,4% - 10 de 14), já os meninos têm maior preferência pelo trepa-trepa (50% - 8 de 16) e pelo jogo de futebol (37,5% - 6 de 16) (Tabela 4.65). Entre as crianças de 2 a 5 anos, observou-se que a preferência é pelo escorregador (25% - 9 de 36) e pelo trepa-trepa (22,6% - 8 de 36). Nessa faixa etária, as meninas preferem o trepa-trepa (4 de 14) e os meninos o escorregador (31,8% - 7 de 22) e o trepa-trepa (27,3% - 6 de 22). As crianças de 6 até 24 meses estava no colo e no carrinho (100% - 3 de 3), sem interagir com os equipamentos da pracinha (Tabela 4.20).

Tabela 4.65: Preferências das crianças de 6 a 12 anos da Vila Tecnológica

Atividade	Menina	Menino	Total
Escorregador	0	2(12,5)	2(6,7)
Trepa-trepa	10 (71,4)	8(50)	18(60)
Balanço	0	0	0
Escorregador	0	0	0
Brincar na areia com baldinho e pequenos brinquedos	0	0	0
Brincar de faz de conta	0	0	0
Pega-pega	2 (14,3)	0	2(6,7)
Jogar futebol	0	6(37,5)	6(20)
Outros jogos em equipe	2 (14,3)	0	2(6,7)
Conversar	0	0	0
TOTAL	14 (46,7)	16 (53,3)	30 (100)

Nota: Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais em relação à preferência do gênero em questão. Dados obtidos através de entrevista.

Na Loteamento Santa Terezinha, as crianças de 6 a 12 anos gostam mais dos balanços (45,5% - 10 de 22) e trepa-trepa (36,4% - 8 de 22). Considerando somente as preferências relacionadas ao gênero das crianças de 6 a 12 anos, as meninas preferem mais os balanços (83,3% - 10 de 12) e os meninos do trepa-trepa (80% - 8 de 10) (Tabela 4.50). Entre as crianças de 2 a 5 anos, é

observado que brincar de pega-pega (29% - 9 de 31), na gangorra (25,8% - 8 de 31) e nos balanços (22,6% - 7 de 31) têm percentual de preferência similar (Tabela 4.66). Considerando somente as preferências relacionadas ao gênero das crianças de 2 a 5 anos, observa-se que as meninas preferem brincar mais de pega-pega (42,9% - 6 de 14), já os meninos preferem a gangorra (35,3% - 6 de 17) e o trepa-trepa (29,4% - 5 de 17). As crianças de 6 até 24 meses estava no colo (100% - 3 de 3), sem interagir com os equipamentos da pracinha (Tabela 4.21).

Tabela 4.66: Preferências das crianças de 6 a 12 anos da Loteamento Santa Terezinha

Atividade	Menina	Menino	Total
Trepa-trepa	0	8(80)	8(36,4)
Balanço	10(83,3)	0	10(45,5)
Gangorra	0	0	0
Brincar na areia com baldinho e pequenos brinquedos	0	0	0
Brincar de faz de conta	0	0	0
Pega-pega	0	0	0
Jogar futebol	0	2(20)	2(9,1)
Outros jogos em equipe	2(16,7)	0	2(9,1)
Conversar	0	0	0
TOTAL	12 (54,5)	10 (45,5)	22 (100)

Nota: Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais em relação à preferência do gênero em questão. Dados obtidos através de entrevista.

No Loteamento Pampa, as crianças de 6 a 12 anos gostam mais de jogar futebol (41,7% - 10 de 24), de outros jogos em equipe (25% - 6 de 24) e dos balanços (20,8% - 5 de 24). Considerando somente as meninas dessa faixa etária, a preferência é pelos jogos em equipe (54,5% - 6 de 11), enquanto os meninos preferem o futebol (76,9% - 10 de 13) (Tabela 4.67). Entre as crianças de 2 a 5 anos, é observado que os balanços (40% - 8 de 20) são os mais preferidos. Quanto ao gênero das crianças de 2 a 5 anos, observa-se que as meninas preferem o escorregador (40% - 2 de 5) e os balanços (40% - 2 de 5), já os meninos preferem os balanços (40% - 6 de 15) e a gangorra (35,3% - 6 de 17). Na faixa de 6 até 24 meses, o preferido é o escorregador (42,8% - 3 de 7)(Tabela 4.22).

Tabela 4.67: Preferências das crianças de 6 a 12 anos da Loteamento Pampa

Atividade	Menina	Menino	Total
Escorregador	0	0	0
Balanço	2(18,2)	3(23,1)	5(20,8)
Gangorra	0	0	0
Brincar na areia com baldinho e pequenos brinquedos	0	0	0
Brincar de faz de conta	0	0	0
Pega-pega	0	0	0
Jogar futebol	0	10(76,9)	10(41,7)
Outros jogos em equipe	6(54,5)	0	6(25)
Conversar	3(27,3)	0	3(12,5)
TOTAL	11 (45,8)	13 (54,2)	24 (100)

Nota: Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais em relação à preferência do gênero em questão. Dados obtidos através de entrevista.

No Fernando Ferrari Bloco T, as crianças de 6 a 12 anos gostam mais dos balanços (82,6% - 19 de 23). Considerando somente as preferências relacionadas ao gênero das crianças de

6 a 12 anos, as meninas (100% - 12 de 12) e os meninos (63,6% - 7 de 11) preferem os balanços (Tabela 4.68). Entre as crianças de 2 a 5 anos, observou-se que o gira-gira (30,2% - 16 de 53) é o preferido pelo total das crianças e pelas meninas (46,1% - 12 de 26), e que os meninos preferem os balanços (48,1% - 13 de 27). Na faixa de 6 até 24 meses, o balanço (45,4% - 15 de 33) foi o equipamento usado por meninos e das meninas. Tal preferência deu-se por ser o único equipamento adequado à faixa etária disponível (Tabela 4.23).

Tabela 4.68: Preferências das crianças de 6 a 12 anos da Fernando Ferrari Bloco T

Atividade	Menina	Menino	Total
Escorregador	0	1(9,1)	1(4,3)
Balanço	12(100)	7(63,6)	19(82,6)
Gira-gira	0	3(27,3)	3(13)
Trepa-trepa	0	0	0
Brincar na areia com baldinho e pequenos brinquedos	0	0	0
Brincar de faz de conta	0	0	0
Pega-pega	0	0	0
Jogar futebol	0	0	0
Outros jogos em equipe	0	0	0
Conversar	0	0	0
TOTAL	12 (52,2)	11 (47,8)	23 (100)

Nota: Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais em relação à preferência do gênero em questão. Dados obtidos através de entrevista.

No Fernando Ferrari Bloco Q, meninos (100%) e meninas (100%) de 6 a 12 anos gostam mais do brinquedo multifunção (Tabela 4.69). Entre as crianças de 2 a 5 anos, as meninas preferem o multifunção (81,8% - 9 de 11) e os meninos o trepa-trepa (43,6% - 17 de 39) e o multifunção (35,9% - 14 de 39). Na faixa de 6 até 24 meses, foram registradas apenas meninas usando multifunção (81,8% - 9 de 11) (Tabela 4.24).

Tabela 4.69: Preferências das crianças de 6 a 12 anos da Fernando Ferrari Bloco Q

Atividade	Menina	Menino	Total
Trepa-trepa	0	0	0
Multifunção	12(100)	11(100)	23(100)
Gangorra	0	0	0
Brincar na areia com baldinho e pequenos brinquedos	0	0	0
Brincar de faz de conta	0	0	0
Pega-pega	0	0	0
Jogar futebol	0	0	0
Outros jogos em equipe	0	0	0
Conversar	0	0	0
TOTAL	12 (52,2)	11 (47,8)	23 (100)

Nota: Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais em relação à preferência do gênero em questão. Dados obtidos através de entrevista.

Na pracinha São Francisco frente, as crianças de 6 a 12 anos gostam mais do brinquedo multifunção (Tabela 4.70), sendo que os meninos preferem mais o trepa-trepa (66,7% - 8 de 12) e as meninas o multifunção (77,7% - 7 de 9). Entre as crianças de 2 a 5 anos, o brinquedo preferido, das meninas e dos meninos, é o multifunção (50% - 14 de 28). Da faixa de 6 até 24 meses, 80% (4 de 5) estava no colo dos acompanhantes (dois meninos e duas

meninas) (Tabela 4.24). Na São Francisco fundos observou-se apenas quatro meninos brincando no trepa-trepa (Tabela 4.25).

Tabela 4.70: Preferências das crianças de 6 a 12 anos da São Francisco frente

Atividade	Menina	Menino	Total
Trepa-trepa	0	8(66,7)	8(38,1)
Multifunção	7(77,7)	4(33,3)	11(61,9)
Gangorra	2(22,3)	0	2(22,3)
Brincar na areia com baldinho e pequenos brinquedos	0	0	0
Pega-pega	0	0	0
Jogar futebol	0	0	0
Outros jogos em equipe	0	0	0
Conversar	0	0	0
TOTAL	9 (42,8)	12 (57,2)	21 (100)

Nota: Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais em relação à preferência do gênero em questão. Dados obtidos através de entrevista.

Na Oásis, as meninas (55,6% - 5 de 9) e os meninos (72,7% - 8 de 11) de 6 a 12 anos gostam mais do trepa-trepa (65% - 13 de 20) (Tabela 4.71). Em relação à faixa etária de 2 a 5 anos, foram observados apenas meninos e a preferência foi pelos balanços (53,8% - 7 de 13). Da faixa de 6 até 24 meses, das duas meninas registradas, uma deu preferência por brincar no chão (50% - 1 de 2) e a outra no escorregador (50% - 1 de 2). Os três meninos da faixa optaram pelo balanço (100% - 3 de 3) (Tabela 4.26).

Tabela 4.71: Preferências das crianças de 6 a 12 anos da Oásis

Atividade	Menina	Menino	Total
Trepa-trepa	5(55,6)	8(72,7)	13(65)
Escorregador	2(22,2)	0	2(10)
Balanço	0	0	0
Brincar na areia com baldinho e pequenos brinquedos	0	0	0
Pega-pega	0	0	0
Jogar futebol	2(22,2)	3(27,3)	5(25)
Outros jogos em equipe	0	0	0
Conversar	0	0	0
TOTAL	9 (45)	11 (55)	20 (100)

Nota: Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais em relação à preferência do gênero em questão. Dados obtidos através de entrevista.

4.3.3.2 Caracterização do que as crianças gostariam que existisse nas pracinhas infantis

Foi perguntado às crianças de 6 a 12 anos o que poderia ser melhorado nas pracinhas. Na Loteamento Pampa e na Vila Tecnológica, as sugestões mais mencionadas foram consertar os equipamentos quebrados (95,8% e 86,7%, respectivamente), ter bicicletas e skates para emprestar (62,5% e 66,6%, respectivamente) e a construção de pistas de skate (58,3% e 50%, respectivamente), além de carrinho de pipoca (20,8% e 10%, respectivamente) e banheiros nas pracinhas (8,3% e 33,3%). As crianças comentaram durante as entrevistas,

que cada vez que precisam ir até em casa para usar o banheiro, os pais não as deixam mais voltar à pracinha. Na Loteamento Santa Terezinha, além do conserto dos equipamentos (90,9%) e da pista de skate (22,7%), 31,8% das crianças mencionou a possibilidade de ter brinquedos pequenos de uso comunitário, como pá e baldinhos. Nas pracinhas Oásis e São Francisco frente, as crianças disseram ser importante consertar os equipamentos de brincar (85% e 23,8%, respectivamente) e mencionaram a necessidade de ter uma quadra esportiva nos conjuntos, com local adequado para jogar futebol (30% e 42,8% respectivamente). Ainda, foi mencionada pelas crianças a possibilidade de ter pista de skate (25% e 9,5%, respectivamente) (30% e 42,8%). Nas pracinhas São Francisco fundos, Fernando Ferrari bloco T e bloco Q, as sugestões foram o conserto dos equipamentos (28,6%, 65,2% e 65,2%, respectivamente) e a construção de uma pista de skate (38,1%, 8,7% e 8,7%, respectivamente) (Tabela 4.72) (Figuras 4.58, 4.59, 4.60, 4.61, 4.62 e 4.63).

Tabela 4.72: Sugestões das crianças de melhorias nas pracinhas infantis

SUGESTÕES DE MELHORIAS NAS PRACINHAS	PRACINHAS INFANTIS								TOTAL (250)
	Lot. Pampa (24)	Vila Tecnológica (30)	Lot. Santa Terezinha (22)	Oásis (20)	São Francisco frente (21)	São Francisco fundos (21)	Fernando Ferrari Bl. T (23)	Fernando Ferrari Bl. Q (23)	
Consertar os equipamentos	23(95,8)	26 (86,7)	20(90,9)	17(85)	5(23,8)	6(28,6)	15(65,2)	15 (65,2)	127(50,8)
Construção de pista de skate	14(58,3)	15(50)	5(22,7)	5(25)	2(9,5)	8(38,1)	2(8,7)	2 (8,7)	53(21,2)
Bicicletas e skates para emprestar	15(62,5)	20(66,6)	0	0	0	0	0	0	35(14)
Quadra de Futebol	0	0	0	6(30)	9(42,8)	0	0	0	15(6)
Carrinho de pipoca	5(20,8)	3 (10)	0	0	0	0	0	0	8(3,2)
Brinquedos de uso comunitário (pá, baldinho, carrinhos, bonecos)	0	0	7(31,8)	0	0	0	0	0	7(2,8)
Banheiros	2(8,3)	3 (33,3)	0	0	0	0	0	0	5(2)

Nota: Lot. = Loteamento. Bl. = Bloco. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de sugestões das crianças para cada pracinha.

Destaca-se o fato de que nenhuma criança mencionou a necessidade de outros tipos de brinquedos tradicionais (balanço, gira-gira, escorregador, etc.) além dos que já existem nas pracinhas. Isso indica que para as crianças, consertar os equipamentos que já existem é prioritário. Também é importante destacar o fato de que, em todas as pracinhas, as crianças solicitaram pista de skate, indicando que as pracinhas não estão adequadas às necessidades de uso e interesses das crianças de 6 a 12 anos.

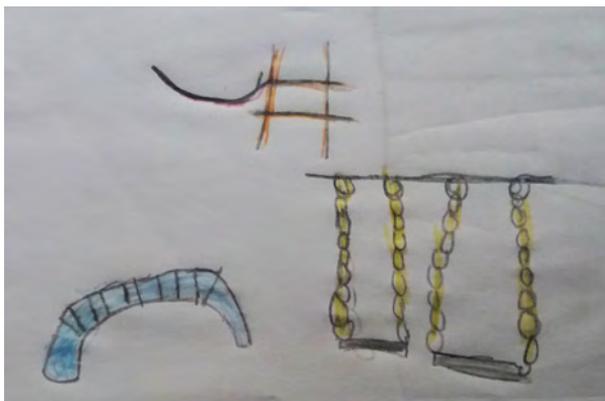


Figura 4.58: Desenho representando a pracinha com os equipamentos consertados – Menino 9 anos, Fernando Ferrari Bloco T



Figura 4.59: Desenho representando a pracinha com os equipamentos consertados – Menina 8 anos, Loteamento Pampa



Figura 4.60: Desenho representando a pracinha com os equipamentos consertados – Menino 9 anos, Loteamento Pampa



Figura 4.61: Desenho representando a pracinha com os equipamentos consertados – Menina 10 anos, Vila Tecnológica



Figura 4.62: Desenho representando uma pista de skate – Menina 10 anos, São Francisco

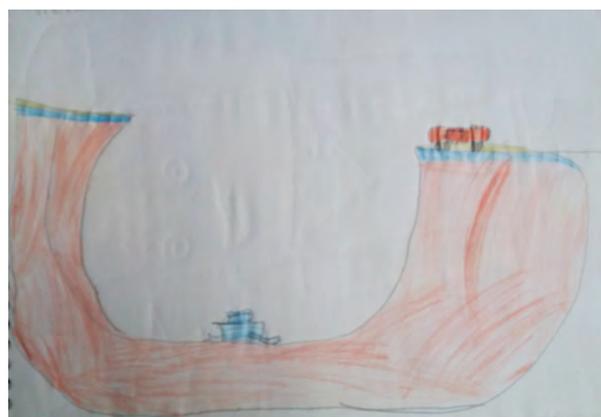


Figura 4.63: Desenho representando uma pista de skate – Menino 9 anos, Loteamento Santa Terezinha

4.3.4 Adequação dos bancos existentes nas pracinhas infantis

A avaliação da adequação dos bancos tende a ser negativa nas oito pracinhas (Tabela 4.57). Contudo, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kruskal-Wallis, $\chi^2=92,162$, sig.=0,000) entre as avaliações quanto à adequação dos bancos existentes em cada pracinha infantil. Os bancos da Fernando Ferrari Bloco T (100%) e Fernando Ferrari Bloco Q (93,1%) receberam as piores avaliações. A avaliação dos bancos da Oásis (85%), São Francisco frente (80%), Loteamento Santa Terezinha (73,8%) e São Francisco fundos (65,7%) também foi negativa por parte da maioria dos acompanhantes. Embora os bancos das pracinhas Loteamento Pampa e Vila Tecnológica tenham sido melhor avaliados que os bancos das pracinhas anteriores, o percentual positivo (18,2% e 46,6%) não chegou nem a 50% das avaliações, logo estes bancos também não podem ser considerados adequados (Tabela 4.73).

Tabela 4.73: Adequação dos bancos existentes nas pracinhas infantis

PRACINHAS INFANTIS	Você considera os bancos existentes na pracinha infantil						Mvo K-W	TOTAL	CP
	Muito adequado	Adequado	Nem adequado / nem inadequado	Inadequado	Muito inadequado				
Vila Tecnológica	1 (3,3)	13 (43,3)	15 (50)	1 (3,3)	0	227,30	30 (11,1)	1º	
Lot. Pampa	0	6 (18,2)	15 (45,5)	12 (36,4)	0	183,00	33 (12,1)	2º	
São Francisco fundos	0	0	12 (34,3)	23 (65,7)	0	147,24	35 (12,8)	3º	
São Francisco frente	0	7 (20)	0	26 (74,3)	2 (5,7)	136,81	35 (12,8)	4º	
Lot. Santa Terezinha	0	5 (11,9)	6 (14,3)	20 (47,6)	11 (26,2)	120,35	42 (15,4)	5º	
Fernando Ferrari Bl.Q	1 (3,4)	0	1 (3,4)	21 (72,4)	6 (20,7)	104,09	29 (10,6)	6º	
Oásis	1 (2,5)	5 (12,5)	0	18 (45)	16 (40)	98,69	40 (14,6)	7º	
Fernando Ferrari Bl.T	0	0	0	21 (72,4)	8 (27,6)	88,98	29 (10,6)	8º	
TOTAL	3 (1)	36 (13,2)	49 (18)	142 (52)	43 (15,8)		273(100)		

Nota: Lot. = Loteamento; Bl.= Bloco. Mvo K-W= média dos valores ordinais obtida pelo teste Kruskal-Wallis (os valores menores referem-se às pracinhas com pior avaliação em relação à adequação dos bancos); CP= classificação das pracinhas como a mais adequada (1º) até a menos adequada (8º). Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de cada avaliação em relação à adequação dos bancos.

A principal justificativa dos acompanhantes que avaliaram negativamente os bancos das pracinhas Fernando Ferrari Bloco T (Figura 4.64g) e Bloco Q (Figura 4.64h) foi a falta de conforto (100% e 100%, respectivamente). Os bancos não têm conforto porque além de não possuírem encosto, são fabricados em concreto, que acaba absorvendo umidade e limo (Tabela 4.74) e tendem a ser muito frios no inverno. Também foram mencionados como fatores negativos a umidade (86,2% e 86,2%, respectivamente) e a localização em áreas não sombreadas (27,6% e 41,4%, respectivamente) (Tabela 4.74).

Tabela 4.74: Principais justificativas quanto à adequação dos bancos das pracinhas.

JUSTIFICATIVAS DOS ACOMPANHANTES	PRACINHAS INFANTIS								
	Fernando Ferrari Bl. Q (29)	Fernando Ferrari Bl. T (29)	Oásis (40)	Lot. Santa Terezinha (42)	São Francisco frente (35)	São Francisco fundos (35)	Lot. Pampa (33)	Vila Tecnológica (30)	TOTAL (286)
Principais justificativas para avaliação negativa									
Falta de conforto	29(100)	29(100)	18(45)	0	0	0	12(36,4)	0	88(30,8)
Umidade e sujeira	25(86,2)	25(86,2)	5(12,5)	0	0	0	0	0	55(19,2)
Falta de sombra	12(41,4)	8(27,6)	8(20)	21(50)	0	0	10(30,3)	16(53,3)	75(26,2)
Pouca quantidade	0	0	17(42,5)	0	28(80)	23(65,7)	0	0	68(23,8)

Nota: . Lot. = Loteamento. Bl. = Bloco. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de cada justificativa apontada pelos acompanhantes em relação à adequação dos bancos de cada pracinha.

A avaliação negativa dos bancos da Oásis (Figura 4.64e) está relacionada à falta de conforto (45%), à pouca quantidade (dois dentro da pracinha e um fora)(42,5%), à localização em áreas não sombreadas (20%) e à umidade e sujeira (12,5%) (Tabela 4.74). Tais justificativas confirmam-se com as observações realizadas (Tabela 4.73). Em relação à São Francisco frente (Figura 4.64d) e fundos (Figura 4.64f), a principal justificativa é a pouca quantidade de bancos (quatro na pracinha frente e três na pracinha fundos) para a intensidade de moradores que costuma usar a pracinha para conversar e tomar chimarrão. Durante o período de observações, foram registrados 62 adultos utilizando a pracinha São Francisco frente (Tabela 4.25). Os bancos dessas pracinhas possuem boas condições de uso, além de terem encosto e não apresentarem umidade. A principal justificativa quanto às avaliações negativas dos bancos da Loteamento Santa Terezinha (Figura 4.64a), Loteamento Pampa (Figura 4.64c) e Vila Tecnológica (Figura 4.64b) é a disposição em áreas não sombreadas (50%, 30,3% e 53,3%, respectivamente). Os acompanhantes da Loteamento Pampa também mencionaram a falta de conforto (36,4%) porque os bancos não têm encosto (Tabelas 4.74 e 4.75). Contudo, as pracinhas Loteamento Pampa e Vila Tecnológica possuem a maior média de bancos por acompanhante comparando com as demais pracinhas (0,04 e 0,26, respectivamente) (Tabela 4.75)

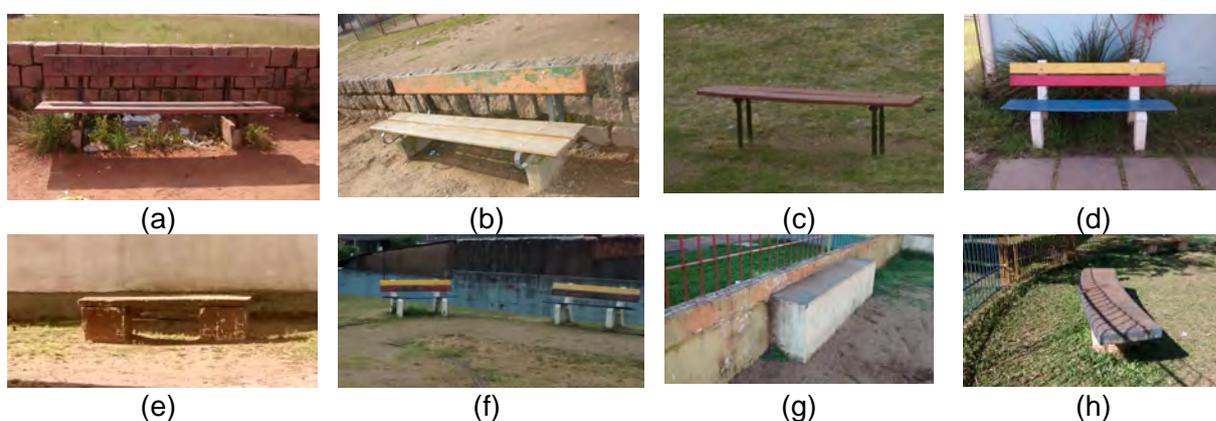
**Figura 4.64:** Tipos de bancos existentes nas pracinhas infantis

Tabela 4.75: Identificação da quantidade, tipos e localização dos bancos.

PRACINHAS INFANTIS	BANCOS LOCALIZADOS NA PRACINHA			BANCOS LOCALIZADOS NO ENTORNO PRÓXIMO À PRACINHA			* Média da quant. bancos
	Tipo	Quant.	Localizado em área sombreada	Quant.	Tipo	Localizado em área sombreada	
Lot. Santa Terezinha	Com encosto (madeira)	6	Não	0	0	0	0,04
Vila Tecnológica	Com encosto (madeira)	5	Não	16	Com encosto em madeira	Não	0,26
Lot. Pampa	Sem encosto (madeira)	2	Sim	0	0	0	0,02
		2	Não	0	0	0	
Oásis	Sem encosto (cimento)	2	Não	1	Sem encosto (cimento)	Não	0,02
São Francisco frente	Com encosto (madeira)	3	Sim	0	0	0	0,02
		1	Não				
São Francisco fundos	Com encosto (madeira)	3	Não	0	0	0	0,02
Fernando Ferrari Bloco T	Sem encosto (cimento)	2	Sim	6	Sem encosto (cimento)	Sim	0,02
		6	Não	3		Não	
Fernando Ferrari Bloco Q	Sem encosto (cimento)	5	Não	0	0	0	0,01

Nota: Lot. = Loteamento. Quant. = Quantidade. * Média de bancos por acompanhante. Foi considerado que cada banco cabem 2 acompanhantes. Para o cálculo da média também foi considerado o número de acompanhantes o mesmo da população estimada de crianças nos conjuntos.

Ainda, na amostra total, existe correlação entre o nível de satisfação geral com a adequação dos bancos existentes nas pracinhas infantis (Spearman, coef.=0,11, Sig.=0,154), revelando a importância da existência de bancos adequados para a satisfação dos acompanhantes com as pracinhas infantis.

Conclui-se que os bancos considerados mais inadequados são os bancos sem encosto e os fabricados em concreto, principalmente a parte do assento. Ademais, bancos localizados em áreas sombreadas, principalmente no verão, são essenciais para os acompanhantes, em especial os acompanhantes com bebês de colo ou no carrinho. Contudo, das oito pracinhas investigadas, apenas três pracinhas possuem uma parte dos bancos na sombra, tanto no inverno como no verão. Em todas as oito pracinhas, a localização dos bancos possibilita visualizar toda a área das pracinhas, facilitando o controle das crianças.

4.3.5 Adequação da vegetação existente nas pracinhas infantis

Para este objetivo específico, foi perguntado às crianças de 6 a 12 anos se elas consideram adequada a vegetação existente nas pracinhas infantis (árvores, gramado e flores). As crianças que avaliaram as pracinhas Loteamento Pampa, Fernando Ferrari Bloco T e Bloco Q as consideraram adequadas (87,5%, 86,9% e 69,6%) quanto à sua vegetação. A vegetação das demais pracinhas - Loteamento Santa Terezinha, São Francisco frente, São

Francisco fundos, Vila Tecnológica e Oásis - foram consideradas inadequadas pela expressiva maioria das crianças (100%, 100%, 81%, 73,3% e 65%, respectivamente). Analisando quanto ao gênero, não se identificou diferenças expressivas, embora a quantidade de meninos (44,8%) que considera a vegetação adequada seja maior que a de meninas (37,5%) (Tabela 4.76). Portanto, apenas as pracinhas Loteamento Pampa, Fernando Ferrari Bloco T e Bloco Q são adequadas, conforme as crianças de 6 a 12 anos.

Tabela 4.76: Avaliação pelas crianças da adequação da vegetação

Pracinhas infantis	Idade	Você acha adequada a vegetação desta pracinha?					TOTAL
		Sim		Não		Não sei	
Fernando Ferrari Bloco T	Menina	12(100)	20 (86,9)	0	3(13,1)	0	24(13)
	Menino	8(72,7)		3(27,3)		0	
Fernando Ferrari Bloco Q	Menina	8(66,7)	16 (69,6)	4(33,3)	7(30,4)	0	30(16,3)
	Menino	8(72,7)		3(27,3)		0	
Loteamento Pampa	Menina	11(100)	21 (87,5)	0	3(12,5)	0	22(12)
	Menino	10(77)		3(23)		0	
Oásis	Menina	0	7(35)	9(100)	13(65)	0	21(11,4)
	Menino	7(63,6)		4(36,4)		0	
Vila Tecnológica	Menina	2(14,3)	8 (26,7)	12(85,7)	22 (73,3)	0	23(12,5)
	Menino	6(37,5)		10(63,5)		0	
Loteamento Santa Terezinha	Menina	0	0	12(100)	22 (100)	0	23(12,5)
	Menino	0		10(100)		0	
São Francisco frente	Menina	0	0	9(100)	21 (100)	0	20 (10,9)
	Menino	0		12(100)		0	
São Francisco fundos	Menina	0	4 (19)	9(100)	17 (81)	0	21(11,4)
	Menino	4(33,3)		8(66,7)		0	
TOTAL	Menina	33(37,5)	76 (41,3)	55 (62,5)	108 (58,7)	0	184(100)
	Menino	43(44,8)		53 (55,2)		0	

Nota: Acomp= Acompanhado(a). Não sei = criança não souber responder. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de crianças que apontaram cada justificativa.

Em relação aos acompanhantes, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa entre as avaliações pelos acompanhantes da adequação da vegetação em cada pracinha (Kruskal-Wallis, $\chi^2=116,656$, sig.=0,000). As únicas pracinhas que foram consideradas adequadas quanto à presença de vegetação foram as duas do conjunto Fernando Ferrari (82,8% - Bloco T e 86,2% - Bloco Q). As avaliações positivas da São Francisco fundos e Loteamento Pampa não chegaram a 50%, logo não podem ser consideradas adequadas. As pracinhas pior avaliadas e consideradas inadequadas quanto à vegetação são a Loteamento Santa Terezinha (73,8%), São Francisco frente (68,6%) e Oásis (60%) (Tabela 4.77). A avaliação pelas crianças e pelos acompanhantes são coincidentes apenas em relação as duas pracinhas do conjunto Fernando Ferrari. A vegetação do Loteamento Pampa é adequada apenas pela avaliação por parte das crianças.

As crianças entrevistadas do Fernando Ferrari disseram que o gramado no entorno das pracinhas as deixam mais bonitas (86,9% - Bloco T e 78,3% Bloco Q). O gramado, embora seja proibido usar por parte do condomínio, é visto como um bom lugar para brincar (34,8% - Bloco T e 34,8% Bloco Q). Algumas crianças ainda mencionaram que a grama é “fofinha”, podendo cair que não irão se machucar. Também foi mencionado pelas crianças que as

pracinhas poderiam ter flores (21,7% - Bloco T e 21,7% Bloco Q). Para os acompanhantes, a vegetação do entorno está bem adequada, visto que muitos ficam cuidando das crianças sentados em cadeiras de praia embaixo das árvores (58,6% na Bloco T e 58,6% na Bloco T). Na Fernando Ferrari Bloco T, a vegetação aparece apenas no entorno da pracinha infantil; as árvores possuem copa pequena e propiciam pouca área sombreada dentro da pracinha. O gramado existente no entorno da pracinha é bem cuidado (86,2% - Bloco T e 69% Bloco Q) (Figura 4.65 e 4.66).

Tabela 4.77: Avaliação pelos acompanhantes da adequação da vegetação

PRACINHAS INFANTIS	Você considera a vegetação desta pracinha infantil						TOTAL	CP
	Muito adequado	Adequado	Nem adequado / nem inadequado	Inadequado	Muito inadequado	Mvo K-W		
Fernando Ferrari Bloco T	2 (6,9)	22 (75,9)	5 (17,2)	0	0	212,81	29 (10,6)	1º
Fernando Ferrari Bloco Q	0	25 (86,2)	4 (13,8)	0	0	212,17	29 (10,6)	2º
São Francisco fundos	0	17 (48,6)	14 (40)	4 (11,4)	0	174,80	35 (12,8)	3º
Lot. Pampa	0	15 (45,5)	7 (21,2)	9 (27,3)	2 (6,1)	153,95	33 (12,1)	4º
Oásis	0	9 (22,5)	7 (54,8)	12 (30)	12 (30)	104,26	42 (15,4)	5º
São Francisco frente	0	2 (5,7)	9 (25,7)	24 (68,6)	0	102,01	35 (12,8)	6º
Vila Tecnológica	0	3 (10)	9 (30)	9 (30)	9 (30)	94,45	30 (11,1)	7º
Lot. Santa Terezinha	2 (4,8)	0	9 (21,4)	15 (35,7)	16 (38,1)	78,65	42 (15,4)	8º
TOTAL	4 (1,5)	93 (34)	64 (23,4)	73 (26,8)	39 (14,3)		273 (100)	

Nota: Lot. = Loteamento; Mvo K-W= média dos valores ordinais obtida pelo teste Kruskal-Wallis (os valores menores referem-se às pracinhas com pior avaliação em relação à adequação da vegetação existente); CP= classificação das pracinhas como a mais adequada (1º) até a menos adequada (8º). Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de cada avaliação.



Figura 4.65: Vegetação da pracinha Fernando Ferrari Bloco T

Na Fernando Ferrari Bloco Q, a vegetação aparece no entorno da pracinha infantil. Mas diferentemente da outra pracinha do mesmo conjunto, nessa pracinha a copa das árvores produz áreas sombreadas na pracinha. Essa pracinha possui gramado, porém ele apresenta falhas e falta manutenção (Figura 4.69).



Figura 4.66: Vegetação da pracinha Fernando Ferrari Bloco Q

Tabela 4.78: Principais justificativas das crianças quanto à adequação da vegetação.

JUSTIFICATIVAS DAS CRIANÇAS	PRACINHAS INFANTIS								
	Fernando Ferrari Bl. T (23)	Fernando Ferrari Bl. Q (23)	Lot. Pampa (24)	São Francisco frente (21)	Vila Tecnológica (30)	Lot. Santa Terezinha (22)	Oásis (20)	São Francisco fundos (21)	TOTAL (243)
Principais justificativas para avaliação positiva									
Gramado embeleza a pracinha	20(86,9)	18(78,3)	0	0	0	0	10(50)	0	38(15,6)
Gramado é bom para brincar	8(34,8)	8(34,8)	0	0	0	0	10(50)	0	26(10,7)
Porque tem árvores	0	0	18(75)	0	0	0	0	0	18(7,4)
Falta gramado	0	0	0	15(71,4)	22(73,3)	14(63,6)	0	0	61(25,1)
Principais justificativas para avaliação negativa									
Poderia ter flores	5(21,7)	5(21,7)	0	6(29)	10(33,3)	16(72,7)	9(45)	0	51(21)
Poderia ter árvores	0	0	0	15(71,4)	22(73,3)	12(54,5)	0	0	49(11,9)

Nota: Lot. = Loteamento. Bl. = Bloco. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de cada sugestão.

As árvores da Loteamento Pampa são percebidas positivamente pelas crianças, elas entendem que as plantas fazem parte da natureza e que têm de ser cuidadas pelos moradores. As meninas acham agradável brincar à sombra das árvores (75%). A praça do Loteamento Pampa é a mais arborizada entre as demais, no entanto os acompanhantes mencionaram que as árvores foram plantadas muito na borda da pracinhas e não produzem sombra nos bancos e nos equipamentos (75,8%). Inclusive tem um banco improvisado pelos moradores embaixo de uma árvore (Figura 4.67). O gramado apresenta várias falhas, principalmente no local onde estão instalados os equipamentos de brincar na área central, onde os moradores costumam usar como travessia.



Figura 4.67: Vegetação da pracinha Loteamento Pampa

As crianças da Loteamento Santa Terezinha, Vila Tecnológica e São Francisco mencionaram que se as praças seriam mais bonitas com árvores (54,5%, 73,3% e 71,4%) e flores (72,7%, 33,3% e 29%). Também foi mencionada a falta de gramado para jogar bola (63,6%, 73,3% e 71,4%). A vegetação na praça Loteamento Santa Terezinha e Vila Tecnológica é praticamente inexistente, pois não existem árvores e nem arbustos, logo, não existe área sombreada em nenhum ponto das praças. Os únicos vestígios de vegetação são alguns pontos de grama no entorno das praças (Figuras 4.68 e 4.69).



Figura 4.68: Vegetação da praça Vila Tecnológica



Figura 4.69: Vegetação da praça Loteamento Santa Terezinha

Tabela 4.79: Principais justificativas dos acompanhantes quanto à adequação da vegetação.

JUSTIFICATIVAS DOS ACOMPANHANTES	PRACINHAS INFANTIS								TOTAL (286)
	Fernando Ferrari Bl. Q (29)	Fernando Ferrari Bl. T (29)	Lot. Pampa (33)	Lot. Santa Terezinha (42)	São Francisco frente (35)	São Francisco fundos (35)	Vila Tecnológica (30)	Oásis (40)	
Principais justificativas para avaliação positiva									
Sombra das árvores	17(58,6)	17(58,6)	0	0	0	0	0	0	88(30,7)
Gramado bem cuidado	20(69)	25(86,2)	0	0	0	0	0	0	55(19,2)
Principais justificativas para avaliação negativa									
Falta de sombra	0	0	25(75,8)	28(66,6)	14(40)	15(42,9)	25(83,3)	20(50)	75 (26,2)
Não tem vegetação	0	0	0	0	15(42)	0	0	30(75)	68(23,7)

Nota: . Lot. = Loteamento. Bl. = Bloco. Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais de cada justificativa.

Na pracinha São Francisco frente não há árvores, apenas pequenos arbustos decorativos e gramado na borda da pracinha. A pracinha São Francisco fundos tem uma vegetação mais bem conservada que a pracinha frente, porém também sem áreas sombreadas por árvores (Figuras 4.73 e 4.74).



Figura 4.70: Vegetação da pracinha São Francisco frente



Figura 4.71: Vegetação da pracinha São Francisco fundos

Na pracinha Oásis, a única vegetação existente é do entorno da pracinha.



Figura 4.72: Vegetação da pracinha Oásis

Da exploração de relação entre níveis de satisfação dos acompanhantes com as pracinhas e a adequação da vegetação das mesmas, foram confirmadas correlações. Na amostra total, existe correlação entre o nível de satisfação com as pracinhas e a adequação da vegetação (Spearman, coef.= 0,284, Sig.=0,000), revelando a importância da vegetação para a satisfação dos acompanhantes com as pracinhas. Portanto, as crianças e o acompanhantes avaliaram positivamente a vegetação das duas pracinhas do conjunto Fernando Ferrari devido as áreas gramadas que circundam as pracinhas e também pela existência de árvores no entorno. Da mesma forma, a vegetação da pracinha do Loteamento Pampa foi avaliada positivamente pela quantidade de árvores na pracinha e na praça. Já as demais pracinhas são inadequadas pela inexistência vegetação.

4.3.6 Adequação de cercamento adequado que impeça a entrada de animais domésticos nas pracinhas infantis.

Nenhuma das pracinhas têm cercamento adequado que impeça a entrada de cães e gatos. A pracinha Oásis é fechada com grades e portão, que impede a entrada de cães, mas não impede a entrada de gatos. As duas pracinhas do conjunto Fernando Ferrari são cercadas por grades, mas o portão fica permanentemente aberto, facilitando a entrada de cães e gatos (Figura 4.73). As pracinhas do São Francisco não têm grades, contudo, o fato do conjunto ser todo cercado minimiza a entrada de animais, mas não impede que cães e gatos dos moradores entrem nas pracinhas. As demais pracinhas – Vila Tecnológica, Loteamento Pampa, Loteamento Santa Terezinha – não possuem nenhum tipo de barreira que impeça a entrada de animais.



Figura 4.73: Cães na pracinha Fernando Ferrari bloco T

Em relação ao estado de conservação do solo (areia e terra) encontrou-se vestígios de fezes de animais em todas as oito pracinhas. De acordo com os moradores, não faz parte da rotina dos conjuntos realizar a troca periódica da areia das pracinhas ou limpeza das áreas com terra, tampouco é feito o controle de zoonoses. Ainda, todos os acompanhantes confirmaram nas entrevistas ter conhecimento sobre os perigos à saúde causados pela contaminação da areia por fezes de cães e gatos.

4.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A seguir é apresentada a síntese dos principais resultados obtidos quanto às avaliações dos aspectos locacionais e físico-espaciais das pracinhas infantis.

4.4.1. Relação entre os aspectos locacionais das pracinhas infantis e a adequação no uso por crianças e acompanhantes.

Os resultados desta investigação demonstram que falta controle de acesso aos conjuntos afeta negativamente o estado de conservação das pracinhas infantis, bem como a percepção de segurança das crianças e dos acompanhantes. A percepção geral de segurança das crianças e dos acompanhantes é similar e não afetou a intensidade de uso das pracinhas por parte das crianças. Por outro lado, a intensidade de uso tende a ser pior nas pracinhas mal localizadas e com menor controle visual, como observado na São Francisco fundos. As pracinhas melhor localizadas estão na parte central dos conjuntos ou junto a áreas de passagens. A intensidade de uso das pracinhas também não foi afetada pela adequação dos caminhos de acesso às pracinhas infantis a partir das moradias, embora as calçadas dos conjuntos Loteamento Santa Terezinha, Vila Tecnológica e especialmente, o Loteamento Pampa apresentem diversos pontos nas calçadas com passagem interrompida ou com a largura original reduzida por construções irregulares, entulhos e falta de manutenção. Com base nas informações prestadas pelas crianças e acompanhantes, 250 metros pode ser considerada uma distância adequada para a faixa etária de 6 a 12 anos caminhar; e para a faixa etária de 2 a 5 anos, a distância máxima considerada adequada pelos acompanhantes é de 100 metros. A existência de áreas gramadas e quadras esportivas no entorno imediato às pracinhas influencia positivamente na frequência e intensidade de uso por parte das crianças, principalmente para as atividades realizadas pelas crianças da faixa etária de 6 a 12 anos. Por outro lado, as razões que

influenciam negativamente a intensidade de uso é a existência de salão de festas junto ou muito próximo à pracinha; ruas no entorno com fluxo intenso de veículos quando a pracinha ou o conjunto não possuem cercamento; ou residências muito próximas das pracinhas (distância inferior a 3 metros, como na Oásis).

4.4.2. Relação entre os aspectos físico-espaciais das pracinhas infantis e a adequação no uso por crianças e acompanhantes.

Os resultados revelam que a satisfação das crianças com as pracinhas está relacionada com o fato delas serem um local para brincar e encontrar os amigos, embora os aspectos negativos sejam percebidos pelas crianças, como a quantidade de equipamentos de brincar danificados ou o desinteresse pelos tipos de equipamentos existentes. A insatisfação dos acompanhantes com as pracinhas é impactado pela inadequação dos tipos de equipamentos às faixas etárias, pela inexistência de piso adequado para os bebês, pela quantidade inadequada de equipamentos em relação ao número de crianças usuárias, pela vegetação inadequada e pela quantidade inadequada de bancos.

Não há correlação entre a adequação do tamanho das pracinhas infantis e o estado de conservação das mesmas, assim como, não há correlação com a frequência de uso das mesmas, indicando que o tamanho inadequado das pracinhas não afetou a quantidade de vezes que as crianças frequentam as pracinhas. Crianças e acompanhantes percebem o tamanho das pracinhas de forma diferente. A percepção das crianças de 6 a 12 anos em relação ao tamanho das pracinhas é influenciada pela quantidade de equipamentos existentes nas praças e também pela existência de espaços abertos no entorno próximo, como quadras esportivas ou áreas gramadas. Para os acompanhantes a adequação do tamanho das pracinhas está associada com *layout* do espaço, uma vez que o mesmo deve possibilitar o uso por todas as crianças em suas diferentes faixas etárias. O estado de conservação das pracinhas não está relacionado o tamanho das pracinhas (área) e sim com a pouca quantidade de equipamentos em relação ao número de crianças usuárias.

Os equipamentos de brincar existentes nas pracinhas – balanço, escorregador, gangorra, gira-gira, trepa-trepa e multifunção - são considerados inadequados pelas crianças e pelos acompanhantes. As razões que influenciaram negativamente as avaliações foram a quantidade, tipos e disposição dos equipamentos de brincar. Segundo as crianças, consertar os equipamentos danificados, ter pistas de skate, pistas de bicicletas e ter brinquedos de uso comunitário tornariam a pracinha melhor.

A adequação dos bancos é importante para a satisfação dos acompanhantes com as pracinhas infantis e está relacionada com o conforto, quantidade e localização dos mesmos.

Para as crianças, a adequação da vegetação está associada com a existência de áreas com gramado e a sombra das árvores. A adequação da vegetação também influencia no nível de satisfação dos acompanhantes com as pracinhas. Para os acompanhantes, a adequação da vegetação está relacionada com a existência de áreas sombreadas.

A falta de cercamento adequado e telas de proteção nas pracinhas, junto com a falta de conscientização dos moradores ao deixar os animais soltos pelo conjunto, propicia a contaminação da areia e do solo por fezes de animais.

CAPÍTULO 5: CONCLUSÕES

Neste capítulo são apresentadas as conclusões e as considerações finais. São apresentados os principais pontos referentes ao problema de pesquisa, objetivos e métodos. A seguir é apresentado um diagnóstico geral das pracinhas infantis, os principais resultados obtidos e as limitações do estudo. Por fim, é destacada a importância do trabalho, sendo feitas sugestões para novas investigações.

5.1. PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS

O problema desta pesquisa é a falta de estudos sobre a influência dos aspectos locacionais e físico-espaciais das pracinhas infantis e a adequação no uso por crianças e acompanhantes em habitações de interesse social, considerando a realidade dos conjuntos habitacionais de Porto Alegre. Apesar de existirem estudos que abordem as características locacionais e físico-espaciais das pracinhas infantis (COOPER MARCUS; SARKISSIAN 1986; COOPER MARCUS; FRANCIS, 1990) e a literatura que trata da relação entre o ambiente construído e o comportamento das crianças ser extensa (HAYWARD; ROTHENBERG; BEASLEY, 1974; COOPER MARCUS; MOORE, 1976; GRABOW; SALKIND, 1976; KORPELA, 2002; MITCHELL, 2003; MAXWELL; MITCHELL; EVANS, 2008), os estudos realizados até o momento tem privilegiado a realidade dos países da América do Norte e Europa, que possuem características sociais e econômicas diferentes da realidade brasileira.

Este estudo investigou a influência dos aspectos locacionais e físico-espaciais das pracinhas em conjuntos habitacionais em Porto Alegre nas atitudes e comportamento das crianças e dos acompanhantes, e fez um diagnóstico sobre o nível de adequação de tais pracinhas. Para o desenvolvimento dessa investigação foram delimitados os seguintes objetivos gerais e específicos: (i) relação entre os aspectos locacionais das pracinhas infantis e a adequação no uso por crianças e acompanhantes – associado a sete objetivos específicos; (ii) relação entre os aspectos físico-espaciais das pracinhas infantis e a adequação no uso por crianças e acompanhantes – associado a seis objetivos específicos.

A fim de atender aos objetivos propostos, a pesquisa foi delimitada a pracinhas infantis de conjuntos habitacionais do município de Porto Alegre. Dentro do universo de conjuntos habitacionais dessa cidade, a escolha das pracinhas infantis, que servem como objeto de estudo se baseia nas características associadas aos aspectos locacionais e físico-espaciais

das mesmas. Conforme os critérios de seleção apresentados, foram selecionadas como objetos de estudo as pracinhas: Vila Tecnológica, Loteamento Pampa, Loteamento Santa Terezinha, Fernando Ferrari bloco T, Fernando Ferrari bloco Q, São Francisco frente, São Francisco fundos e Oásis.

5.2. PRINCIPAIS RESULTADOS OBTIDOS

Em relação ao diagnóstico geral das pracinhas infantis, os resultados revelam que:

- a) O estado de conservação das oito pracinhas infantis investigadas tende a ser negativo, sendo as pracinhas do Loteamento Pampa, Loteamento Santa Terezinha, Vila Tecnológica e Oásis as pior avaliadas. Ainda, do total de equipamentos de brincar existentes nas oito pracinhas, 33,9% não funcionam e 6,4% funcionam parcialmente devido a falta de manutenção. Portanto, as pracinhas que não possuem cercamento são as menos conservadas.
- b) A avaliação de segurança das pracinhas pelos acompanhantes tendem a ser similar à das crianças, com seis das oito pracinhas sendo percebidas como inseguras em distintos graus de intensidade, exceto em relação à pracinha São Francisco frente, que é percebida como segura apenas pelos acompanhantes. Tais níveis de insegurança são maiores nas pracinhas pertencentes aos conjuntos sem cercamento (Loteamento Pampa, Vila Tecnológica e Loteamento Santa Terezinha) e com cercamento ineficiente devido a falhas (Fernando Ferrari). A pracinha Oásis é a única percebida como segura pelos dois grupos.
- c) Os caminhos de acesso às pracinhas a partir das moradias em três (Loteamento Pampa, Loteamento Santa Terezinha e Vila Tecnológica) dos seis conjuntos, possuem calçadas interrompidas (13, 8 e 4 pontos de interrupção, respectivamente) ou parcialmente interrompidas (29, 12 e 2 pontos de interrupção parcial, respectivamente), devido à presença de obstáculos, construções irregulares ou entulhos. Ainda, as calçadas de quatro dos seis conjuntos habitacionais necessitam de manutenção (Loteamento Pampa, 39 pontos; Fernando Ferrari, 10 pontos; Vila Tecnológica, 8 pontos; e Loteamento Santa Terezinha, 4 pontos). Apenas os conjuntos São Francisco e Loteamento Santa Terezinha possuem calçadas com largura adequada para um adulto andar acompanhado de uma criança, ou seja, com o mínimo de 2,2 metros de largura (PRINZ, 1980). No entanto, o uso das pracinhas não foi prejudicado pela inadequação das calçadas.
- d) Quanto à adequação da localização das pracinhas nos conjuntos habitacionais, as pracinhas Loteamento Pampa, Loteamento Santa Terezinha, Vila Tecnológica, São

Francisco frente, Oásis estão bem localizadas. No entanto, as pracinhas São Francisco fundos, Fernando Ferrari bloco T e bloco Q são consideradas mal localizadas. Portanto, as pracinhas bem avaliadas são aquelas localizadas na parte central dos conjuntos, com maior controle visual ou junto a áreas de passagem.

- e) As pracinhas mais conectadas visualmente com as moradias são (da maior para a menor quantidade de conexões): Oásis, São Francisco frente, Fernando Ferrari Bloco T, Loteamento Pampa, Vila Tecnológica, Loteamento Santa Terezinha, Fernando Ferrari Bloco Q e São Francisco fundos. Entre as demais, a Oásis é a pracinha mais conectada visualmente com as moradias, visualizada por 76 janelas e 91,2m lineares de transparência, sendo que, 84,2% dessas janelas localizadas na banda visual 1 (até 12m).
- f) A pracinha São Francisco fundos é insatisfatória para as crianças e para os acompanhantes. As demais pracinhas - São Francisco frente, Fernando Ferrari Bloco T, Loteamento Pampa, Fernando Ferrari Bloco Q, Loteamento Santa Terezinha, Vila Tecnológica e Oásis - são satisfatórias para as crianças. No entanto, para os acompanhantes, as pracinhas Loteamento Pampa, Loteamento Santa Terezinha, Vila Tecnológica, Oásis e Fernando Ferrari Bloco Q são insatisfatórias. As pracinhas São Francisco frente e Fernando Ferrari Bloco T também não podem ser consideradas satisfatórias, embora sejam as menos mal avaliadas pelos acompanhantes.
- g) Considerando a média entre o total de crianças observadas e as áreas das pracinhas, apenas a Loteamento Pampa tem espaço mínimo conforme recomenda a literatura, sendo este de aproximadamente 7,5 m² por criança (MOORE, 1996). Se considerar a população estimada de crianças moradoras nos conjuntos, conclui-se que nenhuma pracinha tem tamanho adequado, sendo a maior média de 2,8m² na Loteamento Pampa e a menor de 0,2m² por criança nas pracinhas Fernando Ferrari Bloco T e Bloco Q. Ainda, nenhuma pracinha possui área reservada para as crianças menores (de 6 a 24 meses).
- h) Com exceção da Vila Tecnológica, todas as demais pracinhas tem os equipamentos de brincar inadequados às necessidades das crianças. Os tipos de equipamentos são pouco atrativos, estão mal conservados, possuem tamanho inadequado às faixas etárias e a distribuição não prevê áreas para as crianças menores, principalmente para os bebês. Além do mais, a quantidade de equipamentos de brincar é insuficiente para a população de crianças dos conjuntos. A avaliação positiva da adequação dos equipamentos da Vila Tecnológica justifica-se pela maior média de equipamentos por crianças entre as demais pracinhas (19 por criança).

- i) A adequação dos bancos nas 8 pracinhas investigadas tende a ser negativa. Os bancos da Fernando Ferrari Bloco T e Fernando Ferrari Bloco Q são os mais inadequados. A avaliação dos bancos da Oásis, São Francisco frente, Loteamento Santa Terezinha e São Francisco fundos também foi negativa por parte da maioria dos acompanhantes. Os bancos das pracinhas Loteamento Pampa e Vila Tecnológica foram os menos mal avaliados, mas ainda assim são considerados inadequados. Nessas duas pracinhas, os bancos tem acento e encosto de madeira, que além de mais confortáveis, retém menos umidade.
- j) As pracinhas Loteamento Santa Terezinha, São Francisco frente, São Francisco fundos, Vila Tecnológica e Oásis não possuem nenhuma vegetação. As duas pracinhas do conjunto Fernando Ferrari (bloco T e bloco Q) possuem gramado e árvores somente no entorno. A pracinha do Loteamento Pampa é a única que possui gramado e árvores.

5.2.1. Objetivo (i): Relação entre os aspectos locacionais das pracinhas infantis e a adequação no uso por crianças e acompanhantes

5.2.1.1. Relação entre o controle de acesso ao conjunto habitacional e às pracinhas e o estado de conservação das pracinhas infantis.

Entre as pracinhas investigadas, apenas as pracinhas São Francisco frente, São Francisco fundos e a Oásis possuem controle efetivo de acesso aos conjuntos e às pracinhas infantis. Nesses casos, o controle de acesso foi considerado eficiente pela existência de cercamento em bom estado no conjunto habitacional e pela existência de portaria com vigia controlando a entrada e saída de pessoas do conjunto. As pracinhas Vila Tecnológica, Loteamento Santa Terezinha, Loteamento Pampa, Fernando Ferrari Bloco Q e Fernando Ferrari Bloco T não possuem controle efetivo de acesso.

Conclui-se que, o estado de conservação das pracinhas é afetado pela existência de cercamento eficiente no conjunto habitacional, associado às questões ligadas à gestão, tais como a existência de vigias e de manutenção sistemática por parte dos condomínios. Também influencia no estado de conservação das pracinhas, a conscientização por parte dos moradores em não descartar lixo e não deixar animais domésticos soltos nos conjuntos. Logo, as pracinhas que pertencem aos conjuntos com controle efetivo de acesso (Oásis, São Francisco frente e São Francisco fundos) são consideradas melhor conservadas do que as pracinhas sem controle efetivo de acesso (Loteamento Pampa, Loteamento Santa

Terezinha, Vila Tecnológica, Fernando Ferrari bloco T e bloco Q). Sendo assim, a existência de um controle efetivo de acesso, aos conjuntos habitacionais e às pracinhas, impacta positivamente na avaliação do estado de conservação das mesmas e garante que os espaços de uso comunitário, como as pracinhas infantis, sejam menos vulneráveis e tenham um melhor estado de conservação. Esses dados são coerentes com a literatura existente e reafirmam que a ausência de um limite físico torna o espaço impessoal e vulnerável (NEWMAN, 1972), e que o controle de acesso aos conjuntos, e conseqüentemente, às pracinhas garante que as mesmas tenham um melhor estado de conservação (CARR; LYNCH, 1981 apud FRANCIS, 1987). Logo, tais medidas como, controle efetivo de entrada e saída de pessoas nos conjuntos habitacionais e manutenção periódica do espaço favorece a conservação das pracinhas infantis.

5.2.1.2. Relação entre o controle de acesso ao conjunto habitacional e às pracinhas e a percepção de segurança quanto a crimes nas pracinhas infantis.

A percepção negativa de segurança dos acompanhantes tende a influenciar negativamente a percepção de segurança das crianças, principalmente pelas recomendações e comentários que as crianças ouvem em casa sobre a segurança das pracinhas. Por outro lado, as crianças se sentem mais seguras quando a pracinha fica perto da moradia e com a presença dos amigos, exceto em situações de perigo extremo, como os episódios envolvendo tiros na Vila Tecnológica e Loteamento Pampa. Os fatores que influenciam na percepção de segurança dos acompanhantes é a falta de cercamento nos conjuntos, a falta de vigias para controlar a entrada e saída de pessoas e a pracinha ser localizada em áreas que não permitem ser visualizadas a partir das moradias. Logo, o maior problema de segurança ocorre nos conjuntos habitacionais sem controle de acesso, e, conseqüentemente, nas pracinhas infantis que também não possuem tal controle, sendo estas as mais vulneráveis a situações de perigo. A preocupação dos acompanhantes com a falta de controle de acesso aos conjuntos, que facilita a circulação e presença de pessoas estranhas, confirma os resultados mencionados por VALENTINE e McKENDRICK (1997) e outros autores (COOPER, 1975; COOPER & SARKISSIAN, 1986). Contudo, a intensa criminalidade existente na cidade e principalmente na áreas carentes têm prejudicado a segurança e a rotina nas pracinhas infantis destas comunidades. Sem uma ação efetiva de órgãos governamentais para garantir a segurança, as medidas sugeridas por esta pesquisa podem amenizar mas não impedir que as crianças fiquem seguras brincando nas pracinhas infantis.

5.2.1.3. Relação entre a percepção de segurança e a frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis.

Os resultados sobre a relação entre a percepção de segurança e a frequência e intensidade de uso das pracinhas não confirmam o que foi encontrado na literatura, que diz que as crianças deixam de frequentar as áreas de lazer infantil onde moram por ansiedade dos pais em relação à insegurança (VALENTINE; MCKENDRICK, 1997). Os dados encontrados mostraram que, embora as pracinhas investigadas sejam consideradas inseguras ou muito inseguras pela maioria dos acompanhantes, tal percepção não influenciou na frequência de uso das pracinhas e não inibiu a presença das crianças. Isso se deve ao fato das pracinhas infantis serem a única opção de lazer das crianças nesses conjuntos, uma vez que não podem brincar no interior das residências, por serem muito pequenas, e nem nas calçadas pois já não existem pátios nas casas, uma vez que, a maioria das moradias fizeram construções irregulares nesses espaços.

5.2.1.4. Relação entre adequação dos caminhos de acesso às pracinhas a partir das moradias e a frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis.

Quanto aos caminhos de acesso às pracinhas a partir das moradias, tanto as crianças quanto os acompanhantes, os consideram adequados nos seis conjuntos. No entanto, tal percepção não corresponde à realidade encontrada em três conjuntos habitacionais (Vila Tecnológica, Loteamento Pampa e Loteamento Santa Terezinha) onde foram identificados diversos pontos nas calçadas com passagem interrompida ou com a largura original reduzida por construções irregulares, entulhos e falta de manutenção, especialmente no Loteamento Pampa. Estas observações das características das calçadas confirmam os resultados encontrados na literatura nacional (BASSO, 2001; LAY; REIS, 2002) de que é comum moradores reduzirem a largura das calçadas em função de intervenções arquitetônicas, tais como, o avanço de garagens, inclusão de degraus ou rampas, ou como local de depósito de materiais, impossibilitando, em certos casos, a passagem de pedestres. No entanto, mesmo diante de tais observações sobre as condições das calçadas, não foi identificada uma relação entre a adequação dos caminhos de acesso das moradias às pracinhas e a frequência e intensidade de uso das mesmas. Estes resultados indicam que a baixa qualidade das calçadas em alguns conjuntos habitacionais não afetou o uso das pracinhas pelas crianças. Corroboram com tais resultados o fato das ruas dos conjuntos Vila

Tecnológica, Loteamento Pampa e Loteamento Santa Terezinha não terem um fluxo intenso de veículos e, por isso, os moradores não se preocupam em andar no meio da rua. Tal comportamento tende a ser comum nas periferias da cidade. Contudo, recomenda-se que as calçadas tenham pelo menos 2,2 metros de largura para que um acompanhante consiga caminhar confortavelmente com uma criança caminhando. Também recomenda-se que as calçadas sejam regulares no que diz respeito ao revestimento (cimento ou basalto), isso possibilita que acompanhantes possam utilizar a calçada com carrinho de bebê e também com cadeirantes.

5.2.1.5. Relação entre a localização das pracinhas nos conjuntos habitacionais e a frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis.

Os dados revelam que as pracinhas localizadas nas áreas centrais dos conjuntos, com maior possibilidade de serem visualizadas a partir das moradias, localizadas em área de passagem, ou próxima de vigias (São Francisco frente e Oásis), são as mais adequadas. Por outro lado, as pracinhas localizadas em pontos mais isolados, com menos possibilidade de vigilância e próximas à ruas com fluxo intenso de veículos, são as menos adequadas.

No que diz respeito às distâncias entre as moradias e as pracinhas, conclui-se que, para as crianças da faixa etária de 6 a 12 anos, 250 metros pode ser considerada uma distância adequada para caminhar, com base nas informações prestadas pelas crianças e acompanhantes; e para a faixa etária de 2 a 5 anos, a distância máxima considerada adequada pelos acompanhantes é de 100 metros. Esta distância também é considerada adequada pelos acompanhantes dos bebês (até 6 meses e de 6 até 24 meses). Tais resultados se aproximam dos parâmetros definidos pela cidade de Bolonha (STROPPIA, 1996 apud OLIVEIRA, 2004) que define que para crianças de 0 a 3 anos a distância de 50 a 100 metros e de 3 a 11 anos a distância de 150 a 250 metros.

Quanto à relação entre a localização das pracinhas nos conjuntos habitacionais e a frequência e intensidade de uso destas pracinhas, quanto mais adequada a localização das pracinhas mais intenso tende a ser o uso das mesmas. Essa relação fica clara na pracinha São Francisco fundos, a qual obteve a pior avaliação quanto a sua localização pelos respondentes e é a pracinha com a menor presença de crianças.

5.2.1.6. Relação entre os níveis de conexão visual entre as moradias e as pracinhas e o estado de conservação das pracinhas infantis.

Embora o nível de conexão visual entre cada pracinha e as moradias seja diferente, não foi possível estabelecer uma relação direta entre a quantidade de janelas visualizando a pracinha e o nível de conservação da mesma, uma vez que a avaliação das oito pracinhas infantis investigadas tende a ser negativo. No entanto, as pracinhas visualizadas por mais janelas a uma menor distância, foram as menos mal avaliadas quanto ao seu estado de conservação. Estes dados são coerentes com os resultados apontados na literatura de que as conexões visuais com as moradias tendem a inibir a presença de delinquentes que podem ser responsáveis por atos de depredação e uso indevido das pracinhas (LAYMON, 1974; JACOBS, 2010), além de coibir que moradores joguem lixo nas pracinhas infantis.

5.2.1.7. Relação entre os níveis de conexão visual entre as moradias e as pracinhas e a intensidade de uso das pracinhas infantis.

Os resultados revelam que os níveis de conexão visual entre as moradias e as pracinhas influenciam na frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis. Logo, quanto menor a possibilidade das pessoas vigiarem o espaço a partir de suas moradias, menor é a frequência e intensidade de uso por parte das crianças, tal como ocorre na São Francisco fundos e Fernando Ferrari Bloco Q. Estes dados vão ao encontro dos resultados encontrados na literatura (JACOBS, 2010; NEWMAN, 1972), inclusive nos estudos nacionais, o quais mencionam que a existência de janelas visualizando a rua favorece a sociabilidade e o uso mais dinâmico dos espaços abertos (BASSO; LAY, 2002).

5.2.1.8. Relação entre o entorno imediato à pracinha e a frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis.

Em relação ao entorno imediato à pracinha, foi constatado que a frequência e intensidade de uso das pracinhas infantis é influenciada pelas características físicas dos conjuntos. A influência é positiva quando no entorno têm quadra esportiva ou áreas gramadas que possibilitam a diversidade de atividades, principalmente para as crianças maiores (6 a 12 anos). A influência é negativa quando a pracinha fica muito próxima (menos de 3 metros) das moradias, ocasionando incômodo aos vizinhos pelos barulho; quando a pracinha fica próxima de ruas ou avenidas com muito fluxo de veículos, nos conjuntos que não têm cercamento; e ainda, quando a pracinha fica junto ao salão de festas do conjunto. No caso

dos conjuntos com salão de festas, indica-se que o mesmo seja distante da pracinha o suficiente para que as crianças que estejam usando o salão possam também utilizar a pracinha, mas que as crianças que estão na pracinha não visualizem o evento no salão de festas. Estes resultados confirmam o que diz a literatura, de que a pracinha infantil deve ser organizada de tal forma, que as áreas adjacentes tenham seus usos bem definidos e delimitados fisicamente (MOORE; GOLTSMAN; IACOFANO, 1997).

5.2.2. Objetivo (ii): Adequação dos aspectos físico-espaciais das pracinhas infantis no uso por crianças e acompanhantes

5.2.2.1. Nível geral de satisfação das crianças e dos acompanhantes com as pracinhas infantis.

Considerando a amostra total de crianças de 6 a 12 anos, a clara maioria (81%) está satisfeita com as pracinhas infantis. A satisfação das crianças com as pracinhas está relacionada com o fato delas serem um local para brincar e encontrar os amigos, embora os aspectos negativos sejam percebidos pelas crianças, tais como, a quantidade de equipamentos danificados. Esses resultados evidenciam a importância do espaço de lazer na socialização infantil, conforme já mencionado em estudos realizados sobre espaços abertos (MOORE, 2003). Em relação ao gênero, os meninos estão mais satisfeitos com as pracinhas do que as meninas. Esta diferença de percepção entre os gêneros pode explicar o fato das pracinhas serem mais frequentadas por meninos do que por meninas. Além do mais, estudos mencionam que a redução de meninas em pracinhas é agravada quando existem poucas opções de equipamentos de brincar ou estes estejam em más condições de conservação, pois as meninas tendem a ser mais críticas; para elas, a boa qualidade do espaço se torna uma pré-condição para sair para brincar (KARTEN, 2003). Logo, a insatisfação das meninas parece estar relacionada com o estado de conservação precário das pracinhas e a falta de banheiros, uma vez, que estas duas razões foram mencionadas nas entrevistas.

A satisfação dos acompanhantes com as pracinhas é impactado por vários aspectos físicos, tais como, adequação dos tipos de equipamentos às faixas etárias, existência de piso adequado para os bebês, quantidade adequada de equipamentos em relação ao número de crianças usuárias, vegetação adequada e quantidade adequada de bancos.

5.2.2.2. Adequação do tamanho das pracinhas infantis em relação à quantidade de crianças usuárias.

Em relação à adequação do tamanho das pracinhas, crianças e acompanhantes tem percepções diferentes. Os acompanhantes consideram o tamanho de todas as pracinhas como inadequado, enquanto que as crianças consideram inadequado apenas a São Francisco fundos e a Oásis. A percepção das crianças de 6 a 12 anos em relação ao tamanho das pracinhas é influenciada pela quantidade de equipamentos existentes nas praças e também pela existência de espaços abertos no entorno próximo, como quadras esportivas ou áreas gramadas que possibilitem a realização de brincadeiras que exigem espaço, como jogar bola, correr, ou andar de bicicleta, ou seja, as crianças tendem a considerar o entorno da pracinha como parte dela. Ainda, os meninos parecem ser mais afetados pelo tamanho das pracinhas do que as meninas, uma vez que, mais meninos (22,9%) do que meninas (12,5%) avaliaram as pracinhas como pequenas. Tal diferença de percepção entre os gêneros está de acordo com estudos que dizem que as atividades dos meninos mais frequentemente giram em torno de força física, da competição em esportes e organizam-se em grupos maiores (KARSTEN E PEL, 2000; LEVER, 1978) necessitando de mais espaço. Logo, meninos e meninas, tendem a usar os espaços abertos de maneira diferenciada desenvolvendo habilidades cognitivas diferentes (BJÖRKLID; 1985).

Em relação aos acompanhantes, a adequação do tamanho da pracinha está mais relacionada com o *layout* do espaço, que possibilite o uso da pracinha por todas as faixas etárias, principalmente pelos bebês e pelas crianças de 2 a 5 anos, do que propriamente as dimensões da área (metros quadrados por criança).

Ainda, os resultados demonstraram que a disponibilidade de espaço físico não influenciou positivamente no estado de conservação das pracinhas. No entanto, o estado de conservação ruim das pracinhas está relacionado com a quantidade inadequada de equipamentos e uso intenso dos mesmos por parte das crianças, visto que, a atividade principal das crianças nas pracinhas é o uso dos equipamentos. Por isso, o tamanho considerado inadequado das pracinhas também não afetou a quantidade de vezes que as crianças frequentam as pracinhas. Contudo, as pracinhas integradas à outras áreas e que são percebidas pelas crianças como pracinhas grandes são as mais atrativas.

5.2.2.3. Adequação dos equipamentos de brincar.

Os equipamentos de brincar existentes nas pracinhas – balanço, escorregador, gangorra, gira-gira, trepa-trepa e multifunção - são considerados inadequados pelas crianças e pelos acompanhantes. Além do desinteresse pelos tipos de equipamentos existentes, a avaliação negativa por parte das crianças está relacionada com o estado de conservação dos mesmos. Adicionalmente, esses tipos de equipamentos não contemplam as limitações físicas das crianças menores, de 2 a 5 anos, porque os modelos existentes nas pracinhas não possuem variações de tamanho. Esse dado pode explicar a quantidade de crianças dessa faixa etária brincando nas pracinhas ser inferior a quantidade de crianças de 6 a 12 anos. Esses resultados confirmam, em parte, os estudos que dizem que os equipamentos de brincar devem estar adequados às diferentes idades das crianças para que elas possa testar suas habilidades motoras (MOORE, 1990) e que a variedade de equipamentos afeta as oportunidades de brincar e influencia no tempo de permanência na pracinha infantil (ROTHENBERG; HAYWARD; BEASLY, 1974). Ainda, único equipamento adequado aos bebês (6 até 24 meses) é o balanço cadeirinha existente em apenas cinco pracinhas - Loteamento Santa Terezinha, Vila Tecnológica, Loteamento Pampa, Oásis e Fernando Ferrari bloco T.

Para os acompanhantes, ficou demonstrado que a adequação dos equipamentos de brincar está relacionada com a quantidade, tipos e disposição dos equipamentos de acordo com as faixas etárias. Tais resultados corroboram com os estudos que demonstram que é importante que o espaço comporte a quantidade adequada de equipamentos apropriados para todas as idades e para ambos os gêneros (SARKISSIAN et al., 2013). Quanto a quantidade adequada de equipamentos para a população de crianças do conjunto, de acordo com os resultados obtidos na pracinha menos mal avaliada pelos acompanhantes - Vila Tecnológica - conclui-se que, a média de equipamento para cada criança deve ser pelo menos superior a 19 (equipamento/criança) (Tabela 4.54). A média de equipamentos por criança leva em consideração a população estimada de crianças moradoras nos conjuntos habitacionais. Quanto à adequação dos tipos de equipamentos, recomenda-se ter brinquedos com tamanhos e funções diferentes. Quanto a disposição, conclui-se que os equipamentos destinados às diferentes faixas etárias fiquem distante um do outro para que cada equipamento seja usado pelas crianças de forma segura e, também, evitar que um grupo não domine ou danifique o equipamento destinado a outros grupos (SARKISSIAN et al., 2013). Sendo assim, recomenda-se que, principalmente os balanços para uso dos bebês (balanço cadeirinha) sejam separados daqueles destinados aos maiores (balanço tradicional) e não fixos na mesma estrutura como os existentes nas pracinhas. Ainda, devido ao uso intenso e a falta de manutenção sistemática, os equipamentos de pracinhas em áreas carentes devem mais resistentes e duráveis.

Dos equipamentos de brincar existentes nas pracinhas investigadas, o balanço e o trepa-trepa são os preferidos por ambos os gêneros. No entanto, nas pracinhas Fernando Ferrari bloco Q e São Francisco frente, o multifunção foi o preferido pelas crianças, corroborando com estudos que afirmam a preferência das crianças por equipamentos que favorecem a interação social (MAXWELL; MITCHELL; EVANS, 2008). Não foram identificadas variações na intensidade de preferência relacionadas às faixas etárias, indicando que outros fatores interferem na escolha e intensidade de uso, tais como: as habilidades das crianças (BRETT; MOORE; PROVENZO, 1993), o gênero e os padrões de lazer das crianças (KYTTÄ, 2004; KORPELA, 2002). Adicionalmente, em todas as pracinhas as crianças solicitaram outras opções para diversificar as brincadeiras, como pista de skate e brinquedos de uso coletivo, como skate, bicicleta, pá e baldinho, entre outros, indicando que as pracinhas não estão adequadas às necessidades de uso e interesses das crianças. Além disso, nas pracinhas dos conjuntos São Francisco e Oásis as crianças mencionaram o desejo por uma quadra de esportes, reforçando a importância do espaço de lazer infantil oferecer às crianças diferentes possibilidades. O fato das crianças não terem solicitados outros tipos de equipamentos pode estar relacionado com o desconhecimento de outras tipologias de equipamentos para brincar, merecendo um estudo mais detalhado. Recomenda-se disponibilizar nas pracinhas infantil peças soltas e também combinar brinquedos tradicionais com multifuncionais.

5.2.2.4. Adequação dos bancos.

Os bancos sem encosto e os fabricados em concreto são os mais inadequados porque são desconfortáveis, além de absorverem umidade e limo. Os bancos mais adequados são os modelos que possuem assento e encosto em madeira, sendo mais confortáveis e não acumulam água. A localização dos bancos, tanto na pracinha como no entorno próximo, deve considerar áreas sombreadas no verão e ensolaradas no inverno, confirmando o que diz a literatura (COOPER & FRANCIS, 1990; FEDRIZZI, 1999; MASCARÓ; MASCARÓ, 2002). Também é importante que os bancos sejam posicionados em locais que permitem visualizar as crianças nas pracinhas. Quanto à quantidade adequada de bancos, ao analisar os resultados obtidos na pracinha menos mal avaliada pelos acompanhantes - Vila Tecnológica - conclui-se que a média de bancos na pracinha e entorno próximo deve ser pelo menos superior a 0,26 (banco/acompanhante) (Tabela 4.75). A média de bancos por acompanhante leva em consideração a população estimada de crianças moradoras nos conjuntos habitacionais.

5.2.2.5. Adequação da vegetação existentes nas pracinhas infantis.

Árvores e gramados são percebidos de forma positiva pelas crianças, pois elas entendem que as plantas fazem parte da natureza e devem ser cuidadas pelos moradores. Os meninos tem preferência pelos gramados devido ao jogo de futebol e as meninas acham agradável brincar na sombra das árvores, revelando a existência de diferenças de percepções relacionadas ao gênero das crianças (BOURKE, 2014). Logo, os resultados indicam que a presença de vegetação corrobora os resultados de outros trabalhos que destacam a importância da presença da natureza nos locais de lazer infantil (COOPER & FRANCIS, 1990; FEDRIZZI, 1999; BEE; BOYD, 2011).

Para os acompanhantes, a adequação da vegetação está relacionada à existência de áreas sombreadas, especialmente para os acompanhantes dos bebês. Nos conjuntos onde a manutenção da pracinha é realizada pela prefeitura (Loteamento Santa Terezinha, Vila Tecnológica e Loteamento Pampa), a vegetação arbustiva e parte do gramado foi removida pelos próprios moradores com o objetivo de evitar que outros moradores descartem lixo na pracinha nos períodos em que falta poda dos arbustos ou corte da grama. Árvores que trocam as folhas também não são bem vistas pelos moradores e pelos gestores dos condomínios devido aos custos com a limpeza das folhas.

5.2.2.6. Existência de cercamento e a presença de animais domésticos nas pracinhas infantis.

Em relação ao estado de conservação do solo (areia e terra) foi encontrado vestígios de fezes de animais em todas as oito pracinhas. Nenhuma pracinha possui cercamento adequado e eficiente que impeça a entrada de animais, em especial gatos que conseguem escalar grandes alturas. A entrada de cães é facilmente evitada com o cercamento da pracinha, basta o portão ficar fechado. Contudo, as áreas dentro da pracinha com maior volume de areia devem ser isoladas e totalmente fechadas com telas de proteção e assim evitar o acesso de gatos. De acordo com os moradores, não faz parte da rotina dos conjuntos fazer a troca periódica da areia das pracinhas ou limpeza das áreas com terra, e tampouco é feito o controle de zoonoses por órgãos públicos ou pelo condomínio. Todos os acompanhantes confirmaram nas entrevistas que tem conhecimento dos perigos à saúde causados pela contaminação da areia por fezes de cães e gatos. Além disso, as praças

localizadas na periferia apresentam maior contaminação por parasitas em comparação com as praças nas regiões centrais, inclusive, o nível sócio-econômico e cultural dos habitantes das áreas centrais permite que os animais domésticos sejam tratados com vermífugos, o que não costuma acontecer com os animais da periferia (MELLO, 2010). Diante dos resultados, se torna muito importante a utilização de cercamento eficiente e telas de proteção nas pracinhas, assim como, a necessidade de campanhas de conscientização da população por parte dos órgãos públicos.

5.3. LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Quanto à investigação da influência das variáveis associadas aos aspectos locais e físico-espaciais das pracinhas infantis, foi abordado nesse estudo um número determinado de variáveis consideradas pertinentes com base na revisão da literatura. Devido às escolhas metodológicas e à disponibilidade de tempo e recursos, a pesquisa não pretende aprofundar os aspectos ergonômicos dos equipamentos instalados nas pracinhas infantis conforme as orientações da ABNT.

5.4. IMPORTÂNCIA DOS RESULTADOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES.

Espera-se que os resultados dessa investigação sejam úteis para as discussões sobre a qualidade das pracinhas infantis, em conjuntos habitacionais, e sobre o entendimento das atitudes e comportamentos das crianças e dos acompanhantes. De modo geral, as informações provenientes desse trabalho devem servir para possibilitar que as pracinhas sejam mais adequadas às necessidades das crianças e acompanhantes. Dentre os possíveis desdobramentos desse estudo, está a investigação sobre a satisfação com os tipos de equipamentos existentes nos conjuntos habitacionais em comparação com outras tipologias de equipamentos para brincar, como por exemplo equipamentos criativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NBR 16071-1/2012: Playgrounds. Parte 1: Terminologia, que define os termos utilizados para playgrounds. Rio de Janeiro: ABNT, 2012.

NBR 16071-5/2012: Playgrounds. Parte 5: Projeto de área de lazer, que especifica os requisitos para implantação dos equipamentos de playgrounds destinados ao uso infantil e individual e coletivo. Rio de Janeiro: ABNT, 2012

ALLPORT, G. W. 1935. Attitudes. In Handbook of social psychology. Edited by C. Murchison, 798–844. Worcester, MA: Clark Univ. Press.

ALMEIDA, R. **A exigência política. Arquitetura e Urbanismo**, novembro, p.53-56, 1985.

ANDERSON, J.; WEIDEMANN, S. (1997). **Developing and Utilizing Models of Resident Satisfaction**. In: MOORE, G.; MARANS, R. (eds.) (1997). *Advance in Environmental Behaviour and Design*. Vol. 4. Toward the Integration of Theory, Methods, research and Utilization. New York: Plenum Press. Capítulo 9. p. 287-324.

BASSO, Jussara Maria. investigação de fatores que afetam o desempenho e apropriação de espaços abertos públicos: o caso de Campo Grande - MS. Dissertação de Mestrado. UFRGS, 2001.

BASSO, J. M., LAY, M. C. Fatores que afetam o desempenho e apropriação de ruas e espaços abertos públicos de lazer. **IX Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído**, 2002, Foz do Iguaçu. In: ENTAC 1993 – 2002. Primeira Coletânea de Anais dos Encontros nacionais de Tecnologia do Ambiente Construído. Foz do Iguaçu: ENTAC, 2002, p. 1069-1078.

BARBOUR, A. C. The impact of playground design on the play behaviors of children with differing levels of physical competence. In: **Early Childhood Research Quarterly**, V. 14, Issue 1, p.75-98, 1999.

BARBEY, G.F. Anthropological analysis of the home concept: some considerations based on the interpretation of childrens' drawings. **EDRA 05**, 1974

BEE, H; BOYD, D. **A Criança em Desenvolvimento**. São Paulo. Ed. Artmed. 11º ed., 2011

BLAKELY, K. S. (1994). **Parents' conceptions of social dangers to children in the urban environment**. *Children's Environments*, 11(1), 20-35.

BJÖRKLID, P. Children's Outdoor Environment from the Perspective of Environmental and Developmental Psychology. In: GARLING, T.; VALSINER, J. **Children Within Environments**. New York:Plenum Press,p.91-106, 1985.

BJÖRKLID, P. **Child-friendly Cities – Sustainable Cities? A Child- Centred Perspective and the Child's Perspective**. Tolba, Mostafa K .; Abdel-Hadi, Aleya; Soliman, Salah; ENVIRONMENT, HEALTH AND SUSTAINABLE DEVELOPMENT (IAPS 19 Conference Proceedings on CD-Rom), 11-16, 2006 / http://iaps.scix.net/cgi-bin/works/Show?iaps_19_2006_866

BORGES, M. M. F. DA C. **Diretrizes para Projetos de Parques Infantis Públicos**. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico – CTC, Florianópolis, 2008.

BOURKE, T. M; SARGISSON, R. J. **A Behavioral Investigation of Preference in a Newly Designed New Zealand Playground**. *American Journal of Play*, volume 6, number, 2014

BRASIL. ECA - **Estatuto da Criança e do Adolescente** . Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: < www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069 >. Acesso em: 11 abril 2012

BRADLEY, R. H.; CORWYN, R. F. (2002). **Socioeconomic status and child development**. *Annual Review of Psychology*, 53, 371–399.

BRETT, A.; MOORE, R. C.; PROVENZO, E. F. **The Complete Playground Book**. New York: Syracuse University Press, 1993.

BROWN, J.G.; BURGER, C. **“Playground Designs and Preschool Children's Behaviors.”** *Environment and Behavior* 16: 599-627. 1984

CALDEIRA, T. **Cidade de muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: editora USP, 2000.

CAMPOS, C. B.; SARRIERA, J. C.; SANTOS, A. C.; BOMFIM, Z. A.; FEDRIZZI, B. M. **Percepção de La Naturaleza por niños de contextos urbanos y costero: um análisis de dibujos y palabras claves**. Revista Latinoamericana de Medicina Conductual, v. 4, p. 31-39, 2014.

CARR, S.; FRANCIS, M.; RIVLIN, L.G.; STONE, A.M. **Public Space**, Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

CARVALHO, M., GEORGE R. V. e ANTHONY, K. H. Residential Satisfaction in Condomínios Exclusivos (Gate-Guarded Neighborhoods) in Brazil. **Environment and Behavior**. London: SAGE Periodicals Press, v. 29, n. 6, p. 735-768, 1997.

CHATTERJEE, S. (2006) **Streets and Open Spaces near Home: Implications of Constraints on Children's Use of Everyday Spaces for Neighborhoods**. Tolba, Mostafa K.; Abdel-Hadi, Aleya; Soliman, Salah; ENVIRONMENT, HEALTH AND SUSTAINABLE DEVELOPMENT (IAPS 19 Conference Proceedings on CD-Rom), 11-16 september 2006 http://iaps.scix.net/cgi-bin/works/Show?iaps_19_2006_868

COHN, C. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

COOPER MARCUS, C. **Easter Hill Village: Some Social Implications of Design**. Free Pr; First Edition edition. 1975

COOPER MARCUS, C.; BARNES, M. **Healing Gardens: Therapeutic Benefits and Design Recommendations**. New York, John Wiley & Sons. 1999

COOPER MARCUS, C.; FRANCIS, C. (Eds.) **People Places: Design Guidelines for Urban Open Space**, Van Nostrand Reinhold: New York, 1990.

COOPER MARCUS, C.; MOORE, R. C. **Children and Their Environments: A Review of Research 1955-1975**. Taylor & Francis, Ltd. on behalf of the Association of Collegiate Schools of Architecture. JAE, Vol. 29, No. 4, Architecture Criticism and Evaluation, pp. 22-25, 1976

COOPER MARCUS, C.; SARKISSIAN, W. **Housing as if People Mattered** Site Design Guidelines for Medium-density Family Housing Space. University of California Press Ltd: London, 1986.

CHAWLA, L. **Childhood Place Attachment**. In: ALTMAN, L.; LOW, S.M. (Eds.) Place Attachment. Plenum Press: New York, p.63-86, 1992.

CHILDREN'S PLAY COUNCIL. **Planning for Play. Guidance on the development and implementation of a local play strategy**, 2006. Disponível em:

<<http://www.playengland.org.uk/resources/planning-for-play.aspx>>. Acesso em: 5 junho 2014

CUNNINGHAM C.; JONES, M. (1991) 'Girls and Boys Come out to Play: Play, Gender and Urban Planning', Landscape Australia 4: 305-11.

DANNENMAIER, M. (1998). **A Child's Garden: Enchanting Outdoor Spaces for Children and Parents**. New York, Simon & Schuster.

DEM HAB. Plano Municipal de Habitação de Interesse Social. ETAPA II DIAGNÓSTICO DO SETOR HABITACIONAL DE PORTO ALEGRE. 2009

DEE, N., LIEBMAN, J. C. **A statistical study of attendance at urban playgrounds**, Journal of Leisure Research, 2(3), pp. 145-159, 1970.

DOCHERTY, S.; SANDELOWSKI, M. **Focus on Qualitative Methods Interviewing Children**. Research in Nursing & Health, 1999, 22, 177-185

DOWNS, R. M.; STEA, D. **Maps in minds**. New York: Harper & Row, 1977. DOWNS, R. M.; STEA, D. Maps in minds. New York: Harper & Row, 1977.

DUNCAN, G. J.; BROOKS-GUNN, J. **Consequences of growing up poor**. New York, NY: Russell Sage Foundation. 1997

FEIX, E. Lazer e cidade na Porto Alegre do início do século XX: a institucionalização da recreação pública. **(Dissertação de mestrado)** Escola de Educação Física. Programa da Pós Graduação em ciência do movimento humano UFRGS, 2003.

- ELALI, G.; A. **O ambiente da escola – o ambiente na escola: uma discussão sobre a relação escola–natureza em educação infantil.** Estudos de Psicologia, 2003, 8(2), 309-319
- EVANS, G. W; **The Environment of Childhood Poverty.** American Psychological Association, Vol. 59, No. 2, 77–92. 2004
- EVANS, G. W; KIM, P. **Childhood Poverty, Chronic Stress, Self-Regulation, and Coping.** Child Development Perspectives, Volume 7, Number 1, Pages 43–48. 2013
- EVANS, G. W.; BROOKS-GUNN, J.; KLEBANOV, P. K. Stressing Out the Poor: Chronic Physiological Stress and the Income-Achievement Gap. Community Investments – Volume 23, Issue 2. 2011
- FARLEY TAYLOR, A.; MERIWETHER, R. A.; BAKER, E. T.; RICE, J. C.; WEBBER, L. S..Where do the children play? The influence of playground equipment on physical activity of children in free play. In: **Journal of Physical Activity and Health**, N.5, p.319-331, 2008. Disponível em:< <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18382040>. Acesso em 13/06/2013>.
- FEDRIZZI, B. **Improving Public Schoolyards in Porto Alegre**, Brasil, 1997.
- FEDRIZZI, B. Reactions Concerning The Improvement Of Brazilian Public Schoolyards. Departamento of Landscape Planning. SLU. Alnarp – Sweden. 1997a.
- FEDRIZZI, B. **The Brazilian Reality: An Overview Of Schoolyards. Department of Landscape Planning.** SLU. Alnarp - Sweden.1997b.
- FEDRIZZI, B. The School Community Attitude Towards Brazilian Public Schoolyards. Department of Landscape Planning. SLU. Alnarp – Sweden. 1997c.
- FEDRIZZI, B. Paisagismo no Pátio Escolar. 1º. ed. Porto Alegre - RS: Editora da Universidade - UFRGS, 1999.
- FEDRIZZI, B.. Subsídios para Projetos de Pátios Escolares Públicos em Porto Alegre. ARQTEXTO (UFRGS), Porto Alegre, v. 1, p. 96-101, 2006.
- FENSON, L., KAGAN, J., KEARSLEY, R.B., ZELAZO, P.R. The developmental progression of manipulative play in the first two years. Child Development, 47, 232-235,1976
- FERNANDES, O. S. Crianças no Pátio Escolar: A utilização dos espaços e o comportamento infantil no recreio. Dissertação de Mestrado. UFRN, 2006
- FERNANDES. O. S; ELALI, G. A. Reflexões sobre o comportamento infantil em um pátio escolar: o que aprendemos observando as atividades das crianças. Paidéia (Ribeirão Preto) vol.18 no.39 Ribeirão Preto, 2008.
- FJØRTOFT, I. **Landscape as Playscape: The Effects of Natural Environments on Children’s Play and Motor Development**, *Children, Youth and Environments* 14(2): 21-44. 2004. <<http://www.colorado.edu/journals/cye/>> Acesso em: 19 de maio 2014
- FJØRTOFT, I.; SAGEIE, J. The Natural environment as a playground for children Landscape description and analyses of a natural playscape. In: **Landscape and Urban Planning** 48, p. 83-97, 2000.
- FRANCESCATO, G. et al. Residents Satisfaction in HUD-Assisted Housing; Design and Mangement Factors. Washington, D.C.: US Department of Housing and Urban Development, 1979.
- FRANCIS, M. Urban Open Spaces. In: ZUBE, E.; MOORE, G. (Ed.), *Advances in environment, behaviour and design*. New York: Plenum Press, 1987. p. 71-102.
- FRANCIS, M; LORENZO, R. Seven Realms of Children’s Participation. In: **Journal of Environmental Psychology**, 22, p.157 -169, 2002.
- FROST, J. L. The American Playground Movement. In: FROST, J. L.; SUNDERLIN, S. (Orgs.). **When children play**: Proceedings of the International Conference on Play and Play Environments. Wheaton, MD: Association for Childhood Educational International, 1985.
- FROST, J. L. **Play and Playscapes**. New York: Delmar Publishers, 1992.
- FROST, J. L.; KLEIN, B.L. **Children’s Play and Playgrounds**. Boston: Allyn and Bacon, p.16-18, 1979.

FROST, J.L. What's Wrong with America's Playgrounds and How to Fix Them An Interview with Joe L. Frost. In: **American Journal of Play**, p. 139-156, 2008.

FROST, J.L.; CAMPBELL S. "Equipment Choices of Primary-Age Children on Conventional and Creative Playgrounds." In Frost, J.L. and S. Sunderlin, eds. *Proceedings of the International Conference on Play and Play Environments*. Wheaton, MD: Association for Childhood Education International, 1985.

GRABOW, S.; SALKIND, N. J. The hidden structure of children's play in an urban environment. In *EDRA 07*. P.164, 1976

GEHL, J. **Cidade para Pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013

GOLLEDGE, R. G.; STIMSON, R. J.. **Spatial behavior a geographic perspective**. The Guilford Press. New York, p.619, 1997.

GUIDE TO YOUNG CHILDREN'S OUTDOOR PLAY SPACES. Consortium for Health, Intervention, Learning and Development (CHILD). Vancouver

HAYWARD, D.G., M. ROTHENBERG, AND R.R. BEASLEY (1974). "Children's Play and Urban Playground Environments: A Comparison of Traditional, Contemporary, and Adventure Playground Types. *Environment and Behavior* 6: 131-68.

HART, R. (1979) *Children's Experience of Place*. New York: Irvington.

HART, C. H. Introduction: Toward a further understanding of children's development on playgrounds. In: HART, C. H. (ed.). *Children on playgrounds: Research Perspective and Application*. Albany, N.T.: State University of New York Press, 1993.

HART, R. A.; MOORE, G. T. The development of spatial cognition: A review. In: DOWNS, R. M; STEA, D. (Eds.), *Image and environment: Cognitive mapping and spatial behavior*. Chicago: Aldine, p. 246-288, 1973.

HART, C. H.; SHEEHAN, R. Preschoolers' play behavior in outdoor environments: Effects of traditional and contemporary playgrounds. In: **American Educational Research Journal**, 23(4), 668-678, 1986.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

HUDSON, S.; THOMPSON, D. CECHOTA, C.; MACK, M. **SAFE Playgrounds: Recognizing Risk Factors**. *Earlychildhood News*, 2007.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. 3° ed. São Paulo, D.F: WMF Martins Fontes, 2000.

JAHODA, M; WARREN, N. *Attitudes*. Harmondsworth: Penguin, 1966

KARSTEN, L. CHILDREN'S USE OF PUBLIC SPACE. The gendered world of the playground. SAGE Publications. London, Thousand Oaks and New Delhi, Vol 10(4): 457-473. 2003

KARSTEN, L.; PEL, E. (2000) 'Skateboarders Exploring Urban Public Space: Ollies, Obstacles and Conflicts', *Journal of Housing and the Built Environment* 15(4): 327-40.

KVALE, S. (1996). *InterViews. An Introduction to Qualitative Research Interviewing*. London: Sage.

KYTTÄ, M. The extent of children's independent mobility and the number of actualized affordances as criteria for child-friendly environments. In: **Journal of Environmental Psychology**, 24(2), p. 179-198, 2004.

KORPELA, K. Children's Environment. In: **Handbook of Environmental Psychology**, 2002. cap. 24, p. 363-373.

KOWALTOWSKI, D. C. C. **Análise de parâmetros de implantação de conjuntos habitacionais de interesse social: ênfase nos aspectos de sustentabilidade ambiental e da qualidade de vida**. Coletânea Habitare - vol. 7 - Construção e Meio Ambiente. 2006 - Fonte http://www.habitare.org.br/projetos_relatorios.aspx

LANG, J. **Creating Architectural Theory: The Role of The Behavioral Sciences in Environmental Design**. New York, Ed: VNR, 1987.

- LAY, M. C. **Responsive site design, user environmental perception and behaviour.** Tese de Doutorado. Oxford Polytechnic, 1992.
- LAY, M. C. D.; OLIVEIRA, C. H. **An analysis of configuration, location and availability of income-generating activities in social housing.** In: 6th International Space Syntax Symposium, 2007, Istanbul. Proceeding of the Sixth International Space Syntax Symposium. Istanbul: CENKLER, 2007. v. 2. p. 085-1-085-13.
- LAY, M. C. D.; REIS, A. T. L. Satisfação e comportamento do usuário como critérios de avaliação pós-ocupação da unidade e do conjunto habitacional. In: **ENTAC 93 - ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO**, 1993, SAO PAULO. ENTAC 93. SÃO PAULO: ANTAC, 1993. v. 2. p. 903-913.
- LAY, M. C. D.; REIS, A. T. L. **O papel de espaços abertos comunais na avaliação de desempenho de conjuntos habitacionais.** Ambiente Construído (São Paulo), Porto Alegre, v. 2, p. 25-39, 2002.
- LAY, M. C. D.; REIS, A. T. L. **Análises quantitativa na área de estudos ambiente-comportamento.** Ambiente Construído (São Paulo), Porto Alegre, v. 5, n.2, p. 23-28, 2005.
- LAYMON, R. S. ARCHITECTURAL DESIGN AND CRIME PREVENTION. **EDRA5/1974.** Vol. 3: Human Factors. Vol. 4: Field Applications. Vol. 5: Methods and Measures.
- LARGO, R.; HOWARD, J.; "Developmental Progression in Play Behaviors between Nine and Thirty Months." *Developmental Medicine and Child Neurology*, 1979.
- LYNCH, K. **The Image of The City.** Cambridge, Massachusetts, USA: MIT Press, 1960.
- LIMBERGER, L. R. L.; REIS, A. T. L. Pracinha infantil: uma análise através das percepções das crianças e acompanhantes. In: III Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído e VI Encontro de Tecnologia de Informação e Comunicação na Construção, 2013, Campinas, v. 1. p. 278-289.
- MAUTHNER, M.; Methodological Aspects of Collecting Data from Children: Lessons from Three Research Projects. *CHILDREN & SOCIETY VOLUME 11* (1997) pp. 16±28
- MASCARO, J. L.; MASCARO, L. E. A. R. Vegetação Urbana. 2002
- McLEAN I.G.; SARGISSON, R. J. Children's Use of Nature in New Zealand Playgrounds." *Children, Youth and Environments* 22:144–63. 2012
- MAXWELL, L. E; MITCHELL, M. R; EVANS; G. W. **Effects of Play Equipment and Loose Parts on Preschool Children's Outdoor Play Behavior: An Observational Study and Design Intervention.** *Children, Youth and Environments* 18(2): 36-63. 2008. <http://www.colorado.edu/journals/cye>.
- MELLO, C.B.S.; Avaliação parasitológica e contaminação sazonal de areias de parques públicos na região da zona leste da cidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado. USP. 2010
- MICHELSON, W. Environmental choice, human behaviour, and residential satisfaction. New York, 1977.
- MITCHELL, M. **Cornell Early Childhood Center Outdoor Play Behavior Study.** In. EDRA, 2003, 34.
- MOORE, G. T.; Effects of the spatial definition of behaviour settings on children's behavior: a quasi-experimental field study. *Journal of Environmental Psychology* (1986) 6, 205-231
- MOORE, G. T. (1996). Determining overall space needs in campus child care centers. *Campus Child Care News*, 11(1), 3-6.
- MOORE, R. C. **Patterns of Activity in Time and Space: The Ecology of a Neighbourhood Playground.** Canter, David and Lee, Terence (ed.), *Psychology and the Built Environment* (Proceedings of the Surrey Conference - 1973), 1974. http://iaps.scix.net/cgi-bin/works/Show?iaps_08_1973a_014
- MOORE, R. C. **Childhood's Domain.** Play and Place in child development. Berkeley, California: MIG Communications, 1990.
- MOORE, R. Playgrounds A 150 years – old model. In: FRUMKIN, H.; GELLER, R.; RUBBIN, J.L.; NODVIN, J. (Eds) **Safe and Healthy School Environments.** New York: Oxford University Press, Inc., p.86-103, 2006.

- MOORE, R.C.; ASLA. Designing Green Urban Carolina Childhoods: Theory and Practice. Urban Greening. Carolina Planning. Volume 35. p.43. 2010
- MOORE, R. C.; COSCO, N. G. Innovative Approaches to Researching Landscape and Health. Open Space: People Space. Edited by CATHARINE WARD THOMPSON, SIMON BELL AND PETER ASPINALL. 2010
- MOORE, R. C.; GOLTSMAN, S. M.; IACOFANO, D. S. Play for All Guidelines: Planning, Designing and Management of Outdoor Play Settings for All Children. Berkeley, CA: MIG Communications, 291 p. 1997.
- MOORE, R.; YOUNG, D. Childhood Outdoors: Toward a Social Ecology of the Landscape. In: ALTMAN, I.; WOHLWILL, J. (Ed.). Children and the Environment (Human behavior and environment v.3). New York: Plenum Press, 1980.
- MOORE, R.C.; WONG, H.H. **Natural Learning**. Creating Environments for Rediscovering Nature's Way of Teaching. Berkeley: MIG Communications, 1997.
- MORAES, M. I. P. Fatores que afetam o nível de satisfação e o uso dos espaços abertos comuns em conjuntos habitacionais populares: estudo de caso - Santo Tomé (Argentina) e São Borja (Brasil). Dissertação de Mestrado. UFRGS. 1996.
- MOURA, C. P. Gates and Open Spaces: new arrangements in Brazil. In: **Conference Gated Communities: Building Social Division or Safer Communities?** Glasgow: University of Glasgow, September 18-19, 2003. Disponível em: <<http://www.bristol.ac.uk/sps/cnrpapersword/gated/moura.doc>> Acesso 28 jan. 04.
- NEWMAN, Oscar. **Defensible Space**. New York: Macmillan Publishing Co., Inc. Third Printing, 1972.
- NEWMAN, Oscar. **Creating Defensible Space**. Institute for Community Design Analysis. U.S. Department of Housing and Urban Development Office of Policy Development and Research, 1996.
- NICHOLSON, S. How Not to Cheat Children: The Theory of Loose Parts. Landscape Architecture 62: 30-34. 1971
- OLIVEIRA, C. **O ambiente urbano e a formação da criança**. São Paulo: Aleph, 2004.
- OLWIG, K. R. The childhood deconstruction of nature, Children's Environments Quarterly, 6(1), pp. 19-25, 1989
- ONU, UNICEF. **Convenção sobre os Direitos das Crianças**. 1990. Disponível em: <http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf> Acesso em: 19 junho 2012.
- PEDROSA, E. F. N. C.; CABRAL, B.L.; ALMEIDA, P.R.S.F.; MADEIRA, M. P., CARVALHO, B.D.; BASTOS, K. M. S.; VALE, J.M. Contaminação ambiental de areia de praias de Fortaleza – Ceará. Health Biol Sci. 2014; 2(1):29-35
- PELLEGRINI, A.D.; SMITH, P.K. The Development of Play During Childhood: Forms and Possible Functions. In: **Child Psychology & Psychiatry**, 3 (2), p. 52-3, 1998.
- PEZANOU, A. (1976) **Experimental research on perception of the built environment by eight years old children** - (Mental map in relation to their behaviour), Korosec-Serfaty, Perla (ed.), Appropriation of Space (Proceedings of the 3rd International Architectural Psychology Conference at Louis Pasteur University Strasbourg) Strasbourg (France), 1976 http://iaps.scix.net/cgi-bin/works/Show?iaps_00_1976_057
- PIAGET, J. O Nascimento da Inteligência na Criança. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1987. 4aed.
- PRINZ, Dieter. Urbanismo I: Projeto Urbano. Editorial Presença. Tradução de Luís Leitão. 1980, 189p, Coleção Dimensões/Série Especial 7
- RAPOPORT, A. **Aspectos Humanos de la Forma Urbana**. Barcelona: Gustavo Gili, 1978.
- REIS, Antônio Tarcísio da Luz. Mass housing, user participation and satisfaction. Tese de doutorado. Tese de Doutorado. Oxford Polytechnic, 1992.
- REIS, A. T. L.; LAY, M. C. As técnicas de APO como instrumento de análise ergonômica do ambiente construído. In: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE CONFORTO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 1995, Gramado. Anais... Gramado: ANTAC, 1995.

- REIS, A. T. L.; LAY, M.C. O PROJETO DA HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL E A SUSTENTABILIDADE SOCIAL. *Ambiente Construído (Online)*, v. v. 10, p. 99-119, 2010.
- RIBEIRO, V. M. Controle de helmintos de cães e gatos. XIII Congresso Brasileiro de Parasitologia Veterinária & I Simpósio Latino-Americano de Ricketisioses, Ouro Preto, MG, 2004.
- REIS, A. T. L.; LAY, Maria Cristina Dias . AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE PROJETOS - UMA ABORDAGEM PERCEPTIVA E COGNITIVA. *Ambiente Construído (São Paulo)*, Porto Alegre, v. 6, n.3, p. 21-34, 2006.
- ROESLER, S. **Avaliação da qualidade dos espaços abertos em conjuntos habitacionais.** Abordagem perceptiva e cognitiva dos elementos morfológicos desses ambientes. 2011.
- SANTOS, Denise Mônaco dos. **Atrás dos Muros: Unidades habitacionais em condomínios horizontais fechados.** São Carlos: USP, 2002. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Escola de Engenharia, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, USP, 2002.
- SARKISSIAN, W.; BATEMAN, R.; HURLEY, B.; YOUNG, A.; Open space in medium-density housing guidelines for planning and design. *Independent Planner Bringing Planning to Life*. 2013
- SCHMIDT, C. ; LAY, M. C. D. ; OLIVEIRA, C. H.; HORTA, E. O. A habitação social em Porto Alegre. uma nova solução?. *RDE. Revista de Desenvolvimento Econômico*, v. 15, p. 79-87, 2007.
- SEVERO, J. P. D.; Habitação e políticas públicas: o Bairro Rubem Berta como reprodução dos processos espaciais de Porto Alegre, RS, Brasil. *Boletim Gaúcho de Geografia*. 2006
- TAYLOR, et al. **Public space lessons** Designing and planning for play, 2008. Disponível em: <www.hiaconnect.edu.au/files/Designing_and_Planning_for_play.pdf>. Acesso em: 20 abril 2012.
- THIEL, P. People, paths and purposes. Notations for an experimental enviroecture. Washington: University of Washington, 1997.
- VALENTINE, G; McKENDRICK, J. **Children's Outdoor Play: Exploring Parental Concerns About Children's Safety and the Changing Nature of Childhood.** *Children's outdoor play*. in *Geoforum*, Vol. 28, Nº 2, pag 219-235, 1997.
- Van ANDEL, J. **Effects on children's outdoor behaviour of physical changes in Leiden neighbourhood.** In : *Children's Environments Quartely*, **1**, p.46-54,1985.
- VOORDT, D. J. M.; WEGEN, H. B. R. 1993. The Delft Checklist on Safe Neighborhoods. *Journal of Architectural and Planning Research*. Volume 10. Nº 4. PP. 341/356
- WEBER, R. **On the Aesthetics of Architecture** . Aldershot-Brookfield USA-Hong Kong-Singapore-Sydney: Avebury, 1995
- ZAMANI, Z. The Comparison of Cognitive Play Affordances Within Natural and Manufactured Preschool Settings. In: **EDRA 43**, Seattle, p.162-167, 2012.

APÊNDICE A

1. VILA DONA TEODORA
2. NOVA BRASÍLIA
3. VILA DOS FERROVIÁRIOS
4. LOT. SANTA TERESINHA
5. LOT. MÁRIO QUINTANA
6. LOT. VILA TECNOLÓGICA
7. LOT. PAMPA
8. LOT. PROGRESSO
9. COND. PÔR-DO-SOL
10. COND. ARCO-IRIS
11. LOT. NOVA ESPERANÇA
12. LOT. BELA VISTA
13. VILA COSME E GALVÃO
14. VILA N. SRA. DE FÁTIMA
15. COND. VILA PETRÓPOLIS
16. COND. GARDÊNIA
17. VILA MAPA II
18. VILA NOVA SÃO CARLOS
19. VILA MAPA I
20. LOT. NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA
21. LOT. LOMBA DO PINHEIRO
22. VILA NOVA SANTA ROSA
23. COND. ÁGUAS CLARAS
24. VILA NOSSA SENHORA APARECIDA
25. VILA SARANDI
26. VILA SÃO BORJA
27. VILA SANTO AGOSTINHO
28. VILA NOVA GLEBA
29. VILA SANTA ROSA
30. VILA NOVA BRASÍLIA
31. VILA DUTRA JARDIM
32. VILA FRATERNIDADE
33. VILA PÁSCOA
34. LOT. DO BOSQUE
35. CONJ. RES. NOVA GLEBA
36. CONJ. RES. JENOR JARROS
37. CONJ. RES. SARANDI
38. CONJ. RES. GUAPURUVÚ
39. VILA VALNERI ANTUNES
40. VILA CHÁCARA DA FUMAÇA
41. LOT. WENCESLAU FONTOURARA
42. JARDIM PROTÁSIO ALVES
43. COND. AMIZADE
44. COND. RENASCER
45. VILA SÃO JOSÉ
46. VILA MARIA DA CONCEIÇÃO
47. VILA VARGAS
48. CONJ. JARDIM DAS BANDEIRAS
49. COND. SANTA MARIA
50. COND. NOVE DE JUNHO
51. COND. BELA VISTA
52. COND. SAINT MICHEL
53. COND. JOAQUIM CRUZ
54. COND. SANTO ALFREDO
55. COND. SÃO JORGE
56. LOT. 26 DE DEZEMBRO
57. VILA BATISTA XAVIER
58. VILA SÃO JOSÉ SORESMA
59. LOT. SÃO GUILHERME
60. COND. SANTA GERTRUDES
61. COND. SÃO JOSÉ CONDOR
62. COND. LUZ DO SOL
63. VILA RESTINGA (VELHA)
64. RESTINGA VELHA (PROFILURB)
65. CASTELO (5 UV RESTINGA)
66. LOT. BARRO VERMELHO
67. VILA NOVA SANTA RITA
68. VILA NÚCLEO ESPERANÇA
69. VILA NOVA RESTINGA I - 1ET
70. VILA NOVA RESTINGA I - 2ET
71. VILA NOVA RESTINGA II
72. VILA NOVA RESTINGA III
73. VILA NOVA RESTINGA IV
74. LOT. CABRIÚVA
75. LOT. FIGUEIRA
76. COND. RES. ESPERANÇA
77. V UNID. RESTINGA
78. CONJ. RES. MONTE CASTELO
79. CONJ. RES. SILVIO HOLEMBACH
80. CONJ. RES. ANGICO
81. CONJ. RES. LOUREIRO DA SILVA
82. COND. HARMONIA
83. VILA TRONCO
84. LOT. JARDIM EUROPA
85. CONJ. RES. COQUEIROS
86. SWING
87. VILA CARLOS BARBOSA
88. VILA CAÍ
89. COND. ANTARES
90. VILA SÃO GABRIEL
91. VILA JARDIM CAMAQUÃ
92. COND. VALE VERDE
93. COHAB CAVALHADA
94. COND. JOÃO VEDANA
95. COND. COSTA LIMA
96. COND. CAMPO NOVO
97. VILA SANTA ANITA
98. VILA NOVA
99. VILA JARDIM CAMAQUÃ
100. LOT. CRISTIANO KRAEMER
101. LOT. CAVALHADA
102. LOT. MONTE CRISTO
103. COND. CAMPOS DO CRISTAL
104. LOT. CHAPÉU DO SOL
105. VILA ESPERANÇA CORDEIRO
106. CONJ. LEOPOLDINA/HUMAITÁ
107. VILA PASSO DAS PEDRAS
108. VILA P DAS PEDRAS II
109. LOT. TIMBAUVA
110. LOT. TIMBAUVA III
111. CONJ. RES. COSTA E SILVA
112. LOT. SANTA MARIA
113. COND. ROSA DE MAIO
114. COND. JUCA BATISTA
115. COND. GUARUJÁ
116. COND. JACUNDA
117. VILA RENASCENÇA I
118. CONJ. JARDIM PLANETÁRIO
119. COND. RES. DONA EUGÊNIA
120. COND. LUPCINIO RODRIGUES
121. COND. DOS ANJOS
122. COND. PRINCESA ISABEL
123. VILA BARRAÇÃO
124. COND. RES. BARCELONA
125. UMBÚ
126. LOT. RESTINGA (QUADRA B)
127. RINCÃO
128. A.J. RENNER, 773
129. ESPAÇO KAINGANG
130. DOLORES DURAN
131. VILA NOVA
132. VILA CAIXA D'ÁGUA
133. NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA
134. FREDERICO MENTZ, 813
135. LOT. RESTINGA (5ª UNIDADE)
136. LOT. JARDIM NAVEGANTES
137. RES. NOVA CHOCOLATÃO
138. RES. CAMILA
139. RES. REPOUSO DO GUERREIRO
140. CONJ. HABITACIONAL PORTO NOVO (VILA DIQUE)
141. RES. JARDIM PARAÍSO
142. RES. ANA PAULA
143. RES. SÃO GUILHERME
144. LOT. VIDA NOVA
145. LOT. 15 (AV. A.J. RENNER)
146. VILA HÍPICA
147. COND. BOM JESUS
148. COND. MURÁ
149. CONJ. HAB. FERNANDO FERRARI
150. RES. OÁSIS
151. CONJ. RES. BENTO GONÇALVES
152. CONJ. RES. SÃO FRANCISCO
153. CONJ. PARQUE DOS MAIAS
154. COND. JARDIM LEOPOLDINA / RUBEM BERTA
155. RES. SÃO RAFAEL
156. CONJ. EURICO LARA – OLÍMPICO

CONJUNTOS HABITACIONAIS IDENTIFICADOS EM PORTO ALEGRE

APÊNDICE B



Porto Alegre, 29 de outubro de 2015.

Assunto: Autorização para realização de entrevista

Prezado(a) Senhor(a)

Vimos apresentar a mestrandia **Claudia Adriana Nichetti Marques**, aluna regularmente matriculada neste Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPUR/UFRGS).

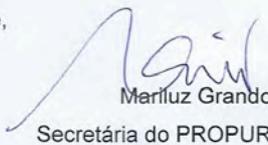
Solicitamos autorização para que a referida aluna realize entrevista com seu(a) filho(a).

Os resultados provenientes da atividade em questão serão utilizados para o desenvolvimento da dissertação intitulada AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE PRACINHAS INFANTIS EM CONJUNTOS HABITACIONAIS DE INTERESSE SOCIAL DE PORTO ALEGRE, desenvolvida sob orientação do Prof. Dr. Antônio Tarcísio da Luz Reis.

A aluna se compromete de que os dados obtidos através da entrevista serão utilizados apenas para a elaboração da dissertação, não havendo qualquer divulgação e nem identificação das crianças.

Colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se façam necessários.

Atenciosamente,


Mariluz Grando
Secretária do PROPUR/UFRGS



Porto Alegre, 29 de outubro de 2015.

Assunto: Autorização para realização de atividade – aplicação de questionários aos moradores

Prezado(a) Senhor(a)

Vimos apresentar a mestrandia **Claudia Adriana Nichetti Marques**, aluna regularmente matriculada neste Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPUR/UFRGS).

Solicitamos autorização para que a referida aluna possa aplicar questionários aos moradores.

Os resultados provenientes da atividade em questão serão utilizados para o desenvolvimento da dissertação intitulada **AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE PRACINHAS INFANTIS EM CONJUNTOS HABITACIONAIS DE INTERESSE SOCIAL DE PORTO ALEGRE**, desenvolvida sob orientação do Prof. Dr. Antônio Tarcísio da Luz Reis.

A aluna se compromete de que os dados serão utilizados somente para fins acadêmicos, não havendo qualquer divulgação e nem identificação dos respondentes.

Colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se façam necessários.

Atenciosamente,

Mariluz Grando

Secretária do PROPUR/UFRGS

APÊNDICE C

Entrevista realizada com fotos dos elementos abordados e planta do conjunto.
Nos conjuntos que possuem duas pracinhas, a entrevista abordou uma pracinha de cada vez.

ROTEIRO PARA A ENTREVISTA COM AS CRIANÇAS DE 6 A 12 ANOS

1. O que você acha desta pracinha? Por quê?
2. Você está satisfeito com a pracinha? Por quê?
3. Você costuma vir(ir) nesta pracinha? Por quê?
4. Seus amigos também costumam vir(ir) nessa pracinha? Por quê?
5. Você costuma vir(ir) sozinho ou acompanhado? Por quê?
6. Você prefere vir(ir) nessa pracinha sozinho ou acompanhado? Por quê?
7. Você acha essa pracinha segura? Por quê?
8. Você mora perto desta pracinha?
9. Você sabe identificar o local onde você mora? (planta do conjunto)
10. Quais os brinquedos dessa pracinha que você mais gosta? Por quê?
11. E esses brinquedos que você não mencionou? O que você acha?
12. O que não tem nesta pracinha mas você gostaria que tivesse? Por quê?
13. Da vegetação existente (árvores, gramado, flores) o que você mais gosta e o que gostaria que tivesse? Por quê?
14. Você acha que a vegetação que existe na pracinha é adequada? Por quê?

APÊNDICE D

Questionário sobre a avaliação da qualidade de pracinhas infantis em conjuntos habitacionais (FERNANDO FERRARI E SÃO FRANCISCO)

Prezado respondente, informo que as perguntas a seguir possuem caráter acadêmico e têm como objetivo obter algumas informações sobre as pracinhas infantis dos Conjuntos Habitacionais. Os dados obtidos serão mantidos em sigilo e serão utilizados apenas para fins acadêmicos, não havendo nenhuma identificação do respondente. Desde já, grata pela sua colaboração.

Questionário nº _____ Data _____ Condições climáticas: _____

Respondido na pracinha Respondido na residência

1. As pessoas passam por algum tipo de controle para ter acesso ao conjunto habitacional?

- As pessoas precisam se identificar na portaria e o morador autorizar a sua entrada
 As pessoas precisam apenas se identificar na portaria
 Não existe nenhum tipo de controle
 Outro. Especifique _____

2. A(s) pracinha(s) infantil(is) do seu conjunto habitacional são utilizadas:

- apenas por moradores
 por visitantes acompanhados por moradores
 por qualquer pessoa

3. Na sua casa residem crianças até 12 anos de idade?

- Sim
 Não (responder apenas as questões 15, 16 e 17)

4. Indique a idade e o gênero de cada criança que reside com você

5. Entre as crianças que residem com você, alguma não frequenta a(s) pracinha(s)?

- Sim. (Quais? _____)
 Não, todas frequentam a(s) pracinha(s)

6. Você costuma acompanhar alguma criança na(s) pracinha(s)?

- Sim, sempre acompanho
 Sim, mas acompanho esporadicamente
 Não

OBSERVAÇÃO: nestes dois conjuntos com duas pracinhas, as próximas perguntas foram divididas em duas etapas: a primeira os respondentes do Fernando Ferrari avaliaram a pracinha bloco T e os respondentes do São Francisco avaliaram a pracinha frente. Na segunda etapa, os respondentes avaliaram a bloco Q e fundos, respectivamente.

7. Qual a frequência de uso da pracinha infantil (BLOCO T / FRENTE) da criança que você é acompanhante?

- Mais de 04 vezes por semana
 De 02 a 04 vezes por semana
 01 vez por semana
 Menos de 1 vez por semana
 Não tem utilizado

8. Você considera a pracinha infantil (BLOCO T / FRENTE)?

- Muito satisfatória
 Satisfatória
 Nem satisfatória / nem insatisfatória
 Insatisfatória
 Muito insatisfatória

9. Explique as razões da sua resposta anterior?

10. Você considera a localização da pracinha (BLOCO T / FRENTE) em relação ao conjunto

- muito adequada
 adequada
 nem adequada, nem inadequada
 inadequada
 muito inadequada

11. Explique as razões da sua resposta anterior?

12. Responda os seguintes dados:

- a) Qual bloco você mora?
b) Por qual portaria você tem acesso a sua moradia?
c) Em qual pavimento você mora?
d) Você visualiza a pracinha a partir da sua moradia?
e) Através de quantas janelas?

(IMAGEM AÉREA DO CONJUNTO HABITACIONAL COM A IDENTIFICAÇÃO DOS BLOCOS E AS PRACINHAS)

13. Você considera o caminho entre a sua moradia e a pracinha infantil (BLOCO T / FRENTE):

- muito adequado
 adequado
 nem adequado, nem inadequado
 inadequado
 muito inadequado

14. Justifique a sua resposta anterior

15. As pessoas passam por algum tipo de controle para ter acesso a pracinha infantil (BLOCO T / FRENTE)?

- A pracinha fica com o portão aberto em horários específicos durante o dia e fechado a noite
 A pracinha fica com o portão aberto durante todo o dia e fechado a noite
 Não existe nenhum tipo de controle
 Outro. Especifique _____

16. Você considera a pracinha infantil (BLOCO T / FRENTE)?

- Muito conservada
 Conservada
 Nem bem conservada / nem mal conservada
 Mal conservada
 Muito mal conservada

17. Indique os principais fatores que explicam a sua resposta anterior

- existência de cercamento (muro, grades ou telas) no conjunto habitacional
 a falta de cercamento (muro, grades ou telas) no conjunto habitacional
 a presença de vigias
 a falta de vigias
 a existência de controle de entrada e saída de pessoas no conjunto habitacional
 a falta de controle de entrada e saída de pessoas no conjunto habitacional
 a existência de cercamento (muro, grades ou telas) na pracinha infantil
 a falta de cercamento (muro, grades ou telas) na pracinha infantil
 a pracinha ser frequentada apenas por moradores ou visitantes acompanhados
 a pracinha ser frequentada por não moradores
 possibilidade de muitos moradores visualizarem a pracinha a partir de suas moradias
 a impossibilidade de muitos moradores visualizarem a pracinha a partir de suas casas
 o descarte de lixo doméstico na pracinha infantil
 a inexistência de descarte de lixo doméstico na pracinha infantil
 existência de manutenção por parte do condomínio
 a falta de manutenção por parte do condomínio
 o controle para que não entre cachorros e/ou gatos na pracinha
 a entrada de cachorros e/ou gatos na pracinha
 Outros. Especifique _____

18. Você considera a pracinha infantil (BLOCO T / FRENTE), em relação à segurança das crianças quanto a crimes

- Muito segura
 Segura
 Nem segura / nem insegura
 Insegura
 Muito insegura

19. Indique os principais fatores que explicam a sua resposta anterior

- existência de cercamento (muro, grades ou telas) no conjunto habitacional
 a falta de cercamento (muro, grades ou telas) no conjunto habitacional
 a presença de vigias
 a falta de vigias
 a existência de controle de entrada e saída de pessoas no conjunto habitacional
 a falta de controle de entrada e saída de pessoas no conjunto habitacional
 a existência de cercamento (muro, grades ou telas) na pracinha infantil
 a falta de cercamento (muro, grades ou telas) na pracinha infantil
 a pracinha ser frequentada apenas por moradores ou visitantes acompanhados
 a pracinha ser frequentada por não moradores
 possibilidade de muitos moradores visualizarem a pracinha a partir de suas casas
 a impossibilidade de muitos moradores visualizarem a pracinha a partir de suas casas
 Outros: Especifique _____

20. Você considera o entorno a pracinha infantil (BLOCO T / FRENTE):

- muito adequado
 adequado
 nem adequado, nem inadequado
 inadequado
 muito inadequado

21. Justifique a sua resposta anterior e aponte na figura o que é mais adequado ou mais inadequado.

(IMAGEM AÉREA DA PRACINHA COM A IDENTIFICAÇÃO DOS USOS DO ENTORNO)

22. Você acha que o tamanho da pracinha infantil (BLOCO T / FRENTE) em relação a quantidade de crianças usuárias é:

- muito adequado
 adequado
 nem adequado, nem inadequado
 inadequado
 muito inadequado

23. Explique as razões da resposta anterior

24. Você acha os bancos na pracinha infantil (BLOCO T / FRENTE):

- muito adequados
 adequados
 nem adequados, nem inadequados
 inadequados
 muito inadequados

25. Explique as razões da resposta anterior e aponte na figura os mais adequados e os mais inadequados.

(IMAGEM AÉREA DA PRACINHA COM A IDENTIFICAÇÃO DE TODOS OS BANCOS)

26. Você acha os brinquedos da pracinha infantil (BLOCO T / FRENTE) em relação as crianças usuárias são:

- muito adequados
 adequados
 nem adequados, nem inadequados
 inadequados
 muito inadequados

27. Explique as razões da resposta anterior e aponte na figura os mais adequados e os mais inadequados.

(IMAGEM AÉREA DA PRACINHA COM A IDENTIFICAÇÃO DE TODOS OS EQUIPAMENTOS)

28. Você acha que a quantidade de brinquedos da pracinha infantil (BLOCO T / FRENTE) em relação a quantidade de crianças usuárias é:

- muito adequado
 adequado
 nem adequado, nem inadequado
 inadequado
 muito inadequado

29. Explique as razões da resposta anterior

30. Você acha que a localização dos brinquedos na pracinha infantil (BLOCO T / FRENTE) é:

- muito adequada
 adequada
 nem adequada, nem inadequada
 inadequada
 muito inadequada

31. Explique as razões da resposta anterior e aponte na figura os mais adequados e os mais inadequados.

(IMAGEM AÉREA DA PRACINHA COM A IDENTIFICAÇÃO DE TODOS OS EQUIPAMENTOS)

32. Você acha que a vegetação existente na pracinha infantil (BLOCO T / FRENTE) é:

- muito adequada
 adequada
 nem adequada, nem inadequada
 inadequada
 muito inadequada

33. Explique as razões da resposta anterior

34. Você tem conhecimento sobre as possíveis doenças causadas pelo contato com areia ou terra contaminada com fezes de animais, como de cães e gatos?

- Sim
 Não

35. Já houve casos de doenças ocasionadas pelas fezes de animais, como de cães e gatos, na areia da pracinha infantil (BLOCO T / FRENTE)?

- Sim
 Não

REPETE AS PERGUNTAS PRACINHA BLOCO Q / FUNDOS

36. Gênero do respondente:

- Feminino
 Masculino

37. Faixa etária:

- De 12 a 18 anos
 De 19 a 40 anos
 De 41 a 60 anos
 De 61 a 70 anos
 Mais de 70 anos

38. Grau de escolaridade:

- Ensino fundamental incompleto
 Ensino fundamental completo
 Ensino médio incompleto
 Ensino médio completo
 Ensino superior incompleto
 Ensino superior completo

39. Nível de renda do respondente?:

- Não possui renda
 Até 3 salários mínimos
 Mais de 3 até 5 salários mínimos
 Mais de 5 até 10 salários mínimos
 Mais de 10 salários mínimos

Questionário sobre a avaliação da qualidade de pracinhas infantis em conjuntos habitacionais (OÁSIS, VILA TECNOLÓGICA, LOTEAMENTO PAMPA E LOTEAMENTO SANTA TEREZINHA)

Prezado respondente, informo que as perguntas a seguir possuem caráter acadêmico e têm como objetivo obter algumas informações sobre as pracinhas infantis dos Conjuntos Habitacionais. Os dados obtidos serão mantidos em sigilo e serão utilizados apenas para fins acadêmicos, não havendo nenhuma identificação do respondente. Desde já, grata pela sua colaboração.

Questionário nº _____ Data _____ Condições climáticas: _____

Respondido na pracinha Respondido na residência

1. As pessoas passam por algum tipo de controle para ter acesso ao conjunto habitacional?
 As pessoas precisam se identificar na portaria e o morador autorizar a sua entrada
 As pessoas precisam apenas se identificar na portaria
 Não existe nenhum tipo de controle
 Outro. Especifique _____

2. A pracinha infantil do seu conjunto habitacional são utilizadas:

- apenas por moradores
 por visitantes acompanhados por moradores
 por qualquer pessoa

3. Na sua casa residem crianças até 12 anos de idade?

- Sim
 Não (responder apenas as questões 15, 16 e 17)

4. Indique a idade e o gênero de cada criança que reside com você

5. Entre as crianças que residem com você, alguma não frequenta a(s) pracinha(s)?

- Sim. (Quais? _____)
 Não, todas frequentam a(s) pracinha(s)

6. Você costuma acompanhar alguma criança na(s) pracinha(s)?

- Sim, sempre acompanho
 Sim, mas acompanho esporadicamente
 Não

7. Qual a frequência de uso da pracinha infantil da criança que você é acompanhante?

- Mais de 04 vezes por semana
 De 02 a 04 vezes por semana
 01 vez por semana
 Menos de 1 vez por semana
 Não tem utilizado

8. Você considera a pracinha infantil?

- Muito satisfatória
 Satisfatória
 Nem satisfatória / nem insatisfatória
 Insatisfatória
 Muito insatisfatória

9. Explique as razões da sua resposta anterior?

10. Você considera a localização da pracinha em relação ao conjunto

- muito adequada
 adequada
 nem adequada, nem inadequada
 inadequada
 muito inadequada

11. Explique as razões da sua resposta anterior?

12. Responda os seguintes dados:

- a) Qual bloco/rua você mora?
b) Por qual portaria você tem acesso a sua moradia? (apenas para o Oásis)
c) Em qual pavimento você mora?
d) Você visualiza a pracinha a partir da sua moradia?
e) Através de quantas janelas?

(IMAGEM AÉREA DO CONJUNTO HABITACIONAL COM A IDENTIFICAÇÃO DOS BLOCOS/RUAS E A PRACINHA)

13. Você considera o caminho entre a sua moradia e a pracinha infantil :

- muito adequado
 adequado
 nem adequado, nem inadequado
 inadequado
 muito inadequado

14. Justifique a sua resposta anterior

15. As pessoas passam por algum tipo de controle para ter acesso a pracinha infantil?
 A pracinha fica com o portão aberto em horários específicos durante o dia e fechado a noite
 A pracinha fica com o portão aberto durante todo o dia e fechado a noite
 Não existe nenhum tipo de controle
 Outro. Especifique _____

16. Você considera a pracinha infantil?
- Muito conservada
 Conservada
 Nem bem conservada / nem mal conservada
 Mal conservada
 Muito mal conservada
17. Indique os principais fatores que explicam a sua resposta anterior
- existência de cercamento (muro, grades ou telas) no conjunto habitacional
 a falta de cercamento (muro, grades ou telas) no conjunto habitacional
 a presença de vigias
 a falta de vigias
 a existência de controle de entrada e saída de pessoas no conjunto habitacional
 a falta de controle de entrada e saída de pessoas no conjunto habitacional
 a existência de cercamento (muro, grades ou telas) na pracinha infantil
 a falta de cercamento (muro, grades ou telas) na pracinha infantil
 a pracinha ser frequentada apenas por moradores ou visitantes acompanhados
 a pracinha ser frequentada por não moradores
 possibilidade de muitos moradores visualizarem a pracinha a partir de suas moradias
 a impossibilidade de muitos moradores visualizarem a pracinha a partir de suas casas
 o descarte de lixo doméstico na pracinha infantil
 a inexistência de descarte de lixo doméstico na pracinha infantil
 existência de manutenção por parte do condomínio
 a falta de manutenção por parte do condomínio
 o controle para que não entre cachorros e/ou gatos na pracinha
 a entrada de cachorros e/ou gatos na pracinha
 Outros. Especifique _____
18. Você considera a pracinha infantil, em relação à segurança das crianças quanto a crimes
- Muito segura
 Segura
 Nem segura / nem insegura
 Insegura
 Muito insegura
19. Indique os principais fatores que explicam a sua resposta anterior
- existência de cercamento (muro, grades ou telas) no conjunto habitacional
 a falta de cercamento (muro, grades ou telas) no conjunto habitacional
 a presença de vigias
 a falta de vigias
 a existência de controle de entrada e saída de pessoas no conjunto habitacional
 a falta de controle de entrada e saída de pessoas no conjunto habitacional
 a existência de cercamento (muro, grades ou telas) na pracinha infantil
 a falta de cercamento (muro, grades ou telas) na pracinha infantil
 a pracinha ser frequentada apenas por moradores ou visitantes acompanhados
 a pracinha ser frequentada por não moradores
 possibilidade de muitos moradores visualizarem a pracinha a partir de suas casas
 a impossibilidade de muitos moradores visualizarem a pracinha a partir de suas casas
 Outros: Especifique _____
20. Você considera o entorno a pracinha infantil:
- muito adequado
 adequado
 nem adequado, nem inadequado
 inadequado
 muito inadequado
21. Justifique a sua resposta anterior e aponte na figura o que é mais adequado ou mais inadequado.
(IMAGEM AÉREA DA PRACINHA COM A IDENTIFICAÇÃO DOS USOS DO ENTORNO)
22. Você acha que o tamanho da pracinha infantil em relação a quantidade de crianças usuárias é:
- muito adequado
 adequado
 nem adequado, nem inadequado
 inadequado
 muito inadequado
23. Explique as razões da resposta anterior
24. Você acha os bancos na pracinha infantil:
- muito adequados
 adequados
 nem adequados, nem inadequados
 inadequados
 muito inadequados
25. Explique as razões da resposta anterior e aponte na figura os mais adequados e os mais inadequados.
(IMAGEM AÉREA DA PRACINHA COM A IDENTIFICAÇÃO DE TODOS OS BANCOS)
26. Você acha os brinquedos da pracinha infantil em relação as crianças usuárias são:
- muito adequados
 adequados
 nem adequados, nem inadequados
 inadequados
 muito inadequados
27. Explique as razões da resposta anterior e aponte na figura os mais adequados e os mais inadequados.
(IMAGEM AÉREA DA PRACINHA COM A IDENTIFICAÇÃO DE TODOS OS EQUIPAMENTOS)
28. Você acha que a quantidade de brinquedos da pracinha infantil em relação a quantidade de crianças usuárias é:
- muito adequado
 adequado
 nem adequado, nem inadequado
 inadequado
 muito inadequado
29. Explique as razões da resposta anterior
30. Você acha que a localização dos brinquedos na pracinha infantil é:
- muito adequada
 adequada
 nem adequada, nem inadequada
 inadequada
 muito inadequada
31. Explique as razões da resposta anterior e aponte na figura os mais adequados e os mais inadequados.
(IMAGEM AÉREA DA PRACINHA COM A IDENTIFICAÇÃO DE TODOS OS EQUIPAMENTOS)
32. Você acha que a vegetação existente na pracinha infantil é:
- muito adequada
 adequada
 nem adequada, nem inadequada
 inadequada
 muito inadequada
33. Explique as razões da resposta anterior
34. Você tem conhecimento sobre as possíveis doenças causadas pelo contato com areia ou terra contaminada com fezes de animais, como de cães e gatos?
- Sim
 Não
35. Já houve casos de doenças ocasionadas pelas fezes de animais, como de cães e gatos, na areia da pracinha infantil?
- Sim
 Não
36. Gênero do respondente:
- Feminino
 Masculino
37. Faixa etária:
- De 12 a 18 anos
 De 19 a 40 anos
 De 41 a 60 anos
 De 61 a 70 anos
 Mais de 70 anos
38. Grau de escolaridade:
- Ensino fundamental incompleto
 Ensino fundamental completo
 Ensino médio incompleto
 Ensino médio completo
 Ensino superior incompleto
 Ensino superior completo
39. Nível de renda do respondente?:
- Não possui renda
 Até 3 salários mínimos
 Mais de 3 até 5 salários mínimos
 Mais de 5 até 10 salários mínimos
 Mais de 10 salários mínimos